



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**SHEILA CAVALCANTE DOS SANTOS**

**CURTIR ☺ OU NÃO CURTIR ☹**

**EXPERIMENTAÇÕES A PARTIR DO TINDER**

**JOÃO PESSOA / RIO TINTO**

**2018**

SHEILA CAVALCANTE DOS SANTOS

**CURTIR ☺ OU NÃO CURTIR ☹**

EXPERIMENTAÇÕES A PARTIR DO TINDER

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Paraíba, sob a orientação do Professor Doutor Mauro Guilherme Pinheiro Koury.

JOÃO PESSOA / RIO TINTO  
2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

C376c Cavalcante dos Santos, Sheila.

Curtir ou Não Curtir: Experimentações a partir do  
Tinder / Sheila Cavalcante Dos Santos. - João Pessoa,  
2018.

178 f. : il.

Orientação: Mauro Guilherme Pinheiro Koury.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA/PPGA.

1. Aplicativos de relacionamento. 2. Experiência  
Afetivo-sexual. 3. Sociabilidade. 4. Tinder. I. Koury,  
Mauro Guilherme Pinheiro. II. Título.

UFPB/BC



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAIE)  
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



SHEILA CAVALCANTE DOS SANTOS

**CURTIR OU NÃO CURTIR: EXPERIMENTAÇÕES A PARTIR DO TINDER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Resultado: APROVADO

Em: 29 de agosto de 2018.

**Banca examinadora**

Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury  
(Orientador)  
PPGA/UFPB

Profa. Dra. Maria Patrícia Lopes Goldfarb  
(Examinadora interna)  
PPGA/UFPB

Prof. Dr. Massimo Di Felice  
(Examinador externo)  
USP

A Cauê, meu sobrinho.  
Por ser âncora de realidade  
nessa imersão pelo virtual.

## AGRADECIMENTOS

Para se concretizarem as linhas que seguem, muitas foram as contribuições. Mas, antes de agradecê-las, gostaria de fazer um pedido: desculpa. Peço desculpas às pessoas que me conhecem, que me cruzaram, das quais me afastei, às que me suportaram (nos mais amplos aspectos), às que se afastaram, às que impacientei, às que amo, às que me esperaram, às que ainda assim me amam, por carregarem comigo os ônus do trabalho que finalizo aqui. São muitas as fases (emocionais, inclusive, mas não unicamente) que compõem a dedicação a uma dissertação, são muitos os desafios e mesmo os dissabores. Abdica-se de momentos, não se está lá para as pessoas. E, mesmo assim, ao longo dessas horas, foram elas a me acudir e amparar. A elas, meu sincero pedido de desculpas pela tensão compartilhada, e meus agradecimentos. Agradeço, primeira e enormemente, à minha família – Dona Maria, Shirlei, Cauê, Andaraí, Dona Osvaldina, Candeias, Ray, Mayara, Bárbara – por tudo. Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury, pelo enorme apoio, carinho, paciência, ensinamentos. Agradeço aos amigos e amigas da turma do mestrado – Bianca, Edilza, Felipe, Giovana, Jessyca, Luana, Luarna, Lucas, Mourrambert, Sarayna, Socorro, Sônia, Uliana, Walkíria – pelo companheirismo e trocas amorosas. Foi prazer e honra estar nesse barco com vocês (#tamojunto)! Agradeço aos professores e demais membros do PPGA, pela seriedade, compreensão, dedicação. Agradeço à CAPES, pela bolsa de pesquisa sem a qual eu não poderia ter feito parte deste programa de pós-graduação. Agradeço a Ieda, pelo apoio emocional. Agradeço aos amigos e amigas que me acompanharam de longe, de perto, acolheram e torceram por mim – Aldair, Rozane, Icaro Yure, Thaisa, Felipe, Diego, Débora, Dimitri, Maisa, Daniele, Stefy, Quésia, Scyla, Luciana, Rose, Elena, Jackson e todos os outros que fizeram parte da jornada (o coração é grande, mas a cabeça, às vezes, falha). Agradeço a Carlos Mário pela força e pelo amor. Agradeço aos meus colaboradores e colaboradoras de pesquisa, as pessoas que gentilmente me cederam um pedaço de suas vidas, seu tempo e suas histórias. Obrigada pela confiança.

Para que as luzes do outro sejam percebidas por mim devo por bem apagar as minhas, no sentido de me tornar disponível para o outro. Nós estamos tão cheios de nós próprios quando vamos ao encontro do outro que não temos a capacidade de captá-lo. É uma questão de fazer de nossa vida um rio de trocas para sermos mais felizes.

Mia Couto (PEREIRA JR., 2008)

## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar experiências vivenciadas através do Tinder, aplicativo para dispositivos móveis usado para a busca de relacionamento afetivo-sexual. A partir de um estudo etnográfico que envolveu ambientes *online* e *off-line* de investigação, realizado principalmente com seis homens e seis mulheres que buscavam pelo sexo oposto no aplicativo, procurou-se observar como este se insere na dinâmica de suas relações interpessoais e interfere em suas estratégias de sociabilidade e vivência da experiência afetivo-sexual. Tendo por base a dinâmica de uso do aplicativo, analisou-se o percurso do contato com o outro através dele e seu entrelace com motivações, expectativas, projetos e dinâmica de vida dos usuários/as. Em diálogo com um instrumental teórico que atenta para a agência do indivíduo no mundo da vida, partiu-se do princípio que, por um lado, plataformas digitais como o Tinder são recursos tecnológicos que configuram formas específicas e diversas de interação com o outro, inseridas numa dinâmica mais flexível e rápida característica da contemporaneidade. Por outro, tais dinâmicas estão permeadas por especificidades culturais, elaborações pessoais e projetos relacionados com interesses e expectativas diversas dos usuários/as e de seus interlocutores/as, o que cria uma constante indeterminação nas relações ali constituídas. Assim, verificou-se que o Tinder figura como uma alternativa a mais e um meio ativo nos devires da busca pelo outro, integrando um movimento de procura e afastamento, de negociação e tensão, que comporta tanto expectativas de afinidade e reciprocidade nas trocas intersubjetivas, estas testada desde o início do contato, como a valorização da autonomia e da escolha como cernes do projeto individual.

**Palavras-chave:** Aplicativos de relacionamento; Experiência Afetivo-sexual; Sociabilidade; Tinder

## ABSTRACT

This work had the objective of analyzing experiences lived through the Tinder, application for mobile devices used for the search of affective-sexual relationship. From an ethnographic study that involved online and offline research environments, conducted primarily with six men and six women seeking the opposite sex in the application, we sought to observe how this inserts in the dynamics of their interpersonal relationships and interferes in their strategies of sociability and experience of the affective / sexual experience. Based on the dynamics of use of the application, we analyzed the course of the contact with the other through this and its interlace with the motivations, expectations, projects and life dynamics of the users. In dialogue with a theoretical instrument that attentive to the agency of the individual in the world of life, it was assumed that, on the one hand, digital platforms such as Tinder are technological resources that configure specific and diverse forms of interaction with each other, inserted in a more flexible and fast dynamic characteristic of contemporaneity. On the other hand, such dynamics are permeated by cultural specificities, personal elaborations and projects related to diverse interests and expectations of the users and their interlocutors, which creates a constant indetermination in the relations formed there. Thus, it was verified that the Tinder figure as a further alternative and an active means in the paths of the search for the other, integrating a movement of search and distance, of negotiation and tension, that entails both expectations of affinity and reciprocity in intersubjective exchanges, tested since the beginning of the contact, as the valorization of the autonomy and the choice as core of the individual project.

**Keywords:** Online dating apps; Affective-sexual experience; Sociability; Tinder

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. <i>Print</i> da janela de conversação do Tinder. ....	27
Figura 2. Interface do Happn. ....	63
Figura 3. Interface do Adote um Cara ....	64
Figura 4. <i>Print</i> do Tinder na loja de <i>apps</i> do Google. ....	65
Figura 5. Janela de combinação ou <i>match</i> do Tinder. ....	67
Figura 6. Perfil de usuário do Tinder, com legenda.....	69
Figura 7. Interfaces de programas populares de <i>chat</i> , redes sociais e mensageiros ....	80
Figura 8. Treze motivos para usar o Tinder, segundo Timmermans .....	114
Figura 9. Perfis diversos .....	136

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - OS CAMINHOS TRILHADOS, AS PESSOAS E COISAS NO CAMINHO .....	23
Alguns caminhos da antropologia .....	28
Um percurso desestabilizado .....	30
Caminhantes multilocalizados <i>on e off-line</i> .....	36
O andar da pesquisa .....	39
As pessoas no caminho ou os caminhantes .....	45
Outros percursos .....	56
CAPÍTULO 2. IDAS E VINDAS: UM PASSEIO PELA TECNOLOGIA E PELOS RELACIONAMENTOS.....	59
Encontrando os aplicativos (ou entre xis ☒ , corações ☑ e estrelas ☑).....	62
Uma volta pela Internet: entre história e estudos.....	73
A busca (digital) como percurso contemporâneo .....	77
Percorrer a tecnologia é ir do afeto ao sexo?.....	90
A vida <i>online</i> hoje (ou há vida <i>online/off-line</i> hoje).....	101
CAPÍTULO 3 - TINDER: UM CAMINHO NA CONTEMPORANEIDADE.....	109
A caminho do Tinder: entre a busca e os motivos.....	112
Andarilhando entre perfis .....	125
Encontros e desencontros .....	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	170

## INTRODUÇÃO

No celular se carrega a vida: a agenda, os papos, o banco, a notícia... o sexo, os afetos. O artefato é tão central no cotidiano contemporâneo que a angústia de ficar longe dele ganhou status de patologia, a nomofobia – do inglês *No-Mo*, ou *No-Mobile*. Desde a criação do *mobile* – aparelhos e serviços tecnológicos direcionados à comunicação móvel, tais como os *smartphones* e *tablets* –, o mundo vivencia uma reconfiguração nos modos de interagir, conhecer, buscar, comunicar<sup>1</sup>. Fala-se em uma revolução na qual a dinamicidade do *mobile* soma-se ao advento da Web 2.0<sup>2</sup>, marcada pela centralidade no usuário como produtor e gestor de conteúdos da internet e por novos recursos computacionais. A inserção do GPS<sup>3</sup> e a interconexão entre as redes sociais digitais são alguns destes recursos.

O uso de tais ferramentas é bastante significativo nos aplicativos para dispositivos móveis (*apps*<sup>4</sup>) voltados principalmente para o encontro de parceiros afetivos, sexuais ou amorosos. O campo dos relacionamentos afetivo-sexuais vem sendo impactado pelo advento dessas novas tecnologias comunicacionais em rede, que estão cada vez mais presentes nos vários âmbitos das relações sociais, e se encontram em consonância com uma contemporaneidade na qual flexibilidade e agilidade vêm se tornando parâmetros ideais de conduta. Nessa ambiência, os aplicativos de relacionamento, como ficaram comumente conhecidos, têm proporcionado alterações no modo de buscar, conhecer e interagir com outras pessoas, dentre outros aspectos, permitindo a portabilidade e potencializando a objetividade. Virtualmente, em qualquer lugar e horário se procura pessoas, conversa, paquera, troca conteúdos eróticos, faz sexo virtual, agenda sexo presencial, encontra pretendentes, bastando

---

<sup>1</sup>Apesar de telefones celulares (dispositivos de telefonia móvel) e *smartphones* (dispositivos móveis que possuem um sistema operacional) serem tecnologias diferentes e, assim, gerarem experiências de uso diferenciadas, nesta dissertação ambas as terminologias serão usadas como sinônimo, uma vez que na linguagem corrente os termos se correspondem: aludem aos dispositivos móveis modernos, dotados de sistema operacional, funcionalidades e capacidade de processamento semelhantes aos de um computador. Para uma discussão sobre o surgimento dos *smartphone* e seus impactos no Brasil ver *A Era dos Smartphones: um estudo exploratório sobre o uso dos smartphones no Brasil*, de Gustavo Coutinho (2014).

<sup>2</sup> Santaella (2014) destaca que o termo foi propagado a partir de 2004 por Tim O'Reilly, para designar uma nova onda de serviços, compartilhamento de dados, organização e publicação de informações *on-line*, caracterizada pela participação em larga escala do usuário e pela geração e compartilhamento massivo de dados. A intensificação dos usos das redes sociais, blogs e wikis é um exemplo desse fenômeno.

<sup>3</sup> O Sistema de Posicionamento Global – GPS se utiliza de satélites para informar a dispositivos móveis dados relativos à localização geográfica, em qualquer ponto da terra e em qualquer horário do dia.

<sup>4</sup> Aplicativo ou aplicação são nomenclaturas usuais para designar *softwares* (programas) utilizados em dispositivos móveis. Nesta dissertação serão usados como sinônimo os termos programa, aplicativo, aplicação, *software* e *app* (forma inglesa abreviada para aplicativo).

um aparelho com acesso à internet e alguns programas específicos. De grande popularidade, hoje existem vários *apps* de encontros, voltados tanto para o público geral como para grupos segmentados.

A pesquisa de mestrado que originou esta dissertação nasceu da curiosidade sobre os impactos dessa tecnologia, hoje de uso corrente, na sociabilidade e sexualidade de quem as utiliza. Nela foi realizado um estudo etnográfico sobre experiências e experimentações dos usuários/as de aplicativos para dispositivos móveis voltados para o relacionamento afetivo-sexual. Conhecidos como *apps* de encontro, *apps* de paquera, *apps* de namoro ou *apps* de relacionamento<sup>5</sup>, esses programas combinam parâmetros tais como geolocalização<sup>6</sup> e preferências pessoais para que os usuários busquem, em seu *mobile*, pessoas com as quais possam ter afinidade e se relacionar. Interessa-me observar como tais aplicativos se inserem no jogo das relações interpessoais – notadamente as afetivas e/ou sexuais – de quem faz uso deles para se conectar a outras pessoas.

A necessidade de contextualizar culturalmente modos de uso e implicações dessa tecnologia nas experiências de usuários brasileiros, situando-os nas formas de pensar e vivenciar socialidade, sexo e afetos na contemporaneidade, é o aspecto motivador central desta análise. Muito se tem discutido sobre a dinâmica da vida contemporânea em suas modificações com relação a um momento anterior da modernidade, nos âmbitos da produção e do consumo, da organização do trabalho, das dimensões sociopolíticas, das práticas culturais<sup>7</sup>. A profusão e constantes inovações nas tecnologias comunicativas digitais estão no bojo dessas transformações, que, espalhadas pelos mais diversos âmbitos do cotidiano, potencializam o nascimento de novos modos de vida, novas experiências, mentalidades e práticas, em especial nos centros urbanos<sup>8</sup>. Aspectos como flexibilidade, fluidez, mobilidade, velocidade ganham tônica, correspondendo a uma nova sensibilidade na qual o tempo é acelerado – potencialmente otimizado pelos recursos tecnológicos, apesar de sempre escasso

---

<sup>5</sup> Neste trabalho tais termos serão usados como sinônimos.

<sup>6</sup> Recurso móvel de localização geográfica em tempo real por meio do GPS. A geolocalização permite que os aplicativos acessem seus dados geográficos, ou seja, sua localização. Isso possibilita tanto ao usuário detectar locais do seu interesse – tomando como referência a sua própria localização ou outra por ele especificada – como outros usuários lhe localizarem. O recurso está presente nos mais diversos programas para *mobile*, destinados a encontrar, por exemplo, comércios, serviços, ruas ou pessoas, como é o caso dos aplicativos de paquera. A geolocalização é um dos diferenciais dos aplicativos desse tipo em relação a outros modos *online* de buscar parceiros.

<sup>7</sup> Vide: Giddens (1993); Bauman (2003, 2004); Harvey (2008); Canevacci (2009); Scocuglia (2011).

<sup>8</sup> Canevacci (2009, p. 11) pontua que principalmente a partir dos anos de 1970 ocorreu a transição da *cidade industrial* para a *metrópole comunicacional*, na qual se deram transformações profundas relacionadas com a profusão das tecnologias digitais e da comunicação, atreladas a mudanças no território, nas relações afetivas, na família, na sexualidade, na identidade.

– e os espaços são múltiplos – vive-se um constante trânsito entre ambientes digitais e presenciais<sup>9</sup>.

Tratando das transformações advindas com a contemporaneidade, Giddens (1993) aponta que elas não se dão apenas no nível da esfera pública, mas incidem no indivíduo e em esferas mais íntimas da vida social, inclusive, imprimindo modificações de âmbito emocional. Família, sexualidade, casamentos e mesmo o amor se reconfiguram em novos arranjos que põem à prova as tradições, fazendo com estas um movimento tensivo. Sugere que essa renegociação de valores e hábitos tradicionais culmine em novos modos de união entre os indivíduos, cuja construção da intimidade está fundamentada numa comunicação emocional, ou seja, em processos de confiança mútua e no diálogo. Já autores como Bauman (2003; 2004) ressaltam que as modificações características da contemporaneidade exacerbaram a efemeridade e a fragilidade dos vínculos entre as pessoas, inclusive nas relações de foro íntimo.

Falando sobre relações de amizade na vida adulta, Koury (2012, p. 881) exprime de modo claro como é concebido o indivíduo contemporâneo pelas lentes dessa polarização conceitual:

O homem egoíco, assim, dessas sociedades, é visto como um ser em solidão, um ser angustiado de nunca estar satisfeito com o que consegue no plano material e, ao mesmo tempo, um ser que anseia em ser descoberto, ser acarinhado e compreendido, mas quando encontra alguém nesse sentido se fecha com medo de ser esse outro um algoz provável. O que refreia os canais comunicantes possíveis à amizade, já que a mesma é medrada pela ação emocional de confiança mútua. O sentimento de traição, portanto, é antecipado, e por isso, o medo do encontro, faz com que o encontro imaginado como carência e entrega de si, embora ansiado, seja sempre e sempre adiado.

Em meio a essa diversidade de pontos de vista sobre o homem contemporâneo, algumas questões vêm como pano de fundo para pensar o tema dos relacionamentos em plataformas digitais. De que forma o uso de aplicativos de busca por parceiros interfere no modo como os usuários vivenciam sua sexualidade e sociabilidade? Quais os significados do uso dessa inovação tecnológica em sua experiência afetiva? Que espaços ocupam em suas

---

<sup>9</sup> Apesar do avanço nos debates sobre o fim ou não da modernidade, vale lembrar a obra hoje clássica de David Harvey (2008), *Condição Pós-moderna*, na qual o autor trata de aspectos sociais, econômicos e culturais correntes e que não são mais possíveis de serem explicados pelo termo modernidade, incluindo-se aí novas experiências de tempo e espaço. Nela Harvey propõe que a compressão dos mundos espaciais e temporais, ou seja, aceleração do tempo e compressão do espaço seria característica de uma nova fase de organização do capitalismo.

trajetórias afetivas? Como se dá a relação entre contextos *online* e *off-line* na busca por parceiros para essas pessoas?

Durante os anos de 2014 e 2015 utilizei o Tinder, o *app* de encontro mais popular no Brasil. Como “nativa” do aplicativo, percebi que, apesar de ser uma prática aparentemente privada, era também compartilhada, na medida em que, por exemplo, outros usuários/as eventualmente falavam de suas experiências com amigos/as, ou mesmo em outras redes sociais. Participava de rodas de conversas entre pessoas amigas ou conhecidas nas quais termos específicos dos *apps* eram usados, se falava dos diálogos e tipos de *approaches*<sup>10</sup> usados nele, mostravam-se *prints*<sup>11</sup> das fotos, os perfis dos *crushes*<sup>12</sup> e mesmo trechos de diálogos. As relações ali constituídas e opiniões sobre elas eram, em parte, compartilhadas publicamente e não apenas vivenciadas na privacidade dos *chats*.

A partir de sua capilarização, as aventuras e desventuras proporcionadas pelos *apps* de paquera ganharam espaço na mídia nacional. As centenas de reportagens que se pode ler na internet acerca destes recursos dão mostras da multiplicidade de experimentações e experiências possibilitadas pelo seu uso – avaliadas pelos usuários como positivas ou negativas, mais ou menos envolventes, sendo o auge, por um lado, os casos de casamento de pessoas que se conheceram nesse ambiente ou, por outro, crimes envolvendo seus usos. Hoje a utilização desses aplicativos já figura em telenovelas, programas, reportagens, serviço de streaming e seriados televisivos<sup>13</sup>.

Lançado em 2009, nos EUA, o Grindr foi o primeiro *app* a usar o rastreamento via GPS na busca de parceiros. Gratuito, atualmente é usado em mais de 190 países e se volta para o público masculino que busca a parceria de outros homens<sup>14</sup>. Em 2012 o público em geral passou a usufruir do Tinder, aplicativo norte-americano de encontro por geolocalização que tem como principal objetivo, segundo os fundadores, conectar pessoas com qualquer interesse – amizade, negócio, namoro – de modo simples e rápido. É um meio a partir do qual

---

<sup>10</sup> Termo inglês que designa, dentre outros significados, abordagem, falar com. É usado na paquera em alusão às técnicas e jogos que envolvem o início da conversa, ou seja, a forma de abordar o outro.

<sup>11</sup> Em gíria de internet, “dar um *print*” significa capturar a imagem da tela de um dispositivo digital, transformando-o numa imagem que pode ser visualizada ou compartilhada.

<sup>12</sup> Termo usado em contextos de paquera, virtuais ou presenciais, que alude à pessoa a quem se tem afeto, se está paquerando/“ficando” ou se quer conquistar. Na linguagem dos aplicativos de namoro, pode designar a pessoa com quem ocorreu uma correspondência de interesses (um *match*).

<sup>13</sup> Chama a atenção, por exemplo, que entre os meses de dezembro de 2016 e abril de 2017 pelo menos três matérias sobre aplicativos de relacionamentos foram veiculados no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, *talk-show* exibido em rede nacional durante as manhãs de segunda à sexta na emissora Rede Globo. Cf.: <https://globoplay.globo.com>.

<sup>14</sup> Detalhamentos sobre o aplicativo podem ser encontrados em Reis e Costa (2014), Maia e Bianchi (2014) e Couto, Souza e Nascimento (2013).

pessoas com interesses comuns podem interagir e se encontrar face a face, se assim o quiserem. Talvez por esse motivo o programa rapidamente se popularizou como *app* de paquera para homens e mulheres de qualquer orientação sexual. Desde o seu lançamento, já foi baixado mais de 100 milhões de vezes ao redor do mundo, e os fundadores falam do potencial de crescimento ainda maior do programa.

Os *apps* de paquera proporcionam um ambiente de caráter lúdico e possuem uma estrutura semelhante a um jogo, mediado por interesses comuns nos quais pessoas em aparente igualdade de posições traçam suas escolhas. Tais recursos tornam-se, portanto, um lugar propício para o exercício do que Simmel (2006) chama de sociabilidade. No caso do Tinder, a estrutura é a de um catálogo eletrônico, no qual o nome, a idade e a/s foto/s do pretendente ganham destaque. A impressão é a de estar em um jogo onde tudo ocorre de forma rápida, direta e o interesse precisa ser recíproco para haver a possibilidade de diálogo.

O Tinder chegou ao Brasil em 2013, e já foi baixado mais de dez milhões de vezes. Rapidamente, o país se tornou um dos principais consumidores da aplicação no mundo, sendo o terceiro em número de usuários, atrás apenas dos Estados Unidos e Reino Unido, mas superando-os em número de combinações. Entretanto, quando do início desta pesquisa, poucos foram os estudos a que tive acesso acerca dos diferentes impactos dessa tecnologia no contexto brasileiro. De lá pra cá, vê-se um crescimento no volume de pesquisas em andamento ou recém-concluídas e artigos produzidos sobre as relações dos usuários brasileiros com os diversos aplicativos de paquera e seus significados sociais, em especial em áreas como comunicação social, marketing, tecnologias da informação, psicologia, educação e mesmo nas ciências sociais. Esses últimos focalizando aspectos como consumo, comportamento ou especificidades das relações entre mídia, gênero e sexualidade<sup>15</sup>.

Isso denota um aumento do interesse acadêmico sobre uma prática que, por certo, tem modificado o modo como certo número de pessoas busca seus parceiros/as íntimos. É interessante observar que grande parte dos estudos encontrados focaliza os usos dos *apps* voltados para os homossexuais masculinos ou homens que buscam parceiros do mesmo sexo<sup>16</sup>. Desse modo, esse campo de investigação está inserido numa gama de estudos que relacionam internet e socialidade/gênero/sexualidade, e que têm contribuído para ampliar a

---

<sup>15</sup> Vide: Illouz (2011); Corrêa e Amaro (2012); Miskolci (2014a, 2014b); Corrêa (2015); Camargo (2015); Oliveira, Barros e Goulart (2016); Figueiredo (2016); Figueiredo e Abujamra (2016); Pelúcio (2016); Beleli (2015, 2017), dentre outros.

<sup>16</sup> Vide: Couto, Souza e Nascimento (2013); Reis e Costa (2014); Miskolci (2014a, 2014b); Maia e Bianchi (2014); Braga (2015); Keller, Araújo e Corso (2015); Rezende e Cotta (2015).

visibilidade e aprofundar o conhecimento sobre práticas sexuais, desejos e dimensões de poder entre grupos marginalizados ou cujo acesso era dificultado.

Apesar de ser um campo de estudos novo, tais trabalhos são estimulantes também por mostrar a diversidade de pontos de vista ao seu redor. Eles indicam a necessidade de olhares antropológicos em relação a um tema diverso dos estudos de grupos ou espaços mais localizados nos quais a antropologia tradicionalmente se debruça. Campo este que põe à prova conceitos correntes e modos de fazer na prática antropológica.

Nesse sentido, Débora Leitão e Laura Gomes (2011), tratando sobre a pesquisa imersiva em ambientes digitais e questionando acerca do potencial e das formas de interferência de determinado espaço sobre a observação e o trabalho de campo, fazem uma crítica à noção de “estar lá” cunhada por Geertz, que privilegia o encontro cultural – logo, entre pessoas que interagem –, e pouco considera as interferências ambientais (analógicas e digitais) no processo dialógico entre pesquisador e interlocutores. As autoras defendem que no estudo antropológico em meios digitais a influência do ambiente é fundamental, já que existe um meio (técnico, tecnológico) que promove o contato e o particulariza, impondo novos desafios ao pesquisador.

Seu posicionamento parece corroborar com o argumento crítico de Roy Wagner (2010) ao relativismo cultural, no qual expressa que a antropologia se funda em conceitos operacionais que nada mais são do que criações do antropólogo baseadas em premissas obviadas (inquestionáveis) para satisfazer seus propósitos de análise, sem dar lugar a debates profundos e a um olhar aberto e criativo à cultura do outro. Aproxima-se também da crítica epistemológica à tradição ocidental feita por Tim Ingold (2015). Esse antropólogo procura, por um lado, concatenar as diversas dimensões da vida, da sociocultural à biofísica e colocar o homem na natureza – reafirmando, assim, a relação ontológica entre “humano e animal, mundo e meio ambiente, ser e existência” (INGOLD, 2015, p. 36). Por outro lado, trata a vida como movimento e devir, nos quais humanos e não humanos mantêm relacionamentos criativos ao longo de linhas que formam caminhos em múltiplos tempos e lugares.

Seguindo essa perspectiva, este trabalho é uma etnografia sobre a imbricação entre Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e dinâmica das relações sociais e culturais dos indivíduos pesquisados, mas também expõe como as tecno-comunicações, e em especial as inseridas no campo da sexualidade/afetividade/socialidade, desafiam e impõem debates sobre o próprio trabalho de campo.

Para realizá-lo parto do princípio de que os aplicativos de paquera são recursos tecnológicos que configuram formas específicas e diversas de interação com o outro. Tais

interações, em certa medida, estão em consonância com dinâmicas mais flexíveis e rápidas de se relacionar, características da contemporaneidade. De outro modo, essas dinâmicas estão permeadas por especificidades culturais, elaborações pessoais e projetos (VELHO, 2003a) relacionados com as expectativas diversas dos usuários/as e com as expectativas, elaborações e projetos do outro relacional, o que cria uma constante negociação, tensão e indeterminação nas relações ali constituídas. Esse movimento tensivo da relação entre indivíduos, cultura e sociedade na formação dos indivíduos nas cidades contemporâneas está no cerne da obra de Gilberto Velho (KOURY, 2015), e será uma das bases da presente análise.

Desse modo, busco aqui compreender os aplicativos de paquera não apenas como referência na busca por prazeres rápidos e fugazes – transplantando rapidamente para as relações ali desenvolvidas uma lógica mercadológica ou do individualismo como separação inevitável dos indivíduos –, mas como uma alternativa a mais e um meio ativo nos devires da busca pelo outro, nos quais intenções de fugacidade podem desembocar em relações mais comprometidas com o outro e vice versa. Assim, proponho ir além de afirmativas como “no fundo o que as pessoas buscam quando usam esses aplicativos é o sexo rápido e sem compromisso” (COUTO; SOUZA; NASCIMENTO, 2013, p. 10). As pessoas que se interconectam pelos aplicativos podem buscar algo além do que sexo casual; elas podem procurar afetos (amizades, troca de ideias etc.), sociabilidade, ou tudo isso – não é uma busca excludente. Podem, ainda, não manifestar interesse por nenhuma opção específica, e se envolver em situações diversas, em experimentações de sua própria sexualidade ou do exercício da socialidade. Buscas e encontros seguem fluxos que correlacionam experiências *online* e *off-line* e uma diversidade de interesses, motivações, expectativas entre os envolvidos, relações estas que, conforme Velho (apud KOURY, 2015), configuram um jogo tenso e conflitual que abre um mundo de possibilidades de criação de espaços, atuações, situações muitas vezes díspares ou antagônicas.

O objetivo principal desta dissertação, assim, é o de analisar a experiência de usuários/as de aplicativos para dispositivos móveis voltados para o relacionamento afetivo-sexual, observando como estes se inserem na dinâmica de suas relações interpessoais e interferem em suas estratégias de sociabilidade e vivência da experiência afetivo-sexual. Para tal, parto, por um lado, de um mapeamento do campo de discussões teórico-metodológicas sobre o tema, situando-o no contexto cultural brasileiro e em formulações mais amplas que envolvem a contemporaneidade, e, por outro, traço uma rede conceitual mais refinada, tendo por base a dinâmica de uso do aplicativo, o percurso do contato com o outro desenrolado

através dele e seu entrelace com motivações, expectativas, projetos e dinâmica de vida dos usuários/as.

Focalizando os relatos de experiências feitos pelos interlocutores/as durante a pesquisa de campo e tendo por base esse objetivo geral, este estudo busca, entre outros aspectos, empreender a:

1. Identificação e análise dos aplicativos de paquera usados pelos interlocutores/as da pesquisa, para situá-los no campo das redes sociais para fins de relacionamento;
2. Observação e descrição dos usos desses aplicativos pelos interlocutores/as, elencando motivações e expectativas, frequência e formas de uso, além de aspectos atrativos e criticados nas ferramentas;
3. Observação e análise do estabelecimento de relações através dos aplicativos, verificando como ocorrem as aproximações, os contatos e os afastamentos;
4. Compreensão do campo das experiências afetivo-sexuais dos interlocutores/as, correlacionando-o com suas experiências com os aplicativos.
5. Verificação das possíveis modificações em suas estratégias de sociabilidade e vivência da experiência afetiva/sexual a partir do uso dos aplicativos.

A partir da problemática apresentada, as referências teóricas estarão distribuídas em três eixos temáticos, amplamente interligados no decorrer do trabalho.

O **primeiro eixo** diz respeito às discussões relativas à sociabilidade e às novas tecnologias no contexto contemporâneo. Georg Simmel (2006) é o primeiro autor a dar pistas para a compreensão de como a sociabilidade pode se apresentar nas mídias. Para ele, a vida social é forjada em uma imbricada relação entre conteúdo e forma nas interações sociais, elementos a compor o que chama de *sociação* – disposição para a interação social motivada por interesses. A sociabilidade seria uma forma autônoma e lúdica de *sociação*, cuja motivação é a satisfação do encontro social, da celebração pelo estar com o outro em interação; satisfaz-se um impulso na medida em que este é compatível com a satisfação do mesmo impulso no outro. Uma relação que se dá, obviamente, de modos e intensidades diversas ao longo da interação, e é permeada por conflitos.

Como a relação entre as formas sociais e os conteúdos individuais descrita por Simmel é vivenciada – ou refigurada – a partir da inserção das novas tecnologias comunicativas? Tratando das relações entre tecnologias, indivíduos e ambiente, Di Felice (2009) traça historicamente um paralelo entre as inovações comunicativas e as diversas formas de vivenciar o mundo, em especial a territorialidade, propondo a interação entre ambos como

ecossistemas formados por fluxo de arquiteturas informativas. As interfaces digitais convidariam as pessoas ao fluido e ao híbrido, interconectando pessoas, sistemas, máquinas, lugares, informações. Vivemos hoje, segundo Di Felice, em um mundo social que forja novas formas de interação e interatividade – imprevisíveis e não delimitáveis –, que geram novas situações de sociabilidade e novos habitares do mundo.

O habitar é um dos quatro conceitos sob os quais a obra de Ingold (2015) gira ao redor, segundo o próprio antropólogo. Propõe que os seres habitam o mundo caminhando, percorrendo os caminhos através dele, ou seja, percorrendo os ambientes, numa atividade de atenção, de prática e de experiência; num processo contínuo de movimento atento pelo ambiente, que gera conhecimento.

Pelúcio (2016) e Leitão e Gomes (2011), ao relatarem suas experiências de pesquisa em plataformas digitais, destacaram o papel da aprendizagem que acontecia à medida que se moviam por e interagiam em tais lugares, seja na manipulação dos programas através dos quais se relacionavam com os sujeitos das suas pesquisas, seja nos modos do fazer, ou dos códigos de sociabilidade lá desenrolados. Um aprendizado em vários níveis que, segundo elas, requisitava seus conhecimentos e experiências prévias, mas, também, era fabricado e solicitado nas diversas interações com o outro-pessoa e com o outro-dispositivo digital, sendo parte imprescindível na constituição da sociabilidade nos ambientes por elas trabalhados.

Esse processo de aprendizado a partir dos caminhos percorridos está em consonância com as proposições de Ingold que, voltando suas observações para a questão da técnica e as percepções e relações entre humanos, não humanos e o ambiente, nos dá pistas sobre como pode se desenrolar a sociabilidade nos meios digitais. Para ele, no fluxo do viver o homem se move, conhece e descreve. Essa operação, que ocorre de modo concomitante, é a essência da vida e demanda uma educação da atenção (INGOLD, 2015). Educação da atenção é um conceito que associa o lugar que se habita aos artefatos físicos e à percepção sensorial do indivíduo (LEITÃO, 2012).

Esse eixo da análise será referenciado, também, nos trabalhos dos já citados autores que tratam da dinâmica da vida social na contemporaneidade, e de autores que mais recentemente pesquisaram a sociabilidade no meio digital<sup>17</sup>.

O **segundo eixo** temático aborda a construção social do relacionamento amoroso/sexual, situando o debate na dinâmica contemporânea das relações interpessoais e seus entrecruzamentos com as tecnologias comunicativas. O próprio Giddens (1993), ao tratar

---

<sup>17</sup> Vide: Nicolaci-da-Costa (2005); Nascimento (2007); Miskolci (2014a, 2014b); Nogueira e Silva (2016), Silva (2016), dentre outros.

das mudanças advindas com a contemporaneidade, advoga um processo de “transformação da intimidade”, e a formação de um “relacionamento puro” e de uma “sexualidade plástica”, que a caracterizaria e distinguiria de estilos mais tradicionais de relação interpessoal. Bozon (2004) também tratou da distinção entre relacionamentos afetivos e condutas sexuais tradicionais e contemporâneas, abordando o comportamento e expectativas dos indivíduos da atualidade sob a ótica do que denominou de novas “orientações íntimas”.

Estudos recentes se debruçaram especificamente sobre a constituição/modificação na tessitura dos relacionamentos íntimos a partir do uso das novas TICs, e suas análises serão aqui retomadas<sup>18</sup>.

O **terceiro eixo** temático discute a noção de experiência e suas relações com o jogo entre os interesses e motivações dos usuários/as dos aplicativos. Seguindo os passos de uma abordagem fenomenológica do conceito, tomo como referência as indicações de Schütz (1979), seguindo Husserl, para quem a experiência é sempre *de* algo, é sempre fruto de uma vivência que se desenrola no *mundo da vida*, um mundo intersubjetivo, social e natural, que é o pano de fundo a embasar e delimitar as ações e interpretações do indivíduo em seus interesses, negociações, manipulações, projeções.

Para dar realidade a nossos objetivos, devemos dominar o que se encontra presente neles e transformá-los. Neste sentido, não apenas atuamos e operamos dentro do mundo da vida, mas também sobre ele<sup>19</sup>. (SCHÜTZ & LUCKMANN, 2003, p. 27, tradução livre da autora)

Nesse palco os indivíduos vivenciam cotidianamente um fluxo de eventos e agem sobre eles a partir de sua *situação biográfica determinada* (SCHÜTZ, 1979), o que torna sua experiência única dentre as outras, pois sua ação no e interpretação do mundo são percebidas a partir das lentes de suas vivências anteriores. Desta forma, seus atos são orientados tanto pelo seu *estoque de conhecimentos* – um acervo pessoal das experiências de dada situação, que uma vez vivida é inserida em sua biográfica – quanto pelas dinâmicas culturais que lhe são basilares, sendo as primeiras proporcionadas em meio às segundas. É em meio a tal estoque de conhecimentos que o indivíduo tipifica e estabelece relevâncias relacionadas a seus interesses ou às reflexões e esforços necessários à solução de situações-problema que se interpõem no fluxo dos acontecimentos da vida cotidiana.

---

<sup>18</sup> Vide: Parreiras (2008); Corrêa (2010); Illouz (2011); Finkel et al. (2012); Miskolci (2014a, 2014b); Camargo (2015); Corrêa (2015); Figueiredo (2016); Pelúcio (2016); Beleli (2017).

<sup>19</sup> Do original: “Para dar realidad a nuestros objetivos, debemos dominar lo que está presente en ellos y transformarlos. De acuerdo con esto, no sólo actuamos y operamos dentro del mundo de la vida, sino también sobre él”.

Alguns elementos desse fluxo cotidiano da vida e suas relações com o uso dos aplicativos de encontro, relatados nas entrevistas, assim como as observações feitas e percursos envolvidos nas dinâmicas de campo serão o substrato do primeiro capítulo desta dissertação, intitulado *Os caminhos trilhados, as pessoas e as coisas no caminho*. Este tratará da experiência da pesquisa de campo em si. A análise aqui iniciada, por questões de opção metodológica, possuirá um forte componente descritivo e, em parte, será relatada em tom mais pessoal. Pretende-se, com isso, apresentar os interlocutores/as da pesquisa e dar ao leitor a dimensão dos entrecruzamentos *on* e *off-line* entre a pesquisadora e as pessoas com as quais manteve maior contato.

Também nesse capítulo serão abordados e justificados os procedimentos metodológicos de que se lançou mão ao longo do estudo. Optou-se por ter esse como o primeiro tópico da escrita para que as experiências ali enunciadas possam ser retomadas ao longo dos demais capítulos, num esforço dialógico e reflexivo.

No segundo capítulo, *Idas e vindas: um passeio pela tecnologia e pelos relacionamentos* serão apresentados os aplicativos de paquera, vistos à luz das discussões sobre as relações interpessoais na contemporaneidade. Neste serão retomados os estudos sobre a construção das relações afetivas e amorosas a partir da busca de individualidade e da liberdade de corpo e de si mesmo, e mais recentemente do advento da internet como um dos meios para exercitar essa busca. Nele, ainda, será feito um breve histórico das TICs e seu uso para fins do encontro íntimo com o outro.

No capítulo *Tinder: um caminho na contemporaneidade* serão discutidos os modos como as pessoas se mostram, se aproximam e interagem no Tinder, a partir da descrição e análise de algumas dimensões específicas, a saber, as motivações de uso, a elaboração dos perfis, a seleção dos interlocutores, a conversa e os encontros. Na ocasião abordarei os dados das experiências e experimentações comunicadas pelos usuários/as, refletidas juntamente com noções como projeto e campo de possibilidades (VELHO, 2003a). O último capítulo é destinado às observações adicionais e considerações finais.

Por fim, se faz importante observar que o aporte teórico da Antropologia das Emoções estará norteando todo o trabalho. Compreendo que o objeto deste estudo se encontra numa interseção entre as discussões suscitadas pela pesquisa antropológica da/na internet e as dinâmicas relacionais situadas na esfera emotiva, ressaltando a categoria emoções como elemento fundamental da análise.

Conforme argumentam Coelho e Rezende (2011) e Koury (2009; 2012; 2015), a tensão cotidiana entre os constrangimentos a padrões sociais e culturais – que solicitam do

indivíduo um enquadramento – e sua própria demanda por autonomia e singularidade é um dos elementos constitutivos do campo da antropologia das emoções no Brasil. Para esta perspectiva, a dinâmica entre subjetividade e sociabilidade fundamenta ações e negociações entre os indivíduos. Como dito anteriormente, esse aspecto tenso das relações e as negociações dele decorrente serão o substrato das análises aqui desenroladas.

# CAPÍTULO 1 - OS CAMINHOS TRILHADOS, AS PESSOAS E COISAS NO CAMINHO

Não existe nenhuma análise científica totalmente "objetiva" da vida cultural, ou - o que pode significar algo mais limitado, mas seguramente não essencialmente diverso, para os nossos propósitos - dos "fenômenos sociais", que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa.  
(WEBER, 2001, p. 124)

Na noite do dia 20 de julho de 2016 dei *match*<sup>20</sup> no Tinder com Afonso<sup>21</sup>. Na época eu estava na cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Ele estava passando por lá. Em meu perfil havia algumas fotos pessoais e minha apresentação como pesquisadora. No dele havia a fotografia de um famoso ator estrangeiro, o típico galã. Além da foto e um nome, que depois me disse ser falso, estava visível em seu perfil a idade de 30 anos, sua distância com relação a mim e a seguinte inscrição:

Príncipe é aquele que sabe tratar sua princesa melhor que qualquer pessoa, assim como o bom conquistador que é aquele que conquista a mesma mulher todos os dias. #Famíliaemprimeirolugar.

Afonso era um *fake*, alguém que usa um perfil falso num ambiente da internet.

Momentos depois do *match* ele iniciou a conversa com um "Olá", pelo *chat* do aplicativo, ao que respondi perguntando ironicamente o que ele, um ator famoso, fazia por ali. Na tarde de 21 de julho, ele respondeu: "*Procurando vc [você]*". Por falha no serviço de notificação de mensagens do *app*, já era madrugada quando via resposta e retruquei. Ele me respondeu na mesma madrugada, quase uma hora depois. Nosso papo pelo *chat* do Tinder foi curto, porque na mesma noite ele pediu o meu número de Whatsapp<sup>22</sup>, aplicativo para o qual

---

<sup>20</sup> Na linguagem do aplicativo, o *match* ou combinação ocorre quando duas pessoas curtem mutuamente o perfil da outra, podendo, assim, iniciar uma conversa pelo *chat* privado.

<sup>21</sup> Os nomes dos informantes foram alterados, conforme acordo com os mesmos, para manter suas identidades desconhecidas. Assim, a partir de então, todos os nomes constantes nesta dissertação serão fictícios.

<sup>22</sup> Whatsapp é um popular aplicativo no qual se utiliza a conexão com a internet para realizar troca de mensagens instantâneas de texto e voz, envio de arquivos multimídia e fazer chamadas de áudio e vídeo. No Brasil é também chamado de "Whats" ou "Zap".

migramos a conversa e onde ela seguiu por alguns dias até nos encontrarmos pessoalmente para uma entrevista.

Naquela época, na tentativa de distinguir os contatos de trabalho dos meus pessoais, instalei um aplicativo que emulava doisWhatsapps no mesmo aparelho celular, e forneci a Afonso o que eu havia acabado de fazer. Logo vi que a estratégia não havia sido a melhor, porque as notificações de mensagens do programa alternativo não eram feitas instantaneamente. Como resultado, somente vi que ele havia entrado em contato comigo novamente dois dias depois, momento no qual retomamos a comunicação, com um diálogo que se iniciou assim:

**Sheila:** Olá  
Qual o seu nome?

**Afonso:** Afonso  
Sheila  
Tais brm Primcesa (sic)?

**Sheila:** Tô bem.  
E vc [você]?

**Afonso:** Bem  
Queria te ver pessoalmente

**Sheila:** Vc é o “Renato” do Tinder?

**Afonso:** Isso amor

**Sheila:** Melhor falarmos um pouco mais antes de nos vermos pessoalmente

**Afonso:** Ta amor  
Vc tá morando onde em (sic)?

**Sheila:** Bancários  
E vc?

**Afonso:** Campina  
Vc mora com quem?

**Sheila:** Família  
Mora em cg [Campina Grande]?  
E vem sempre em jampa [João Pessoa]?

**Afonso:** Fui quarta amor

**Sheila:** Trabalha com o que?

**Afonso:** Telefoniamor  
E vc?

**Sheila:** Sou estudante e pesquisadora  
Na vdd [verdade] estou no Tinder por conta da pesquisa

**Afonso:** Q [que] tipo de pesquisa é ess [essa]?

**Sheila:** Pesquisa de mestrado  
Sobre as experiências das pessoas que usam o Tinder.

**Afonso:** Hum

No caso, vc ao (sic) tá pesquisando homem?

**Sheila:** Homens e mulheres

**Afonso:** A blz [beleza]

**Sheila:** Vc se interessaria em conversar comigo?

**Afonso:** Claro

Essa conversa começou às 18h04min e foi interrompida às 20h59min, devido a problemas com minha conexão de internet. Na ocasião Afonso contou superficialmente sobre algumas experiências que teve, modos como usava o aplicativo, seus interesses e opiniões e, já ao final da conversa, pediu uma foto minha de corpo inteiro. Neguei o pedido, justificando que não guardava fotos minhas no celular e que não me sentiria à vontade para enviá-las se as tivesse.

Falamos-nos no outro dia, e ele seguiu interessado em contar suas histórias e pontos de vistas. Porém, o problema na conexão de internet persistia. Sugeriu que poderíamos continuar a conversa por ali ou tentar uma entrevista presencial, uma vez que eu iria a Campina Grande dali a alguns dias. Ele se mostrou de acordo com a segunda opção. Dois dias depois entrei em contato para ajustarmos os detalhes do encontro. Naquele momento conversamos mais um pouco, entretanto, dessa vez Afonso se mostrou mais curioso: curioso quanto ao que era a pesquisa, o que nele e em seu depoimento havia me chamado a atenção. Fez-me também perguntas pessoais: iniciou com minha formação, profissão, se eu já havia me envolvido com pessoas do aplicativo, perguntou minha altura... E mais uma vez pediu fotos. Encerrei o papo naquele instante, com nova recusa. Retomamos a conversa no dia seguinte para acertarmos o encontro presencial e a entrevista, que ocorreu na área externa de um supermercado no centro da cidade.

Afonso foi uma das primeiras pessoas com quem conversei mais longamente *online* na pesquisa. Em nossa relação ocorreram várias das situações que voltariam a acontecer nos contatos com os informantes da pesquisa. Cito algumas delas: conversas e entrevistas em distintos ambientes digitais e presenciais; problemas e especificidades operacionais dos aplicativos ou da internet; *matches* com pessoas que se encontravam apenas passando pela cidade ou estavam muito distantes espacialmente. Da mesma forma que impasses e tensões relativas às expectativas de interação afetiva/sexual que caracterizam as relações no aplicativo; contatos que ocorrem a qualquer momento, inclusive na madrugada, perdurando horas ou sendo interrompidos de supetão; conversas estendidas a um tom pessoal desconcertante, que tornam a pesquisadora também foco da avaliação dos interlocutores/as da pesquisa; recebimento ou pedidos de materiais audiovisuais inusitados ou mesmo com

conteúdo íntimo explícito; tentativas de experimentar estratégias de abordagem diversas, que preservassem a minha privacidade, mas não quebrassem a construção de intimidade característica dos contatos possibilitados naqueles cenários. Alguns desses eventos são característicos do fazer etnográfico, e outros não são específicos da cena da pesquisa; de outro modo, estão inseridos nos devires das interações que se estabelecem mediadas pelos aplicativos, fazem parte dos modos como os eventos vão se dando a partir deles.

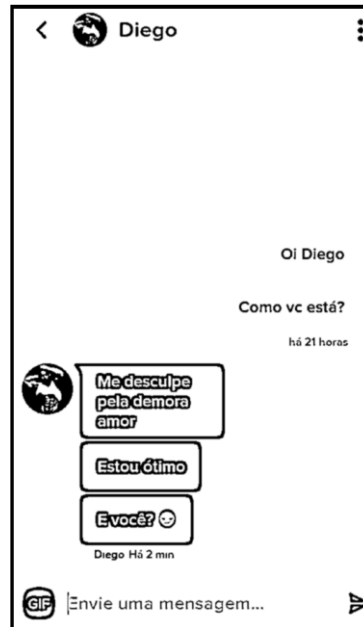
Ao longo do percurso de campo entrei em contato com histórias, algumas entrecruzadas, de homens e mulheres que em dado momento fizeram uso do *app* de paquera como recurso para buscar principalmente pessoas do sexo oposto, com a finalidade de se relacionar afetiva e/ou sexualmente. Esta é uma etnografia imersiva e participante no ambiente digital desses aplicativos. A imersão *online* nos aplicativos vem sendo combinada com encontros *off-line* (presenciais, analógicos) com os sujeitos da pesquisa que se dispusera a tal, como ocorreu com Afonso. O campo de estudos são os aplicativos – notadamente o Tinder –, mas o estudo abrange um circuito *online* e *off-line* que tenta seguir a própria dinâmica de lugares, encontros e modos de fazer propiciada pelo aplicativo e praticada pelos usuários/as.

Assim sendo, como estratégias de interação e técnicas de coleta de dados em campo foram utilizados tanto recursos exclusivamente *online* – como a observação de interações em aplicativos, através da manutenção de perfis *online*, armazenamento de um acervo contendo *prints* de perfis e diálogos<sup>23</sup>, arquivos com conteúdos de *chats* e mensagens de voz, pesquisas em sites de internet – como técnicas mais tradicionais da etnografia, como a entrevista semiestruturada, conversas informais, diário e notas de campo. Na Figura 1 está um exemplo de *print* de um dos diálogos iniciados pelo Tinder.

---

<sup>23</sup> Os *prints* utilizados a título de exemplo nesta dissertação serão estilizados, ou seja, imitativos ao real, mas mantendo características essenciais, para não ferir as políticas de privacidade dos usuários das ferramentas.

Figura 1. *Print* da janela de conversação do Tinder.



Fonte: Tinder.

O fluxo de pesquisa se desenrolou em diferentes contextos *on* e *off-line*, e implicou em combinar estratégias diversas de aproximação/afastamento com o campo e os informantes. Esse fluxo ficará mais claro no decorrer deste capítulo. Antes, porém, se faz necessário situar brevemente os debates nos quais se inserem alguns questionamentos e desafios metodológicos, relativos ao trabalho etnográfico, que se impuseram durante o processo desta pesquisa.

Estes são relativos ao estudo em/dos ambientes digitais, por um lado, e estão intimamente ligados às mudanças no modelo tradicional da pesquisa etnográfica. De outro lado, tais reflexões metodológicas estão relacionadas com a pesquisa no campo da sexualidade, num contexto no qual pesquisadora e interlocutores/as estão potencialmente negociando limites relacionais – não somente informações ou interações sociais –, na esfera dos desejos, seduções e interesses que extrapolam os meramente profissionais ou científicos.

Sem ter a pretensão de aprofundar uma crítica às concepções clássicas sobre a etnografia e o fazer etnográfico, adiante abordarei sobre movimentos de contestação e renovação de paradigmas da disciplina, para, em seguida, tratar da imersão e dos “deslizamentos” *online/off-line*, aspectos importantes para a compreensão metodológica deste estudo. Correlaciono a esses dois âmbitos o componente das tensões e negociações das expectativas e desejos sexuais e afetivos em campo, um jogo (GOFFMAN, 2002) em que se

está testando, avaliando e impactando as subjetividades envolvidas na relação, inclusive a da pesquisadora (ROJO, 2004; OLIVEIRA, 2016; PELÚCIO, 2016).

### **Alguns caminhos da antropologia**

Ao propor uma *Vocação Crítica para a Antropologia*, Cardoso de Oliveira (1993) aponta o esforço reflexivo e crítico da sua própria produção de conhecimento teórico como uma das características da antropologia enquanto disciplina. Ele argumenta que este seria um “dilema constitutivo”, mais evidente a partir da década de 1970, mas que esteve presente desde a história moderna desta ciência social, apesar de nem sempre problematizado. Nesse sentido, aponta que a especificidade do trabalho do antropólogo seria uma relação dialética radical entre os domínios do saber e da experiência, da empiria e da metafísica, como recurso para validar o conhecimento por ele produzido.

Isso implica numa diversidade de linhas teóricas, sejam complementares, sejam descontínuas, que por vezes estão atreladas a questionamentos de concepções correntes e demarcações de novos paradigmas para a disciplina. Não raro, esse movimento de renovação é motivado por idiosincrasias problematizadas e interpretadas pelos antropólogos em sua relação com os públicos alvos dos seus estudos.

Nos anos de 1980, ganha a cena um movimento de crítica ao fazer etnográfico protagonizado, principal, mas não exclusivamente, por teóricos norte-americanos. Peirano (2006) destaca a legitimidade que a *critique cultural* ganha nos Estados Unidos nesse contexto de autorreflexão da disciplina. Os trabalhos se afastam do tradicionalismo e se direcionam para as experimentações, seja nos campos de estudo (pesquisas sobre aspectos e áreas específicas da própria cultura americana, ou sobre o fazer científico em outras áreas da ciência), seja na forma de inserção do antropólogo na etnografia.

Caldeira (1988) também destaca a crítica à presença do antropólogo nos textos etnográficos que vigorou nesse período, citando como características tanto as mudanças no arcabouço teórico como no contexto da pesquisa. Naquele cenário propôs-se uma antropologia dialógica, polifônica, descentrada do antropólogo, tendência iconizada por James Clifford e George Marcus, que, junto com outros estudiosos, puseram em questão a autoridade etnográfica, a relação pesquisador e pesquisados e a escrita do texto antropológico (CLIFFORD, 2002; MARCUS e DICK, 1982). Apesar das críticas aos extratos mais revolucionários desse movimento de reformulação da disciplina, e mesmo com a reavaliação

teórica de alguns dos seus propositores, a partir dos anos de 1990 até os dias atuais vivemos, talvez, um novo patamar de autocrítica e proposições inovadoras na antropologia<sup>24</sup>.

Em tempos mais recentes, George Marcus fez nova reflexão analítica a este campo disciplinar, desta feita direcionada à pesquisa de campo. Advogou a necessidade de “novas técnicas, ou ao menos uma nova estética da técnica” (2004, p. 142), mais adequadas aos contextos atuais de pesquisa, que em muito diferem do modelo icônico da pesquisa de campo etnográfica tradicional, o que chamou de “*mise-en-scène* malinowskiana clássica”. Apontou que a reflexividade crítica empreendida pela *Writing Culture* não atingiu o imaginário sobre a cena clássica da pesquisa de campo sob a qual o fazer antropológico têm se assentado; pelo contrário, disseminou-o para outras áreas do conhecimento, em especial as artes. Assim, a reflexividade crítica “falhou em conceber novas estratégias, formas e normas de prática para enfrentar os mundos mais complexos, paralelos e fragmentados, com os quais muitos projetos de pesquisa de campo devem, hoje, negociar” (MARCUS, 2004, p. 137).

Para Marcus, a reapropriação da prática etnográfica e da pesquisa de campo pelas artes, especialmente teatro e cinema, trouxe novas “ironias, tensões e possibilidades” na relação entre antropólogos e artistas que possibilitaram repensar a tradição etnográfica empiricista. Tais contribuições se dariam como inspiração para desenvolver “técnicas mais ativas, moldadas num arco de idéias entre a experimentação e o ativismo” (2004, p. 152), apropriadas aos estudos nos novos campos multilocalizados (nos quais se desenrolam complexos engajamentos de poderes/conhecimentos que o antropólogo não pode ignorar) e que requerem uma cumplicidade na relação de colaboração entre pesquisador e os sujeitos pesquisados. Tais campos, nas concepções deste antropólogo, desafiam e desestabilizam os tropos normativos da pesquisa de campo clássica e impõem ao pesquisador, além dos atos reflexivos de descrição e interpretação, uma postura ativa.

Sem dúvida, o campo etnográfico feito na/sobre/através da internet está inserido nesses novos campos. Novos campos estes que demandam atualizações de procedimentos técnicos, metodológicos e éticos, ao passo em que incitam reflexões e readaptações do fazer etnográfico, inclusive, das (rel)ações estabelecidas com o campo e entre os sujeitos.

---

<sup>24</sup> Nos últimos trinta anos os trabalhos de estudiosos como Marilyn Strathern, Tim Ingold, Bruno Latour, Roy Wagner vêm apontando contundentes modos de reformulação da disciplina. Isso implica, também, em retirar o peso relativo de clássicos pares de oposição fundamentados na distinção natureza e cultura, e dar destaque à perspectiva relacional e fazer uma reconciliação entre tais instâncias. Esse modo contemporâneo de pensar e fazer antropologia – para alguns, uma antropologia pós-social ou pós-estrutural – mais que uma crítica, propõe a reinvenção, a revisão de práticas e conceitos sob os quais esta ciência social se assenta e o avanço na construção de instrumental analítico e metodológico que integre aspectos antes dissociados.

Ao levarmos em conta, como propôs Peirano (1992, p. 4), que o trabalho de campo em antropologia é tanto mito como parte do desenvolvimento histórico da disciplina, compreenderemos que sua forma não poderia ficar incólume às modificações no tempo dos contextos socioculturais nos quais o antropólogo se debruça. Muito menos às relações – aproximações e disputas de poder – com outras áreas do conhecimento com as quais concorre para demarcar a sua posição na (MARCUS, 2004) ou sua interpretação da (VELHO, 1978) contemporaneidade. Assim, tratarei a seguir de algumas dessas fontes de desestabilização e certos desafios que este campo impõe, em especial no que diz respeito à imersão, aos fluxos *on* e *off-line* e à abordagem da sexualidade, aspectos particularmente marcantes nesta pesquisa.

### **Um percurso desestabilizado**

Antes de caracterizar a pós-modernidade na antropologia, movimento que fornece suporte ao seu estudo, Carolina Parreiras (2008) faz uma breve retomada histórica dos modos como o trabalho de campo e a escrita etnográfica foram reformulados, ressaltando, porém, concepções e práticas que conferiam notabilidade e legitimidade (e autoridade, conforme a crítica pós-moderna) ao trabalho do antropólogo. As três correntes descritas por ela<sup>25</sup> propuseram, à época, aspectos inovadores à teoria e prática antropológicas que dizem respeito e fazem sentido se aplicadas à antropologia analógica, nas quais é privilegiada a presença física do etnógrafo no ambiente do grupo pesquisado. Uma permanência temporalmente variável, mas significativa, que supõe observação presencial e encontro face a face, além de pressupor quase que de modo inquestionável um deslocamento territorial e simbólico até ele.

Contato presencial em campo, deslocamento territorial no sentido tradicional ou a circunscrição num dado ambiente material podem hoje ser prescindidos do trabalho de campo do antropólogo. Isso implica em algumas potenciais impossibilidades: a da atuação direta (ou plena) dos sentidos no momento da interação; a da obtenção de informações e observações diretas sobre os contextos sociais nos quais os indivíduos se encontram (ou mesmo dos seus próprios corpos físicos); a da demarcação ou cisão hierárquica e imagética do que é casa (meu lugar) e campo (lugar do outro), o aqui e o lá; a da centralidade exclusiva no humano, por estar num ambiente que pode fundi-lo com outras formas de presença (os aparatos técnicos, por exemplo) e possibilita tanto sua estadia ali como o contato com o outro (PARREIRAS, 2008; LEITÃO e GOMES, 2011, 2013; PELÚCIO, 2016).

---

<sup>25</sup> Seriam elas: a teoria crítica, os *cultural studies* e a crítica cultural. Maiores detalhes em Parreiras, 2008, p. 24.

Entretanto, tal como propõem Miller e Slater (2004), a etnografia *online* encerra elementos metodológicos marcantes do trabalho etnográfico analógico, como a participação, o diálogo, a observação, o texto. A estes são somadas especificidades analíticas: os autores ressaltam a importância da observação dos diversos contextos (*online* e *off-line*) que se relacionam e superpõem para alcançar os objetivos específicos dos estudos.

Já Leitão e Gomes (2011), ao responder às reflexões sobre trajeto e alteridade feitas por James Clifford em face à sua própria pesquisa em ambientes digitais imersivos 3D<sup>26</sup>, lembram que nas análises antropológicas na e da internet a tecnologia tanto é o meio de transporte para o campo como é o próprio ambiente do campo. Seu deslocamento feito pela imersão – no caso delas, uma imersão dividuada entre seus corpos biológicos, na operação cognitivo-gestual do maquinário informático e na interação com os outros naquele meio, e a atuação dos seus avatares (corpos virtuais) no cenário do mundo virtual.

No caso desta pesquisa, a imersão, mais que observar e acompanhar, implicou em estar a todo momento, em qualquer horário ou situação da minha vida cotidiana, inserida no ambiente do meu campo empírico, disponível a ele. Tecnologias comunicativas como o *mobile* e os aplicativos de paquera e troca de mensagens estabelecem dinâmicas de interações diferentes das tradicionais (DI FELICE, 2007), inclusive, com relação à própria internet em períodos anteriores. Já não mais entramos *online* esporadicamente; nós vivemos *online*, fragmentamos ao longo do nosso dia inúmeras interações instantâneas com/nas diversas interfaces digitais. Ramos (2015) nos lembra o conceito cunhado por Sherry Turkle do Eu amarrado, conectado *online*:

Em primeiro lugar, esta conexão é realizada através de uma estrutura técnica que está em funcionamento contínuo. Em segundo lugar, essa estrutura técnica pode, ela mesma, enviar e receber continuamente mensagens, o que faz com que a conexão passe da potência à ação, por meio da máquina. Em terceiro lugar, o agente conectado está continuamente disponível para receber e enviar mensagens. Assim, essa conexão não é uma metáfora. Quando o indivíduo avisa outros de que está em seu celular, isto significa que ele vai carregá-lo e pode ser encontrado o tempo todo, mas também significa que este EU está continuamente na rede. (RAMOS, 2015, p. 63)

A partir do momento em que se tem um perfil ativo no Tinder e se adiciona os usuários nos seus contatos do Whatsapp, por exemplo, as pessoas ganham acesso umas as outras, potencialmente, quando quiserem. Nesse sentido, a imersão não diz respeito apenas

---

<sup>26</sup> Segundo Mello Sobrinho (2011, p. 25) são “ambientes virtuais interativos tridimensionais, especificamente construídos a partir de um cenário (via reprodução digital de um cenário autêntico ou, pelo contrário, total ou parcial ente criado *ad hoc*) através do qual o usuário pode movimentar um avatar (seu personagem ou representação no mundo virtual) ou movimentar-se com um ângulo/visão de primeira pessoa”.

aos atos da pesquisadora em relação ao seu campo e informantes, mas também à reciprocidade do acesso e intensidade da interação na sua vida pessoal.

O sociólogo Keith Kurashige (2014, p. 51-52), ao falar dos procedimentos metodológicos de sua pesquisa sobre critérios raciais na busca por relações homoeróticas masculinas em *chats* usados numa cidade paulista, narra uma dinâmica similar à vivenciada por mim nesta pesquisa:

Neste período, criei laços de afinidade com meus colaboradores, e, como se trata de uma etnográfica mediada por mídias digitais, estive sempre conectado a eles por meio do telefone celular ou computadores, podendo ser solicitado a interagir quando bem quisessem. Dessa forma, assim como Facioli (2013) em seu campo, no qual também esteve conectada por meio das mídias digitais, “pareceu impossível, na rede, o distanciamento do campo e dos sujeitos, durante a pesquisa.” (p. 67)

Não se trata de uma etnografia que o pesquisador volta para a casa quando se cansa, mas, até mesmo quando o pesquisador está dormindo, é solicitado a interagir, oportunidade única para captar na espontaneidade da interação os dados de campo valiosos.

Assim, estar imerso numa plataforma que lhe geolocaliza *online*, lhe notifica da interação de outros ao longo do seu dia a dia e aciona outros a interagir com você é estar em estado de presença virtualmente constante, ou, na palavra de Pierre Lévy (1999, p. 127), de “telepresença generalizada”. E essa presença demanda ação e interação de modos diferenciados, pois cada ambiente digital produz seus modos específicos de integrar as pessoas, solicita uma imersão e atuação diferenciada.

A imersão, portanto, é o que produz presença, participação e interação: a sensação da sua presença e da do outro. Mesmo em ambientes digitais que não possuem a prerrogativa de simulação de mundos virtuais, a imersão se mostra a tônica da “viagem experiencial” (HINE, 2004) proporcionada pelo/até o campo digital<sup>27</sup>. Quanto mais imerso, mais se compreende como se atuar lá, se aprende como as relações ocorrem, as formas de seduzir o outro (ou de evitá-lo, quando o contato lhe é inoportuno). E num campo de disputa por atenção e afetividade, para se manter um contato ativo é preciso estar disponível, logado, atento,

---

<sup>27</sup> Em *Etnografia em Ambientes Digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões*, Débora Leitão e Laura Gomes tecem interessantes considerações sobre diferentes abordagens etnográficas em ambientes digitais, demandadas pelas diferenças estruturais das dinâmicas das distintas plataformas. Elas compreendem que, diferente das preambulações e acompanhamentos, a imersão se daria em arquiteturas digitais que proporcionam agenciamentos suficientemente fortes para influir nos regimes de *self* dos participantes, inclusive pesquisadores, o que não seria o caso dos aplicativos aqui estudados. Como proposto neste trabalho, todo o processo dialógico de interação, aprendizado, construção de intensas relações é proporcionado por um campo que também aciona desejos íntimos e emoções ajustados um ambiente no qual a imersão pode se estabelecer. E tal distinção talvez esteja tanto ligada ao potencial agenciador das plataformas como ao modo pelos quais o pesquisador se conecta a elas.

sedutor, presente no aplicativo de paquera, no aplicativo de troca de mensagem, na rede social.

Pesquisando no âmbito da sexualidade e dos afetos por meio dos aplicativos de encontro, Pelúcio (2016) fala da exigência imersiva como um dos pontos metodológicos desafiadores daquela pesquisa. A imersão lhe conferiu uma sensação de hiperconexão e pertencimento àquele mundo: “Nunca fui tão nativa” (PELÚCIO, 2016, p. 310). Um pertencimento inquietante que a desestabilizou como pesquisadora e pessoa.

Pelúcio traz para o debate, dentre outros aspectos, que a imersão num ambiente digital de paquera encerra a exigência de uma interação em níveis emocionais intensos, um desnudar-se da pesquisadora para a mulher, solicitando-lhe uma postura menos “acadêmica” e mais “pessoal”. Isso não como estratégia de negociar o aprofundamento do contato, mas porque “vai-se construindo relações densas” (ibid., p. 322) nos diálogos iniciados nos aplicativos. Diálogos que poderiam findar tão rapidamente como se iniciaram, ou perdurar por semanas. Interações que adentraram seu lar – ou a sua privacidade num sentido mais amplo – porque o seu campo está em seu celular – e ela está nos celulares dos seus interlocutores, que a acionam nos momentos em que *eles* quiserem e motivados por interesses diversos. Ambos, pesquisadora e interlocutores, estavam fazendo investimentos emocionais naqueles contatos.

Eu pude perceber que essa é uma dinâmica relacional característica desses ambientes de exposição e negociação de afetos, desejos e intenções. O ambiente de hiperconexão e investimentos emocionais de que trata a autora é semelhante ao que atuei. Como ela propôs, observei que aquele também é um *locus* de aprendizado: sobre como lidar com a tecnologia (configurar e transitar pelos programas, fazer perfis virtuais etc.), como negociar dentro dele sexo e afetos e como ambos, tecnologia e emotividade, jogam para configurar um mapa dos desejos e afeições na atualidade. Ao ter esse contexto como campo de pesquisa, somos pesquisadores e *pessoas* (desejáveis e desejosas) dentro dele. Quando damos *match* num aplicativo de encontros, avaliamos e passamos pela avaliação do outro que, de certo modo, tem (e constrói ou desconstrói no contato) expectativas e curiosidades múltiplas ao nosso respeito, muitas delas relacionadas ao foro íntimo.

Quando Afonso, no papo do início deste texto, questionou ao mesmo tempo sobre a pesquisa, sobre minha vida pessoal e me pediu uma foto, ele foi o primeiro a me sinalizar as tensões possíveis que a pesquisa de campo exerce sobre o antropólogo no processo de estabelecimento das margens, dos limites entre trabalho e prazer, conversa e paquera, cooperação e sedução, as minhas expectativas e interesses e os dos interlocutores, em especial do sexo masculino. Intimidade (ou a tentativa de estabelecê-la) e sedução são linguagens

faladas nos contatos iniciados nos aplicativos e, certamente, a pesquisadora não ficaria imune a elas.

O encontro com João, outro dos meus interlocutores, me proporcionou mais um momento liminar na pesquisa, no qual expectativa e desejos precisaram ser negociados. Após as conversas virtuais iniciais, agendamos uma primeira entrevista. Ao seu final, João, para minha surpresa e embaraço, deu-me um beijo na boca. O gesto balançou-me emocionalmente, mas, também e principalmente, mexeu com minhas certezas profissionais. Senti uma enorme inquietação ética com o episódio. Questionei minha metodologia: seria o contato presencial, de fato, uma boa tática? Questionei minha postura: estaria eu preparada para lidar com esse tipo de situação, que no face a face se tornava mais difícil de contornar que na interação virtual? Com João, conversei, e tranquilamente ajustamos os termos da nossa interação para adiante. Com a pesquisa, mantive a metodologia, e utilizei o fato como uma fonte de atenção e como uma estratégia para lidar com interlocutores que, a partir daí, tencionaram a relação para algo além da colaboração ou da amizade: eu narrava o evento de João, falando do meu constrangimento e das possíveis implicações negativas para a pesquisa com episódios como aquele. A narrativa serviu para desencorajar futuras tentativas, que não tardaram a acontecer.

Oliveira (2016), Meinerz (2006) e Rojo (2004), tratando de pesquisas bastante distintas, mas inseridas nos campos da efetividade ou sexualidade, abordam sobre as expectativas sexuais, afetos e intimidade que o contato com os sujeitos em campo lhes propiciou ou lhes tensionaram, e as implicações disto nas investigações que faziam. Assim como Pelúcio, eles foram unânimes em salientar esta como uma característica marcante (apesar de não ser exclusiva) neste tipo de estudo. Num campo onde se está em jogo intenções e expectativas afetivo-sexuais, o pesquisador – um ser como outro, que tem gênero e sexualidade localizados pelos interlocutores/as – é compelido a “jogar”. E efetivamente pode se ver jogando, ou, parafraseando Pelúcio, pode ser capturado pelas teias desejantes.

Assim, todxs nós que pesquisamos no campo das sexualidades e dos afetos acabamos por nos deixar seduzir pelos convites para falarmos mais de nós mesmxs. Nós que nos aproximamos protegidxs pela aura da ciência, quase sempre vista como sisuda, mas confiável; que pedimos confissões a partir de perguntas que parecem não ameaçar ninguém, vamos nos imiscuindo na intimidade de nossxs colaboradoras/es, querendo mais. Muitas vezes, essa é a chave para se entrar e permanecer em campo<sup>28</sup>. (PELÚCIO, 2016, p. 322)

---

<sup>28</sup> A autora utiliza o ‘x’ no lugar das vogais que indicam gênero.

Nas experiências dos três pesquisadores citados, situações de intimidade ou envolvimento emocional durante o trabalho de campo foram determinantes para a compreensão de e a entrada em aspectos específicos do campo, que não teriam acesso de outro modo. Em minha própria vivência, notei que apenas quando eu era solicitada a falar sobre as minhas experiências ou pontos de vista pessoais sobre o Tinder – aqueles momentos em que se desliga o gravador e a entrevista vira uma conversa entre pares – fui reconhecida como alguém a quem se podia contar certos detalhes a mais, porque eu *sabia* do que eles estavam falando. Goldman chamou a atenção sobre essa possibilidade quando comentou as afecções descritas por Favret-Saada: “Foi apenas quando alguém diagnosticou que a etnógrafa fora “pega” (*prise*) pela feitiçaria que passou a fazer algum sentido falar com ela sobre o assunto” (GOLDMAN, 2005, p. 13). Como usuária, eu reconhecidamente havia sido “enfeitiçada” pelo Tinder, em outro momento.

O credenciamento como pesquisadora *insider* (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011) de um ambiente de busca por parceiros ante os meus interlocutores/as ganhou sentidos diversos e intercambiáveis: ora implicando em franca cooperação; ora como troca de conteúdos pouco comentados, ou de segredos (SIMMEL, 1999) que precisavam ser ditos ou refletido entre/com quem já experimentou algo parecido; ora em vislumbres de possibilidades que poderiam se estender para além da conversa, seja para um terreno afetivo (o que envolveria a amizade ou coleguismo), seja em termos sexuais. Essa intimidade tensa e negociada foi uma das marcas das relações que se estabeleceram entre mim e meus informantes, e cujos limites foram se fazendo de modo diferenciado com cada pessoa ao longo do processo<sup>29</sup>. Algo próximo ao que Zago e Santos (2011) denominaram de “método consensual de pesquisa”, postura ético-metodológica que privilegia flexibilização e construção consensual conjunta entre pesquisadora e pesquisados dos limites relacionais da pesquisa.

No caso descrito por Pelúcio, a partir de um episódio no qual sua imersão como pesquisadora a fez deparar com a opção entre fazer pesquisa ou tornar íntima uma das interações proporcionadas pelo aplicativo, ao se definir pelo papel de usuária identificou as interferências de um fluxo *online/off-line* que se correlaciona e se interpela no uso dos aplicativos. Apesar da sua pesquisa não explorar interações *off-line* com os interlocutores, foi a partir de uma experiência pessoal que ela pôde perceber ou sentir como o fluxo pode operar.

---

<sup>29</sup> Os diversos formatos que tomaram esses contatos ficarão mais visíveis adiante, quando apresentarei suas histórias e nossos encontros, e poderá ser retomado, quando necessário, em outros momentos da dissertação.

Em se tratando de uma delimitação *on/off* para a pesquisa, Leitão e Gomes (2011) e Parreiras (2008) propõem não realizá-la *a priori*, sob os argumentos de que se acompanhe o movimento dos sujeitos no campo. Para Parreiras é importante desfazer a distinção dicotômica, muitas vezes rígida e irreconciliável, entre *online* e *off-line*, tratando, alternativamente, das especificidades de cada ambiente como também dos seus pontos de continuação. Leitão e Gomes, abordando a flexibilização dos limites do campo, falam de um “deslizamento da imersão etnográfica” (LEITÃO e GOMES, 2011, p. 27), um deslizamento que se expande para fora das fronteiras inicialmente delimitadas como “campo” e que pode ocorrer em quaisquer pesquisa antropológica. No caso das investigações da e na internet, este é um movimento de circulação entre diversas plataformas e ambientes passível de ser realizado pelos informantes, circuito este que elas seguiram em sua vivência de pesquisa. Sobre tal flexibilização, elas argumentam:

Os limites e as relações entre o *on* e o *off* não podem ser apriorísticos, mas definidos pelo próprio campo. Estudar um mundo virtual como o Second Life em seus próprios termos, assim, não implica de antemão optar por realizar uma pesquisa no online, excluindo a interação presencial, analógica. Estudar um mundo virtual em seus próprios termos implica reconhecer que as definições e teorias nativas sobre a distinção *on* e *off* são muito mais relevantes do que nossas definições teóricas prévias à entrada em campo. (LEITÃO E GOMES, 2011, p. 28)

No caso de pesquisas em interfaces digitais, esse “seguir” é amplificado, porque pode envolver diferentes tempos e espaços, implicando em diferentes profundidades e modalidades de relação e mesmo afecção. Estudando as dinâmicas dos *apps* de paquera, vivi um fluxo no qual eu não apenas “fui ao campo”, mas estava potencialmente todo o tempo em campo, *online*, e ele comigo, tensionando o que é afastamento, o que é proximidade, o que é pesquisa, o que é vida pessoal. Tal como ocorreu com Afonso, em outros momentos durante o percurso do estudo me vi compelida a seguir esse deslizamento entre plataformas, entre virtual e presencial, entre trabalho e vida cotidiana, entre cidades e estados, trajeto que descrevo adiante.

### **Caminhantes multilocalizados *on* e *off-line***

Para Tim Ingold (2012; 2013; 2015) uma característica da condição de ser no mundo, de estar vivo para ele, é a capacidade dos seres de sentir e responder a um ambiente que se encontra em constante fluxo. Ambiente no qual estão em relação coisas e pessoas que, contínua e reciprocamente, geram sua existência mútua, num processo dinâmico e

transformativo. Sendo um ambiente digital emulado por um dispositivo móvel no qual pessoas podem identificar e se relacionar com outras que estão ao seu redor ou num raio de distância por elas estabelecido, o fluxo tende a ser uma característica essencial dos aplicativos de encontro.

Internamente a ele circulam pessoas com expectativas, interesses e referências culturais muito díspares. Operando-os, as pessoas transitam por diversos aplicativos e por diferentes lugares analógicos, o que confere à pesquisa neste ambiente um caráter essencialmente multissituado (ou multilocalizado) e polifônico (MARCUS, 2001; ABU-LUGHOD, 2006). É um tipo de estudo etnográfico que, nos moldes do que argumenta Marcus,

(...) se incorpora conscientemente ao sistema mundo, associado atualmente com a onda de capital intelectual chamado pós-moderno, e sai dos lugares e situações locais da investigação etnográfica convencional ao examinar a circulação de significados, objetos e identidades culturais em um tempo-espaco difuso<sup>30</sup>. (MARCUS, 2001, p. 111, tradução livre da autora)

Devido à sua ampla penetração no contexto brasileiro e à minha própria familiaridade enquanto usuária do aplicativo, o Tinder foi escolhido como meio de acesso inicial aos informantes da pesquisa e ambiente de campo. Nele o tempo/espaco de interação é virtualmente qualquer um e o encontro presencial entre os usuários, de modo geral, é valorizado, quando não esperado. Por isso, desde o desenho do projeto de pesquisa os encontros presenciais com os usuário/as foram cogitados.

Eles ocorreram com dois propósitos:

1. Para a realização de entrevistas, quando aventado ou aceito pela própria pessoa;
2. Para a identificação mesma dos usuários/as, que se deu tanto no ambiente do Tinder como a partir de indicações feitas pelos entrevistados/as e contatos da minha rede de interconhecimento (colegas, amigos, amigos de amigos).

Dessa forma, os interlocutores/as da pesquisa são homens e mulheres brasileiros/as que conheci no Tinder ou fora dele, quando eu mesma estava nas ou circulava pelas cidades de Salvador- BA, João Pessoa- PB e Florianópolis-SC. A grande maioria deles estava morando permanente ou temporariamente nessas cidades.

---

<sup>30</sup> Do original: “(...) se incorpora conscientemente en el sistema mundo, asociado actualmente con la ola de capital intelectual denominado posmoderno, y sale de los lugares y situaciones locales de la investigación etnográfica convencional al examinar la circulación de significados, objetos e identidades culturales en un tiempo-espacio difuso”.

Saliento, contudo, que a opção de atrelar o grupo de pessoas que comporia a pesquisa com meus próprios ambientes de circulação não se deu com o objetivo de proporcionar uma comparação entre a dinâmica de uso em contextos urbanos específicos, tal como fizeram Miskolci (2014b) e Maia e Bianchi (2014). Por um lado, a circulação aqui é tomada como estratégia intrínseca a um estudo multilocalizado. A multilocalidade se dá “através e dentro” (MARCUS, 2001, p. 112) dos aplicativos, e para verificá-la optei por seguir, na medida em que me foi acessível ou se mostrou pertinente, ao menos alguns dos caminhos proporcionados por ela. Como propuseram Gomes e Leitão (2011), estudar o ambiente digital em seus próprios termos implica em seguir o fluxo por entre lugares *on* e *off-line* que o aplicativo permite.

Os *apps* de encontro podem ser (e o decorrer da pesquisa demonstrou que o são) utilizados durante o trajeto ou estadia dos usuários pelos seus locais analógicos de circulação ou parada, dentro ou fora da cidade de moradia, pelo seu trânsito no mundo. Por isso eu e Afonso demos *match*, ele passou pela cidade onde eu morava e estava com o aplicativo operando no celular. Um episódio que demonstra a circulação (de pessoas, de significados, de materialidades, seguindo a proposta de George Marcus) propiciada pelo aplicativo, e que utilizei como uma das táticas para seguir o caráter multissituado dos atores sociais em campo e do próprio campo.

De outra forma, essa dinâmica de circulação das pessoas (dos perfis) também é *online*, pode se expandir para outras plataformas digitais, seja por intermédio do próprio aplicativo, seja pela migração para outros *apps*. No caso do Tinder, há uma convergência dos perfis com outras redes sociais do usuário (Facebook, Instagram, Spotify), que permite certos parâmetros destas ficarem à mostra no *app*. É possível certo deslizar por entre elas. A movimentação *online* pode ocorrer, ainda, para outras plataformas da mesma categoria. No caso dos meus entrevistados/as, Happn, Adote um Cara, Skout, OkCupid foram aplicativos utilizados em concomitância com o Tinder. Outra interface bastante acionada em concomitância com esta foi o aplicativo de troca de mensagens Whatsapp. Meus deslocamentos *online* em campo se deram também nessas direções.

Apontadas algumas das questões centrais que embasaram os aspectos metodológicos da pesquisa e tendo situado seu alinhamento à perspectiva multilocal, adentrarei, agora no trajeto do trabalho de campo. Tratar das minúcias do campo se faz importante para a visualização de como foram operacionalizadas (pensadas, executada, modificadas) as demais estratégias adotadas em seu percurso, seus desafios e formas de lidar.

## O andar da pesquisa

Autores como Pelúcio (2016), Bozon (2004), Giddens (1993) dentre outros apontam que desde os 1960 vivenciam-se no âmbito cotidiano os efeitos políticos de amplas mudanças sociais, em especial dos debates e lutas feministas e das modificações nas relações de gênero, bem como, em tempos mais recentes, da politização de temas relacionados às sexualidades não heterossexuais. Esse fenômeno tanto incita a repensar e reformular arranjos e cenários domésticos, das relações sexuais e do relacionamento como vem dotando as pessoas de uma nova linguagem da intimidade, do sexo, dos desejos, do corpo. As esferas pública e privada vêm se retroalimentando no que tange às práticas, expectativas e enunciados amorosos e sexuais. Para Illouz (2011), a vida afetiva passa a ter lugar de destaque enquanto um texto público. É possível perceber que esse texto vem sendo atualizado nos mais diversos espaços públicos, seja nas rodas de conversa, seja nos programas televisivos ou nas redes sociais.

Em meio a esse contexto de publicização da afetividade e da sexualidade, tal como ocorreu com grande parte dos meus informantes, cheguei ao Tinder por intermédio de amigos, oras nas conversas de bar, onde quem usava incentivava os demais a experimentar, oras na particular insistência de um amigo mais próximo. Naquela época, 2014, o uso de aplicativos para conhecer pessoas com as quais se pudesse relacionar afetiva ou sexualmente era novidade entre o público heterossexual, e inspirava certo ceticismo, que eu mesma sentia. Estava solteira e morava em Florianópolis há pouco tempo, então, acabei por sucumbir à insistência dos amigos e à minha própria curiosidade. Por que não usar a tecnologia para conhecer novas pessoas (ou potenciais parceiros)?

Durante quase dois anos fiz uso dele até ter a percepção daquele instrumento, carregado de técnica e emotividade, materialidade e virtualidade, como possível campo de estudos. Em meio às minhas próprias experiências, via e participava de “troca de figurinhas” envolvendo pessoas conhecidas em seus usos, interesses, expectativas, encontros e desencontros proporcionados pelo *app*. Amigos/as me contavam suas histórias e eu comentava as minhas; acompanhava (e vivenciava) o desenrolar mais longo de alguns encontros ou a diversão fugaz de outros. Bem como as frustrações, medos ou decepções. Cancelei meu perfil algumas vezes, para depois reinstalar o aplicativo e retomar a prática de ver perfis, analisá-los, aprová-los ou não e vivenciar as histórias por ele proporcionadas.

Desse modo, as vivências e considerações feitas durante a pesquisa e no texto que dela decorre são permeadas, também, pelo meu olhar de “nativa” do aplicativo, associado ao esforço de distanciamento reflexivo que requer a interpretação antropológica de ambientes

familiares ao pesquisador. O “estranhamento” necessário à análise feito neste trabalho, como propôs Velho (1978) ao analisar as categorias *distância* e *objetividade* na pesquisa antropológica feita em locais de familiaridade, em especial nos contextos urbanos, longe de ser um ato de exotismo ou de distanciamento radical, é a constatação da amplitude destas realidades, que são muito mais complexas que as histórias que vivenciei. Logo, o esforço é o de “confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (VELHO, 1978, p. 13), pontos de vistas que ali se desenrolam; os meus, os das pessoas com quem interagi, os de outros atores que compuseram aqueles cenários.

Foi nessa perspectiva, dos enredos desenrolados numa intrincada malha<sup>31</sup> (INGOLD, 2015) onde afetos e não-afetos são entrelaçados, num fluxo contínuo de pessoas e personagens, que me inseri como pesquisadora. Em abril de 2016, pesquisei sobre outros aplicativos de encontro e fiz perfis em seis deles<sup>32</sup>, além do Tinder, com a finalidade de definir qual seria o campo da pesquisa, dentro do universo dos aplicativos. Configurei os perfis com o que julguei serem fotos minhas discretamente atrativas – discretas, pela seriedade da pesquisa, atraentes, porque precisaria chamar a atenção dos potenciais participantes, num campo onde a imagem é um chamariz essencial. Durante dois meses, em caráter exploratório, fiz observação da dinâmica desses aplicativos, até optar por tornar o Tinder o ambiente de campo principal, uma vez que nele constava um maior número de perfis e interações. Dessa forma, o trabalho de campo nesse aplicativo se deu em um período entre abril e outubro de 2016 e fevereiro e julho de 2017.

No período exploratório, sem saber ao certo o que eu queria ver e com um projeto ainda imaturo como base, me utilizei do meu próprio perfil de usuária do Tinder para, principalmente, observar outros perfis, o modo com as pessoas se apresentavam, suas fotos e as operações técnicas para manusear o aplicativo. Naquele momento de (re)descoberta do programa, focalizei a observação e pouco interagi com outros usuários. Observei muitos

---

<sup>31</sup> Utilizando o termo por inspiração na filosofia de Henri Lefebvre, e num arcabouço conceitual inspirado em Heidegger e Deleuze, Ingold (2012) propõe o uso de malha com uma alternativa à manutenção da ideia de agência fetichizada dos objetos em sua distinção com o sujeito, feita pela teoria ator-rede de Bruno Latour. Propõe, assim, com a malha a ideia de dinamicidade e permeabilidade de relações cujos termos são continuamente formados, “e não enquanto entidades conectadas com limites interiores ou exteriores” (ibid., p. 40). “Portanto, quando eu falo de um emaranhado de coisas, é num sentido preciso e literal: não uma rede de conexões, mas uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento” (ibid., p. 27), linhas de fluxo e contrafluxo que acontecem na vida e onde a vida acontece.

<sup>32</sup> Hot or Not, Happn, Okcupid, Kickoff, Down e Anomo foram os aplicativos. Os dois últimos foram descartados logo no início, porque não havia usuários nas regiões onde usei. Maiores informações sobre eles estão disponíveis em: <https://canaltech.com.br/apps/apps-de-paquera-confira-10-alternativas-ao-tinder/>. Acesso 03-04-2016.

perfis, fiz arquivos com imagens deles e conversei com alguns homens, para só então fazer investidas em perfis femininos<sup>33</sup>.

Em junho daquele ano, já com mais propriedade acerca do que queria pesquisar, modifiquei a identificação no meu perfil para “*Pesquisadora das ciências sociais interessada nas experiências e histórias das pessoas que ali se encontravam*” e curti o máximo de perfis na esperança de que ocorressem *matches* e, assim, poder dialogar com os demais usuários.

Aquele foi um período de transição entre os atos da usuária, acostumada com os trâmites do estabelecimento de relações pelo aplicativo, e o exercício de uma alteridade que não poderia ser radical. Adotei, portanto, como estratégia inicial experimentar algo novo para mim, na tentativa de fazer o trânsito entre familiar e estranho (VELHO, 1978) e, talvez, me sensibilizar às vicissitudes e recorrências que minha familiaridade talvez não me permitisse perceber. Assim e paradoxalmente, decidi iniciar esse processo de estranhamento usando-o “em casa”.

Explico. Quando conheci e passei a usar o Tinder o fiz porque estava estrangeira numa nova cidade. Na acepção simmeliana (2005), estrangeiro é alguém que chega numa localidade e nela permanece, porém dotado da liberdade de ir e vir, do potencial de partir em qualquer tempo. Pode fazer e estreitar relações, adentrar naquele território, mas não carrega o senso de pertencimento. Meu subterfúgio principal para usar o aplicativo foi o fato de estar fora da minha zona de familiaridade. Em minha própria experiência, aquele recurso tecnológico veio como um facilitador oportuno para conhecer novas pessoas, penetrar no lugar. Minha percepção, até aquele momento, era a de que usar o aplicativo seria uma alternativa possível para uma forasteira ampliar seu círculo de relações.

De outro modo, nunca havia me ocorrido ligar o Tinder “em casa” – em Salvador, minha cidade natal –, justamente porque explorar o lugar ou estabelecer novas relações não prescindia, em princípio, da mediação tecnológico-comunicativa de um *app* de paquera. Lá eu tinha um círculo de relações presenciais consolidado, que me bastava. Por isso, quando retornei à cidade para uma breve temporada não me ocorreu nada mais “estranho” que operá-lo naquele que era o meu ambiente de relações já estabelecidas. Seria, portanto, uma novidade ver ali a dinâmica de busca de relações afetivas e sexuais através do aplicativo. A “nova” experiência me rendeu algumas conversas valorosas pelo *app* e uma entrevista presencial.

---

<sup>33</sup> Entretanto, não explorei os perfis femininos para além da observação e de algumas conversas breves, pois percebi que, no geral, mulheres que ajustavam seus perfis para encontrar outras mulheres eram homo ou bissexuais, logo, meus *matches* femininos não entrariam no recorte da pesquisa.

Esse meu exercício de estranhamento inicial se mostrou interessante não apenas pelas conversas que proporcionou. Com o decorrer da pesquisa, ao dialogar com outros usuários/as vi que muitos deles usavam o *app* tanto “em casa” como fora dela, sob justificativas diversas. Se para mim, num dado período, o *app* de paquera representou apenas um modo de conhecer pessoas numa localidade pouco explorada, para outros ele figurava como mais uma forma de jogar com as possibilidades de proximidade e de distância, virtualidade e presencialidade, no estabelecimento de relações interpessoais cotidianas. Um diálogo multidimensional com o lugar físico no qual se está, a despeito das relações já estabelecidas ali. Em alguns casos, era uma alternativa ou incremento aos espaços de socialidade que envolviam amigos ou colegas de trabalho. Em outros, um modo de interagir com um próximo (ou um distante) a quem o acesso presencial era dificultado pelos mais diversos motivos. Ou, para aqueles que estavam em locais de trânsito, de curta estadia ou eram estrangeiros (SIMMEL, 2005), como eu fui, o aplicativo tinha a função de colaborar no estabelecimento de relações, mesmo que transitórias, num novo território. O Tinder se mostrava, então, um recurso para vencer fronteiras sociais, espaciais, emocionais.

A partir desse primeiro experimento, passei a ligar o Tinder em meu percurso diurno, nos lugares onde eu transitava cotidianamente, à noite, no geral em casa, e nas viagens, tal qual faziam muitos dos meus entrevistados/as. O *app* permite configurar as buscas a partir do sexo do usuário, o/s sexo/s de interesse, distância da busca e faixa etária. Alinhada com esses filtros, busquei, no *app* e fora dele, homens e mulheres, na faixa etária entre 20 e 44 anos, que naquele momento procuravam no Tinder parceria afetiva e/ou sexual do sexo oposto. A escolha por usuários/as que procuram o sexo oposto não está vinculada a uma discussão sobre a heteronormatividade no aplicativo – até porque este é usado por públicos de diversas orientações sexuais. Ela está relacionada ao menor número de estudos sobre esse público em comparação ao público homossexual, na época do início da pesquisa.

No Tinder, interagi com mais de 70 homens, a grande maioria dos quais tive conversas informais *online*, seja no próprio *app*, seja migrando para o Whatsapp, aplicativo que possui mais recursos para a comunicação virtual e se mostrou o preferido dos informantes para prolongar o papo. No geral foram contatos mais superficiais, muito distantes de uma estrutura de entrevista, mas nem por isso menos importantes para a compreensão daquele universo relacional. Com eles, realizei duas entrevistas *online*. Outros seis destes homens encontrei pessoalmente e entrevistei.

Já as interlocutoras do sexo feminino conheci por indicação de amigos e conhecidos, ou pertenciam ao meu círculo de relações. Também com elas o aplicativo de troca de mensagens foi importante na comunicação. Entrevistei seis dessas mulheres presencialmente.

Essas doze pessoas entrevistadas presencialmente acabaram por virar minhas principais interlocutoras, pois percebi que por essa via a qualidade das respostas, o detalhamento das informações e a dinâmica da conversa se davam melhor que no *online*. O meio virtual acabou sendo usado também para obtenção de dados complementares e, em alguns casos, estreitamento das relações.

Dentre os entrevistados/as, três mulheres estavam se relacionando com homens que conheceram através do aplicativo, os demais não estavam em relacionamento estável: sete eram solteiros e cinco divorciados ou separados. Uma mulher e um homem possuíam filhos. Uma auto-identificação étnica não foi solicitada aos interlocutores/as, nem questões étnico-raciais foram tematizadas por eles. Entretanto, para compor uma caracterização mais geral, observo que dez deles podem ser considerados brancos ou de pele clara e dois, morenos ou negros. Do mesmo modo, uma estratificação inicial por classe social não pareceu pertinente, tendo em vista que não é um filtro das configurações do aplicativo. Entretanto, apesar de não ser possível selecionar os perfis a serem vistos por critérios socioeconômicos, no *app* é possível ver a escolaridade e o emprego atual dos usuários que optam por deixá-los a mostra. E essa informação não passa despercebida em quem faz a busca.

Além disso, com o caminhar da pesquisa foi possível observar certas características relativas a sua classe social, que os enquadraria, sob o ponto de vista de Bourdieu (1999), como pertencente a uma classe média urbana. Indo além dos condicionamentos a aspectos unicamente ligados à renda, ou, como pontuou Bourdieu, da sua situação ou posição na estrutura social, acentuo aqui o peso relativo do capital cultural em detrimento do capital econômico, assim como sua relação de moradia nos contextos urbanos (apesar de alguns terem ascendentes morando em cidades do interior, ou terem sido criados nelas, ou se refugiarem em algum período nesses contextos). A formação universitária é uma característica comum a todos – seis deles estavam na graduação ou eram formados, seis eram pós-graduandos ou pós-graduados, sendo uma professora universitária e dois servidores públicos federais – e a formação ou profissão era um ponto central em suas vidas<sup>34</sup>. Nesse

---

<sup>34</sup> Essa relação de identificação com a formação universitária apareceu como ponto central entre meus interlocutores, mas não é de modo algum linear. Exemplo nesse sentido é João. Nasceu no interior de São Paulo, mudou-se para a capital paulista onde se formou, trabalhou e morou longo período. Depois, refugiou-se uns anos no interior. No momento da pesquisa esta no meio de uma longa viagem, na qual se estabelecia por períodos variados em capitais e cidades interioranas do país e fora dele, vivendo da música e da troca de serviço por

ponto faço referência a colocações trazidas por Velho (2003b) quando, refletindo sobre os desafios de pesquisar contextos urbanos do que chama de sociedades complexas familiares ao pesquisador, observa a formação intelectualizada dos seus entrevistados oriundos das camadas médias e o componente de *intelligentsia* em suas respostas. Ressalta como características desse fato tanto a complexidade dos diálogos quanto aquele como um componente a pensar o formato das pesquisas e a própria contemporaneidade.

A seguir, trago um quadro-síntese com dados de identificação geral das pessoas que entrevistei presencialmente.

Quadro 1. Relação dos interlocutores/as da pesquisa

Dados Interlocutor/a	Estado de Nascimento	Idade	Nível Educacional	Ocupação	Estado Civil	Filhos	Cor
Marina	Bahia	25	Graduanda	Estudante	Separada	Não	Morena
Afonso	Paraíba	31	Graduando	Profissional Liberal / Estudante	Divorciado	Não	Branco
João	São Paulo	39	Graduado	Músico	Solteiro	Não	Branco
Carlos	Pernambuco	32	Doutorando	Estudante	Divorciado	Não	Moreno
Mário	Ceará	28	Mestrando	Estudante	Solteiro	Não	Branco
Lígia	Paraíba	21	Graduanda	Estudante	Solteira	Não	Branca
Cecília	Paraíba	24	Mestranda	Estudante	Solteira	Não	Branca
Carolina	Paraíba	37	Mestre	Professora universitária	Divorciada	Não	Branca
Joaquim	Santa Catarina	40	Doutorando	Funcionário Público	Separado	Não	Branco
Adélia	Santa Catarina	36	Mestre	Funcionária Pública	Solteira	Não	Branca
Clarice	Santa Catarina	27	Graduada	Estudante/ Dona de casa	Solteira	Sim	Branca
Gregório	Paraíba	31	Graduado	Profissional Liberal	Solteiro	Sim	Branco

Adiante, farei uma breve apresentação desses buscadores/as. Pontuarei como ocorreu o nosso encontro (*on/off-line*), citarei alguns dos motivos enunciados para adesão aos aplicativos de relacionamento e darei um panorama geral da inserção da busca *online* por parceiros em seu percurso afetivo mais recente. Demais aspectos das práticas de uso dos

---

abrigo. Entretanto, ele possuía dois diplomas universitários, não renegava a importância destas formações em sua trajetória e, inclusive, ao longo das nossas conversas citou autores e se utilizou de um jargão científico para tratar de alguns temas, demonstrando o uso do capital cultural que possuía.

aplicativos, das suas motivações e detalhes de suas experiências afetivo-sexuais estarão presentes em outros momentos da dissertação.

## **As pessoas no caminho ou os caminhantes**

### ***Marina***

Encontrei presencialmente com Marina numa tarde calma no boêmio bairro do Rio Vermelho, em Salvador. Ele era uma estudante universitária soteropolitana de 25 anos, separada, recentemente saída de um relacionamento estável e felicíssima por ter encontrado no Tinder quem chamou de sua “alma gêmea”. Havíamos nos apresentado pelo Whatsapp, após um amigo comum – que ambas conhecemos pelo Tinder – falar de uma para a outra. Segundo ela e o nosso amigo, seu uso do aplicativo teria lhe rendido histórias pitorescas que gostaria de me contar.

Marina instalou o programa havia um ano, incentivada por um amigo gay que fazia uso desse tipo de recurso para paquerar. Naquela época, recém terminara uma relação estável, que foi retomada pouco tempo depois. No intervalo, se utilizou pela primeira vez do aplicativo: “Eu comecei a usar o Tinder porque tinha terminado o relacionamento há pouco tempo, pra dar uma levantada na minha autoestima”. Algo que, segundo ela, aconteceu. Dos vários *matches*, encontrou com quatro homens que achou interessantes pelo *app*, mas não ficou<sup>35</sup> com nenhum, pois presencialmente se decepcionou com eles. Desses encontros advieram as situações que ela achou curiosas: um deles era ex-presidiário e durante o encontro lhe contou histórias do tempo de prisão; outro era tão diferente das fotos (de modo decepcionante) que ela pensou inicialmente não ser a mesma pessoa com quem havia conversado pelo *app*. Em tom revelador, confidenciou-me que, na verdade, ao instalar o Tinder “Eu estava atrás de uma pessoa pra namorar, de repente. É, sim, eu queria uma pessoa pra namorar”.

Após um curto período reatou o antigo namoro, casou, ficou alguns meses casada – período em que não usou o aplicativo –, até se decidirem pelo término. Um mês depois do final do casamento, reinstalou o Tinder e reencontrou nele um antigo colega de escola com quem tivera um romance juvenil. Logo passaram a sair, a ficar constantemente, e naquele momento estava vivendo o início de um novo relacionamento com sua “alma gêmea”.

---

<sup>35</sup> Na linguagem das interações e flertes, *ficar* é uma relação afetiva episódica, com ou sem sexo, que não implica em compromisso futuro. Justo (2005) fala do ficar entre os jovens. Mas esta é uma modalidade de interação praticada também entre outras faixas etárias.

### *Afonso*

Afonso, 31 anos, divorciado, morador de Campina Grande, Paraíba, trabalhava no setor de serviços e cursava direito quando nos conhecemos, primeiro via aplicativo, depois pessoalmente. Nosso encontro presencial foi marcado por certo receio, de ambas as partes: apesar de termos marcado em local público, aquela tarde estava chuvosa, e eu tive que me abrigar em seu carro – o carro de um desconhecido – para conversarmos; ele, por sua vez, ao final da entrevista confessou-me que estava com receio de me encontrar num local público e contar sua intimidade, sob o risco de pessoas conhecidas ouvirem.

Apesar da circunstância inusitada, conversamos tranquilamente por quase duas horas. Ele não permitiu que eu gravasse a conversa, alegando que suas futuras ambições profissionais na área do direito eram incompatíveis com a possível revelação pública dessas minúcias de sua intimidade. Também para resguardar sua imagem profissional usava um perfil *fake* no Tinder.

Afonso iniciou o uso do *app* havia mais ou menos dois anos, por indicação de amigos. Em épocas anteriores usou outras plataformas da internet para conhecer pessoas, como salas de bate-papo e sites de relacionamento. Depois do divórcio, passou a usar o Tinder de modo intermitente, e acumulou, segundo ele, dezenas de contatos de mulheres que pretendia usar futuramente para fins comerciais. Além das finalidades amorosas e sexuais, visionava o aplicativo também como uma rede de contatos para negócios.

Afonso disse prezar a diversidade proporcionada pelo Tinder. Por isso o configurava com a maior distância possível e um grande intervalo etário, a fim de atingir mulheres de diversas localidades, de preferência de fora da sua cidade, uma vez que professava uma opinião contundente e negativa sobre as mulheres de lá. À distância, disse ele, não seria empecilho caso a pessoa realmente o atraísse – inclusive, já teve uma *crush* de Recife. Sua expectativa, ao se interessar virtualmente pela mulher, era a de encontrá-la pessoalmente, algo que vinha fazendo ao longo do tempo e lhe rendeu desde encontros sexuais casuais até um namoro.

Foi ambíguo ao falar em suas pretensões no Tinder: ao mesmo tempo em que queria “encontrar uma mulher bonita e conhecer com o propósito de namorar”, disse não ver muito futuro afetivo no *app*. Tinha uma lista muito extensa de critérios de escolha para uma futura pretendente, e se mostrava crítico quanto ao que as mulheres queriam, de fato, de um homem – segundo ele, principalmente estabilidade financeira. Para este rapaz, o Tinder também funcionava como um “laboratório” sobre relacionamentos homem-mulher, e seria subsídio

para um futuro livro que está escrevendo sobre o tema. Por fim, confessou que o *app*, naquele momento, virara um vício: usava-o para aplacar a solidão e socializar com as mulheres.

### **João**

João foi o primeiro *match* com quem me encontrei presencialmente em João Pessoa, em agosto de 2016. Desenvolto com a situação de iniciar uma conversa *online* com uma desconhecida, foi logo contando que era novo na cidade, e, a partir das minhas perguntas, rapidamente falou de onde era, de onde vinha e porque estava ali. Prontamente se ofereceu para ajudar na pesquisa, e sugeriu uma migração da conversa para o Whatsapp.

Paulista, à época ele estava na cidade sem saber ao certo quanto tempo permaneceria. Com quase quarenta anos, solteiro, duas vezes graduado, músico e viajante por opção, João me confidenciou sobre a aventura que foi descobrir o Tinder há mais de um ano, em meio à longa viagem que estava fazendo. Até aquele momento, ele já havia percorrido algumas cidades brasileiras de portes variados, permanecendo o tempo que lhe apetecia; interagia, conhecia pessoas, se inteirava da dinâmica local, trocava trabalho por hospedagem ou tocava em bares em troca do pagamento. Pensava em expandir suas andanças para outros países da América Latina. Conseguiu: da última vez que nos falamos, quase um ano depois da entrevista, ele já estava no México. Tornamo-nos bons amigos, não sem antes ter com ele o primeiro momento marcante e liminar na pesquisa.

Na época da entrevista, o *smartphone* foi uma inovação tecnológica inserida em sua vida em meio à viagem. Foi-lhe dado de presente por um amigo, que vivia numa das capitais nas quais passou. Esse mesmo amigo insistiu para que João usasse o Tinder, programa que vinha ajudando-o a estabelecer relações íntimas a partir de então.

João estava interessado em encontrar companhia e pessoas legais durante sua viagem, e o aplicativo se mostrou uma ferramenta útil. O Tinder para ele “é um local de encontro” prático, que costuma usar nos instantes de relaxamento, quando não está circulando pelas cidades. Especialmente nas cidades maiores, porque nas pequenas “o Tinder é na rua”.

Efetivamente, avaliou, com o aplicativo teve mais encontros durante sua viagem do que no período em que não o usava. Segundo ele, os encontros proporcionados pelo *app* não foram apenas sexuais, mas poderiam confluir para isso, o que não lhe desagradava.

### **Carlos**

Aos 32 anos, Carlos passou a usar o *app* com relutância. Pernambucano, doutorando, morava havia dois anos em João Pessoa. Chegou à cidade casado, e se divorciou em 2016. O aplicativo de encontros, passou a usar poucos meses após a separação, como forma de se reaproximar das mulheres, ou melhor, de reaprender a fazer isso:

**Carlos:** Tanto é que quando eu me separei, uma das coisas que eu tinha receio... Eu não sabia nem como chegar na pessoa, não sabia o que conversar e tal. Aí eu ficava perguntando aos meus amigos assim: ‘Eu faço como?’ Que usava [o Tinder]. ‘Eita, deu negócio aqui, eu faço como? E eu marco pra ir aonde? Já chamo aqui pra casa, é?’ ‘Não, calma! Pergunte se pode!’. Aí ficava naquela, tal. Eu perdi o feeling, assim, dá... Aí, nesse sentido, serviu pra dar uma certa oxigenada nessa parte aí da...

**Sheila:** ...De como fazer para paquerar, flertar...?

**Carlos:** É. Porque não necessariamente para você, sei lá, dizer o objetivo de ficar com a pessoa. Mas o próprio fato de chegar, marcar, eu ficava: ‘Eu vou fazer o que?’ Tinha, tipo, meio que esquecido. Como se fosse esquecido como é que se fazia.

**Sheila:** Aí o Tinder te serviu pra você saber como é que faz? Ou reviver isso...?

**Carlos:** Reviver isso. É. Só que através da mediação do...

**Sheila:**... Do aplicativo.

Igualmente com ele, foram os amigos a incentivar o uso. Tinha resistência ao aplicativo de encontros por achar “coisa de adolescente, coisa boba”. A experiência da solidão, a vontade de ampliar o ciclo de amizades e de conseguir parceiras afetivas e sexuais o fez abrir mão do preconceito e apelar ao Tinder, que passou a usar apenas em casa, pela vergonha de ser visto em público manuseando-o. Outro fator para sucumbir à tecnologia foi o ritmo de trabalho, como pesquisador, que o fazia ficar muito tempo em casa. Sentia falta de encontrar pessoas para simplesmente conversar, em especial fora do círculo acadêmico.

Conhecemo-nos no próprio aplicativo. Ele se mostrou interessado em minha descrição de pesquisadora, uma vez que também o era. Passamos a trocar mensagens a partir daí. Tivemos uma primeira conversa em finais de 2016, quando ele estava iniciando sua vida de *Tinderelo*<sup>36</sup>. Naquela época, já tinha algumas histórias e observações para contar. Mas somente alguns meses depois, período no qual viveu diversas aventuras desinstalando e reinstalando o programa algumas vezes, é que realizamos uma entrevista formal.

Carlos voltava a sua experiência nos aplicativos (Happn, além do Tinder) para a realização do encontro presencial; para ele só importava o pós-online. O Tinder seria um meio das pessoas se encontrarem e só teria sentido se assim o fosse. Seriam dois universos se encontrando, com diferentes expectativas e histórias, nos quais descobririam afinidades ou

---

<sup>36</sup> Segundo o Urban Dictionary, site que informa o significado de gírias e expressões em inglês, *Tinderela* ou *Tinderella* é, em livre tradução, uma mulher atraente que foi descoberta no Tinder. Deparei-me pela primeira vez com o enunciado em um vídeo que viralizou no Whatsapp, produzido pelo site de entretenimento collegehumor.com, que fazia uma paródia moderna com o conto de fadas Cinderela e o Tinder. Nos textos dos perfis do aplicativo é comum encontrar quem esteja procurando um tinderelo ou tinderela, como uma referência à busca de alguém especial, como na história infanto-juvenil.

não. No seu caso, esse testar de afinidades foi feito de modo intensivo durante aproximadamente três meses, nos quais tinha um a dois encontros semanais com mulheres que conheceu naquele ambiente. Aquele período lhe rendeu algumas amizades, foi acolhido pela rede social das pessoas com quem ficava, obteve sexo e fez pelo menos duas amizades coloridas<sup>37</sup>, que ele mantinha até então.

### **Mário**

Se para Carlos a finalidade é o encontro presencial, para Mário a conversa *online* é o ponto crucial e, na maioria das vezes, final. Cearense beirando os 30 anos, morava há uma década em João Pessoa. Na época em que conversamos estava em vias de receber o título de mestre. Era também um período de questionamentos sobre a vida adulta e as escolhas profissionais e pessoais que vinha fazendo, o que ele classificou como um período de crise de valores. Quando começou a usar o Tinder, o *app* lhe veio como uma ferramenta na qual poderia encontrar o que chamou de “objetividade”, ou “juntar o útil ao agradável”, no que tange à satisfação de suas motivações afetivas e sexuais.

Dei *match* com Mário em finais de 2016. Mantivemos uma breve troca de mensagens durante alguns meses até nos encontrarmos pela primeira vez num sushi, no bairro onde morávamos, para uma conversa informal. Algumas semanas depois, nos encontramos novamente para uma entrevista. Em ambas as ocasiões o papo fluiu longamente, seguiu por inúmeros temas que ele correlacionava direta ou indiretamente às suas experiências de vida, emocionais e no aplicativo, do qual se mostrou muito crítico. Colaborou também com alguns áudios adicionais, onde expressava outras inquietações, suscitadas pelos nossos papos.

Mário soube da existência do aplicativo através dos comentários dos amigos, e decidiu aderir havia mais de um ano, seis meses após o término de um namoro e em paralelo ao afastamento do seu antigo círculo de amizades. Esperava, ao mesmo tempo, ao ousar o programa, se sentir atraente frente a outras mulheres, ter relações sexuais e compartilhar ideias, conversar, interagir. Entretanto, tudo isso de modo muito livre, sem cobranças emocionais.

Curiosamente, desde o princípio estabelecia uma relação bem específica com as mulheres com quem dá *match*: prioriza o contato *online* ao encontro presencial. Chegou a sair com duas mulheres que encontrou no Tinder, mas que já conhecia dos seus círculos de amizade. Em ambos os casos, a motivação foi sexual, disse. Entretanto, na maioria das

---

<sup>37</sup> Na linguagem coloquial das relações afetivo-sexuais, os amigos coloridos possuem uma relação afetiva, no momento em que estão juntos se reconhecem como amigos, mas “ficam” ou fazem sexo de vez em quando.

interações o que lhe atraía era a possibilidade de trocas intelectuais. Conversava bastante com elas e quando o papo fluía, pedia seus números de telefone e as ligava.

Mais recentemente ele manteve duas relações de conversas virtuais mais longas. Uma delas se afastou quando percebeu seu desinteresse em seguir para o contato presencial. A outra mulher o chama de “amigo imaginário”, porque eles já conversavam há seis meses e nunca se encontraram. Falam-se por telefone ou pelo Whatsapp.

Sabe um amor platônico? Você está adorando uma imagem do que poderia lhe trazer felicidade. E aí é a felicidade que eu procuro, na minha imaginação, e não a felicidade do plano concreto, realizável, objetivo. Eu conheci você, mas pra minha outra amiga eu sou uma voz. Pronto. Na verdade, pra minha amiga eu sou um texto: ora por voz, ora digitado.

No momento da conversa o *app*, que já o auxiliou em seus propósitos, havia se tornado um passatempo ao qual recorria nos momentos de tédio. Se antes estava satisfeito em analisar os perfis e escolher a dedo suas possíveis interlocutoras, com o tempo passou a dar *likes* aleatórios somente para angariar conversas. Esse movimento já não o aprazia, em sua concepção, se viu deixando de lado suas escolhas para ser a escolha de alguém.

### ***Lígia***

Conheci Lígia na Universidade Federal da Paraíba-UFPB alguns meses antes de entrevista-la na própria universidade. Ela era graduanda em final de curso, moradora de João Pessoa, tinha 21 anos e teve o primeiro contato com o Tinder pouco depois do seu lançamento no país. Viu propagandas sobre o *app* nas redes sociais e ficou atraída pela proposta de conhecer pessoas que estavam próximas a ela. Usou-o brevemente em 2014, apenas para testar suas funcionalidades, desinstalando-o em poucos dias. Dois anos depois, após um término de relacionamento, aderiu novamente ao Tinder por alguns meses. Além do recente *status* de relacionamento, motivou-a conhecer um casal que se conheceu pelo aplicativo e chegou ao casamento. Na época, disse ela, estava estudando muito, saía pouco, precisava conhecer novas pessoas.

Já não usava o Tinder quando da nossa conversa, pois se disse não mais interessada nesse estilo de se relacionar com gente (virtual primeiro, depois presencial). Era como se, alegou, estivesse escolhendo gente numa esteira em supermercado – e sendo escolhida também. Naquele momento não lhe agradava se imaginar fazendo isso. Entretanto, na época em que o fazia, costumava ligá-lo cotidianamente quando já não tinha nenhuma outra atividade, em casa, na universidade e também o experimentou numa cidade do interior

paraibano. Além disso, instalou e usou outra plataforma, o Happn, em Recife, por um curto período de tempo.

O aplicativo de relacionamento passou a ser um entretenimento que às vezes dava certo e lhe rendia a distração ou os papos que precisava. Por intermédio do *app*, se relacionou mais longamente com três homens, dois dos quais conheceu no *off-line*. Foi quando iniciou o namoro com um dos *crushes* do Tinder que ela excluiu seu perfil no *app*. O namoro durou alguns meses, e, segundo ela, nem durante o seu transcorrer nem no término o fato de terem se conhecido por intermédio do aplicativo foi relevante.

### ***Cecília***

No instante em que conheci Cecília, na UFPB, e que a contei sobre este projeto ela se dispôs efusivamente a cooperar. A entrevistei formalmente em abril de 2017, em um bar, num clima de amizade e confiança. Mas desde que nos conhecemos, no ano anterior, passamos a conversar sobre suas aventuras pelo aplicativo. Mestranda, 24 anos, nascida no interior paraibano e moradora de João Pessoa, era uma jovem entusiasta do Tinder.

O usou pela primeira vez num momento de crise de um relacionamento longo, em 2015, incentivada por um amigo gay. Na época, além de sua cidade de origem e da capital do estado, morou também em outra cidade interiorana do estado, e foi nesse eixo que passou a ligar o *app*, motivada pela curiosidade. “Eu não buscava nada”, “era um passatempo”, uma brincadeira com o próprio amigo que a incentivou e que, vez por outra, pegava seu celular e curti os perfis em seu lugar.

Entre as conversas rápidas que manteve naquele período, reencontrou um antigo *crush* no *app*, que a balançou emocionalmente e com quem ficou mantendo o papo virtual por alguns meses. Também conheceu outro rapaz com quem ficou por alguns dias, até retomar o antigo namoro.

Após o término definitivo do namoro, em março de 2016, passou a usar “realmente!” o Tinder, como uma forma de conhecer pessoas. Estava recém-moradora da capital, e o aplicativo, que usava em seus momentos de folga, era seu único recurso de interação com novas pessoas, além dos contatos na universidade. “Procuro amig@s para papo leve”, pôs em seu perfil. “Por que realmente eu nunca me vi procurando algo específico: um relacionamento, um fica, uma saidinha de final de semana. Eu nunca soube o que eu procurava. (...) Só estava ali aberta para um papo, e se o papo fosse bom...” se dispunha a

conhecer os rapazes. Fez isso com pelo menos cinco deles. Apesar dos muitos *matches*, achar o tal papo leve era difícil como “caçar Pokémon<sup>38</sup>”.

Entre desinstalar o aplicativo, nos momentos de desesperança com a eficácia dele, e reinstalá-lo, com alguns meses de uso deu *match* com um rapaz de quem se tornou amiga, até começarem um namoro que perdurava até o momento da escrita deste texto. “Se não fosse o Tinder, eu não teria conhecido José”, pois ele é tímido e de um círculo social completamente diverso do seu. “É mais fácil conhecer pessoas aqui pelo Tinder do que pessoalmente”, fala, se referindo à João Pessoa. Em seu caso, além de um relacionamento amoroso, o Tinder lhe trouxe outros amigos: uma psicóloga com quem deu *match* antes de configurar seu perfil apenas para ver homens e dois dos amigos do seu atual namorado, com quem deu *match* antes de conhecê-lo.

### **Carolina**

Para Carolina, estar no Tinder era seguir o fluxo e negociar com ele. Em suas palavras: “Eu não entrei com uma expectativa nem só de casual<sup>39</sup>, nem só relacionamento. Tem fases”. Professora universitária de 37 anos, divorciada, sem filhos, financeiramente estável, bem relacionada socialmente, Carolina é o que se chamaria popularmente de uma mulher bem sucedida. Ela também foi influenciada por amigos a adentrar o universo dos aplicativos de encontro, havia mais de um ano. Relutou bastante, por achar que se tratava de um “*cardápio de gente*”, ideia que não lhe agradava. Quando aderiu ao Tinder estava há anos sem relacionamentos estáveis, e viu no aplicativo uma oportunidade de chegar até pessoas que estavam distantes de sua realidade.

Conhecemo-nos através de uma amiga em comum, e quando soube da pesquisa prontamente se dispôs a contar suas diversificadas experiências. Desde meados de 2016 nos encontrávamos em ocasiões sociais, momentos nos quais frequentemente surgia uma conversa sobre as novidades de sua vida de *Tinderela*.

Durante o ano em que fazia uso do Tinder, em casa ou em seus trajetos diários, baixou o Happn e teve uma série de experiências por intermédio dos dois. Um dos experimentos feitos por Carolina foi a criação de um perfil *fake* no Tinder, que por um tempo ela operou paralelamente ao seu perfil pessoal. Nele se descreveu como uma mulher casada, e o fez para

---

<sup>38</sup> Popular jogo eletrônico para *smartphone*, lançado em 2016, baseado em realidade aumentada, cujo objetivo é caçar, batalhar e treinar seres virtuais, os Pokémons.

<sup>39</sup> Sexo casual é como os usuários costumam chamar encontros sexuais episódicos negociados com outros usuários no aplicativo, que podem ocorrer uma ou mais vezes entre as mesmas pessoas. Essa também é uma categoria usada na linguagem corrente das interações afetivo-sexuais.

testar a reação daqueles com quem dava *match*, muitos dos quais outros *fakes* também comprometidos.

Tanto a busca por satisfação afetiva e de desejos sexuais como o medo com relação à sua integridade física, ao se expor as circunstâncias proporcionadas pelos aplicativos para satisfazê-los, fizeram parte do percurso de Carolina. Realizei entrevistas com ela em dois momentos, com espaço de alguns meses entre elas. Durante esse segundo momento, no qual ela ficou sem aplicativos durante um tempo e retornara recentemente à prática de avaliar perfis *online*, mudou de propósitos e de estratégias com relação ao *app*. Agora estava sendo mais criteriosa com as escolhas, porque buscava um relacionamento de longo prazo.

### **Joaquim**

Estava em Florianópolis quando recebi um *super like* e dei *match* com um perfil curioso: uma única foto mostrava parte do dorso e do quadril de um homem, vestindo uma calcinha. No perfil, o texto de um homem que se apresentava como um ser humano que gostava de “*de carinho - dar e receber - de cerveja, de barzinhos, de dançar, de assistir séries, de trabalhar, de viajar*”, e que buscava mulheres que curtissem “*inversão e feminização, em segredo*”, para amizade ou relacionamento. Logo após o *match*, Joaquim, que usava o perfil *fake* feito especialmente para atrair mulheres que topassem a sua fantasia sexual, falou do seu interesse em contribuir com a pesquisa, fez perguntas acerca dela e marcamos um encontro para a semana seguinte. Encontramo-nos num restaurante e tivemos uma longa conversa de aproximadamente três horas, sobre sua agitada vida amorosa pelos *apps* de relacionamento.

Joaquim tinha 40 anos, era doutorando, servidor público e um entusiasta pela interação entre pessoas que não se conheciam. Durante a conversa, lembrou-me do *Disque Amizade*, serviço que fazia uso quando adolescente, e das ligações telefônicas para outros países via telefonista, que alguns jovens dos anos 1980 faziam para tentar interagir com desconhecidos longínquos... Depois, com a internet, passou a fazer uso dos *chats*, redes sociais e sites de relacionamento os mais diversos, e num desses caminhos acabou conhecendo a mulher com quem conviveu por oito anos. O Tinder, ele experimentou logo após seu lançamento no país, por curiosidade e para “preencher mais um perfil” em rede social, coisa que sempre fazia. Na época, as propagandas acerca da novidade tecnológica o seduziram a testá-la, mas se decepcionou com a falta de *matches*. Solteiro havia dois anos, após o processo de término daquele relacionamento estável ele reinstalou o Tinder e passou a utilizar cotidianamente mais três aplicativos de paquera (OkCupid, Adote um Cara, Happn), os quais vinha fazendo uso desde então.

Nos seis primeiros meses de uso do Tinder, disse, “não pegava ninguém”, até que um amigo reorganizou seu perfil (mudou fotos e descrição) e a partir daí começaram os *matches* e alguns encontros. Inclusive, namorou durante seis meses com uma mulher que conheceu pelo *app*. Terminaram por conta de ciúmes envolvendo o próprio aplicativo. Retornou às buscas *online*, e por intermédio delas tinha uma média de um encontro por mês. “Pra alguém que está solteiro está de boas, e funciona bem”, comentou. Essa média dizia respeito aos seus perfis *reais*, nos quais ele expunha suas próprias fotos e referências pessoais.

Entretanto, no período da entrevista estava sobressaltado: nos últimos dois meses o Tinder “começou a fazer efeito” de modo inédito. Queixou-se de estar com uma sobrecarga de pessoas para sair: “Nunca aconteceu isso na minha vida!”. O sucesso, em parte, ele relaciona ao perfil *fake* que havia criado há menos de três semanas. Na primeira semana do *fake*, saiu com duas garotas. Na seguinte, com quatro e naquela semana tinha mais quatro encontros, com *crushes* antigas e novas. “Mas, de boas cara, quatro por semana não dá! É muito!”. Por isso quer dar um tempo dos recursos virtuais de busca, e espera se relacionar mais longamente com uma dessas quatro mulheres.

Para ele, ter dois perfis no Tinder vem lhe permitindo exercitar o fetiche reprimido, além de ter proporcionar a interessante experiência de ficar “vendo o comportamento das pessoas” ao seu enunciado sexual direto.

### **Adélia**

Conheci Adélia quando morávamos em Florianópolis, e desde 2014 somos amigas. Quando começamos a usar o Tinder, mais ou menos no mesmo período, não raro contávamos para a outra nossas histórias amorosas ou nos apoiávamos em momentos de “dor de cotovelo”. Quando a entrevistei, há muito ela já havia se oferecido como caso do estudo, ainda mais quando encontrou pelo Tinder o homem com quem estava em vias de morar junto, quando a entrevistei.

Com 36 anos, recém-titulada mestra, servidora pública, catarinense, Adélia confidenciou-me que suas primeiras experiências de busca por parceiros *online* foram com o site do Badoo, há mais ou menos seis anos, após o término de um namoro longo. “Ali eu fui mais ousada... Ali eu peguei mesmo!”, referindo-se ao fato de ter “prego” alguns rapazes apenas com o intuito sexual ou sem compromisso.

Após alguns anos sem usar recursos *online* para procurar parceria, aderiu ao Tinder e ao Adote um Cara, em 2015, e ao Happn no ano seguinte. Usando-os, disse não ter tido grandes experiências, “Porque daí eu já não estava mais naquela onda de pegar, pegar, pegar. Aí eu meio que estava na expectativa de conhecer alguém, porque já estava desanimada da

vida de só pegar. Eu queria conhecer alguém”, alguém para namorar. Os aplicativos seriam uma ferramenta a mais para satisfazer esse desejo afetivo.

Disse que nas baladas e locais que ela frequentava não conhecia “ninguém que prestasse, nada dava certo”, daí tentar no meio virtual. Entretanto, também por essa via se decepcionava com as atitudes masculinas, por isso de vez em quando desinstalava os aplicativos, para depois reinstalá-los e voltar às buscas. Usava o aplicativo em casa ou no trabalho, mas se disse mais exigente: dava poucos *likes*, fazia poucos *matches*, não dava bola pra quem não tinha o perfil que ela queria e saiu com apenas três rapazes.

Em abril no ano passado, após relacionamentos breves e conturbados com pessoas do seu círculo de amizades, ela e o atual companheiro deram *match* no Tinder. Na mesma hora eles começaram a conversar. Saíram no dia seguinte e logo engataram um relacionamento, “Porque ele também queria a mesma coisa que eu”.

### *Clarice*

Clarice falou-me da maternidade como um desejo realizado, e essa concretização ela não esconde em seu perfil nos aplicativos de encontros. Por intermédio de uma amiga, conheci essa mãe de duas crianças, engenheira recém-formada de 27 anos em Florianópolis, onde mora há uma década. Marcamos uma conversa entre a levada de um e outro filho nas creches.

Naquele momento Clarice disse estar arrasada pelo recente fim de um relacionamento, o que a motivou a reinstalar o Tinder, em suas palavras, “para se distrair”, “conhecer gente”, e tentar se refazer emocionalmente.

Entre instalar e desinstalar o aplicativo, que utiliza há dois anos, me contou histórias relacionadas a dez homens que conheceu nesse percurso, alguns dos quais pais solteiros com expectativas de que ela os assumisse e aos seus filhos, e outros com disposição para sexo casual. Com um deles namorou por três meses, com outro ficou mais de um mês, até ele lhe contar parte “estranha” de sua história, envolvendo questões policiais. Nessas duas ocasiões teve medo da exposição tanto emocional como física das suas crianças em seus romances.

Clarice falou do uso dos aplicativos de paquera, Tinder e Happn, como uma forma de tirar ela do foco da maternidade, de criar um “mundinho paralelo” no qual pudesse se sentir mulher também. Além disso, falou da carência afetiva e da falta de oportunidade e tempo de conhecer pessoas por outras vias, em decorrência das suas atividades de mãe solteira. Assim, usava os aplicativos tanto para conhecer novas pessoas e viver aventuras sexuais como para tentar encontrar um relacionamento com alguém íntegro.

### **Gregório**

Quando Gregório ouviu falar no Tinder pela primeira vez estava namorando. Passou os últimos 10 anos em dois relacionamentos, com intervalo de alguns meses entre um e outro: quatro anos com a mãe do seu filho e quase seis anos com outra namorada. No início de 2017, ao terminar este último namoro, decidiu instalar o *app*.

Nele, não procurava relacionamento, como disse, “nem fechado, nem aberto”. Estava numa fase de se preocupar com a vida profissional, cuidar do filho (que mora com ele), resolver conflitos pessoais, não se dispunha a lidar com as obrigações de um romance. Assim, usava aplicativos para conhecer garotas e ficar e/ou fazer sexo. Com disse: “O objetivo é ficar com a pessoa, coisar<sup>40</sup> com a pessoa”. No momento da nossa conversa, estava saindo com duas mulheres, uma delas conheceu pelo Tinder, a outra numa festa.

Conhecemo-nos via aplicativo, e nos tornamos amigos de Whatsapp, trocando mensagens de vez em quando. Meses depois nos encontramos num café, nas cercanias da nossa residência – éramos vizinhos de bairro.

O Tinder foi o primeiro aplicativo de paquera que instalou, depois passou a usar também o Happn. No início ficava “querendo ver toda hora”, pra saber se deu *match* com alguém, se “alguém viu!”. Depois serenou, por perceber que as pessoas continuariam ali. Além disso, ficou com menos tempo para ficar se encontrando presencialmente. Naquele período, usava os *app* de modo intermitente, ligando-os em casa apenas quando estava com tempo livre.

Para ele, o Tinder é uma forma de encontrar pessoas que provavelmente nunca conheceria, e, até ali, já havia lhe proporcionado uma pequena rede de mulheres para encontrar ou manter contato virtual. Porém, curiosamente, apesar da satisfação em estar naquelas redes virtuais de busca, se disse insatisfeito com as usuárias: “O povo hoje em dia não gosta de fazer sexo, não”, há muita “burocracia” para partir aos “finalmentes”. Salientou que o Tinder simplifica o encontro, mas após isso há inúmeras possibilidades e entraves. Um deles é o financeiro, pois não possui carro, nem grande poder aquisitivo e tem verificado que esse quesito é muito importante para seguir com a paquera – sair do *online* para o presencial.

### **Outros percursos**

Joaquim e Lígia souberam do Tinder por intermédio das propagandas comerciais do aplicativo em sites e outras redes sociais. Quando eu mesma estava pesquisando o tema para a

---

<sup>40</sup> No sentido popular, “coisar” pode aludir a fazer sexo.

elaboração do projeto de pesquisa, deparei-me com um sem número de websites que faziam desde a apresentação dos recursos até fornecer dicas sobre como se dar bem nos aplicativos de paquera. Do mesmo modo, sua veiculação em outros espaços da mídia vem crescendo juntamente com sua popularização. É possível ver alusões a eles em programas de TV, seriados, em vídeos na plataforma de compartilhamentos Youtube, existem livros contando histórias de casais que se conhecerem pelo seu intermédio. São aparições midiáticas que atraem, chamam a atenção do grande público para essa novidade tecnológico no campo das emoções, dos afetos, do sexo.

O material daí decorrente acaba se tornando um campo de falas a informar sobre como esses recursos estão sendo produzidos, vistos e apropriados, além dos impactos que causam ou podem causar na dinâmica das relações afetivas e sexuais hoje em dia. Ademais, figura entre os materiais midiáticos opiniões e explicações dos produtores dos aplicativos, que servem como referencial discursivo sobre as possibilidades de utilização dessas ferramentas. Por esse motivo, tais materiais acabam se tornando também uma fonte de obtenção de dados correlacionados às experiências proporcionadas pelo uso dos aplicativos.

Durante a pesquisa, serviram como fontes de dados website oficiais dos aplicativos, portais de notícias, sites, blogs e vídeos que veiculavam matérias e dados relacionados ao Tinder, aos outros aplicativos e redes sociais citados pelos informantes e ao universo das buscas de parceiros *online* de modo geral, desde o lançamento do Tinder em solo nacional, em 2013. Dado o enorme volume de dados encontrados, foi selecionada e categorizada uma amostra desses materiais, que tratava dos seguintes temas: informações oficiais e não oficiais sobre a funcionalidade dos aplicativos; guias para potencializar a eficácia dos aplicativos; matérias relatando casos e histórias de usuários; matérias com informações de dados quantitativos sobre os aplicativos. A leitura e análise desses dados estarão presentes ao longo desta dissertação, como uma das vozes a compor o panorama da utilização social de tais recursos em face de uma contemporaneidade onde os relacionamentos íntimos estão *online*, sendo mostrados, vistos, ensinados, disputados, dos mais diversos modos.

Adiante tratarei sobre esse campo dos relacionamentos íntimos contemporâneos, situando neles os aplicativos como uma das formas de interação *online*. Fazendo, talvez, o que seria um percurso ao contrário, farei uma descrição do que são e como se navega pelos aplicativos de paquera, enfatizando o funcionamento do aplicativo Tinder e algumas formas de contato dos usuários/as com o programa. Em seguida, situarei essa plataforma em breves discussões sobre a internet, a digitalização e o relacionamento, a partir de uma retomada

histórica e de estudos que os tematizaram. Por fim, situarei o tema em debates mais amplos que tomam sexualidade, afetividade, tecnologia e sociabilidade como foco.

## CAPÍTULO 2. IDAS E VINDAS: UM PASSEIO PELA TECNOLOGIA E PELOS RELACIONAMENTOS

“...é um local de encontro. Como um bar, como uma academia, uma praia, uma igreja. (...) É uma espécie, [de local de convivência] só que com a cara dos dias de hoje: simples e direto”  
(João, comunicação verbal)

**Situação 1.** Enquanto estávamos no restaurante conversando, Joaquim se mostrou muito à vontade para falar sobre o uso do aplicativo, mesmo quando pessoas estranhas se sentaram à mesa coletiva conosco. Inclusive, para uma garota, mais jovem e bonita, explicou que eu o estava entrevistando sobre o uso do Tinder e perguntou se ela mesma usava, o que achava e, pasmem, se não queria contar sua experiência para mim. Fez o mesmo com a garçonete que vinha nos atender e com o dono do estabelecimento do qual era frequentador assíduo.

Sua familiaridade com redes sociais já vinha de algum tempo. Nelas pode exercer duas ações que lhe empolgava: conversar e conhecer pessoas e preencher formulários. Por isso, ao instalar o Tinder teve uma dupla frustração: primeiro, não dava muitos *matches* e quando dava as pessoas não conversavam e, segundo, o aplicativo não possuía nenhum formulário mais elaborado para ele preencher. Sua frustração inicial com a ferramenta da busca de pessoas via celular só passou após instalar outros aplicativos de relacionamento, os quais usava em paralelo.

Na conversa, foi dando seu parecer acerca do que, ao ser ver, seriam as vantagens e desvantagens de cada um deles e a possibilidade de se saber mais sobre as pessoas a partir das informações fornecidas por elas, mesmo antes de conversarem. No Happn, lhe agradava a possibilidade de continuar a ver as fotos das mulheres, mesmo que não houvesse uma correspondência mútua. Ele chamou essa possibilidade de “função colírio” do aplicativo. O OkCupid, achou o mais bem pensado, tem perguntas e seleciona pessoas a partir de confluências em gostos e opiniões. Gostava também do nível de detalhamento que o Adote um Cara proporciona, o que possibilita maior descrição de si e a busca de pessoas por interesses ou características específicas. Diz que este é divertido, e tem uma peneira prévia eficiente que permite conhecer pessoas com quem tenha afinidade. Entretanto, esse *app* não é tão movimentado como o Tinder.

Para ele, o Tinder não é o mais bem pensado, sua proposta é a de ser um “albinho de fotos” fugaz, com poucas informações das pessoas e cujas fotos (pessoas, perfis) passam e não retornam caso não haja a manifestação imediata de um interesse mútuo. “O Tinder é bagaceira<sup>41</sup>. Um cardápio de foto, não mostra nada”. Mas, naquele momento, estava sendo o mais eficiente para os seus propósitos de procurar, ser procurado e encontrar mulheres.

Em dado momento daquele nosso encontro seu Tinder notificou um *match* e ele foi verificar. A partir daí, dividiu sua atenção entre a nossa conversa e o aplicativo, que começou a manipular com certo frisson. Decidiu me mostrar aspectos em comum de mulheres de determinada faixa etária, alterando as configurações do seu perfil apenas para buscá-las. Olhava os perfis, fazia algum comentário sobre eles, me mostrava, curti ou não. Dali a pouco, recebeu mais um *match*.

A seguir apresentarei mais duas situações de campo que dão mostra da dinâmica de uso pelos interlocutores/as dos aplicativos de encontro, em especial nos primeiros contatos.

**Situação 2.** Estávamos num bar quando entrevistei João. Logo em princípio, pedi para lembrar como havia conhecido o aplicativo. Ele já havia me contado a história, rapidamente, na primeira vez que nos encontramos; nessa segunda ocasião, mais descontraído, narrou o fato com uma nuance divertida.

**João:** Eu, eu não sentia falta porque no interior o Tinder é na rua, né? [risos] Então, não... Era uma coisa que eu não, nem sabia da existência... Sabia da existência pelos meus amigos, até achava estranho. Não estranho. Assim... ‘Como é que não tinham pensado nisso antes?’, eu ficava pensando. ‘Como é que alguém...? Como é que é isso?’ Só um toque e... Né? Já junta...

**Sheila:** Já faz a mágica...

**João:** Sim. Mas eu, ao mesmo tempo que eu fiquei curioso, eu não... porque eu não tinha o aparelho, então não usava. Mas quando o amigo me presenteou... E disse que eu precisava usar aquilo! [risos] (...) E foi assim minha entrada nesse...

**Sheila:** Sua entrada no mundo do Tinder. Foi em Floripa, né?

**João:** Meu nome é João, tenho trinta e nove anos, só por hoje não vou entrar no Tinder. [risos]

Brincou, numa alusão a um conhecido lema de grupos antidrogadição (só por hoje não me drogarei). Noutro ponto da conversa, tornou a falar sobre a sensação de descoberta do Tinder e do *smartphone*. Mostrou seu deslumbre inicial pelas possibilidades que as ferramentas lhe abriam.

---

<sup>41</sup> Em linguagem popular, bagaceira, no geral, é algo bagunçado. Segundo o site Dicionário Informal, significa “Esculhambação, baderna, lixo, resto de alguma coisa”.

**João:** Que é como um outro lugar de encontro. Né? Só que ele é tão lúdico, e nesse formato de jogo, tão simplificado, como nos dias de hoje tudo, quase, é, que chega a ter essa ludicidade (sic), não é, das fotos, que as pessoas ficam 40% mais bonitas... [risos](...) Então, é essa brincadeira. Você está lá meio dormindo... Então, acho que tem milhares de pessoas que a hora que vão dormir liga, fica ali meio que olham, meio dormindo... Entendeu?

**Sheila:** Você ficou meio viciado, já, algum tempo, assim?

**João:** Não, não... Fiquei no começo! Que eu falei assim: ‘Não é possível!!!’ Eu falava assim: ‘Não é possível, Paulinho!’ Ele falava: ‘É possível! É possível, sim, cara!!!’ Só que aí no começo você vai dando coração em tudo, né? Cê num... Mas aí, depois, você vai sacando, pelas fotos, o que parecem ser pessoas mais interessantes que... Né? Beleza não... Beleza não é... Não quer dizer nada. Então tem que ter algo nas fotos pra mim. No começo era dar *like* até esgotar! [risos] (...) Eu não acreditava. Eu falava: ‘Isso aqui não existe, meu amigo! Isso aqui não existe...’ Mas o amigo falava: ‘Existe, cara. Tá certo!’ [risos] Que pra mim era assim: pô, que simplificação! Né? Você troca ideia, daí você já pode... Que esse aparelho possibilita já trocar fotos, se quiser, localização, já... Né? Tudo! Daí no começo era bem assim.

**Situação 3.** Entre a resistência inicial em aderir ao Tinder e a vivência de suas próprias histórias pelo aplicativo, Carlos narrou, em nosso segundo encontro, seu impacto inicial com seu formato:

**Carlos:** Achei bem engraçado, no começo. Bem louco, assim. [risos]

**Sheila:** Como é engraçado? Me diga aí, como é engraçado?

**Carlos:** Primeiro, o impacto visual, assim, da coisa, né? Que você... Do aplicativo mesmo. Que é a ideia de você ficar passando como se fosse um baralho. Né? As figurinhas. Se você quiser, você joga... se quiser conhecer, joga pro lado direito, se não, joga pro lado esquerdo.

**Sheila:** Cê atrapalhava essa coisa de lado esquerdo, lado direito?

**Carlos:** Não, eu ficava meio com pena, assim, de descartar as pessoas.

**Sheila:** É? Como é isso?

**Carlos:** [risos] Como se eu tivesse, a partir daquele momento que eu jogava pra esquerda, tivesse descartando.

**Sheila:** Descartando...

**Carlos:** Aí eu: por quê? Aí ficava olhando, abria, via todas as fotos, via se tinha descrição... Porque no meu, eu fiz sem descrição nenhuma, né? Tal. Aí, ficava naquela: não sei se eu devo jogar aquela pessoa fora... [risos] Como se aquela pessoa tivesse ali, assim, já. Tal. Porque a experiência de rede social era só Facebook, essas coisas, tal.

**Sheila:** Sim... As pessoas se falam nas redes sociais... De alguma forma se conhecem...

**Carlos:** Sim. Se já se adicionou ali é porque já manda mensagem, já se conhece de alguma forma, ou é questão de trabalho, ou você está seguindo, alguma coisa. E aí a lógica é diferente, não é?

Com o passar do tempo e o aumento da familiaridade com a ferramenta, Carlos já não sentia mais pena de “descartar” as pessoas, especialmente quando na descrição do perfil ou na foto havia algo que lhe desagradasse.

Frustração, espanto, relutância. Sensações despertadas pelo contato inicial com aplicativos de correspondências mútuas que permitem pessoas, no geral desconhecidos, se comunicarem e se encontrarem – flertarem, transarem, namorarem –, bastando ter um celular conectado à internet. Lembro quando eu mesma tive o primeiro contato com o Tinder. Estávamos num bar onde um amigo, num círculo de garotas, nos mostrava a praticidade do programa, passava as “figurinhas”, analisava as candidatas e comentava conosco, interessadas que estávamos em conhecer a novidade. Senti e demonstrei incredulidade. Confesso que tive a impressão de estar vendo um cardápio, assim como o dissera Joaquim. Algo parecido me narrou Carolina, quando falou em sua relutância ao aderir ao *app*: “cardápio de gente”.

Neste capítulo, apresentarei os cenários virtuais onde as interações ocorrem, notadamente os aplicativos de paquera, situando-os em suas funcionalidades, no contexto histórico de sua criação, no campo mais amplo dos mecanismos de buscas de parceiros e em discussões sobre amor, sexualidade e contemporaneidade. O objetivo é traçar um panorama onde se inserem os aplicativos e os estudos sobre esse campo, recorrendo à descrição e à análise dos dados acessados.

### **Encontrando os aplicativos (ou entre xis , corações e estrelas )**

É certo que a popularização desse formato de busca de pessoas veio juntamente com a multiplicação das plataformas. Na loja virtual da Google, ao se digitar paquera no campo de pesquisa aparece uma listagem com alguma dezenas de programas, direcionados para amplos públicos ou grupos segmentados, relacionados à especificidades como faixa etária, etnicidade, sexualidade, expectativas afetivas, locais de circulação. Meus interlocutores/as, em sua maioria, usavam ou já haviam feito perfil em outro/s aplicativo/s, além do Tinder: Happn, Adote um Cara, Skout, OkCupid. Certa circulação pelos aplicativos pode ser compreendida como uma estratégia nessa vontade de conhecer novas pessoas e estabelecer parcerias. Seguindo essa circulação, falarei brevemente dos dois mais comentados, apenas para situar o leitor sobre os caminhos *online* que me foram mostrados.

O Happn é um aplicativo francês, lançado em 2014, cujo foco é favorecer o contato entre as pessoas que se cruzam no dia a dia, “na VIDA REAL”<sup>42</sup>, conforme enfatiza a publicidade do aplicativo. A ideia é que quando os usuários se cruzarem eles apareçam numa listagem de possíveis *crush*, que se amplia na medida em que outros cruzarem seu caminho. Entretanto, o número de possíveis parceiros é limitado.




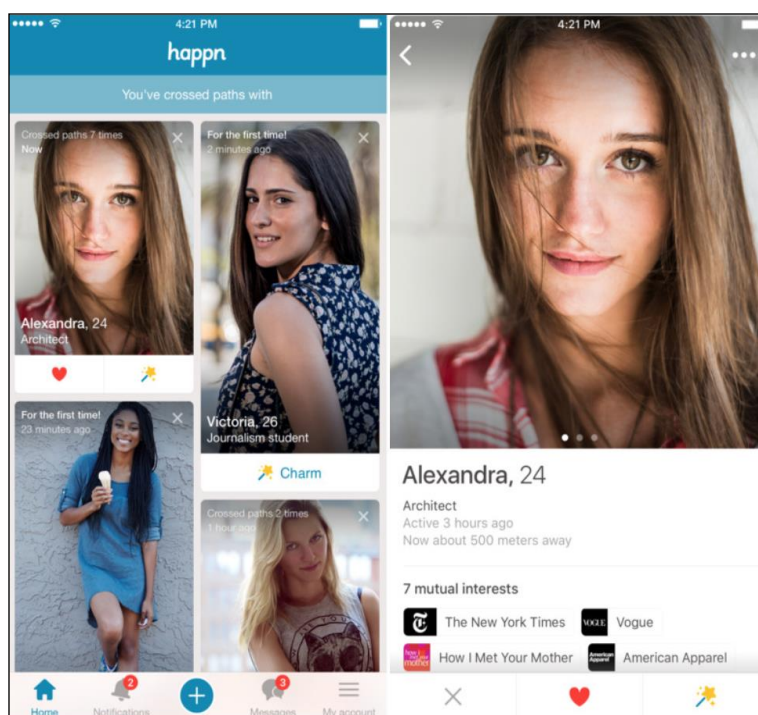
Ícones decoração  e “xis”  indicam aprovação ou rejeição, respectivamente, e demonstrações de interesse mútuo abrem um canal exclusivo para que ambos conversem. O aplicativo também permite demonstrar interesse, jogando um *charm*, cujo ícone é uma varinha mágica . O Happn vem sendo colocado como o principal concorrente do Tinder. Lígia, Carolina, Joaquim, Clarice, Gregório e Carlos faziam uso dele, e todos teceram elogios à ideia do aplicativo. Do mesmo modo, questionaram sua eficácia frente ao principal concorrente. A Figura 2 mostra sua interface.

Figura 2. Interface do Happn.



Fonte: <https://globaldatinginsights.com>

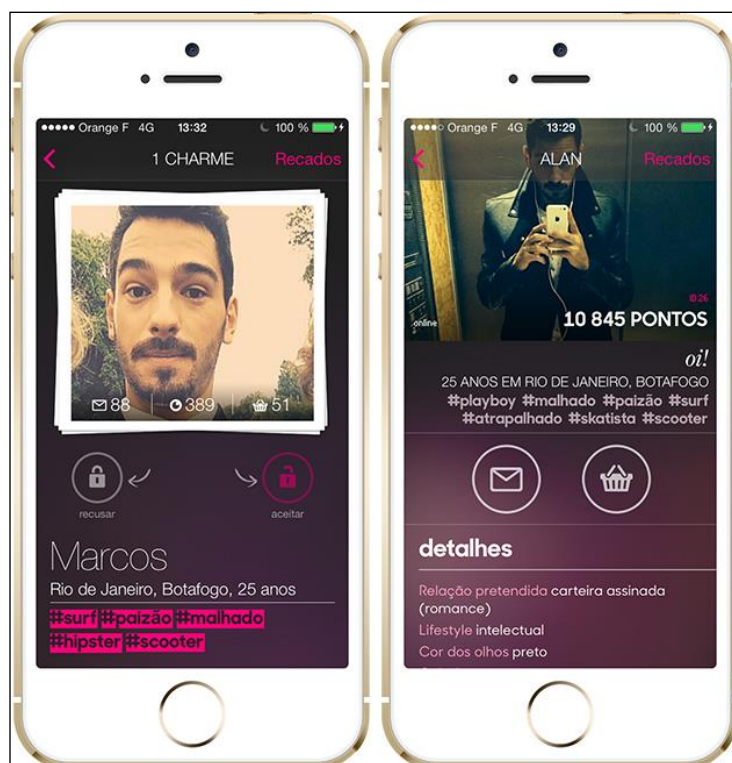
O Adote um Cara, também francês, optou por uma linguagem descontraída e mercadológica para criar um ambiente de “adoção” virtual no qual as mulheres selecionam os homens numa loja *online*. Conforme a alusão a um ambiente de compras, as mulheres (as clientes) informam o que desejam em seus produtos (os homens), entre aspectos físicos e

<sup>42</sup> [https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ftw\\_and\\_co.happn&hl=pt](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ftw_and_co.happn&hl=pt).

outros atributos, ao tempo em que preenchem um fichário com suas próprias características e qualidades. Foi esse nível de detalhe com relação ao que se mostra de si e ao que se deseja do outro que agradou Joaquim.

Na Figura 3 a seguir há um mostra da interface desse aplicativo.

Figura 3. Interface do Adote um Cara



Fonte: <http://www.wpcom.com.br/>

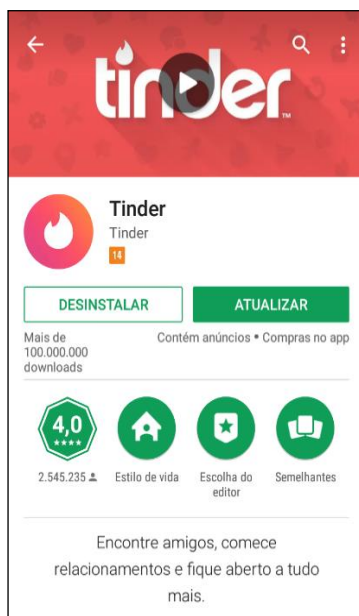
Apesar do aparecimento e sucesso de outros sites, o Tinder, em termos de número de instalações, é o mais popular entre eles. Quando foi lançado no solo – virtual – brasileiro, sendo uma novidade em rápida ascensão e de intensa aceitação, virou notícia em portais de jornais, revistas e sites de tecnologia na internet. Via de regra, eram textos informativos donde se demonstrava brevemente como usá-lo e os pontos positivos do aplicativo: praticidade da proposta e do manuseio, discrição e preservação da privacidade dos usuários, a sensação de segurança com relação aos perfis falsos, a possibilidade de evitar situações constrangedoras como o “fora” ou ser ignorado numa situação de paquera, a sutileza de um apelo menos sexual que plataformas anteriores.

O *Correio Brasiliense* e o portal *Olhar Digital* fizeram, na época, entrevistas com Justin Mateen, cofundador do programa, nos quais ele reforçava a ideia daquela como uma plataforma de descoberta social, cujo foco seria conhecer novas pessoas. Este seria o grande

diferencial do aplicativo frente às demais redes sociais, centradas em conectar e estreitar laços entre pessoas já conhecidas. Em suas palavras: “O aplicativo traz a experiência da interação humana”<sup>43</sup>, está “focado em descoberta social e formação de novos relacionamentos”<sup>44</sup>. Inclusive, sob a pergunta um tanto indiscreta de um dos repórteres sobre eles mesmos terem benefícios pessoais com o *app*, Mateen responde: “Estamos usando o Tinder diariamente para conhecer pessoas interessantes”.

Curiosamente, resposta similar me deu João, quando perguntei o que ele buscava no aplicativo: “encontrar mulheres interessantes”. Encontrar pessoas interessantes para sexo, “algo mais”, namoro foram as respostas de Clarice, Lígia, Gregório, Afonso, Cecília, Joaquim, Carlos, Marina, Adélia e Carolina. Nas notícias que acessei, o *app* era relatado como um aplicativo de paquera, feito para solteiros e “pessoas descoladas” encontrarem “algo casual” ou um amor, a despeito do objetivo mais amplo de conectar pessoas para fins diversos além dos afetivos e sexuais, propagado em princípio pelos seus criadores. A propaganda do programa na loja de *apps* da Google (Figura 4) acentua esse caráter de “algo mais” ou, como há na descrição, da possibilidade de ficar “aberto a tudo mais” no Tinder.

Figura 4. Print do Tinder na loja de *apps* do Google.



Fonte: *Play Store*, Google.

<sup>43</sup> [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2013/12/11/interna\\_tecnologia,402827/aplicativo-tinder-vira-febre-no-brasil-confira-entrevista-com-o-cofundador.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2013/12/11/interna_tecnologia,402827/aplicativo-tinder-vira-febre-no-brasil-confira-entrevista-com-o-cofundador.shtml) Acesso em 28/11/2017.

<sup>44</sup> <https://olhardigital.com.br/pro/noticia/criador-do-tinder-brasileiro-e-ocupado-demais-para-encontrar-namoro-ou-38499>. Acesso em 28/11/2017.

Certos textos o retratavam, ainda, como uma espécie de brincadeira ou jogo divertido, cujo alvo era a possibilidade de conversar e encontrar com quem também manifestou interesse por você. Ele se estabelece, pois, como um ambiente de sociabilidade (SIMMEL, 1967; 2006) caracterizado pela sociação lúdica motivada pelo prazer, pela busca por complementaridade, pelo interesse mútuo na interação. João, que até o momento de manusear o aplicativo pela primeira vez pouco sabia da sua existência e, por opção, tentava se manter afastado de grandes inovações tecnológicas, teve essa impressão. Em sua concepção, tal era o caráter lúdico do aplicativo que seria como estar diante de um jogo simples e direto, sensação compartilhada por Joaquim, Carolina, Cecília e Carlos.

Essa sensação de simplicidade e imediatez se relacionam tanto ao modo de aproximação com o outro como no manuseio do programa. E, de fato, após vencer qualquer barreira inicial, os demais passos para experimentar o aplicativo acabam por ser simples para quem já possui familiaridade com a instalação de programas em *mobile* (nenhuma das pessoas com quem conversei me indicou problemas relativos a essa aproximação técnica inicial com o aplicativo). O primeiro passo é identificá-lo na loja de *apps* do *smartphone* e instalá-lo. A instalação ocorre automaticamente. No geral, o Tinder e os demais *apps* de relacionamento são baixados gratuitamente – algumas funcionalidades, estas sim, é que podem ser cobradas. Uma vez instalado, a mágica Tinder acontece...

Ao abrir o programa, a frase *Descubra pessoas novas e interessantes perto de você* serve como estímulo. Assim como a imagem de uma mulher bonita, jovem, sorridente, “descolada”. Nessa mesma página inicial, consta o botão *Fazer login com o Facebook*, que é o modo de validar sua entrada na plataforma. Há ainda a inscrição de que não será postado nada relativo ao aplicativo naquela rede social, o que asseguraria a privacidade dos usuários. A convergência com o perfil do Facebook seria a responsável pela sensação de segurança contra perfis falsos de que trataram as notícias. Na prática, os perfis falsos ou *fakes* são uma constante hoje no aplicativo. E isso não parece desencorajar os usuários.

Um dos motes do aplicativo é o ato de deslizar telas (*swipe*) para ter acesso a um novo conteúdo. Deslizando essa tela inicial da instalação, há outras três onde se lê breves frases informando sobre a operação básica do programa. *Deslize para a direita para curtir alguém ou deslize para a esquerda para ignorar*, diz o segundo frame. *Se eles também deslizarem para a direita, é um Match!*, há no terceiro. E, por fim, *Só os seus Matches podem conversar com você*. No terceiro frame há a indicação gráfica do *match* e, no último, do *chat* que se abrirá. Tal como se resume nessas breves frases, a operacionalização do aplicativo se dá de forma a facilitar a busca de outros/as usuários/as, a partir da realização de um perfil próprio e

escolha de outros perfis que estão na rede. Se houver correspondência mútua do interesse em se conhecer – o que é feito pelo ato de deslizar para a direita ou apertar o símbolo de coração –, ou seja, um *match* (Figura 5), um *chat* é desbloqueado e a conversa pode ocorrer no próprio aplicativo.

Figura 5. Janela de combinação ou *match* do Tinder.






Fonte: Tinder.

Além de fazer o *login* no Facebook, outra condição para a entrada no sistema é conceder ao aplicativo acesso as suas informações de localização. Esse passo é fundamental, uma vez que a geolocalização é um dos seus recursos fundamentais, que tanto permitem o acesso ao outro em dado raio a partir da sua própria localização, como restringe esse acesso a 160 km de distância, no máximo<sup>45</sup>. Após concedida a permissão, sua localização é

---

<sup>45</sup> O aplicativo, apesar de ser disponibilizado gratuitamente, é um produto de uma empresa privada, logo, feito para gerar lucro. Em sua versão paga estão disponíveis “vantagens” adicionais, como a possibilidade de simular diferentes locais, o que possibilita procurar pessoas para além dessa delimitação. Essa versão, menos popular, é desbloqueada no aplicativo mediante pagamento mensal ou planos trimestral e semestral. Apesar das funcionalidades adicionais da versão paga, seu uso não será pormenorizado, por não ser utilizado pela grande maioria dos participantes da pesquisa. Vale salientar, porém, a atratividade da versão gratuita do Tinder, que mesmo em suas funcionalidades básicas permite aos usuários/as manter conversas com seus *matches*. Alguns dos

identificada e o aplicativo prontamente iniciará o modo de busca, ou seja, após usa entrada, o que se vê é sua imagem de perfil e a informação *Procurando pessoas ao ser redor*, para logo depois aparecer a foto principal de um dos perfis de usuários que estão no seu raio de busca *online*. Abaixo de cada fotografia estão os símbolos de não curtir , *super like*  e curtir , em ordem, da esquerda para a direita<sup>46</sup>. A cada vez que o usuário abre o programa, de imediato a busca começa. E operando por detrás dos seus próprios critérios de busca, dos *likes* ou *dislikes* que se dá com base nas imagens, texto e demais informações que vê nos demais perfis, o programa faz sua (grande) parte, definindo, através de algoritmos, quem serão as pessoas que aparecerão para você como potenciais candidatas.

Uma vez feito seu perfil, ele fica na rede mesmo que você não esteja *online*. Desse modo, o usuário ativo está permanentemente disponível para ser buscado, escolhido, ignorado ou receber eventuais *matches*. E basta estar conectado à internet e com o programa ativo no celular para receber uma notificação de combinação (um som e/ou uma vibração), que pode ocorrer em qualquer momento – numa reunião, no meio de um encontro romântico, quando se está sendo entrevistado... Tudo muito direto e simples. Será? Facilidade técnica no manuseio e simplicidade no estabelecimento de relações são estratégias comerciais de sedução ao aplicativo que têm suas especificidades e limitações. Citarei adiante algumas delas, inicialmente as atreladas à dimensão de manipulação técnicas do programa.

Ao alcance dos seus dedos, em uma deslizada, como colocou Carlos, está a decisão de descartar a pessoa ou não. Nesse caso, a rejeição é algo discreta, não tematizada diretamente. Uma vez conectado à rede, é fácil, como relatou João, ficar freneticamente olhando os perfis, dando *like* até as possibilidades acabarem<sup>47</sup>. Ou, alternativamente, se deter em cada perfil, observando os detalhes e possibilidades de ter seu interesse despertado por imagens e breves conteúdos textuais, como fazia Carlos. Ou fazer ambos os movimentos, tal como Joaquim.

---

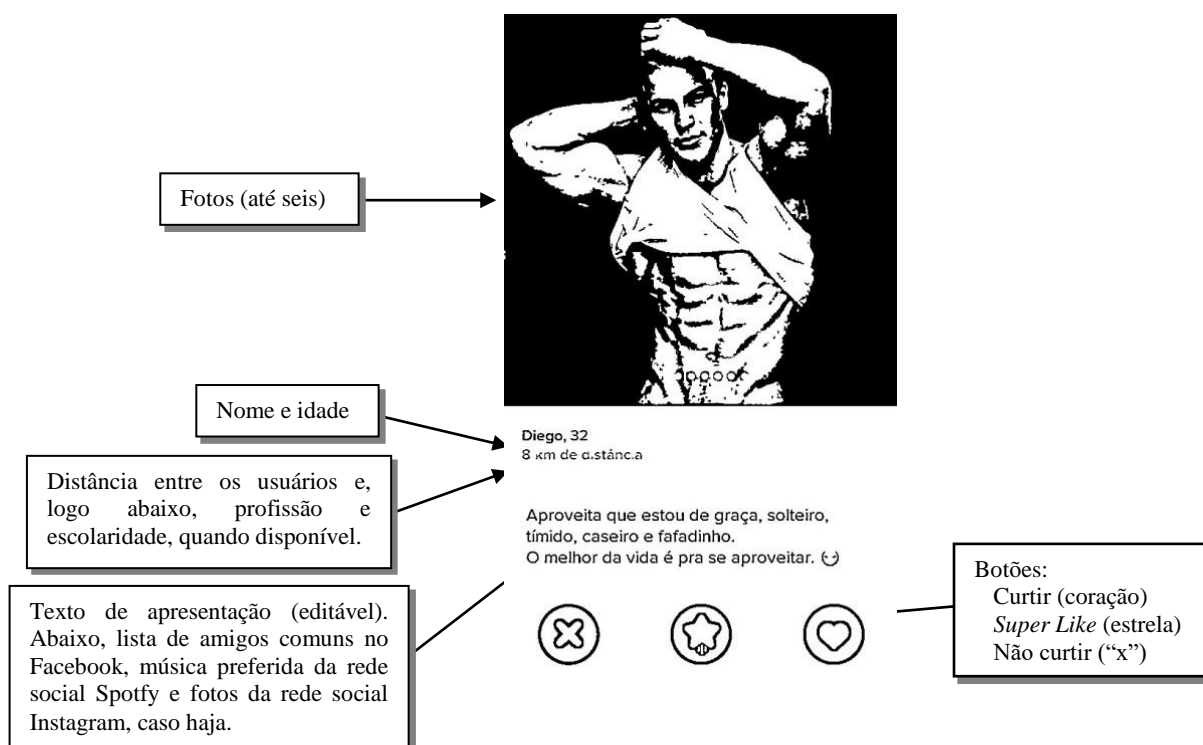
*apps* que estão no mercado da paquera condicionam o bate-papo ou mesmo a identificação de quem lhe deu *like* ao pagamento.

<sup>46</sup> Ao longo do tempo da pesquisa, o aplicativo sofreu modificações no formato. Foram alteradas posições de botões e inseridos outros. Por exemplo, recentemente passou a ser possível, ainda na tela inicial, clicar na fotografia do pretendente em locais específicos para abrir seu perfil ou passar suas fotos (sem a necessidade de abrir todo o seu perfil). As mudanças ocorreram em função da inserção de novas ferramentas (a maioria delas pagas), ou para conferir um caráter ainda mais dinâmico à busca.

<sup>47</sup> O que acontece por não haver mais perfis da rede no raio de distância configurado no programa ou devido ao limite de uso. A partir de 2015, a versão gratuita do aplicativo restringiu o número de curtidas, bloqueando-as ao chegar ao limite e liberando para novo acesso 24 horas depois. Na versão paga, o bloqueio não corre. Eu soube, em algumas conversas com os demais usuários, que havia formas de burlar esse empecilho, assim como era possível driblar outras restrições do *app*. Havia um mecanismo para, por exemplo, manipular mais de um perfil de usuário no mesmo aparelho celular, sem a necessidade de deslogar.

E o que consta no perfil do usuário para subsidiar essa escolha? Automaticamente o Facebook migra para o *app* o nome do usuário, sua idade, amigos em comum com o outro e páginas curtidas naquela rede social. Tais informações não podem ser alteradas dentro do Tinder. Algumas fotos e a profissão também são migradas, entretanto, as primeiras podem ser alteradas pelo usuário e a última lhe é permitido ocultar ou deixar à mostra. Os demais dados do seu perfil podem ser alterados, sendo eles as fotos (o programa comporta até seis delas), o texto de perfil (limitadas a 500 caracteres) e o sexo. Na Figura 6 é possível ver como estão ordenados os dados do perfil do usuário que fica acessível aos demais.

Figura 6. Perfil de usuário do Tinder, com legenda.



Fonte: Tinder.

Tais possibilidades de alteração se encontram num discreto botão de edição, que fica ao lado de outro, também discreto, botão de configuração. Este dá acesso aos *Ajustes de descoberta*. Nele, são editáveis o sexo das pessoas que você quer buscar, a distância máxima de você, a faixa etária dos pretendentes, se deseja que seu perfil fique à mostra na rede e as configurações de notificação. Sua localização, na versão gratuita, não pode ser alterada. Caso deseje saber mais sobre as diretivas legais do aplicativo, contatar suporte técnico ou mesmo sair ou deletar sua conta, essas opções são feitas através do botão de configuração. Percebi, ao longo das conversas, que nem todos utilizam esses dois recursos de edição, em especial no

início do uso. Assim, mesmo informações que poderiam ser alteradas, como fotos, permanecem no *default* do programa, ou seja, as fotos que o próprio *app* selecionou do Facebook. E isso pode causar algumas surpresas.

Quando Gregório e eu demos *match*, numa de suas fotografias ele estava carregando um menino, que depois soube se tratar de seu filho. Ao conversarmos pessoalmente, ele confessou que não sabia que aquela foto em particular estava lá, pois não tinha revisado as fotos que o aplicativo selecionou da rede social: “Olha a minha cara de quem configura Tinder? [risos] A foto que ele puxou do Facebook ficou”. Descobriu que ela estava lá porque uma de suas combinações perguntou se era filho ou sobrinho. Ele se assustou ao saber que a foto do filho estava lá exposta, e a tirou. “Aí eu descobri que se podia adicionar fotos no Tinder, né? Aí eu tirei essa, até mudei as fotos.”

A curiosidade de Lígia em saber como os outros estavam lhe vendo também veio com o tempo de uso, e um espanto:

Eu vi que o Tinder, ele puxava as fotos do Facebook, todas as que eram do seu perfil e colocavam como foto principal. E quando eu fui olhar como é que eu apareço no Tinder... Nossa senhora!!! Eu disse: ‘Gente! Que moléstia, isso?!’ Umás fotos minhas, assim, extremamente... Foto de olho, foto de eu no mato. Umás coisas muito, muito diferentes do que habitualmente eu via até nos perfis masculinos, que eram mais fotos de rosto, foto de corpo, com umas amigas. Eu não sei como é o universo feminino. Mas pelo menos no universo masculino eu nunca me deparei com um perfil masculino como o meu. Sabe?

Eva Illouz (2011), quando abordou as relações afetivas na internet através do uso de sites de relacionamento, destacou que tais sites são empresas que exigem do usuário a elaboração de um perfil pessoal, ou, nas palavras da autora, a representação pública do eu psicológico privado para um outro generalizado e abstrato, num campo de intensa competição. Para ela, o perfil seria feito a partir de um exercício racional de autorreflexão e enquadre de si mesmo e do outro em categorias pré-definidas, com o propósito de gerar sociabilidade pela compatibilidade afetiva. Seguindo em uma direção próxima, Iara Beleli (2015), no artigo *O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais*, retratou o uso das mídias digitais de busca de parcerias amorosas/afetivas/sexuais por mulheres adultas da classe média paulistana. Ao fazê-lo, destacou o uso das imagens na “manipulação estratégica na construção de si” frente aos possíveis pretendentes em ambientes *online*, servindo como ferramenta de identificação de afinidades e diferenças – de classe, geração, raça/cor, localização – no processo de eleição de parceiros.

Concordo com as autoras que o destaque dado às imagens e à autodefinição nos sites e *apps* de relacionamento leva a percepções que vão além de parâmetros de beleza, e se estendem para a identificação de traços sociais mais ou menos atrativos por quem as analisa. As pessoas com quem conversei relataram, em sua maioria, que além da beleza ou de traços físicos específicos vistos nas fotos dos perfis alheios, lhes chamava a atenção aspectos que identificassem o estilo de vida do outro e revelassem aspectos socioeconômicos, culturais, posições políticas e condutas morais que fossem correspondentes às suas próprias ou lhes parecessem positivas.

Narrativas como as de Gregório e Lígia, por outro lado, me fazem pensar que, em certas circunstâncias, mesmo num aplicativo cuja imagem é o apelo central, pode ser mais frequente do que se pensa certa despreocupação inicial com a imagem que se mostra de si, ou mesmo com a imagem do outro, em função de um resultado prático. Seguir distraidamente o fluxo da profusão de perfis e *matches* que pulam na tela do celular, ou simplesmente não atentar para a necessidade de edição do programa talvez condiga com o que Schütz designa como a *atitude natural no mundo da vida*, a capacidade de lidar com situações da vida, construindo sentido, resolvendo problemas no *loci* onde ocorrem suas experiências diretas cotidianas, pois essa está fundamentada no seu estoque de conhecimento. Nesse sentido, o indivíduo alinha os conhecimentos que adquiriu, os quais lança mão na execução de suas tarefas do dia a dia, a interesses práticos: “devo compreender meu mundo da vida no grau necessário para poder atuar nele e operar sobre ele” (SCHÜTZ & LUCKMANN, 2003, p. 28).

Por isso, quando perguntei a Lígia se ela havia alterado suas fotos incomuns que lhe despertaram tanto espanto, ela respondeu: “Não, deixei como tava [risos]. Se tá dando certo, né? Dando *match* direto!”. Por outro lado, para Joaquim seu perfil só passou a dar certo quando um amigo alterou suas fotos – colocou fotografias que ele julgava mais atraentes para um espaço imagético público e virtual – e sua identificação de perfil – cuja antiga julgou muito protocolar e direta, alterando para uma mais insinuante e menos reveladora sobre ele ou o que ele procurava ali. No capítulo seguinte tratarei com mais detalhes sobre como meus informantes buscavam, se mostravam e interagiam com outros pelo Tinder. Por ora problematizo as relações entre certo conhecimento na prática – com seus erros e acertos – das ações necessárias para “dar certo” como uso do *app*. E esse aprendizado prático parece se dar também no modo como se manipula e configura o aplicativo tecnicamente, para que ele informe quem você é, o que quer e parâmetros básicos sobre quem está buscando.

Não raro, situações curiosas me foram relatadas pelos buscadores/as com quem conversei envolvendo o desconhecimento sobre as configurações, o manuseio equivocado do

*swipe*, ou mesmo falhas técnicas no aplicativo que interferiam diretamente no modo de desfrutar daquela tecnologia. João, Joaquim, Carolina e Gregório criticaram a dinâmica técnica do aplicativo, em especial quanto à falhas na notificação de novas mensagens que os fizeram “perder oportunidades”, ou seja, dificultou a conversa imediata com quem se gostaria de falar ou atrapalhou uma conversa já em curso. Nas palavras de Carolina:

De interface, eu acho péssimo (...) porque o problema é, quando você abra a interface, os botões estão dispostos de uma maneira, e quando você abre o perfil, eles mudam. Então eu já dei *super like* errado, já fiz coisa errada por causa disso. O chat é péssimo, ele não notifica. As notificações falham. Então, às vezes eu via a mensagem dois, três dias depois. O que era péssimo, porque dava a entender que eu não tava a fim. E às vezes era uma coisa, assim de alguém que tava na cidade e já tinha ido embora. Quando eu ia ver... Então, nesse sentido é muito ruim.

Outros se viram perdendo um perfil que se queria muito curtir ou um possível *match* por fazer o movimento do *swipe* para o lado contrário. Alternativamente, combinações inexplicáveis ou indesejáveis advieram do mesmo erro. Uma usuária do sexo feminino falou da frustração em ver que não recebia curtidas, até perceber que seu perfil estava indicando que ela era homem – ou seja, ela aparecia nas buscas de homens que procuravam outros homens. Por outro lado, o próprio *designer* e limitações do aplicativo podem proporcionar a sensação de vulnerabilidade e hiperexposição dos usuários, conforme prossegue Carolina:

E eu acho que o fato do *chat* ser ruim de notificação, não poder mandar foto, leva muito as pessoas a irem pro Whatsapp. O que eu acho que por um lado é muito ruim. Porque, primeiro, pelo Whatsapp você tem misturado ali todo mundo. É família, é trabalho. E é um grau de disponibilidade que você não necessariamente quer ter com pessoas que você está conhecendo agora. E segundo, que é uma exposição. Porque se eu tô no aplicativo, e eu descombino, aquela pessoa já era. Mas, por exemplo, se eu bloquear alguém no Whatsapp, nada impede que essa pessoa tenha acesso a mim por outro modo. (...) Por exemplo, eu descobri no Instagram, tem como você fazer busca do Instagram dos seus contatos da agenda. Então é muito fácil você chegar no Instagram de qualquer pessoa da sua agenda, se você tiver o número. E eu já usei isso. Aí eu descubro o Instagram, aí eu vou lá olhar, aí quando eu pergunto a pessoa: ‘Você tem Instagram?’. ‘Ah, não tenho’ (...) Eu não adiciono no Facebook justamente porque eu acho que o Facebook é mais invasivo ainda.

A quebra de fronteiras da imbricada relação humano-máquina, físico-não físico, manifestada no mundo mítico ciborgue de Haraway (2009) nos anos 1990, vai se fazendo no dia a dia. Como pude perceber ao longo das interações com os buscadores/as do Tinder, esse fluxo de conhecimento na prática se dá por um processo de negociação e aprendizagem, seja

de códigos relacionais que operam nos e/ou entre os ambientes digitais e presenciais, seja das operações técnica de aparelhos e programas. Nas palavras de Miskolci (2016, p. 283):

Em outros termos, desde a virada do milênio com a disseminação da banda larga e dos sites que buscaram tornar mais social a rede também passamos a entrar em uma era em que a socialidade passou a se tornar mais técnica.

É sobre o surgimento desses aparelhos e programas que trazem consigo um processo de transformação sociotécnica que tratarei a seguir.

### **Uma volta pela Internet: entre história e estudos**

Na *sociedade em rede* e da comunicação global propalada por Castells (2003), essa dinâmica de troca de informações envolvendo interesses humanos e artefatos tecnológicos é compreensível. Para esse pioneiro das ciências sociais nos estudos das implicações da internet nas estruturas societárias, a comunicação consciente seria a matéria básica de distinção biológica da humanidade e a rede a sua forma organizacional mais flexível e adaptável. Logo, a internet seria o meio tecnológico pelo qual essas características ganhariam expressão máxima. No início do milênio, ele afirmou que estaríamos vivendo o tempo das “redes de informação energizadas pela Internet” (CASTELLS, 2003, p. 7).

A década de 1990 e o início dos 2000 foi o período inicial da proliferação dos estudos sobre o fenômeno internet. Os estudos, de modo geral, se concentraram na comunicação, filosofia e ciências sociais, com uma contribuição ainda incipiente da antropologia. Segata (2016) aponta que na época havia uma polarização entre autores que, por um lado, sobressaltavam os aspectos positivos das novas tecnologias, ressaltando a conectividade, a inteligência coletiva e a democratização do acesso à informação e comunicação. Do outro lado, estavam os propagadores de características negativas, que anteviam nas novas tecnologias a disseminação do isolamento social, da ilusão e da segmentação. Esse autor fala em termos de ‘apologéticos’ versus ‘apocalípticos’. Jungblut (2004) e Nicolaci-da-Costa (2005) nos lembram que polarização semelhante ocorreu nos tempo da disseminação do telefone (década de 1920) e dos meios de comunicação de massa (nas décadas de 1960 e 1970).

No Brasil, em princípio, grande parte dos estudos foi levado a cabo pelas Ciências da Comunicação, que via de regra tendiam a situar a internet apenas como meio de comunicação. É nesse momento que termos como ciberespaço, mídias, cibercultura, biotecnologia começam

a ser difundidos<sup>48</sup>. Período, também, no qual a antropologia brasileira começa a se apropriar deste como um campo de estudos, disputando pontos de vista com as demais disciplinas e sendo palco de disputas internas entre pares pela consolidação de uma área desacreditada como objeto da análise etnográfica<sup>49</sup>.

Num artigo, hoje clássico, publicado em 1994, Arturo Escobar (2016) propõe os passos iniciais em direção ao estabelecimento do que chamou de “antropologia da cibercultura”. Nele, trata de categorias de análise que permeiam esse então novo campo de pesquisas da disciplina, um amplo leque de temas relacionados à natureza social, impactos e usos das novas tecnologias de computação e informação e biotecnologia, para ele, objetos de estudo da cibercultura. Além de citar questões ainda hoje bastante em voga no estudo antropológico das novas tecnologias, se mostrou um visionário ao antever as atuais discussões metodológicas acerca da relação *online/off-line*, delimitações dos grupos pesquisados, questões éticas. Seu texto é um convite à antropologia e aos antropólogos para encarar as relações que se desenrolam ao redor das novas tecnologias como foco de investigação, relacionado às mais diversas áreas.

Toda tecnologia emerge de condições culturais particulares ao mesmo tempo em que contribui para a criação de novas condições culturais. Os antropólogos podem estar bem preparados para entender estes processos se estiverem abertos à ideia de que a ciência e a tecnologia são campos cruciais para a criação da cultura no mundo contemporâneo. (ESCOBAR, 2016, p. 22)

No Brasil, segundo Segata (2016), a apropriação do tema como foco de análises antropológicas contribuiu para deslocalizar o estudo da internet como mero estudo de meio de comunicação de massa e alocá-lo como análise das relações sociais ocorridas naquele ambiente, ou melhor, das imbricações entre tecnologia e relações socioculturais. Isso ocorreu a partir de 2002, quando foram feitas pesquisas que demonstravam a sociabilidade ocorrida dentro dos espaços constituídos na internet. Verifica-se, em épocas mais recentes, a passagem da tônica investigativa do “ciberespaço” (LÉVY, 1999), enquanto um setor específico, a parte na vida, para as análises que abordam o processo de digitalização e as continuidades entre *online* e *off-line* como parte de uma contemporaneidade comunicativa em rede (VAN DIJCK, 2016; MISKOLCI, 2016; LEITÃO e GOMES, 2018). Assim sendo, desde os estudos

---

<sup>48</sup> Para discussões sobre os impactos das novas tecnologias na contemporaneidade, ver Lemos (1997, 2010).

<sup>49</sup> Para um aprofundamento sobre como se deu a inserção da antropologia no campo de disputa disciplinar acerca das implicações do uso dos computadores e da internet, ver Segata (2016). Parte dessa discussão está posta no capítulo 1 desta dissertação.

pioneiros até a cotidianização da internet e a criação de uma “sociedade digital” (MISKOLCI, 2016), as relações sociais desencadeadas no/a partir do meio virtual passaram a ser tema recorrente nos estudos antropológicos, acompanhando a proliferação de dispositivos, de formas de uso e as mudanças nos modos de encarar as tecnologias comunicativas atuais.

Sem ter a pretensão de me estender nesses estudos, venho lembrar que seus percursos, seja na comunicação, seja nas ciências sociais ou na filosofia, se deram em paralelo ao nascimento, aperfeiçoamento e proliferação das novas tecnologias comunicacionais e das formas e conteúdos culturais que tiveram início com a internet. Assim, parece-me imprescindível traçar um breve panorama do seu surgimento. Passemos a ele.

Curiosamente, as redes sociotécnicas sob as quais os estudos hoje e debruçam são decorrentes de uma sucessão de inventos inovadores fomentados por interesses estatais ligados a questões bélicas e geopolíticas que culminaram na criação do computador de mesa, na década de 1960. Estes, relacionados com a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria entre Estados Unidos e antiga União Soviética<sup>50</sup>.

Ao falar sobre o nascimento da internet a partir de uma proposta colaborativa entre militares e pesquisadores civis, no geral professores e estudantes universitários, Castells (2003) reforça que, pela envergadura do projeto, este não poderia ter partido da iniciativa privada, mas de uma cooperação entre esta e o Estado, estando o controle nas mãos deste último. Reforça, ainda, o caráter cooperativo entre diferentes instâncias (organizações governamentais e universidade) que em princípio tinham objetivos convergentes de alcançar “superioridade tecnológica militar” sobre o oponente soviético, mas que passaram a executar projetos distintos sob a mesma base tecnológica, modificando-a. A própria internet comercial é fruto de uma dissidência (com o interesse político do Departamento de Defesa norte americano de disseminação da nova tecnologia) entre a rede de comunicação de computadores em sua versão militar e sua versão de uso civil<sup>51</sup>.

Segundo Miskolci (2016), já nesse momento se vê a indissociabilidade entre telefone e computação, pois uma empresa de telefonia fora a responsável pela produção do primeiro computador eletrônico – e mais tarde são as linhas telefônicas os meios pelos quais se pode acessar ou trocar informações com outros computadores.

---

<sup>50</sup> Vide: Leitão e Nicolaci-da-Costa (2000); Castells (2003); Di Felice (2012); Miskolci (2016).

<sup>51</sup> Para uma exposição mais detalhada sobre a história da criação da internet ver Miskolci (2016) e Castells (2003). Di Felice, por sua vez, faz uma interessante interpretação da nova arquitetura informativa como “sistemas-ambientes, abertos e representáveis através de formas reticulares (...) que representava a criação de uma rede sem centro e permitia o acesso e o repasse de todas as informações a todos os pontos conectados” (2012, p. 12).

Miskolci discorda de Castells (em *Sociedade em Rede*, 1996), que, segundo ele, enaltece o “mito do *self-made man* do capitalismo norte-americano” (MISKOLCI, 2016, p. 279) ao tratar do peso do protagonismo do Estado, da iniciativa privada e dos hackers no desenvolvimento dos processos, ocorrido entre as décadas de 1970 e 1980, de elaboração de novos protocolos, incremento e disseminação das novas tecnologias necessárias ao nascimento e crescimento da rede mundial de computadores, a *world wide web* (www), em 1990. Entretanto, ambas as narrativas parecem confluir para o fato de esta ser fruto da elaboração de múltiplos e diferentes atores sociais, que forjaram a tecnologia conforme seus distintos interesses – bélico, de pesquisa, comercial, aprimoramento ou reconhecimento individual etc. – e valores, e a aperfeiçoaram em concomitância com seus usos (CASTELLS, 2003) e com determinantes contextuais da época (MISKOLCI, 2016).

A internet está no Brasil desde 1988 e, em princípio, foi instalada em e teve uso restrito a algumas universidades do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Miskolci (2016) aponta 1995 como o ano da difusão da Internet para o mundo, com a proliferação do acesso ao computador doméstico e a possibilidade de se conectar a outros dispositivos via telefone. O público interno brasileiro experimentou esse *boom* a partir de 1996. De lento, caro e pouco acessível até então, a virada do século inaugurou um contexto macroeconômico que possibilitou o seu barateamento e a ampliação da banda larga, o que viabilizaria o acesso mais rápido. Fatores esses que se somaram às melhorias na interface dos *softwares* e foram determinantes para a ampliação do uso do computador pessoal e da internet.

Além de incrementos na tecnologia em si, Miskolci aponta mais dois aspectos favoráveis à propagação das mídias digitais<sup>52</sup>, para o caso brasileiro. O primeiro são as transformações econômicas vivenciadas pelo país na primeira década deste século, que culminaram no aumento do poder de consumo das classes populares. O segundo se deve à popularização do *smartphone*.

Esse último fenômeno expresso também em escala global:

(...) o início do século 21 testemunhou a fusão da rede de telefonia celular com a rede de computadores através da combinação de três tecnologias: o Wi-Fi, as redes de dados, e o *smartphone*. Essa fusão produziu a máxima individualização da relação entre homem e computador, num desenvolvimento evidente do PC, e, ao mesmo tempo, produziu a máxima integração desse sujeito individualizado em uma rede ampla onde ele passa a

---

<sup>52</sup> O autor conceitua mídias digitais como “o conjunto articulado de tecnologias da informação e seus suportes, portanto, englobando tanto a internet acessada por meio de computadores conectados à rede telefônica quanto *tablets* e *smartphones* conectados por meio da rede celular” (2014b, p. 65).

desenvolver uma grande parcela de suas ações significativas. (RAMOS, 2015, p. 61)

Dados de 2016 do Comitê Gestor da Internet no Brasil<sup>53</sup> mostram que tanto em termos domiciliares como no uso individual o país registra um aumento crescente no número de pessoas que usam o celular para se conectar à internet. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD C, feita pelo IBGE<sup>54</sup>, referente ao quarto trimestre do mesmo ano apontou que 77,1% dos brasileiros com mais de 10 anos de idade possuíam algum celular, sendo esse aparelho responsável por 94,6% dos acessos à internet no período.

Em 2017 a comScore, empresa estadunidense que trabalha com análise de mercado e mensuração de dados globais de uso de dispositivos de comunicação e informação, divulgou um estudo destacando as relações entre comportamento e consumo a partir do *mobile* em 14 países<sup>55</sup>. No Brasil, segundo a pesquisa, 73% dos acessos em minutos digitais foram feitos através dos dispositivos móveis. Em se tratando de média de minutos no *mobile* por usuário, o país ocupou o segundo lugar, perdendo apenas para a Argentina. O público brasileiro que acessa a internet exclusivamente pelos *smartphones* ou *tablets* chegou a 29% no período.

Tais dados corroboram com os apontamentos feitos por Miskolci (2016, p. 281):

No Brasil, os telefones inteligentes (*smartphones*) foram os popularizadores das tecnologias comunicacionais em rede. Seu preço reduzido e interface simples e acessível a leigos no universo da computação ampliou o número de pessoas que usam – sobretudo – programas de trocas de mensagens instantâneas, redes sociais e *sites* de compartilhamento de fotos e vídeos. Para não mencionar os crescentemente populares aplicativos de busca de parceiros amorosos e sexuais.

Vejamos adiante o que alguns autores pontuam como o percurso dessa busca por socialidade, amor e sexo *online*.

### **A busca (digital) como percurso contemporâneo**

O fenômeno da comunicação e do estabelecimento de relações com quem está fisicamente ausente por meios virtuais não é recente e não tem seu início com a digitalização. Ao tratar da importância da troca de cartas para a formação de uma rede de informações, alianças, oposições e posições na estrutura social da corte dos séculos XVII e XVIII, Norbert

---

<sup>53</sup> <https://www.cgi.br/publicacoes/indice/>.

<sup>54</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/Anual/Acesso\\_Internet\\_Televisao\\_e\\_Posse\\_Telefone\\_Movei\\_2016/Analise\\_dos\\_Resultados.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Anual/Acesso_Internet_Televisao_e_Posse_Telefone_Movei_2016/Analise_dos_Resultados.pdf).

<sup>55</sup> Hierarquias das Necessidades do Mobile. <https://www.comscore.com/por/Insights/Apresentacoes-e-documentos/2017/Estudo-Global-do-Mobile>.

Elias (2001) nos indica essa direção (RAMOS, 2015). Já Nicolaci-da-Costa (2005) nos lembra que interações as sincrônicas (onde há defasagem de tempo na emissão e na recepção, como nas cartas) e sincrônicas (em tempo real, como no telefone) também são caracterizadas como interações virtuais. Ela argumenta que o telefone, assim como a internet e o celular, foram amplamente utilizados para a manutenção de laços afetivos entre pessoas que se encontravam distantes, ou a busca por desconhecidos com as quais se pudesse ter afinidades e empatia.

Alguns dos meus interlocutores/as informaram seus percursos nessa direção. A família de Mário, por exemplo, adquiriu um computador no ano 2000, período no qual ele começou a ter contato com a tecnologia da internet. Adolescente, era frequentador assíduo de grupos de mIRC, popular programa de *Internet Relay Chat* (IRC) daquela época. Citou em especial um canal de *chat* frequentado por trinta pessoas da mesma cidade, do qual ele já conhecia a todos virtualmente. Atualmente, ele diz não ter mais paciência para as redes sociais. Apesar disso, mantém relações *online* com mulheres que conheceu no Tinder, e as compara aos relacionamentos por cartas de tempos passados.

Carolina também frequentava o mIRC há muitos anos atrás. Comparou o Tinder a esse antigo programa de bate-papo:

Antigamente existia, sei lá, um mIRC da vida. É a mesma coisa. Eu podia no mIRC conhecer uma pessoa que ia ser minha amiga para sempre. Ou eu podia conhecer um carinha e sair com ele... E isso já aconteceu. Eu já tive namorado que eu conheci no mIRC.

Adélia, por outro lado, relatou suas incursões em busca de parceiros no site de relacionamentos Badoo, há alguns anos, antes da criação dos *apps* de paquera. Já Joaquim se disse um curioso pelo contato com pessoas distantes desde muito jovem, quando utilizava o serviço telefônico Disque Amizade. Utilizando esse serviço ele conseguiu um feito que julgou raro, na época: um encontro presencial com uma mulher que conheceu por lá. Depois disso, frequentou salas de bate-papo e redes sociais ligadas a serviços de e-mail, seguidos das redes sociais multimídias atuais até chegar aos aplicativos de paquera, sempre no intuito de conversar e conhecer pessoas novas.

Seus relatos sugerem, assim como o fez Richard Miskolci (2014a), a existência de certa linha evolutiva no que tange às plataformas de socialidade pela internet usadas para o encontro de possíveis parceiros amorosos e sexuais. Esta vai dos *chats* (em efervescência nos anos 1990), passando pelos sites de busca de parceiros (iniciados em finais dos 1990), até os atuais aplicativos de paquera para *mobile*. Segundo o autor, tais mudanças na tecnologia indicam também uma mudança nas prioridades dos usuários: se antes fazer contato era o

objetivo principal, atualmente se preza a possibilidade de levá-lo ao *off-line* em curto prazo. Se assim for, será que houve mudança significativa no encontro *online* de uma ponta da linha à outra?

Nesta seção veremos, de modo geral, essa linha evolutiva a partir de estudos que se remetem às construções das sociabilidades e dos relacionamentos afetivo/sexuais nessas plataformas. Apesar de pesquisas internacionais comporem o texto, priorizarei as focalizadas na realidade brasileira, uma vez que o objetivo não é dar conta da amplitude do campo ou validar tais estudos, senão dar um panorama de como o tema vem sendo abordado no país. Os primeiros trabalhos tematizam as plataformas mais antigas, das quais destacarei questões relativas à legitimidade dos relacionamentos mediados pela internet, à mudança ou não de comportamentos nessa seara em comparação com relacionamentos *off-line* e aspectos que demarcariam as especificidades dos contatos *online*. A segunda parte do texto é composta por algumas pesquisas que tratam sobre os aplicativos de paquera, em especial o Tinder.

Desde a criação da Web, plataformas que hoje figuram como clássicas para propiciar o encontro *online* de modo rápido, coletivo ou privado, se multiplicam e popularizam. No Brasil, já na implantação da internet comercial os e-mails, as listas de discussões, os grupos de notícias, as salas de bate-papo – como o mIRC (1995) ou o Bate-Papo UOL (1996) –, e os programas de trocas de mensagem instantâneas – como ICQ (1996), MSN (1999), Skype (2003) – foram amplamente utilizados para esse fim. Os primeiros eram dotados de poucos recursos audiovisuais, e os dois últimos já permitiam uma interatividade ampliada, pois apresentavam recursos de comunicação por voz ou vídeo, para além das conversas escritas.

Já nessas plataformas, nas quais o mote central era o intercâmbio de ideias e informações potencialmente com pessoas de todas as partes do mundo, os romances e contatos íntimos tiveram espaço. Segundo Figueiredo (2016), os antigos servidores de internet já traziam *chats* e fóruns específicos para o encontro de solteiros. Eram práticas correntes das plataformas *chat* levar uma conversa iniciada numa sala coletiva para um *chat* privado, ou usar a ferramenta de “falar reservadamente” num *chat* coletivo, como formas de estreitar a intimidade com quem se tinha interesse ou afinidade, ou ainda haver salas coletivas com nomes sugestivos da aproximação para fins afetivos. Parafraseando Finkel (2012, p. 52): “Relacionamentos românticos podem começar em qualquer lugar”<sup>56</sup> (Tradução livre da autora).

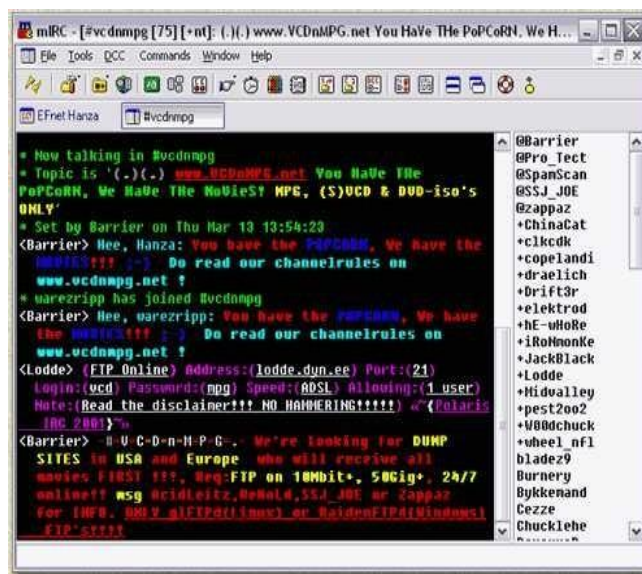
---

<sup>56</sup> Do original: “Romantic relationships can begin anywhere”.

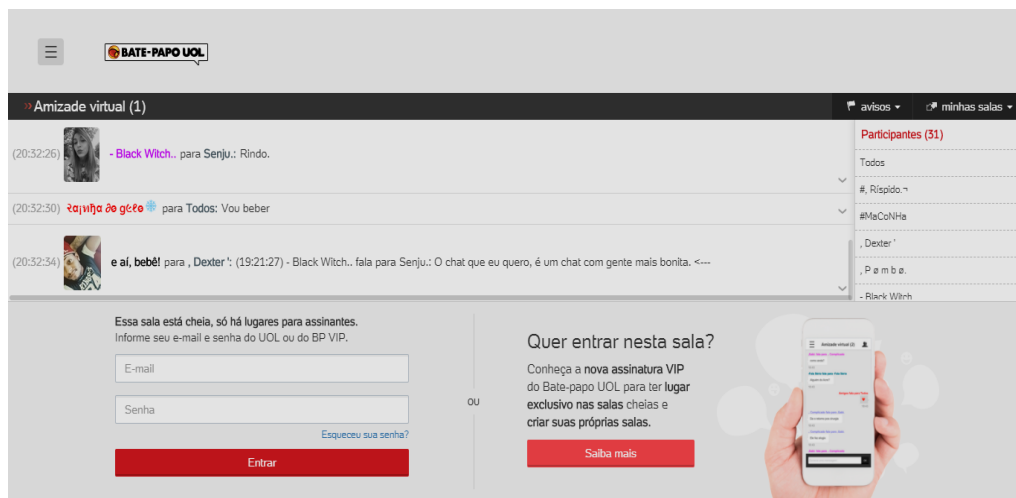
Após a virada do milênio, redes sociais como Orkut (2004), Facebook (2008), Instagram (2010) e o aplicativo de mensagens e chamada de voz e vídeo Whatsapp (2010), acabaram por desempenhar papel semelhante, qual seja, proporcionar ambientes de manifestação coletiva e privada nos quais os participantes interajam, inclusive no âmbito dos relacionamentos íntimos. Nestes, os recursos multimídias ganharam mais espaço, e a interconexão entre as redes é amplamente praticada. A Figura 7 apresenta as interfaces de algumas dessas plataformas.

Figura 7. Interfaces de programas populares de *chat*, redes sociais e mensageiros

### MIRC



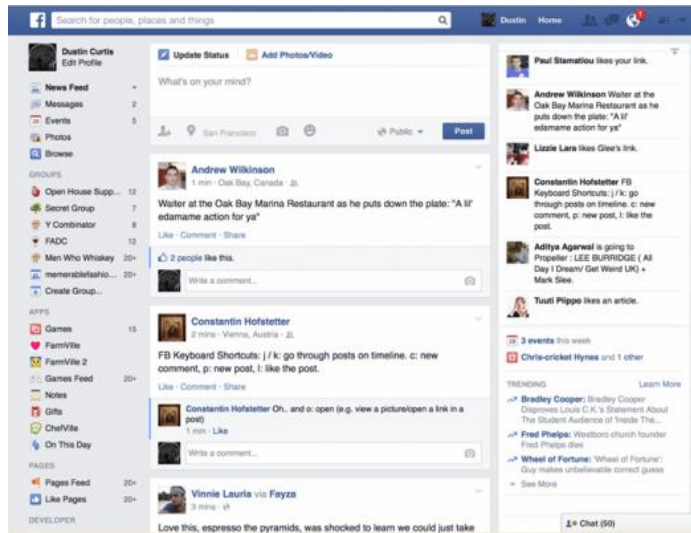
### BATE PAPO UOL



# ORKUT



# FACEBOOK



# WHATSAPP



Fonte: Imagens da internet.

Nicolaci-da-Costa (2008[1998]) aponta que, no Brasil, os primeiros escritos a que teve acesso sobre os chamados relacionamentos virtuais foi em 1994, num artigo de jornal. O tema causou-lhe surpresa, pois era permeado pelas incertezas da novidade. Em seu próprio livro, trouxe relatos de casais que se conhecerem em canais de chat e usaram essa plataforma e os e-mails para levar adiante seus relacionamentos, até o encontro *off-line*. Era uma época de desconfiança sobre os ambientes de encontro coletivo *online* e a possibilidade de produzirem relações presenciais ou relacionamentos profundos. Receio, incredulidade e insegurança quanto à veracidade dos fatos relatados, quanto ao reconhecimento daquele como um compromisso emocional, ou mesmo quanto à sanidade mental dos envolvidos permeavam aquelas relações. Isso porque, como aponta Pierre Lévy (1996), certo temor apocalíptico relativo à virtualização como desrealização geral (virtual em oposição ao real) girava em torno do uso massificado dos ambientes digitais.

Mais ou menos no mesmo período de criação do mIRC surgiram sites cujas propostas centrais remetiam à procura da cara metade. Os sites de namoro, voltados para a promoção de encontros *online*, tais como o Match.com, ParPerfeito, Badoo, OkCupid, de alcance nacional e internacional, ampliaram seu sucesso na primeira década dos anos 2000. Figuravam como uma nova alternativa de busca por parceiros, em princípio para fins amorosos e com o objetivo de estender ao âmbito presencial o que se iniciou *online*.

Na dissertação apresentada em 2007, Nascimento trata da pesquisa que desenvolveu com usuários brasileiros do site ParPerfeito sobre formas virtuais de sociabilidade amorosa. A questão central sob a qual seu estudo se funda, a saber, a possibilidade de constituição de relacionamentos amorosos pela internet e sua tipologia, aparece em outros estudos do período, mostrando que em parte as inquietações do final do século perduravam. Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008) perguntaram no título de seu artigo se *O amor pode ser virtual?*, e nele divulgaram sua pesquisa sobre o uso do IRC por brasileiros na busca de relacionamento amoroso. Já Nicolaci-da-Costa (2005) fez uma retomada de pesquisas nacionais e internacionais para demonstrar que as tecnologias comunicativas viabilizam a produção de diferentes tipos de contatos interpessoais à distância, inclusive relacionamentos afetivos. A expectativa de sair da esfera *online* e efetivar no *off-line* o encontro e possível relacionamento também foi uma das características apontadas nesses estudos.

Uma das conclusões da pesquisa feita por Nascimento (2007) é que os sites de relacionamento funcionam como um facilitador do contato afetivo, como mais uma ferramenta na busca de relacionamentos amorosos entre as demais estratégias. Nesse sentido,

as interações através das novas tecnologias comunicativas não substituiriam modos mais tradicionais de encontro; haveria uma complementação entre a busca por parceiros *online* e *off-line*. Esse ponto de vista é corroborado também por Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008), Vieira e Cohn (2008), ao averiguar as narrativas de participantes do Yahoo Respostas e do Orkut sobre amor, amizade relações e internet e Haack, Petrik e Boeckel (2017), em sua pesquisa sobre relacionamento amoroso com participantes de sites de relacionamentos e *chats*.

Em pesquisas que focalizaram as relações e relacionamentos constituídos a partir do IRC, dos sites de namoro ou redes sociais outro mote de questionamentos diz respeito ao papel do corpo e da corporalidade. Nelas foi acentuada a ausência do corpo na interação, não somente no aspecto negativo da falta, mas em seu potencial de facilitar a expressão de si para o outro, de proporcionar a autorrevelação de modo mais autêntico<sup>57</sup>. Nestas perspectivas, a relação mediada digitalmente acentuaria a idealização, a atração mútua pelas ideias e afinidades e a expressão do *self* e percepção do outro pela linguagem escrita. Por outro lado, a não presença física no encontro quebraria barreiras relacionadas aos receios da exposição de pensamentos ou sentimento, as pessoas se sentiriam mais à vontade para se manifestar.

Silva e Takeuti (2010), ao discutirem a efetivação do amor romântico no âmbito virtual e suas implicações sobre as subjetividades, analisaram relatos de participantes brasileiros de comunidades do Orkut direcionadas ao encontro romântico pela internet. Propuseram que os relatos ali feitos eram um modo de revelação de si para o outro e para si mesmo, pois se enquadrariam como narrativas ficcionais do amor romântico. Além do que, revelariam também formas sociais características da vida amorosa contemporânea de modo mais amplo.

Lévy (1996, p. 17), por sua vez, ao tratar da virtualização sob um olhar mais ampliado, explora o potencial de hibridez e criação trazidas pelas relações mediadas por mídias digitais, numa proposição que se aproxima a de Haraway (2009) quando aponta que o ciborgue enquanto um híbrido passível de considerar a parcialidade e a fluidez da corporificação sexual e do sexo. Para Lévy:

... o corpo sai de si mesmo, adquire novas velocidades, conquista novos espaços. Verte-se no exterior e reverte a exterioridade técnica ou a alteridade biológica em subjetividade concreta. Ao se virtualizar, o corpo se multiplica. (...) A virtualização do corpo não é portanto uma desencarnação mas uma reinvenção, uma reencarnação, uma multiplicação, uma vetorização, uma

---

<sup>57</sup> Vide: Nascimento (2007); Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008); Vieira e Cohn (2008); Silva e Takeuti (2010).

heterogênese do humano. Contudo o limite jamais está definitivamente traçado entre a heterogênese e a alienação, a atualização e a reificação mercantil, a virtualização e a amputação.

Também a relação com a territorialidade se faz presente nos estudos da época de modo marcante. Em sua pesquisa sobre relações interpessoais de participantes de uma comunidade do Orkut, Parreiras (2008) trata o ciberespaço como espaço desterritorializado, e se utiliza do conceito de *territorialidade itinerante* de Perlongher, que o aborda a partir de constantes junções entre derivas e devires, e não como algo fixo. Assim, o virtual territorializa e reterritorializa de modo ágil, constante e com distintas temporalidades. Silva e Takeuti (2010), Silva (2009) e Silva (2016) tratam de um namoro virtual desterritorializado, com capacidade de se manifestar em diferentes locais e situações, mas sem estar preso a coordenadas espaço-temporais.

Os aspectos acima citados, territorialidade e corporalidade, seriam dois pontos diferenciais chave entre os relacionamentos mediados e os presenciais. E os impactos dessa diferença aparecem nas análises ao menos sob duas perspectivas dissonantes. Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008) propuseram que, a despeito das diferenças, essa nova forma de relacionamento não levaria a uma mudança de comportamento na busca por parceiros, uma vez que ao atuar na esfera virtual os atores sociais mimetizariam a busca *off-line*. Noutra vertente, entende-se que a própria mediação já implica numa modificação dos modos de agir e configurar a relação interpessoal, a “esfera virtual da Internet constitui uma instituição na qual novas formas de se relacionar estão sendo estabelecidas” (VIEIRA e COHN, 2008, p. 112). Ao que corroboram Silva e Takeuti (2010, p. 420) quando afirmam que os relacionamentos virtuais “permitem uma forma de experiência particular: referem-se à ausência dos corpos (na maior parte da relação), à linguagem, em geral escrita, e ao que seja realidade e virtualidade”.

Num estudo relativo ao contexto norte americano, no qual Finkel *et al.* (2012) abordaram as perspectivas do acesso, da comunicação e dos serviços de correspondência fornecidos por sites de namoro, concluiu-se que o uso desse recurso demarca uma diferença com relação aos encontros convencionais. Em seus termos: “O namoro *online* está disseminado e alterou fundamentalmente tanto o processo de relacionamento romântico quanto o processo de correspondência de compatibilidade”<sup>58</sup> (FINKEL *et al.*, 2012, p. 53, tradução livre da autora).

Silva (2016, p. 192) segue nessa direção ao arrematar que:

---

<sup>58</sup> Do original: “Online dating is pervasive, and it has fundamentally altered both the romantic acquaintance process and the process of compatibility matching”.

Dessa forma, é possível compreender algumas das experiências amorosas mediadas pela internet como formas concretas de vivências amorosas, dotadas de características específicas que não as separam nem as isolam das experiências “face a face”, mas sim demonstram uma nova forma de interação emergente na contemporaneidade. Trata-se de experiências de vidas amorosas atuais que revelam práticas e ações sociais novas, as quais não substituem a interação sem mediações tecnológicas, mas sim as complementam, potencializando as formas de criar laços afetivos. Em contra mão do que o senso comum diz a respeito do uso da internet, foi visto que o uso dessas novas tecnologias, no caso sites e softwares voltados para relacionamentos, trouxeram contribuições significativas para essa forma de interação.

A inserção dos aplicativos de celular no universo da busca *online* por parceiros amorosos e sexuais desencadeou uma recente onda de pesquisas sobre a interface entre tecnologias comunicativas e relações afetivas e sexuais. O sociólogo Richard Miskolci é um dos pesquisadores dos usos contemporâneos das mídias digitais em sua relação com as diferenças de sexualidade, gênero e raça/etnia que vem produzindo estudos recentes sobre o tema. Em *Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais* traça um paralelo entre suas pesquisas etnográficas em São Paulo e em San Francisco, correlacionando as demandas morais desses locais ao modo como indivíduos não-heterossexuais lidam com a visibilidade de suas vidas íntimas.

A partir do arcabouço teórico e das histórias dos seus colaboradores de pesquisa sobre usos de mídias digitais, em especial aplicativos de celular, na busca de parceiros amorosos e sexuais, o autor, dentre outros fatores, propõe que a mediação de mídias contribuiu para aprofundar a “desterritorialização” característica da sociabilidade homossexual paulistana. Para esses indivíduos, tais mídias têm como atrativo “preservar as relações homoeróticas em segredo e na intimidade mantendo a hegemonia heterossexual na vida pública e evitando conflitos e/ou retaliações sociais” (MISKOLCI, 2014b, p. 65), o que pode ser lido como uma estratégia de negociação.

Outros estudos que abordam a afetividade e suas imbricações possíveis com a territorialidade, a construção de espaços sociais e o uso das novas tecnologias comunicativas vêm dando interessantes contribuições para se pensar a penetração desses recursos no cotidiano das cidades. O já citado estudo da antropóloga Larissa Pelúcio (2016) pode ser referenciado nesse sentido, quando a autora correlaciona os percursos dos seus interlocutores à própria dinâmica de geolocalização do aplicativo Happn, o que lhe permitiu mapear locais mais bem cotados no mercado afetivo das cidades pesquisadas. Na dissertação *Engenharia erótica, arquitetura dos prazeres: cartografias da pegação em João Pessoa*, Thiago de

Oliveira trabalha com narrativas e experiências eróticas homoafetivas de homens em uma rede de circuitos que comporta diversos locais físicos da cidade e se imiscui ao uso de plataformas digitais. No mesmo estudo, aborda as conexões entre marcadores sociais da diferença, inclusive as corporalidades, nessa dinâmica de fluxo por múltiplos espaços.

Já Maia e Bianchi (2014) tomam os *apps* de paquera Grindr e Scruff como *locus* de um estudo netnográfico, no intuito de abordar fragmentos culturais que “‘formam’ uma sociabilidade popular e comunitária” – as culturas das territorialidades gays, amplificadas pelo uso desses aplicativos de paquera – que contribui para o reconhecimento social e reconfiguração de territorialidades. Investigam as representações que corroboram com as múltiplas e novas concepções e inscrições espaciais (multiterritorialidades) vigentes no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, sua apropriação e ressignificação pelos indivíduos do que chamam de territorialidade emocional, “as territorialidades que refletem a emoção, a sensibilidade do estar-junto” (MAIA e BIANCHI, 2014, p. 05).

Partindo de elaborações teóricas da sociologia e da comunicação, tomam as noções de sociabilidade de George Simmel e indicações de Maffesoli acerca de uma pós-modernidade cujo tônus é o sentimento e a experiência compartilhada, vistos através da estética, para tratar das ações culturais e das sociabilidades que reconfiguram espaços das cidades. Seguindo Haesbaert, tratam a territorialidade como “relações de domínio e apropriação do espaço”, dada pelo uso das materialidades e adoção de novas subjetividades compartilhadas no cotidiano.

Os aplicativos geossociais entram no jogo das interações entre os diferentes espaços *online* e *off-line* como agentes agregadores e promotores de sociabilidade. Se afastando de uma análise em termos mercadológicos do uso desses aplicativos, os autores abordam seus diversos modos de apropriação e utilização e as potencialidades enquanto formadores de “‘coesão e auto-afirmação social’, produtoras de sentido e reconhecimento pelo ‘estar junto’, que se deslocam pela cidade, traçando rotas, desenhando mapas, criando uma cartografia dos sentimentos” (MAIA e BIANCHI, 2014, p. 11). Através dos depoimentos dos informantes de pesquisa e da observação da dinâmica das redes, mostram jeitos de burlar regras e reapropriar espaços de trânsito – banheiros, aeroportos, rodoviárias –, reconfigurados simbolicamente em espaços de troca de experiências emotivas, romances e ludismo de prazer, a partir dessas ferramentas comunicacionais. A “pegação” proporcionada por elas pode ser passageira, mas não necessariamente fútil; pouco profundas, mas intensas.

Como ocorreu nos trabalhos sobre as plataformas mais antigas, o corpo e sua reconfiguração na intimidade mediada pela internet também é tematizado nas experiências

com uso dos *apps* de paquera. No estudo de Iara Beleli (2015), a autora aponta que a criação de perfis nas redes sociais representa uma corporificação de diferentes formas, uma “manipulação estratégica na construção de si” (BELELI, 2015, p. 93). Pensa a relação real/virtual como fluxos, recusando-se a tratar os status *on/off-line* como dicotomias. O mundo inimaginável das possibilidades *online*, pra as mulheres que pesquisou, e seu mundo *off-line* atuam como um continuum *on/off-line*, no qual os corpos se revelam e se escondem, são feitos e refeitos, movendo-se num jogo de prazer favorecido pelas interações *online*.

A partir da perspectiva da comunicação, Camargo (2015) também aborda o viés da exposição dos corpos, em seu turno, aliando-os a uma perspectiva do consumo como objetos no mundo virtual. Ao tratar sobre os modos como distintas mídias afetam o amor e as sexualidades atualmente, propõe ser o corpo “personagem, meio e teia de sentidos binários” – um binarismo biológico, da natureza humana, que por sua vez está inserido em outro, que é a intrínseca e complementar relação entre natureza e cultura. Para ele, a cultura também se estabelece em bases binárias, inclusive a *Web*, que demarca a existência de um “mundo real” e um “mundo virtual”. Os dois mundos estariam simbioticamente interligados, e o mundo virtual, “passa a ter uma importância maior e mais real que o seu Eu original. A web tornou-se um lugar para o imaginário, de certa maneira, realizar-se em diferentes níveis” (CAMARGO, 2015, p. 47).

Destacando a web como uma ferramenta de reconfiguração de biografias, de construção de identidades, de outras realidades, realizações, representações, o autor apresenta alguns sites, blogs e aplicativos, uma teia na qual, segundo ele, amor e sexo são consumidos a partir da exposição de corpos que se tornam “moeda de barganha”, dispostos numa “estrutura mercadológica de produtos e serviços, (que) utiliza a mesma estrutura do discurso publicitário (...) quando todo tipo de pessoa está prestes a consumir outras pessoas mediadas por uma teia complexa de sentidos” (CAMARGO, 2015, p. 51).

Essa perspectiva do consumo e da mercantilização das relações aparece em alguns outros estudos que investigam o uso dos *apps* de paquera nos relacionamentos íntimos. Trabalhado com as interfaces entre pedagogia e tecnologia e usando o arcabouço teórico da cibercultura, a partir dos conceitos de visibilidade, espetacularização do eu e hiperconsumo em torno da cultura digital, Couto, Souza e Nascimento (2013) analisam as expectativas e experiências de quatro usuários soteropolitanos dos aplicativos Grindr e Scruff. Partem do princípio de que a autopromoção é uma característica da cibercultura, e os aplicativos seriam

vitruines virtuais nas quais os indivíduos circulam de modo acelerado. Assim, hiperexposição e consumo dos corpos na busca pelo prazer fugaz e imediato são os aspectos centrais da análise.

Os autores situam os aplicativos num novo momento da internet cujas redes de sociabilidade não obedecem a barreiras geográficas e os fluxos são maleáveis e flexíveis, produzindo modos de vida denominados cultura da virtualidade real (nos termos de Lemos e Santaella), um mundo de mobilidade e constante conexão. Esse seria o ambiente para a exposição dos corpos, afetos, sensações na vitrine virtual dos aplicativos de celular; estes inseridos no mercado de consumo do prazer sem esforço, da satisfação instantânea que caracteriza a lógica mercadológica desta época e permeia todos os espaços sociais, inclusive os relacionamentos íntimos. Na dinâmica do se mostrar, se vender para ser consumido, os indivíduos traçariam exposições festivas de si mesmo, tornar-se-iam auto-marqueteiros, espetacularizando o eu e a própria vida. “Os aplicativos *Grindr* e *Scruff* expõem a cultura do hiperconsumo presente em todos os segmentos da sociedade hiperconectada” (COUTO, SOUZA e NASCIMENTO 2013, p. 9, grifos do autor).

A partir desse referencial teórico e dos depoimentos dos pesquisados, os autores concluem que as relações desenroladas nos aplicativos limitar-se-iam à busca pelo sexo descompromissado e efêmero e pela exibição narcisística como gozo, seguindo padrões de visibilidade e hiperconsumo capitalista do século XXI a despeito do ideal amoroso de encontrar o “cara certo” com quem se teria um relacionamento mais duradouro (este seria um “discurso para vender um produto”), tais interações seriam valorizadas a partir de critérios como beleza, mobilidade, poder aquisitivo, compartilhamento do prazer em detrimento das dificuldades cotidianas e exibicionismo voltado para o prazer na sedução e na popularidade virtual.

Análises como as duas últimas se enquadram numa tendência preconizada pelas macroanálises feitas por autores como Bauman (2003, 2004), tal como indicado por Nicolacida-Costa (2005), que acentuam características negativas das relações mediadas digitalmente. No próximo tópico me deterei um pouco mais nessa discussão.

Para fechar esse breve passeio sobre os modos como as relações íntimas e as novas tecnologias comunicativas vêm sendo abordados, aparecem trabalhos que tomam um rumo diferente dos dois acima mencionado, e com os quais esta dissertação se aproxima. Estes se propõem a analisar as transformações socioculturais decorrentes da intersecção das novas tecnologias nas relações afetivo-sexualidade sem assumi-las de início como negativas ou deletérias dos relacionamentos. Exemplo nesse sentido é o trabalho de Nogueira e Silva (2016), no qual tratam da comunicação, sociabilidade e construção de laços sociais no Tinder.

As autoras partem da percepção do aplicativo não apenas como vetor de busca de relacionamentos, mas como local de interação, diálogo, entretenimento, diversão, “um meio e um caminho para a comunicação e interação entre os indivíduos” (NOGUEIRA e SILVA, 2016, p. 100).

Já Raquel Corrêa, no artigo *A Tecnologia Digital na Conformação da Experiência Afetivo-sexual* (2015), apresenta um tipo de experiência afetivo-sexual em ambientes digitais, a partir do uso do aplicativo Tinder. Partindo da hipótese de que a tecnologia tem papel ativo na constituição dos relacionamentos, não sendo apenas um elemento mediador, a autora procura avaliar as interferências do ambiente comunicacional na constituição de experiências íntimas. Faz isso a partir do viés da comunicação, e sua tônica está na análise da tecnologia em sua relação com o humano. Orientada pelo referencial teórico pós-humanista, debate temas como a transorganicidade e as noções de ciborgue.

A partir dos estudos citados é possível ver que há certa recorrência de questões de pesquisa quando se envolve a internet como fonte de sociabilidade e estabelecimento de relacionamentos íntimos, desde o seu surgimento. Entretanto, se antes se questionava a possibilidade de as novas tecnologias modificarem o modo como as pessoas se relacionam, hoje não há mais dúvidas de que a mediação tecnológica implica significativas e profundas transformações sociais:

Desde as redes sociais digitais (social network) aos celulares, as tecnologias midiáticas são portadoras de inovação não apenas no âmbito tecnológico, comunicativo e sensorial, mas também no âmbito mais amplo do social, alcançando seus diversos níveis, político, econômico, organizativo, cultural, etc. (DI FELICE, 2012, p. 16)

As análises aqui apresentadas, ora tratando da influência de aspectos socioculturais nas dinâmicas de operação dessas mídias, ora ressaltando as diferentes formas de agência dos indivíduos através delas, dão mostras que plataformas digitais como os aplicativos de paquera forjam formas específicas e distintas de interação com o outro: é o encontro da contemporaneidade das diversas plataformas e ambientes proporcionados pelas tecnologias comunicativas com as emoções, expectativas e vivências dos usuários.

Através desses estudos essa interseção vai ganhando diversos significados. E para além deles, a própria dinâmica ágil e complexa que se estabeleceu na internet, com a coexistência hoje de inúmeras e diversificadas plataformas e ambientes, amplia as possibilidades de interação e articulação dos seus usos. Por exemplo: antigos sites de namoro ganharam versões para *smartphone*; o famoso *chat* Bate-Papo Uol, que poder-se-ia pensar

superado, registrou picos de 2,5 milhões de usuários participando simultaneamente em 2017, e dispõe de salas exclusivas para o encontro amoroso ou sexual<sup>59</sup>; os mensageiros instantâneos frequentemente atuam como uma extensão dos encontros iniciados nos *apps* de paquera. O que seria uma linha de continuidade das plataformas de socialidade, nesse sentido, parece hoje formar uma malha (INGOLD, 2015, p. 224), um emaranhado ativo e interconectado, e seus usos parecem ter finalidades e significados múltiplos e cambiáveis.

Assim, resulta ser de fundamental importância seguir contextualizando os modos de uso e os impactos dessa tecnologia nas dinâmicas de identidade, sociabilidade e busca sexual e amorosa dos usuários brasileiros, situando-a no ambiente da fluida rapidez dos tempos atuais. Mas, cabe lembrar, essa busca faz parte de um contexto mais amplo de mudança social. Apontarei a seguir esse contexto de mudanças, a partir das concepções sobre contemporaneidade e suas implicações na afetividade e sexualidade tematizados por Bauman, Illouz, Giddens e Bozon.

### **Percorrer a tecnologia é ir do afeto ao sexo?**

Nas primeiras conversas mais longas com os usuários/as do Tinder, percebi que, vez por outra, o diálogo remetia ao contexto social contemporâneo mais amplo, vinculava o aplicativo ou a afetividade/sexualidade a certo *ethos* do nosso tempo. Passei, então, a me sentir a vontade para abordar o tema abertamente a partir de uma questão-chave: como você vê a relação entre o uso do Tinder e a contemporaneidade? As respostas foram ricas, e creio ser esclarecedor trazer algumas delas na íntegra. Vejamos três situações.

Lígia me contava sobre como gosta muito de tecnologia e baixa os aplicativos na medida em que surgem. Ela aproveitou que estava sem “relacionamento sério” para baixar a plataforma de paquera *online*, porque “não devia nada a ninguém”.

**Lígia:** Eu acho que ela é um... como é que eu posso dizer...? Não é uma resposta, mas é um... Ela surge a partir de uma necessidade. Que eu vejo, assim, dentre as minhas amigas, minhas colegas que também baixaram o Tinder, é sempre pelo motivo de: eu não tô conseguindo, eu não tô conseguindo ter um contato com novos rapazes pessoalmente, e eu vou baixar o aplicativo pra isso. É como se algo não está dando certo na vida real e a vai ter que recorrer para o virtual para isso dar certo.

**Sheila:** É, tipo, recorrer mesmo?

**Lígia:** Isso, é recorrer. É uma... Não tem outra opção, vou baixar o Tinder pra ver se eu consigo. Tanto que tem essa expressão ‘Nem o Tinder deu jeito!’.

---

<sup>59</sup> <https://www.tecmundo.com.br/brasil/118052-entramos-bate-papo-uol-2017-saber-ainda-acontece.htm>.

**Sheila:** Nunca tinha ouvido essa, não...

**Lígia:** Tem! Eu já escutei. ‘E aí, Lígia, o Tinder deu jeito?’ Eu digo: ‘Deu jeito em que? Como assim?’. ‘Não, mulher, nos teus rolos, aí?’

Mário, por sua vez, citava os aspectos positivos no uso do aplicativo, quando contextualizou-o numa contemporaneidade em que as pessoas são “egoístas”, pretendem preservar sua individualidade, ao mesmo tempo em que querem ter acesso ao outro.

**Mário:** Olha, eu percebo que as pessoas são muito fechadas.

**Sheila:** No aplicativo?

**Mário:** Na vida, assim. É, eu tava até pensando nisso hoje. É... As pessoas estão morrendo de vontade de conhecer, sair por aí, fazer as coisas, mas elas nunca, nunca fazem. E eu acho que elas nunca fazem porque tanto elas estão habituadas a pensar que elas poderiam fazer, mas nunca fazem porque o hábito delas é apenas esse, pensar que poderia. Como elas estão morrendo de medo de sair por aí. E, quando a gente tem habilidade, consegue criar empatia no outro, pra, pra... Sabe? Você identifica as portas e aí você consegue abrir, a pessoa te dá essa abertura. No plano concreto, *off-line*, isso é muito difícil. Mas pelo *online* essas possibilidades, elas aumentam, e aumentam bastante. Porque você consegue já discutir com a porta aberta, ou pelo menos com a janela. A pessoa está lá do outro lado, eu tô aqui. Quando a gente disser: ‘Vamos se conhecer?’ Aí a porta vai lá e abre. Mas a maior porta da vida é só porta fechada.

**Sheila:** Você acha que é mais fácil no *online* a gente ir se abrindo com outra pessoa?

**Mário:** Sim. Muito, muito, muito mais.

**Sheila:** Por que?

**Mário:** Eu acho que é da sociedade da gente. [E mais adiante na conversa] Eu acho que ele [o Tinder] é fruto dessa nossa modernidade. De eu poder ser decididamente egoísta, mas sempre ter acesso a um aspecto social. (...) Eu acho que a gente vive uma era do individualismo. (...) E tem essa questão, de você continuar sendo individualista no seu ambiente social.

Já Carlos situou o Tinder no que ele chamou do “momento louco quem vivemos”, com “suas formas de distanciamento e formas de aproximação”.

**Carlos:** Eu já acho que, de uma forma geral, antes do Tinder já havia esse movimento de as pessoas se doarem cada vez menos ao outro, assim. É uma questão muito mais geral. Porque mesmo vindo de um relacionamento longo, eu acompanhava as histórias dos meus amigos e eu percebi isso muito, brincava muito com isso. Eu dizia assim: ‘Mas, porra, como é que pode? O cabra semana passada com a figura... Tá falando de quem?’. ‘Não, daquela figura?’ ‘Essa ou a outra?’ ‘A outra!’. Tudo muito assim, é... muito fluido mesmo. Antes do Tinder. Eu acho que o Tinder potencializa. Agora, assim, é, eu acho que o Tinder tem uma vantagem de que eu acho como as pessoas tendem a ficar cada vez menos na rua, os encontros terminam acontecendo virtualmente. Pelo menos os primeiros encontros. Aí nesse ponto potencializa.

**Sheila:** Você encontrar mais pessoas?

**Carlos:** Você encontrar mais pessoas.

Mais adiante, arremata:

**Carlos:** Mas às vezes eu penso muito sobre isso, como a gente cada vez mais vive dentro dos nossos apartamentos, trancados, tal. Mas é de uma maneira geral, não é só em relação a relacionamento, digamos assim, conjugal. É de amizade, mesmo, de contato com familiar, um monte de coisa, pô. A gente está cada vez mais esquecendo a rua, os espaços coletivos. A gente vive meio que a transição, né, disso aí?

**Sheila:** Mas pra que?

**Carlos:** Um momento de transição, até, porque a gente pegou uma época que não era assim.

Se de algum modo suas falas corroboram com as pesquisas citadas anteriormente, que tratam do potencial de aproximar pessoas das inovações tecnológico-comunicativas no campo dos relacionamentos íntimos, elas também traduzem a impressão de inevitabilidade do individualismo dos tempos atuais. Em vários instantes dessas conversas ouvi os termos “fluido” ou “fluidez”. Inclusive, Carolina se referiu aos “amores líquidos” para tratar das relações de conquista amorosa atuais. Esses termos, assim como o estado de transição de que falou Carlos, está presente nas formulações teóricas de Zigmund Bauman (2003, 2004) acerca da chamada sociedade capitalista e das relações sociais na modernidade.

A despeito dos meus interlocutores/as compartilharem um universo de classe média escolarizada, e alguns possivelmente terem lido o próprio autor, fluidez e amor líquido aparecem atualmente como (re)apropriações recorrentes de conceitos de Bauman na mídia em geral, em especial na internet. Certa feita Cecília me enviou pelo Whatsapp um *link* do Youtube. Ele me direcionou para um vídeo<sup>60</sup> publicado em 07 de janeiro de 2017 – que no momento da escrita deste texto estava com 48.422 acessos –, do canal *Artefilosofia*, no qual Vitor Naine apresenta ao público Larissa Melo, então estudante de Filosofia e Cinema e também sua namorada. Ele a convidou a fazer parte da produção para, juntos, falarem sobre *Bauman e o Amor Líquido*, tema e título do vídeo. O porquê de eles terem escolhido esse tema, Larissa esclarece:

A gente escolheu esse tema também porque a gente começou de um jeito muito louco... É... [risos e uma significativa troca de olhares entre os dois]  
Em eras muito líquidas, assim, foi um casal improvável do Tinder. [riso]

---

<sup>60</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=FJT9RqmU9Rs&feature=youtu.be>.

Você pode encontrar filósofos, cinéfilos no Tinder, galera. Acontece. E é muito bom!

E após dar detalhes de como ocorreu seu *match*, explicam:

**Vitor:** A gente começou de forma líquida, e foi tentando, aos poucos, solidificar a relação. E a gente andou observando o quanto isso aos poucos foi fazendo bem à gente. A gente achou que fazer a construção de um amor mais tradicional, vamos dizer assim...

**Larissa:** ... era importante.

**Vitor:** Era importante pra gente, pra solidificar alguma coisa. Porque senão as múltiplas possibilidades podiam destruir a gente, né? Tanto individualmente e também enquanto casal.

A partir daí seguem fazendo uma correlação entre a obra do autor e as dificuldades com a fluidez das relações afetivo-sexuais da atualidade.

Zigmund Bauman, definitivamente, virou *mainstream* quando se fala em relacionamentos afetivos na atualidade. Concordando com Michel Bozon (2004) quando fala que a produção de conhecimento e representações da sexualidade, inclusive advindos da esfera acadêmica, também são construções culturais e históricas que moldam e justificam “cenários culturais da sexualidade” (BOZON, 2004, p. 14), com a capacidade mesma de fixar o que descrevem sobre ela, se mostrou imprescindível dialogar com a arquitetura conceitual de Bauman no que tange às suas acepções sobre relacionamentos interpessoais e contemporaneidade.

Desde o início do século, esse proeminente sociólogo polonês vem tratando de vários aspectos do que chamou de modernidade líquida (BAUMAN, 2003). Em suas análises, a transição do estado de solidez da modernidade clássica para um estado de liquidez, de intensificação da liberdade e luta pela individualidade da modernidade contemporânea envolve a liquefação de parâmetros políticos, econômicos e sociais tradicionais. “[A modernidade clássica] parece ‘pesada’ (contra a ‘leve’ modernidade contemporânea); melhor ainda, ‘sólida’ (e não ‘fluida’, ‘líquida’ ou ‘liquefeita’); condensada (contra difusa ou ‘capilar’); e, finalmente, ‘sistêmica’ (por oposição a ‘em forma de rede’)” (BAUMAN, 2003. p. 33). Riscos, incertezas, instabilidade são condições da modernidade líquida global atual, que implicam intensas rupturas nas relações sociais, inclusive as interpessoais.

Numa modernidade onde o espaço é ampliado para caber uma enormidade de eventos simultâneos e o tempo, escasso, urge uma constante e rápida movimentação, a profundidade das relações ficaria comprometida, pois atreladas aos fluxos do presente. Assim, como ocorreria no mundo de trabalho, onde o movimento continuado da sucessão de experiências

teria tomado o espaço do que antes era uma construção laboral sólida, de longo prazo, nas relações interpessoais de agora transitoriedade e pouca profundidade passariam a ser constantes.

Em se tratando dos relacionamentos íntimos, eles reproduziriam esse movimento de fragilidade, incertezas e insegurança, caracterizado pelo desejo ambivalente de estar com o outro e não ter relações duradouras, da entrega e da superficialidade, “de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” (BAUMAN, 2004, p. 8). Como reflexo de uma ordem social pautada na imprevisível fluidez, os indivíduos, inseguros diante dos riscos que uma relação amorosa representaria, tenderiam a adotar dois tipos de estratégias de proteção: fixar-se em relacionamentos que não poderiam controlar, investindo na segurança e na dependência de relações baseadas no interesse mútuo da continuidade, mas correndo o risco do aprisionamento; ou flutuar, fazendo cálculos de custo-benefício para não investir naquilo que pode gerar perdas, numa estratégia que objetiva escapar da insegurança e preservar a liberdade e o prazer, privilegiando o momento em detrimento da perspectiva de futuro.

Nesse cenário, o incremento tecnológico-comunicativo seria um dos fatores de destaque da mudança de paradigma, pois, para ele, a virtualidade das relações em rede forneceria um padrão para os relacionamentos e estaria em oposição aos relacionamentos “reais”.

Como que obedecendo à lei de Gresham, as relações virtuais (rebatizadas de “conexões”) estabelecem o padrão que orienta todos os outros relacionamentos. Isso não traz felicidade aos homens e mulheres que se rendem a essa pressão; dificilmente se poderia imaginá-los mais felizes agora do que quando se envolviam nas relações pré-virtuais. Ganha-se de um lado, perde-se de outro. (BAUMAN, 2004, p.13)

Sua argumentação segue atrelando aspectos gerais e eminentemente negativos das relações virtuais aos relacionamentos interpessoais atuais, comparando-os com os aspectos de solidez e previsibilidade da modernidade clássica.

Em uma astuta percepção, Nicolaci-da-Costa (2005) aponta que a notoriedade das macroanálises desse autor incentivou uma assunção muito veloz e sobrevalorizada das suas concepções em microanálises realizadas sobre as possíveis (e, para os autores, no geral negativas) influências da massificação do uso das tecnologias digitais nas relações sociais, em especial nos aspectos da fluidez e da mercantilização. Disso resultam pontos de vista eminentemente negativistas ou apocalípticos, preconizando o potencial deletério das formas de se relacionar atuais, em comparação às relações tradicionais. Visões que, como pude observar, em alguma medida, vêm sendo reinterpretadas e compartilhadas também entre os

usuários das próprias tecnológicas, inclusive o Tinder. Cabe questionar: essas noções e sensações apontadas pelos meus interlocutores/as são os únicos norteadores das experiências ali desenroladas?

Seguindo um caminho menos apocalíptico, outra renomada obra também preconiza uma perspectiva de mercantilização das relações interpessoais atuais, inclusive as de ordem íntima. Em *O amor nos tempos do capitalismo*, Eva Illouz (2011) propõe os contornos do que chama de capitalismo afetivo, que seria a base para a formação de novos modos de sociabilidade engendrados no entrelaçamento dos discursos e práticas econômicas e afetivas que conformam uma nova lógica interna do capitalismo contemporâneo.

Partindo de uma análise do contexto norte americano, a autora traz como um ponto crucial de sua argumentação a importância da cultura terapêutica na formação e gestão do eu e na reconfiguração da vida afetiva dos indivíduos. Seus discursos e práticas forjariam um “estilo afetivo terapêutico”, ou seja, uma nova maneira de pensar o eu relacional calcado numa “imaginação psicanalista” das suas potencialidades, tendo como referência sua posição em relação ao passado biográfico. O modelo terapêutico, ao por a vida afetiva como lugar de destaque enquanto um texto público, desenvolve técnicas para gestão dos sentimentos, que seriam apropriadas para a compreensão de si mesmo e para as relações interpessoais, tanto no âmbito privado como no público da vida social. Para Illouz, esse processo produziu uma ideologia da linguagem que transformou as identidades na modernidade tardia naquele contexto relacional.

No âmbito da família, Illouz aponta uma sinergia entre os discursos feministas e terapêuticos na formulação de um novo modelo cultural de intimidade afetiva e sexual, no qual a igualdade entre os pares passou a ser um valor fundamental e a comunicação terapêutica seu ideal de expressão. Disso resulta um processo de racionalização das relações íntimas, aspecto da contemporaneidade também explorado nas obras de sociólogos como Anthony Giddens (1993, 2002), a quem se contrapõe, e Michel Bozon (2004). Entretanto, para essa autora, a criação de mecanismos de intelectualização dos laços íntimos culminou numa “ontologia afetiva”, marcada tanto pela intensificação da vida subjetiva como pela objetificação dos modos de expressão e trocas de afeto. Os relacionamentos podem ser, assim, comensuráveis, ou seja, despersonalizados de suas particularidades e avaliados com base em critérios abstratos. Os vínculos afetivos, racionalizados, podem ser, então, comparados entre si, calculados, negociados com base em custos e benefícios, mercantilizados.

Diferente de Bauman, que não partiu da análise de uma plataforma específica para tecer considerações sobre os relacionamentos mediados pela internet, Illouz (2011) pesquisou

usuários de sites de namoro para propor que a internet seria uma tecnologia psicológica na qual o *self* se define exclusivamente através da linguagem (a criação de um eu descrito que precisa ser original para se destacar entre os demais) e da fetichização do corpo (o enquadre da aparência, através das fotos, em certa convencionalidade física). Naquele ambiente tecnológico, portanto, o eu seria feito por rótulos linguísticos e propiciaria um modo psicológico de sociabilidade, permeado pela homogeneidade.

Distinta do romance tradicional – que vincula os momentos de imaginação e encontro e põe o foco no corpo, na intuição e na percepção sensorial global do outro –, a imaginação da internet – calcada na preponderância dos processos verbais – se afastaria da intuição, de um conhecimento tácito e contextual do outro, pois disjuntaria a imaginação (“significados subjetivos autogerados”) do encontro físico. Desse modo, esta última se encontraria imersa na e satisfaria a ideologia da linguagem característica do imaginário cultural da psicologia.

Cabe pontuar, porém, que além de a autora pesquisar especificamente os contextos sociais norte americanos, investiga processos que estão em curso e se modificam com rapidez. Eles não são apenas reflexos das transformações sociais mais amplas, mas apresentam suas próprias características e potencial transformativo e de experimentação (DI FELICE, 2007). Assim, sua proposta teórica pode ser revista e complexificada, por exemplo, considerando-se a criação de novas formas de sociabilidade e construção da identidade decorrentes da invenção de outras plataformas digitais, inclusive voltadas para o relacionamento íntimo, nos quais o corpo possui papéis mais ativos, distintos do que, segundo ela, ocorre nos sites de relacionamentos. A internet, nesse sentido, não poderia ser vista tão somente como uma tecnologia psicológica ou mercadológica, nos termos por ela cunhados.

Numa análise que se pretende apartada das dimensões econômicas, e se aproxima das construções de gênero e identitárias, Giddens (1993) também atribui importância à psicanálise e à psicologia na conformação de transformações sociais relativas ao domínio da intimidade nos períodos atuais. Entretanto, as contribuições destas disciplinas à cultura moderna, para ele, estariam ao lado de diversos outros sistemas, recursos que corroborariam para a “criação de uma narrativa reflexivamente ordenada do eu” contemporâneo (GIDDENS, 1993, p. 41).

Para contrastar com as concepções foucaultianas sobre a sexualidade, Giddens se propõe analisar para além das esferas de poder e do discurso, e afirma serem a autoidentidade e o corpo nas sociedades ocidentais de hoje fontes de intensos questionamentos, pois abertos; são projetos reflexivos em “uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro” (GIDDENS, 1993, p. 41). Assim, concepções e práticas relativas aos relacionamentos afetivos e à sexualidade estariam situadas em um amplo processo de

mudanças relativas ao gênero sexual, ao amor romântico e à família, atreladas à concepção do eu reflexivo na atualidade. A incorporação do elemento reflexivo na ação moderna seria a mola propulsora das atuais transformações sociais. E corroboraram com ela fenômenos como a mobilidade geográfica, os meios de comunicação de massa e outras alterações que incorporaram reflexivamente novos conhecimentos e derrubam características tradicionais na contemporaneidade.

Segundo o autor, a intimidade passaria por mudanças “revolucionárias e profundas”, e seria caracterizada pela “negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais” (GIDDENS, 1993, p. 11). Na base de tal reestruturação está a reivindicação de igualdade das mulheres perante os homens, abarcando-se aí a igualdade sexual e emocional. A reivindicação das mulheres ao prazer sexual, iniciada com a liberação da dimensão da família e incrementada pela difusão da contracepção e tecnologias reprodutivas, associada ao *self* reflexivo é o que chamou de sexualidade plástica. Esta é essencial para o caráter emancipatório do que denominou de relacionamento puro, que:

Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. (GIDDENS, 1993, p.68-69).

O relacionamento puro, que se desenvolve em paralelo à sexualidade plástica, foi forjado sobre e apresenta um movimento tensivo com o amor romântico, elemento a fundamentar as relações íntimas desde finais do século XVIII. O amor romântico, apesar de preconizar o poder do homem sobre a mulher, “pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo” (GIDDENS, 1993, p. 10). Daí poder estar no cerne da constituição de uma nova forma de amar que se propagaria com a progressão da reflexividade institucional: o amor confluyente.

Em consonância com a reflexividade identitária característica deste momento histórico, o amor confluyente é dinâmico, ativo, contingente, firma-se sobre a ideia de que nada é para sempre. Constituindo-se sobre as bases igualitárias do relacionamento puro, “presume igualdade na doação e no recebimento emocional” (GIDDENS, 1993, p. 73) e fundamenta-se com base na confiança mútua como valor essencial na construção da intimidade. Aproxima-se mais da busca pelo “relacionamento especial”, mesmo que contingente, do que pela “pessoa especial” com a qual se viveria para sempre. Nessa relação, o erotismo está no cerne da

relação conjugal e a negociação se estende ao domínio da sexualidade. A exclusividade sexual é negociável, e a satisfação sexual recíproca é a chave para o casal.

Dessa forma, amor romântico, reivindicação feminista e sexualidade plástica coadunaram para a *transformação da intimidade* rumo a uma democratização das relações interpessoais equivalente à democracia da esfera pública<sup>61</sup>. Suas propostas de uma mudança nas relações interpessoais, notadamente nas experiências relacionais ligadas à afetividade e sexualidade, são interessantes ao propor o amor confluyente, relacionamento puro e sexualidade plástica não como a deteriorização, enfraquecimento, pouco aprofundamento ou mercantilização das relações intersubjetivas, como os dois outros autores, mas como fruto de uma transformação que vem ampliando arranjos íntimos que se permitem a experimentação e a negociação. E, nesse sentido, podemos pensar as inovações tecno-comunicativas corroborando em diversas frentes, seja na ampliação dos espaços de inter-relação e busca do outro, seja nos processos de experimentação e configuração de identidades.

Todavia, Giddens apenas cita que essa transformação da intimidade tem penetrações e implicações diferenciadas nas diversas culturas, sem informar a importância de se avaliar os limites de sua penetração nos diferentes contextos socioculturais. Na mesma direção, aponta a tensão entre o amor romântico e o amor confluyente, mas sem se deter a instâncias de hibridação entre os elementos de paixão, da busca por igualdade, do romantismo e da confiança. Assim, o alcance de suas análises parece estar limitado a uma generalização abstrata.

Michel Bozon (2004), por seu turno, trata da construção sociocultural da sexualidade: “E é o não-sexual que confere significado ao sexual, nunca o inverso” (BOZON, 2004, p. 14). Assim como Giddens, trabalha a retroalimentação entre o plano sociocultural mais amplo com o campo da sexualidade, no qual focaliza sua análise.

Essa abordagem não-naturalista da sexualidade, que recoloca em questão sua representação comum como pulsão, sublinha ao mesmo tempo a flexibilidade, a expressividade, e a mobilidade da esfera sexual na época contemporânea e sua inevitável dependência dos processos sociais que a constroem. (BOZON, 2004, p. 15)

Apesar de o livro ter um caráter panorâmico, assume um tom menos profético que o autor anterior e trabalha mais o campo tensional e as medidas não revolucionárias dos processos de modificação da intimidade ocorridas na contemporaneidade. O faz pontuando, a

---

<sup>61</sup> Num exercício futurologista talvez um tanto apressado, Giddens aponta o potencial da realização emocional, em influenciar subversivamente o todo das instituições modernas, com poder, inclusive, de substituir a maximização do lucro.

partir de pesquisas antropológicas e sociológicas, dados demográficos e históricos, distinções e limitações dessas mudanças entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, suas distintas penetrações/ajustamentos culturais e as limitações ao empoderamento feminino.

Bozon também estruturou a argumentação sobre processos de transformação da sexualidade e subjetividade hodierna a partir de uma retomada histórica sobre a organização social e sexual dos gêneros. E, como o outro sociólogo, destacou a importância de amplos acontecimentos desenrolados a partir dos 1960, que, em especial, modificaram a situação da mulher na família e no contexto social mais amplo, e impactaram as relações sociais e sexuais. Dentre eles pontua a intensificação do processo de individualização, a dissociação entre sexualidade e procriação, a racionalização do prazer e o direito ao prazer, a busca pela igualdade sexual entre homens e mulheres e a busca pela visibilidade e aceitação de orientações sexuais alternativas.

Contudo, diferentemente de Giddens, para Bozon tais mudanças não se traduziram na quebra compulsória das desigualdades entre os gêneros. Nesse sentido, elas não são revolucionárias, tampouco uniformes. Antes, implicam num permanente estado tenso que agrega valores opostos à relação entre os parceiros, complexificando as formas de envolvimento. Numa ponta da tensão está a expectativa de reciprocidade (enquanto valor que se torna importante nos relacionamentos sociais e sexuais) e na outra a valorização da autonomia individual e da escolha como elemento fundamental do projeto individual.

À busca pela continuidade na relação entre dois parceiros, opõe-se a exigência da espontaneidade do desejo. À busca pela reciprocidade, opõe-se a do prazer individual. À exigência de exclusividade, opõe-se a atração por uma possível simultaneidade de laços sexuais. Ao ideal de um parceiro para toda a vida, opõe-se a aspiração a uma renovação das experiências e dos relacionamentos. (BOZON, 2003, p. 153)

Assim, desejos individuais estão em constante negociação com padrões sociais e sexuais mais tradicionais da relação conjugal. “Tudo leva a crer que os atores interpretam seus comportamentos sexuais cada vez mais em função de situações e contextos relacionais do que segundo princípios absolutos” (BOZON, 2004, p. 58). Os arranjos relacionais nos países ocidentais passam a ser ditados tanto a partir de “orientações íntimas” – como quadros de referências culturais para a sexualidade e a conjugalidade – como, e principalmente, por uma negociação “interna e amplamente subjetiva do casal”.

Os estudos acima citados nos mostram que modificações no campo da afetividade-sexualidade estão localizadas e fazem referência a processos de ruptura e continuidades mais amplos, relacionados seja à reconfiguração de processos de autoidentificação, seja a

mudanças na experiência emocional proporcionadas pelo capitalismo, seja a enquadres de arranjos socioculturais específicos.

Entretanto, tais quadros teóricos me fazem recorrer à crítica de Strathern (2014), inspirada em Edmund Leach, acerca da dicotomia entre a sociedade (enquanto uma “entidade discreta”, uma coisa para a qual se tem que definir a relação entre ela e outra coisa) que produz em antítese o indivíduo (aquele que precisa ser socializado para se subjugar a essa “entidade externa”, abstrata). Uma dicotomia que aponta a relação de externalidade e oposição entre ambos os polos do “pêndulo teórico” (ibid., p. 237). Propôs, assim, que os antropólogos abandonem o termo sociedade, enquanto uma abstração reificada, em função de pensar a perspectiva reacional inerente à pessoa: “perceber que as pessoas têm potencial para se relacionar e estão, ao mesmo tempo, sempre incorporadas em uma matriz de relações com outros” (ibid., p. 239). Devemos nos concentrar na relacionalidade, na socialidade.

Nesse sentido, se autores como Giddens e Bozon apontam tais modificações realçando-as a partir da organização social e sexual dos gêneros, e Illouz e Bauman o fizeram a partir da configuração do sistema capitalista, a análise contemplada no presente estudo ressaltará outras perspectivas da experiência afetivo-sexual que se mostram particularmente reveladoras de cenários relacionais possíveis emergentes em dada plataforma digital, o Tinder. Ao invés de me deter em temas mais abrangentes como gênero, idade, classe social, raça – enquanto referências identitárias sem dúvida presentes e demarcadoras de diferenças nas experiências dos indivíduos implicados, mas por demais amplas para serem explorados em profundidade nesta dissertação – tratarei sinteticamente de buscas, percursos, aprendizagens, experimentações e riscos, outros vieses que, a partir dos encontros com os usuários/as, se me apresentaram como componentes instigantes para a compreensão das experiências proporcionadas pela intermediação de aplicativos na busca por sexo, afeto, sociabilidade. Minha pretensão não é construir modelos definidores dessas experiências, senão destacar, dentro de um quadro mais ou menos geral do percurso de uso desses aplicativos, formas e conteúdos (SIMMEL, 2006) que informam como elas estão se apresentando frente aos desafios de uma ambiência marcada por diversas tensões entre individualidade e reciprocidade. Isso não como algo necessariamente negativo, mas parte da própria dinâmica da relacionalidade (STRATHERN, 2014) contemporânea.

Antes de seguir com tais análises, convido o leitor a observar certos parâmetros que estão no lastro do que vem a ser essa vida *online* da qual a busca por parceria em aplicativos faz parte.

## **A vida *online* hoje (ou há vida *online/off-line* hoje)**

Volto atrás no tempo para fazer uma referência à atualidade de George Simmel (2006) que, me permito dizer, parece já ter sentido os ventos do “fluxo incessante” contemporâneo, tal a dinâmica de constante fazer e desfazer da vida social que descreveu, e dos problemas e teorias que estudou entre finais do século XIX e início do XX. A análise realizada por Garcia (2007) sobre a sociedade tecnológica de massa moderna na obra de Simmel a partir das suas considerações sobre o dinheiro como objeto mediador das relações humanas é exemplar para tratar da contemporaneidade de suas análises. Ele pontua que, para Simmel, ciência e tecnologia estão entre as possibilidades de materialização da cultura objetiva, sendo assim partes integrantes e essenciais da cultura moderna. Ao destacar aspectos importantes sobre a compreensão de como, para o autor alemão, a tecnologia “adquire o caráter de sistema autônomo, ilimitado e universal” (Ibid., p. 329), um meio que acaba por se tornar fim, Garcia destaca, entre outros aspectos, sua inserção no movimento dialético de construção do mundo: tecnologia é a objetificação resultante da exteriorização da complexa subjetividade no mundo social e cultural. Nesse sentido, ela não tem meramente valor instrumental, e sim um papel de mediação das relações, um potencial alargador da ação humana.

Retornando aos tempos hiperconectados de hoje, é possível ver que essa materialização de processos culturais a qual chamamos de tecnologias comunicativas digitais vem ganhando um espaço de universalização e autonomia, como já descrito no século anterior por Simmel. Essa percepção fica visível através da sua intensa penetração cotidiana e da centralidade que tomaram nas nossas vidas, em especial a partir da era dos *smartphones* e dos aplicativos.

Segundo os dados da comScore, os aplicativos são responsáveis pela maior parte do tempo gasto no *mobile* em relação aos minutos de navegação na internet. No Brasil, esse número chega a 89%, dos quais 33% é dedicado aos aplicativos relacionados ao entretenimento e à socialidade – redes sociais e mensagens instantâneas, com destaque para o Facebook e o Whatsapp. Estima-se que o país seja responsável por 10% do tempo gasto globalmente em redes sociais. Um tempo que, nos últimos anos, também tem de direcionado para a busca de relações sexuais e afetivas. Não é a toa que somos responsáveis por uma fatia de cerca de 10% do total de usuários do Tinder no mundo.

Carolina, Carlos, João, Gregório, Joaquim citaram, com certo espanto ou incômodo, o grande tempo gasto por eles nos *apps* móveis de relacionamento, em seu dia a dia, nos períodos de uso mais intensivo. Para alguns deles, a falta de tempo, ou a necessidade de

dedica-lo a outras atividades, ou mesmo terem se dado conta do quanto se dedicavam àquela atividade *online* de busca foram motivos para “dar um tempo” do aplicativo. Observo, porém, que se o investimento amoroso é também um investimento de tempo, o uso pessoal da internet como recurso para se chegar afetivamente ao outro está inserido numa fatia de tempo mais ampla dispensada por nós às plataformas digitais, cuja presença em nossas vidas está cada dia mais naturalizada (VAN DIJCK, 2016).

José Van Dijck (2016) atenta que se na década de 1990 o mundo vivia o furor da nova comunicação em rede *online*, no curto espaço de dez anos, a partir do início deste século, a Web 2.0 inaugurou uma mudança fundamental no modo como vivenciamos o estar *online*. Esta proporcionou a abertura para que os usuários se tornassem criadores de conteúdos, e as redes sociais, tais como as conhecemos e manipulamos hoje, pudessem ser elaboradas. Somos usuários, mas também contribuintes na formação ou aperfeiçoamento das plataformas digitais, ambientes e comunidades *online*. Produzimos dados que geram algoritmos, que retroalimentam mudanças nas plataformas, que geram formas de lidar e interagir, que geram novas experiências específicas de acordo com os diferentes ambientes digitais. Como disse Carlos, interagir com alguém no Facebook é diferente de interagir no Tinder, as pessoas agem diferente.

Por um lado, essa nova arquitetura digital acentuou a maior interconexão entre *on* e *off-line* no cotidiano. Por outro, o fenômeno do crescimento e da interconexão entre as plataformas digitais impulsionou-nos a transpor parte da nossa vida social, pessoal, profissional – e mesmo sexual/amorosa – para o ambiente digital. Habitamos hoje um ecossistema que “passou de uma comunicação em rede para uma sociedade modelada por plataformas, e de uma cultura participativa para uma verdadeira cultura da conectividade”<sup>62</sup> (VAN DIJCK, 2016, p. 12, tradução livre da autora). A conectividade, enquanto infraestrutura global fortificada pela interatividade das tecnologias digitais, retroalimenta a “sociedade em rede” e ocupa lugar cada vez mais central nas nossas relações sociais cotidianas.

Jair Ramos (2015) coloca a questão de modo bastante claro:

De fato, essa rede não é construída como apropriação de um espaço físico como espaço social, como era predominantemente o caso antes, mas sim como pura produção de um espaço social cuja materialidade é a informação e seus modos de transmissão. Ainda que a informação esteja presa à rede como um todo, ela está em mais de um lugar físico da rede (por meio de mecanismos de redundância), de modo que servidores e seus terminais (que

---

<sup>62</sup> Do original: “(...) paso de una comunicación en red a una socialidad moldeada por plataformas, y de una cultura participativa a una verdadera cultura de la conectividade”.

são os PCs, notebooks, smartphones, etc.) são intercambiáveis e substituíveis sem que rede formada pela circulação de informações seja colocada em xeque. Assim, temos uma continuidade inscrita na história de produção de espaços sociais por meio de redes, mas, de outro, uma descontinuidade devida ao fato de que o espaço construído por essa rede de computadores é todo feito de informações. (RAMOS, 2015, p. 59).

Ao tratar das transformações comunicativas ao longo da história, Di Felice (2007) fala de uma quarta revolução comunicativa advinda com as tecnologias digitais<sup>63</sup>. A partir delas a comunicação se tornou em circuitos informativos interativos, intensos processos de fluxo entre máquinas e humanos que, assim como descreve Van Dijck, integram ao indivíduo comum múltiplos papéis de receptor, emissor, consumidor, produtor digital. Para ele, a tecnologia comunicativa modifica não apenas as relações interpessoais e com a técnica como implica num modo específico de relação com o ambiente. Assim, para além dos conteúdos e das funções instrumentais das tecnologias comunicativas, é preciso analisar como elas influem nas formas das interações, criando novas sociabilidades e novas formas de habitar o espaço. Conhecimento, técnica, percepção espacial formam uma relação simbiótica, inseparável.

O social digital, a diferença do analógico, mais que uma polifonia de vozes resulta ser mais próximo de uma realidade “protéica”. Incrementando ao extremo a possibilidade de ligações, o social contemporâneo deixa de ser um conjunto de estruturas comunicantes para se tornar o espaço de atuações múltiplas, através da união simbiótica de setores e da criação de relações híbridas.

A tecnologia digital estimula este processo manifestando uma enorme potencialidade não somente de conexão, mas, sobretudo de experimentação, juntando realidades e entidades distantes e possibilitando assim formas inéditas de social, de mercados e de produções. (DI FELICE, 2007, p. 6)

Usando o conceito de situação social e a análise das novas mídias na produção de inovações nas relações entre espaços e pessoas de J. Meyrowitz, Di Felice destaca a hibridação entre mídias, espaços e sociabilidade na vida social atual.

O conceito de sistemas informativos desenvolvido por Meyrowitz indica que os ambientes físicos e os “ambientes” das mídias pertencem a um continuum e não a uma dicotomia fazendo com que a difusão dos mídias eletrônicos (sic) criem muitas novas situações sociais. (DI FELICE, 2007, p. 5)

---

<sup>63</sup> Para um aprofundamento dessa perspectiva, ver *Redes Sociais Digitais, Epistemologias Reticulares e a Crise do Antropomorfismo Social*. No artigo, Di Felice traz análises conceituais sobre a ruptura epistemológica representada pela perspectiva reticular, “como uma nova forma explicativa da complexidade que encontra na forma tecnológico-comunicativa sua expressão concreta” (DI FELICE, 2011-2012, p. 8).

Estaríamos, portanto, vivendo uma forma peculiar de organização social na qual “a geração, o processamento e a transformação das informações tornam-se fonte fundamental da sociabilidade” (Ibid., p. 6). Nesse sentido, virtual e real não são opostos, existe uma continuidade entre territórios físicos e arquiteturas informativas.

O resultado de tal condição é que o social deixa de ser somente algo que está na nossa frente, observável e reconhecível, para, uma vez deslocado também nas redes, se tornar um conjunto infinito de informações a ser reconstituído e reinterpretado por nós. (DI FELICE, 2012, p. 17)

Inspirando-se no conceito de habitar de Heidegger, Di Felice propõe uma associação entre a experiência do habitar e as tecnologias comunicativas. Ao longo da história da humanidade, as inovações técnicas foram alterando a cultura, a relação homem-ambiente, a experiência sensorial, a representação e a percepção do espaço. Apesar de nem sempre ser notório, as tecnologias comunicativas desencadeiam experiências habitativas; cada grande transformação ou revolução comunicacional está vinculada a formas diversas de ocupar o mundo e percebê-lo.

Com o processo de digitalização vigente, um tipo específico de forma comunicativa do habitar, a atópica, desponta. O termo atopia, longe de se tratar da negação do lugar ou de um lugar impessoal – o não-lugar, no sentido dado por Marc Augé – refere-se à proposição de já não ser possível acoplar a condição habitativa apenas à relação do indivíduo com o território. Ela está, por outro lado, atrelada a fluxos informativos, à conectividade, à interação através de interfaces; no habitar atópico existem “ambientes atravessáveis somente mediante formas de interações técnicas” (DI FELICE, 2007, p. 20). Nele, a virtualidade ganha um papel de destaque no cotidiano.

Assim, o espaço não tem mais um sentido único; ele é complexificado pela hibridez, pela transorganicidade entre o território, as pessoas e os circuitos midiáticos tecnológicos, de modo plástico e combinante. A digitalização territorializa o espaço de forma híbrida, e traz significativas alterações no modo como vivemos não só o espaço-tempo como as sensações, as práticas, os corpos, os hábitos. A atopia é, justamente, a contínua instabilidade e indefinição derivadas das inúmeras possibilidades de intercâmbio que se apresentam entre tecnologia digital, indivíduos, local geográfico. Está calcada na superação das divisas entre homem e território; na formação de uma relação não opositiva, mas em rede<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> Obviamente essa experimentação do fluxo e da hibridação humano-maquínico não se dá de modos unívocos e destituídos de outros referenciais sociais e culturais. Marc Augé, em *Por uma Antropologia da Mobilidade*, propõe uma reflexão nessa direção e nos leva a pensar as implicações políticas, além das científicas, dessa nova

Suas ideias têm forte base no arcabouço teórico de Pierre Lévy, inclusive em sua noção de heterogênesse. Para esse autor a heterogênesse aponta para o quesito da indeterminação, do motor criativo e da invenção que envolve a interação com o outro no processo de virtualização. Esta “inventa, no gasto e no risco, velocidades qualitativamente novas, espaços-tempos mutantes” (LÉVY, 1996, p. 13).

O uso dos celulares inteligentes, com seus inúmeros aplicativos, inclusive os de paquera, dão mostras e se inserem nesse habitar atópico dos centros urbanos na presente época. A presença física nos lugares é compartilhada, ao mesmo tempo, com o intercâmbio com pessoas que se encontram em outros diversos e pela interação com aparelhos, programas, bancos de dados que permitem o acesso imediato a espacialidades distintas. Humanos e não humanos transitando entre ambientes físicos e digitais, no mesmo instante, alguns dos quais prescindindo das interfaces para serem habitados. Esse é o habitar híbrido, complexo, cujos formatos preestabelecidos são continuamente atualizados pela conectividade.

Além da imbricação entre maquínico, plataformas, humano, ambiente, o que fundamenta a atopia descrita por Di Felice, é a assunção de uma continuidade entre a existência *online/off-line*. Entre pesquisadores brasileiros (MISKOLCI, 2016, BELELI, 2015, LEITÃO e GOMES, 2018), essa ideia vem ganhando fôlego teórico nos estudos das tecnologias digitais. Estudar as novas sociabilidades na perspectiva de um *continuum online/off-line* é atentar para o borramento das fronteiras do que antes era visto como “real” versus “virtual”: as interações mediadas fazem parte da construção das relações sociais cotidianas de quem usa as tecnologias comunicativas digitais.

Transitando por cidades de portes variados, circulando pelos seus locais rotineiros de passagem, descansando em suas residências após as atividades cotidianas ou mesmo durante a realização das suas atividades laborais os usuários das tecnologias comunicativas digitais estão a todo tempo passando por diferentes territorialidades, do físico aos virtuais, e entre diversas plataformas digitais. O mesmo ocorre com o uso de aplicativos de paquera. Seus usuários/as utilizam um ou mais aplicativos, migram conversas para outras plataformas, optam por se encontrarem presencialmente ou não, conversam com muitos possíveis pretendentes ao mesmo tempo, escolhem ligar os aplicativos em lugares específicos das

---

dinâmica hiperconectada da vida. O faz pontuando algumas tensões e contradições que envolvem a assunção de uma representação do mundo globalizado de intensa mobilidade e desterritorialização, ante desigualdades que envolvem as noções de fronteira, urbanização, migração, turismo e utopia. Já Miller e Horst, em *O Digital e o Humano*, ao tratar das bases para uma Antropologia Digital apontam, entre outros aspectos centrais, a importância de se negar a ideia de homogeneização e generalizações nos estudos da/na internet: esta é sempre apropriada localmente, emoldura-se às especificidades dos contextos. Ao que chamaram de “princípio do relativismo”.

idades ou mesmo viajar com a finalidade de usar extensamente as possibilidades de encontros que tal tecnologia permite. Observemos alguns exemplos de como me foram narradas as diversas formas possíveis de socialidade a partir daquela plataforma.

O caso de Lígia é curioso. Ela frequentava a mesma academia de ginástica que um rapaz que lhe deu um *super like* no Tinder. Ela deu *like* e deram *match*. Começaram a conversar pelo aplicativo e pouco tempo depois engataram um namoro. Durante os encontros na academia, antes disso, não se falavam. Precisaram da mediação da tecnologia para haver a aproximação, demonstração do interesse e efetivação de uma relação. Com Mário ocorreu algo semelhante: teve correspondências com mulheres que conhecia dos locais que frequentava, mas apenas pelo aplicativo demonstraram interesse mútuo.

De outro modo, percebi que para a quase totalidade das pessoas com quem conversei o *app* os fez sair mais e conhecer mais pessoas novas presencialmente do que nos períodos sem ele. Pois, como disse João: “É uma nova forma, né, que nós ciborgues, agora, né, que já somos ciborgues, estamos inventando pro amor. E pra coisas também, não só o amor. Pros encontros”. Mais ainda, usando essa *nova forma* encontravam com pessoas cuja probabilidade de conhecer por outros meios era muito pequena, dado o fato de pertencerem a círculos sociais bastante distintos, inclusive de outras cidades ou países. Se o “espírito” do Tinder – conhecer novas pessoas – parece estar sendo cumprido para meus interlocutores/as, uma alternativa a ele – estreitar relações entre pessoas que já se conhecem – se mostrou outra utilidade da ferramenta. A manutenção de laços estritamente *online* – contrariando o apelo do aplicativo – também foi outro modo de usá-lo que expande as expectativas iniciais. Voltarei a esse ponto no capítulo seguinte.

Já para Cecília e Marina, elas começaram a usar o aplicativo de paquera em meio a momentos de crise em seus relacionamentos correntes. Em ambos os casos, os amigos recomendaram a plataforma como uma forma de ajudá-las a enfrentar o momento transitivo. Também com as duas houve um retorno para suas antigas relações, após uma adesão à busca *online*. E um novo retorno às buscas *online* após o término em definitivo dos relacionamentos.

**Cecília:** Sim, eu tava em processos de meio fim do meu antigo relacionamento. Mas, tipo, o Tinder ali, pra mim, naquele momento... Porque foi em Rio Tinto, não foi nem aqui em João Pessoa. Rio Tinto praticamente é uma cidade pequena, não rola a movimentação no Tinder, e você conhece todo mundo da cidade. Então, eu só fiquei mais curiosa mesmo para saber como era. Mas, instalar, instalar mesmo, para usar, foi quando eu terminei meu relacionamento de vez. Acho que esse ano. Esse ano foi o ano que eu realmente usei o Tinder!

Esse uso, no caso da Cecília, assim como das outras buscadoras/es é indissociável dos seus percursos de vida e trajetórias afetivo-sexual de modo mais abrangente, de seu envolvimento com os locais nos quais estavam utilizando e do *genius loci* da própria plataforma. Focalizemos rapidamente essa socialidade contemporânea *online/off-line* em relação ao lugar e ocasiões onde se opta por usar o *app*.

Inserida na pesquisa, eu buscava pessoas nos mais diversos locais das cidades onde estava, uma vez que meu propósito era interagir com quem quer que fosse. Porém, minha casa era o local onde eu mais acessava, por comodidade. O mesmo o disse fazer a grande maioria dos informantes. Muitos deles/as manipulavam os aplicativos de paquera quando já estavam sem nada prático a fazer, nos momentos de descanso, ou mesmo na cama, antes de dormir, para relaxar ou se distrair. Sobre essa prática, Lígia, que usava o aplicativo na universidade, para ver quem estava por perto, e em casa, falou:

Geralmente antes de dormir. Quando eu lembrava, quando estava sem nada pra fazer, eu lembrava que tinha o Tinder, era como se fosse uma diversão. Digo ‘Eita, tem o Tinder, vou ver!’. Era como se fosse um lazer, uma curiosidade: ‘Quero ver o que tá acontecendo’.

Além da casa, a partir do uso e do compartilhamento de informações, os usuários/as passaram a identificar lugares de referência que poderiam ser pontos de busca virtual, ou locais para se evitar fazê-lo. João, Lígia, Cecília e Adélia, por exemplo, passaram por experiências que os fizeram perceber que cidades pequenas, no geral, não são bons locais para ligar o Tinder – há poucos usuários ou eles não eram compatíveis com seus interesses. De outro modo, conheci um médico que confessou ter passado a se voluntariar mais para viagens de trabalho em grandes cidades brasileiras e do exterior apenas para usufruir das possibilidades abertas pelo Tinder (conhecer quantas mulheres pudesse). Marina, por sua vez, foi aconselhada por uma amiga a não ligar o Tinder em certo bairro da cidade do Salvador.

Mas minha amiga já falou que não é bom usar em Itapuã. Ela disse que em Itapuã... Ela falou que só tem homem ruim em Itapuã. E ela mora na Vitória, e uma vez eu tava na casa dela, tava usando. Ela falou: ‘Não, amiga, aqui é bom pra usar. Mas em Itapuã, não!’, Porque, na verdade, a tia mora em Itapuã. Na verdade, a tia mora na Vitória, e ela mora em Itapuã. (...) Porque disse que os [homens] de Itapuã são meio barra pesada. Mas a primeira vez que eu usei o Tinder foi em Itapuã e olha o que deu? [Em referência a ter conhecido homens complicados] (...) Minha amiga está certa!

Carolina, que usa o Tinder e o Happn, acha esse último interessantíssimo para usar em seus percursos entre trabalho e casa, já que deixava os homens com quem cruzava expostos

no programa, como num cardápio mesmo, permitindo localizá-los espacialmente e analisar melhor seus perfis – apesar de nesse *app* não serem iniciadas tantas conversas como no outro. Certa vez, ela viajou para a Europa enquanto estava ficando com um rapaz que conheceu em João Pessoa, pelo Tinder. Decidiu, então, ligar o programa ao final da viagem, quando já havia curtido os lugares sem a expectativa de buscar alguém. Conheceu *online* um rapaz, saíram e ficaram. Continuaram o contato virtual episódico, e quanto ela retornou ao exterior, quase um ano depois, se encontraram e ficaram novamente. Em outro momento da sua trajetória decidiu viajar para determinado estado brasileiro exclusivamente para se entregar às possibilidades de encontros sexuais que a plataforma permitia.

Esses fragmentos de trajetórias se alinham com abordagens que correlacionam as possibilidades de ressignificação dos territórios e influência nos fluxos pelos lugares a partir dos usos dessas plataformas<sup>65</sup>. Elas apontam para novas percepções dos distintos lugares e situações como apropriados ou não para a prática da busca *online* por parceria.

Além disso, as histórias relatadas se aproximam com as análises de Leitão e Gomes (2018) quando afirmam que a existência de um *continuum on/off-line* não assinala para a regularidade, mas se modifica de acordo com as formas de uso e as plataformas e dispositivos usados.

Esse *continuum*, no entanto, não é plano ou linear, e sua topografia é variável, de acordo com a plataforma, ou usos que determinados grupos fazem dela, o que significa que, para mapeá-lo, é necessário considerarmos, tanto os contextos locais ou particulares de uso, quanto os agenciamentos (maquímicos, estruturais, de *software*, algorítmicos) propiciados pelas diferentes plataformas. (LEITÃO e GOMES, 2018, p. 173)

No próximo capítulo, a questão do entrecruzamento das motivações, expectativas, dinâmicas de vida e continuidade *online/off-line* ficará mais visível, assim como outros aspectos das experiências e possibilidades de experimentações abertas pelo Tinder. Passemos a elas.

---

<sup>65</sup> Vide: Miskolci (2014b); Maia e Bianchi (2014); Pelúcio (2016); Oliveira (2016).

## CAPÍTULO 3 - TINDER: UM CAMINHO NA CONTEMPORANEIDADE

Com isso, a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor. Se a virtualização fosse apenas a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis, seria desrealizante. Mas ela implica a mesma quantidade de irreversibilidade em seus efeitos, de indeterminação em seu processo e de invenção em seu esforço quanto à atualização. A virtualização é um dos principais vetores da criação da realidade. (LÉVY, 1996, p. 7)

Ao tecer os contornos da cultura da modernidade, George Simmel definiu duas formas culturais fundamentais marcadas pelo dualismo e dependência dialética: a cultura objetiva e a cultura subjetiva. Sobre esses âmbitos, Garcia (2007, p. 297) sintetiza:

O processo cultural ocorre, portanto, no quadro de um dualismo básico que habita o ser humano. Por um lado, o espírito objetivo derivado das objetivações em que cristaliza a vida originada pela subjetividade; por outro, e em sentido contrário, o espírito subjetivo, vindo da configuração que ascende da natureza para a cultura e que procura a nobreza da vida individual. Subjetividade e objetividade, interioridade e exterioridade revelam uma cesura irreparável, embora aberta a um movimento infinito que, pese estar submetido à procura da unidade, não tem uma completa solução identitária. É esse movimento de dupla postulação, ao solicitar o homem na busca de unidade, que constitui o fluxo entre ser e devir, que tece e entretece a multiplicidade da sua situação no mundo. Nesta linha de raciocínio, a cultura subjetiva e a cultura objetiva são, ora uma derivação, ora uma expressão da relação autônoma entre vida e forma.

Essa relação subjetividade-objetividade, vida-forma está inserida na compreensão do mundo humano, por Simmel, como o mundo das relações. No cerne da vida social está o caráter relacional inerente aos indivíduos, a ação recíproca e o impulso para a interação com o outro com base em distintas finalidades e interesses, e que os liga “pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006, p.17).

Para ele, os contextos sociais, a sociedade enfim, se formam nos laços interacionais estabelecidos quando conteúdos individuais intencionais – motivações, impulsos, finalidades – definem formas sociais de estar com o outro para a consecução dos seus interesses. Conteúdos e formas são metáforas que usou para retratar essa relação dialética indissociável e fundamental da vida social e cultural, cujos termos se complementam e ao mesmo tempo se contrapõem. A relação entre conteúdos e matérias individuais da socialização e as formas na

modelagem da vida social acaba por autonomizar as últimas, que tendem a se transformar em valores em si mesmo, independentizar-se dos conteúdos e finalidade que lhes constituíram. Entretanto, diferente de Durkheim para quem o todo social conforma e coage as partes, a ação individual é, em Simmel, o núcleo da vida humana. Disso resulta o conflito, enquanto motor social, derivado da tensão entre o furor criativo e a ânsia por liberdade dos individuais e as convenções, regras e moralidades das formas sociais.

Nas palavras de Koury e Scribano (2012, p. 647), Simmel trata do “encontro entre estranhos, com o outro diferente, como o fundamento da socialidade, onde o indivíduo exercita sua ação de estranhamento e de aproximação ou separação que fundamenta as bases da sociação”. Sociação que, com seu caráter processual e impulsivo, está passível ou não de se tornar uma ordem moral.

Os laços de associação entre os homens são incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsação que atam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeiras organizações. (SIMMEL, 2006, p.17)

Nessa direção, relações que se supõem menos delimitadas, menos estáveis, menos duradouras estão também a formar laços, a formar sociedade, a gerar e exercitar sociabilidade. Sociabilidade esta que, enquanto registro de uma ordem moral construída na relação e caracterizada pela ludicidade, hoje em dia também se dá, em larga escala, a partir da mediação das tecnologias comunicativas digitais.

Se há pensadores da contemporaneidade que propõem serem as tecno-comunicações digitais responsáveis pelo afastamento irremediável entre os indivíduos ou pela degradação das relações interpessoais, podemos atualizar as concepções simmelianas lançando luz sobre o interesse manifesto dos usuários/as do Tinder com quem conversei, que coaduna com o propósito do próprio aplicativo: conhecer pessoas, interagir com elas motivados por determinados, e por vezes heterogêneos, interesses – relacionamento afetivo, conversas, sexo, trocas afetivas, contatos comerciais, passatempo –, formando relações que podem ser mais ou menos estáveis e duradouros, mais ou menos delimitáveis.

Adélia, ao contar como foi o encontro virtual com o seu atual namorado, revelou que, em sua avaliação, eles deram certo porque ambos procuravam alguém especial para manter um relacionamento duradouro. Cecília, ao conhecer o rapaz de quem inicialmente ficou amiga e que se tornou seu namorado, disse não estar procurando nada específico pelo aplicativo, além de bons papos. Carolina, em dado momento da sua vivência no Tinder, fazia negociações com seus pretendentes para saber se investiria neles para sexo ou *algo mais*, e

num momento posterior se direcionava para encontrar alguém com quem tivesse afinidades para manter um relacionamento duradouro. Gregório não queria compromisso conjugal, e sim companhias com quem pudesse ter relações abertas. Afonso, apesar de professar descrença quanto à eficácia do *app*, usava-o intensamente e disse estar aberto a qualquer possibilidade de relacionamento que encontrasse, desde ficar até namorar ou casar, e desses contatos fez uma lista de possível clientela profissional.

Do leve papo virtual ao casamento, a busca pelo Tinder é uma busca pela socialidade, tal qual teorizou Simmel (2006) ao retratar o impulso que movia os indivíduos na modernidade. Um impulso cuja concretização implica numa tensão a envolver as intenções, motivações e ações de cada um dos envolvidos e os constrangimentos da cultura objetiva, inclusive a própria mediação tecnológica enquanto artefato cultural dotado de relativa autonomia, ou seja, proporcionando enquadres e limitações à interação, até mesmo técnicas.

A busca se dá por indivíduos que se formam enquanto tal através das relações que estabeleceram, e pelas marcas que eles foram objetivando no conjunto de experiências pelas quais passaram ao longo de sua socialização. O próprio contato com os dispositivos e plataformas digitais vai impactando sua subjetividade, seus conhecimentos e formas de lidar no mundo (RAMOS, 2014; LEITÃO e GOMES, 2018). Esses indivíduos possuem projetos individuais e sociais que vão se colocando dentro das diversas conformações possíveis que os contextos e as interações lhes proporcionam. Projetos estes que são realizados ou abandonados e podem ser retomados mais tarde ou não.

A noção de projeto, cunhada por Gilberto Velho (2003a), com base na fenomenologia de Alfred Schütz, está relacionada à tensão relacional entre indivíduo e cultura na sociedade complexa e, desse modo, nela estão pressupostos não apenas aspectos internos aos indivíduos, suas estratégias particulares e condições subjetivas, mas passam pela inserção num contexto sociocultural dado que lhes confere um campo de possibilidades. Este último, sendo o espaço compartilhado onde os projetos individuais podem ser formulados e implementados, lhes fornece um horizonte simbólico, social e histórico. A tensão se dá cotidianamente entre os constrangimentos a padrões sociais e culturais – que solicitam do indivíduo um enquadramento – e sua própria demanda por autonomia e singularidade. É nesse jogo tenso e conflitual que se abre um mundo de possibilidades de criação de espaços e atuações, muitas vezes díspares ou antagônicos. Assim, a tensão entre subjetividade e sociabilidade fundamenta ações dos e negociações entre os indivíduos.

Esse processo de significação pessoal da experiência é a cultura subjetiva trazida pelo indivíduo e que está presente no jogo das interações no ambiente tecnológico estudado nesta

dissertação. Schütz (1979), ao ser usado por Velho em sua categoria de projeto, trabalha esse elemento como básico: a agência do indivíduo no mundo da vida, dentro dos limites específicos de suas conformações sociais.

Neste capítulo tratarei, portanto, de aspectos da experiência com o Tinder, a partir do que me foi narrado pelos meus informantes e do que presenciei. Elementos estes relacionados especialmente às motivações, às escolhas, aos percursos da interação e a fatores como aprendizagens, experimentações, riscos, à luz das compreensões de uma sociabilidade que se inicia na mediação do aplicativo e que se estabelece entre indivíduos que vão cruzando suas vidas enquanto possibilidades de concretização de múltiplos propósitos. Na seção a seguir, procurarei explorar os usos e aproximações do outro relacional pelo Tinder, no que se refere as suas motivações de utilização, cotejadas com as noções de experiência (SCHÜTZ, 1979), projeto e campo de possibilidades (VELHO, 2003a).

### **A caminho do Tinder: entre a busca e os motivos**

Ao optar metodologicamente por começar a pesquisar o Tinder “em casa”, eu estava influenciada por alguns pré-conceitos sobre os motivos para se usar um *app* de paquera. Uma dessas pré-noções era a de que especialmente pessoas, de alguma forma, deslocadas social ou afetivamente (como eu, quando usuária comum) teriam suficiente motivação para recorrer àquela novidade. Outras imaginações correntes acerca dos motivos da adesão a tais *apps* dizem respeito a sua pretensa vocação para promoção de encontros com finalidades especificamente sexuais e à facilidade em obter sexo através dele. Essas são visões socialmente difundidas relativas ao uso das tecno-comunicações digitais para fins de relacionamento, preconceitos já citados por Nicolaci-da-Costa (2005) e Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008), e que, em certa medida, persistem ainda hoje, mesmo que a massificação do uso e as pesquisas acadêmicas venham contribuir para modificar essas percepções.

Curiosamente, as pessoas com quem conversei revelaram os motivos da sua filiação ao Tinder, mesmo que a pergunta não tivesse sido formulada diretamente. Percebi a justificção<sup>66</sup> dos porquês de estar naquele espaço como uma constante nos discursos, pois

---

<sup>66</sup> Scott e Lyman (2008[1968], p. 140) propuseram o conceito de *account* como “uma afirmação feita por um ator social para explicar um comportamento imprevisto ou impróprio – seja este comportamento seu ou de outra pessoa, quer o motivo imediato para a afirmação parta do próprio ator ou de alguém mais”, ou seja, *account* é uma prestação de contas socialmente esperada e aceita ou não. Destacaram a justificção e a desculpa como dispositivos linguísticos clássicos de *account*, empregados como formas usadas para responder a questionamentos morais e construir “pontes sobre o vão entre a ação e a expectativa”. Na desculpa, “alguém

encadeadas a uma situação de diálogo na qual o Tinder era posto como questão (ou solução de questões) em suas trajetórias de vida. Wright Mills (2016, p. 11), ao propor um modelo analítico para a explicação de motivos baseado na sua relação com a linguagem, explica que a “revelação e a imputação de motivos são características de tais conversações, quando surgem situações de ‘questionar’”. Ao fazê-lo, destaca o caráter social e contextual dos motivos revelados e imputados para as ações, quando numa conversação. Para ele, o ato de verbalizar motivos implica em fornecer respostas adequadas a certos esquemas situacionais – cujas consequências sociais são antecipadas já desde o curso da ação –, pois inseridas em atos específicos cujos contextos encerram um referencial normativo de justificativas. Ou seja, a exposição de motivos – ou mesmo a motivação para decidir, começar, continuar uma ação – está ligada às respostas socialmente aceitas ao ato, e serve como instrumento social de incentivo ou dissuasão; são “motivos que devemos usar” consoantes com “classes de ações socialmente situadas” (WRIGHT MILLS, 2016, p. 16) dentro de uma perspectiva histórica e em situações específicas.

No estudo *Big Tinder Project*<sup>67</sup>, iniciado em 2015, a pesquisadora belga Elisabeth Timmermans partiu do questionamento se o uso dos aplicativos de paquera estava ampliando a liberdade sexual dos usuários e desenvolveu o que chamou de *Tinder Motives Scale* (TMS), na qual designou treze motivos principais para o uso do aplicativo. A pesquisa, realizada a partir de quatro estudos independentes, contemplou entrevistas com dezoito estudantes universitários norte americanos sobre seus usos do Tinder, motivos e experiências e a aplicação de *survey* na Bélgica.

O primeiro dos motivos elencados por Timmermans diz respeito ao seu uso como *ferramenta de entretenimento quando se quer passar o tempo*, algo para fazer no tempo livre. Outro forte motivo foi a *curiosidade* em saber o que era aquele programa de que todos falavam. O terceiro motivo está relacionado ao seu uso pra *fazer novas amizades*. *Encontrar um parceiro romântico* também figurou entre os principais motivos encontrados, assim como usar as curtidas no aplicativo para *levantar o ego*. Os treze motivos estão discriminados no

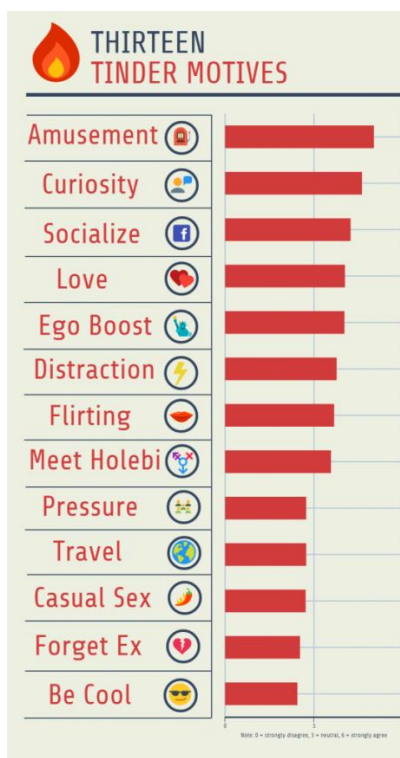
---

admite que o ato em questão seja ruim, errado ou inapropriado, mas nega ter plena responsabilidade sobre ele” (ibid., p. 141). A justificação, por outro lado, ocorre quando “alguém aceita a responsabilidade pelo ato em questão, mas renega a qualificação pejorativa associada a tal ato” e, nesse sentido, o valor positivo da ação é reafirmado (ibid., p. 141). No caso do Tinder, as justificativas e desculpas para o uso, não uso, formas de usar parecem fazer parte do jogo interacional desenrolado através dele, e podemos compreendê-las como respostas à escolha por um mecanismo desestabilizador da norma da busca afetiva/sexual como presencialidade corpórea/territorial. Por exemplo, os autores falam da *autorrealização* como um tipo de justificação usada atualmente, e esta parece estar afinada com os discursos dos meus interlocutores/as.

<sup>67</sup> Mais dados e referências da pesquisa podem ser acessadas em: <http://www.liefdeintijdenvantinder.be/en/2016/12/19/13-tinder-motives>.

*ranking* da Figura 8. Os demais foram: servir como distração em momentos de pausa do trabalho ou estudo; incrementar habilidades para o flerte; conhecer pessoas com orientação sexual similar; os amigos é que fizeram o seu perfil; se comunicar com pessoas ao redor quando se está em viagens; incrementar suas experiências sexuais (que, para espanto da pesquisadora, não figurou entre os motivos mais informados); esquecer um relacionamento e, finalmente, se sentir enturmado por ver que todos usam o Tinder atualmente.

Figura 8. Treze motivos para usar o Tinder, segundo Timmermans<sup>68</sup>



Fonte: <http://www.liefdeintijdenvantinder.be/en/2016/12/19/13-tinder-motives>

Ao longo das conversas com meus interlocutores/as, vários destes motivos foram declarados, se não todos eles. Como contemporâneos no uso do Tinder e compartilhando um campo de referências geral vinculado ao aplicativo, é possível compreender porque nesses diálogos suas motivações estão, em grande medida, presentes no rol de motivos que a pesquisadora desenvolveu.

Entretanto, percebi algumas diferenças com relação aos motivos citados pelo grupo por mim estudado. Se buscar e conhecer pessoas é o que os usuários/as do Tinder com quem conversei enunciaram como o impulso mais geral para estar naquele ambiente, a expansão do

<sup>68</sup> Em tradução livre, a listagem enuncia como motivos: 1. Diversão; 2. Curiosidade; 3. Socializar; 4. Amor; 5. Impulsionar o ego; 6. Flertar; 7. Conhecer pessoas com as mesmas preferências sexuais; 8. Pressão; 9. Viagem; 10. Sexo casual; 11. Esquecer o ex; 12. Ser legal.

círculo de relações para englobar outro/s com quem se possa ter alguma *afinidade* foi o motivo explicitado por doze dos doze entrevistados/as. Essa busca por afinidades<sup>69</sup> pode envolver aspectos diversos como a afetividade (carência afetiva, a busca por afeto ou a fuga de cobranças emocionais), o *status* de relacionamento (notadamente o “estar solteiro/a” ou em crise/término no relacionamento), a possibilidade de obtenção de parcerias sexuais, a curiosidade, a ludicidade/sociabilidade, o incentivo de amigos, levantar a autoestima, a praticidade, a superação de alguma característica pessoais (de personalidade ou físicas), a perspectiva de contatos comerciais, um exercício de observação e imaginação, ter conhecido alguém que encontrou o amor pelo *app*, ou exercitar sua liberdade individual de escolha.

Ademais, percebi que poderiam existir – e no geral existiam – vários motivos concomitantes ou consecutivos para a adesão e continuidade do uso de um aplicativo de relacionamentos – ou para deixá-lo. Motivos que aludem a acontecimentos em diversificadas instâncias e específicos momentos das vidas dos usuários/as. Tal percepção corrobora com Wright Mills (2016), quando assinala que os motivos relativos a uma mesma ação podem, de fato, ser inúmeros, mas sempre atrelada ao vocabulário de motivos típicos da ação a qual se refere. Todavia, num societário contemporâneo, urbano, individualizado, no qual vários âmbitos da vida são complexamente imbricados, pode haver uma constelação de vocábulos de motivos variados e concorrentes relativos a situações cujas fronteiras não estão bem delineadas.

Assim pude verificar com os buscadores/as, como é possível perceber nos fragmentos de três histórias apresentadas a seguir. Estas nos mostram diferentes caminhos nos quais se visualiza como motivos imputados para a utilização do Tinder podem ser múltiplos, algumas vezes destoantes entre si (e de finalidades do próprio aplicativo) e se remeter a outras searas, momentos e propósitos mais amplos da vida.

Começarei com Lígia. Conforme vimos nos capítulos precedentes, num momento inicial Lígia teve curiosidade pela nova tecnologia e se estimulou com a possibilidade de conhecer quem estava ao seu redor, por isso baixou o aplicativo em 2014.

**Lígia:** Eu achei legal o conceito. Que é por localização, né? Então o que me veio foi o seguinte discurso: uma pessoa pode tá no mesmo prédio que você e você nunca viu. E isso me motivou. Eu disse: ‘Nossa, realmente! Então, por que não um aplicativo pode fazer a mediação nisso?’ Aí eu baixei o aplicativo e comecei a ver que era uma seleção, né? Você seleciona quem você quer conversar e seleciona quem você não quer. Na minha primeira

---

<sup>69</sup> A identificação de afinidades na busca de parcerias amorosas pelo Tinder foi trabalhada como uma categoria central por Iara Beleli em *O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais*.

experiência eu baixe ele e excluí depois. Eu disse: ‘Nossa, que legal!’. Mas eu não encontrei nada de interessante, não.

**Sheila:** Quanto tempo depois você excluiu?

**Lígia:** Vixe! Sei não. Mas eu acho que foi coisa de dias, só pra conhecer o aplicativo mesmo. Aí, anos depois, ano passado... No ano passado foi 2016...? Foi. Então, ano passado, dois anos depois, aí eu saí de um término de relacionamento, e eu pensei: Por que não baixar o Tinder, já que o Tinder desenvolveu e as pessoas estão se relacionando? Isso eu fiz porque eu conheci um casal que casou e se conheceu no Tinder. Aí eu disse: ‘Vou baixar pra ver como é que vai ser, e vou levar a frente’. Aí foi quando eu baixei na intenção de conhecer alguém pra sair e ver o que ia rolar.

**Sheila:** A intenção que você baixou na primeira vez era só conhecer o aplicativo?

**Lígia:** Só conhecer, sem... Tanto que eu não dei *match*, não selecionei coraçõzinho em nenhuma pessoa. Só rejeitando, só pra ver quem tava lá, basicamente. Aí pronto. Dessa segunda vez foi que... Foi na intenção de ter algo mais. (...) Me surpreendeu porque abriram vários *chats*. Quando eu dava *match*, já tinha dado *match*, abria. Eu disse: ‘Gente, com é que é isso?! Vou, vou! Vou ver o que é que vai dar!’ A última vez que eu excluí, faz um tempinho já, mas a última vez deu 28 janelas abertas!

Para esse retorno ao Tinder, Lígia se sentiu motivada tanto por fatores que diziam respeito ao seu próprio *status* de recém-solteira e o desejo de obter novas relações (afetivas e/ou sexuais), como pelo fato de outras pessoas terem se relacionado pelo aplicativo, ou pela própria dinâmica de combinações instantâneas que ele proporcionou e a entusiasmou. Adiante na conversa pontuou mais um aspecto: a possibilidade do desejado exercício da sociabilidade.

**Lígia:** Eu buscava mais pra conhecer, pra sair. Caso acontecesse uma química, inicialmente com sexo casual ou algo menos compromissado, e depois, algo mais... futuramente. Ou não. Mas, de primeira é conhecer.

**Sheila:** Você estava aberta pra conhecer...?

**Lígia:** Estava aberta pra conhecer. Até porque foi numa época que eu tava saindo pouco, minha vida social tava... Eu tava estudando pra concurso, então estava muito dentro de casa, estava sem sair, estava sem saber o que é que estava acontecendo em João Pessoa... Eu disse: ‘Lógico! Vou baixar o aplicativo até para conhecer nova gente’.

Assim como, no caso de Lígia, os motivos do uso e retorno pareceram cambiar em função de certos momentos e propósitos da vida, eles também pode se manter na medida em que se permanece numa dada situação. Dito de outro modo, os motivos apresentados para usar o Tinder, como aspectos da linguagem vinculados à coordenação de diversas ações contextualizadas socialmente, estariam relacionados à permanência ou alteração desses contextos, circunstâncias da vida e projetos pessoais nos quais o uso do Tinder se justifica, pois conferem significados socialmente aceitos a ele. Conforme Wright Mills (2016, p. 14):

Os motivos atualmente utilizados na justificativa ou na crítica de um ato, definitivamente o vincula a situações, integra a ação de um homem com outro, e alinha as condutas com as normas. Os motivos-substitutos socialmente sustentados de situações são, ao mesmo tempo, constrangimentos e incentivos (...) Como segmentos linguísticos de ação social, os motivos orientam as ações, permitindo um discernimento entre os seus objetos.

Vejamos o caso de João, que aderiu ao *app* com o propósito de “conhecer mulheres interessantes” em função de estar viajante por período indeterminado. Antes desse período, não sentia falta de usar a tecno-comunicação para esse fim. Uma vez tornado viajante, foi apresentado ao recurso *online*, aceitou entrar no mundo da busca virtual pelo seu caráter prático e situou-o como um facilitador desse projeto pessoal. Durante o nosso contato, tempo no qual ele continuou sua viagem, essa motivação professada em princípio se manteve.

Mas eu estou também nessa fase muito peculiar, né? Que eu estou viajando. Então, geralmente, sabem que eu estou viajando, né? E... (...) Por exemplo, tem gente que está no Tinder pra arrumar um relacionamento sério. Não é? Então, eu já deixo claro como eu estou, qual a minha situação, blábláblá. Então... E é legal, porque ainda assim a gente se conecta e aí é a tecnologia nos ajudando a manter esses contatos, daí.

Mário, por sua vez, disse, em princípio, ter se sentido atraído pela objetividade ou praticidade do aplicativo, que combinava com seu próprio modo de gerir a vida. Assim como Lígia, recorreu ao Tinder aproximadamente seis meses após o término de um namoro, e esse foi um dos motivos da adesão. Entretanto, suas demais motivações professadas eram um tanto diferenciadas das dela:

**Mário:** Pronto, terminei meu namoro, fiquei sozinho, veio aquela carência... E aí eu não tinha vontade de me relacionar, mas, justamente, essa questão, não queria ter essa trava, um compromisso com alguém. Eu queria que fosse quando, quando eu quisesse.

**Sheila:** Cê queria algo mais... livre?

**Mário:** Totalmente livre. Totalmente livre. Porque, assim, é, eu odeio cobranças emocionais. O que é uma cobrança emocional pra mim: ‘Ah, você não se importa comigo’, ‘Você não me dá atenção’, ‘Tá vendo, como você não gosta de mim? Porque você prefere...’ Sabe? Porque não é uma, não é um comportamento que vai definir ou descaracterizar eu gostar de alguém ou não. Mas essa cobrança emocional é o que me chateia. E esse foi um dos motivos que fez com que meu namoro terminasse.

O Tinder, ao qual aderiu após um período de reconfiguração da sua vida e projetos pessoais, segundo ele, serviu como uma forma de suprir suas carências e curiosidades para com o outro, exercitar a socialidade, eventualmente obter sexo. Mas, também, manter relações

mediadas ajudaria a satisfazer outro desejo, qual seja, se distanciar facilmente desse outro quando quisesse, em suas palavras, apertar o “botão de *off*”. O trecho a seguir me pareceu esclarecedor:

**Mário:** Uma coisa que me, sempre me provoca algum tipo de questionamento ou de inquietamento é essa vontade de conhecer o outro sem ter uma responsabilidade. Não no sentido de você ser irresponsável, mas de você saciar a sua curiosidade, ou até desejos sexuais, sem ter que se responsabilizar por alguma coisa. Por... Digamos... Eu posso romper essa relação a qualquer momento. Seria, acho que, a questão totalmente líquida da situação. (...) Meio que aquela questão do *Big Brother*, cê gosta de saber quem é o outro, porque quando você conhece o outro você acaba que se conhecendo também. Mas você sempre tem aquele botão de *off*. Na hora que você estiver cansado, você pode ir lá e meio que desliga como uma tomada. E aí eu percebo essa relação...

**Sheila:** Isso na dinâmica do aplicativo...?

**Mário:** Na dinâmica do aplicativo. E aí... Tem muito dessas questões que eu percebo. Não é só uma questão objetiva, porque você se torna objetivo em decorrência de uma questão totalmente subjetiva sua...

**Sheila:** Objetivo no sentido de prático?

**Mário:** Pronto, pra não colocar o termo prático, mas no sentido funcional. Você dá funcionalidade a sua intenção, a suas ações, a seu interesse, a sua vontade.

**Sheila:** Mas, tem esse outro lado que é...?

**Mário:** Que é o desejo de conhecer o outro, de ter uma intimidade com alguém, de poder compartilhar. Porque, é, pelo menos eu percebo a sociedade dessa forma. É muito uma questão de se reconhecer no processo. Se você tá sozinho, você tá sempre num monólogo, né? E a gente é muito comunicativo. Comunicação não só no sentido das expressões, mas a comunicação enquanto ser social, de compartilhar entendimentos, ideias, e por aí vai.

Desse modo, a dupla possibilidade de conexão e desconexão<sup>70</sup> permitida pelo Tinder o estimulou, aliado à possibilidade de satisfação de pelo menos três desejos, que resumiu assim: “Primeiro, desejo de ser gostado por alguém, de si sentir, de certa forma, atraente. Tem um desejo sexual. E o desejo social mesmo (...) de interagir, poder compartilhar ideias, de conversar”. De tal modo, para além das suas demandas emocionais, sexuais ou de interação

---

<sup>70</sup> Carter e Asencio (2018, p. 4) também citam essa facilidade de se desconectar da interação como uma característica marcante da interação digitalmente mediada: “It is also true that the nature of digitally mediated communication makes it generally easier to “turn off” or exit an interaction that is not satisfying than it is to leave a face-to-face interaction setting”. [Também é verdade que a natureza da comunicação mediada digitalmente torna mais fácil ‘desligar’ ou sair de uma interação que não é satisfatória do que é deixar um ambiente de interação face a face.]

social, o programa o permitiria exercitar o domínio (ou a sensação do domínio) sobre o acesso ao outro quando quisesse<sup>71</sup>.

Com o tempo de uso e reajuste na sua vida, em especial o processo de finalização do mestrado, sua interação, assim como seus propósitos com o Tinder mudaram:

**Mário:** Hoje, basicamente, eu só uso pra passar meu tempo. Às vezes eu não estou fazendo nada, aí eu pego o celular e fico lá vendo: essa é bonita, é bonita, eu gostaria de conhecer. Mas é sempre no plano das hipóteses.

**Sheila:** E quando dá o *match*?

**Mário:** O pior é que eu nem respondo.

**Sheila:** Ah, hoje mesmo você só está... É passatempo?

**Mário:** É passatempo! Sabe, assim, a...

**Sheila:** Um joquinho de cartas, alguma coisa assim...?

**Mário:** Exatamente! Porque caiu muito no plano das hipóteses.

**Sheila:** Como é isso?

**Mário:** É tudo hipotético. ‘Ah, se eu conhecesse a menina, a gente sairia pra tomar um vinho’. ‘Ah, se eu conhecesse essa aqui, acho que a gente escutaria Raul Seixas e Elis Regina’. ‘Ah, essa aqui, eu iria prum forró’. ‘Ah, essa aqui, eu acho que a gente sairia pra jantar, não sei o que’. ‘Ah, essa aqui...’. Só que eu disse: ‘Meu irmão...! Ah, vou voltar pra vida prática!’. Basicamente são os únicos momentos que eu uso.

Essas três histórias, em comum com as demais que ouvi, me possibilitaram observar um aspecto em certa medida elementar com relação às motivações manifestas pelos meus informantes, mas que parece unificar e servir de solo para as experiências comunicadas e para a adesão mesma a esse tipo de recurso. Qual seja, a importância da *busca* em si, enquanto pulsão para a sociação (SIMMEL, 2003) voltada para a satisfação de determinados interesses pessoais, cujo caráter relacional e atrelado ao fluxo da vida os torna mais ou menos abertos e mutáveis. Esse emaranhado de matérias a impulsionar o contato com o outro foi especialmente confuso de compreender a partir da narrativa de Mário, em seus anseios ambivalentes, cujos vários desejos manifestos (curiosidade, carência afetiva, sexo, vontade de “trocar ideias” e de se afastar do outro quando quisesse) o fez optar por manter quase que exclusivamente relações *online* com as pessoas que conheceu pelo Tinder, quando o esperado seria a extensão dessas interações para o plano presencial.

Por um lado, é através dessa busca mais ou menos aberta que se configura no jogo relacional com um outro incerto e ambivalente que os indivíduos fazem – produzem e

---

<sup>71</sup> Essa busca pela liberdade individual no jogo interacional que compõe a cultura subjetiva (SIMMEL, 2006), e que pode ser vista nos processos de aproximação, afastamento e escolha do outro também esteve presente no discurso de outros usuários e será melhor explorada nos próximos tópicos.

reproduzem – a dinâmica que movimenta o Tinder enquanto um campo de possibilidades de encontros. Por outro, é na busca – na apresentação do seu perfil, no exercício de observar (mais ou menos atentamente) e passar ou selecionar os demais perfis, na conversa com esse outro enigmático – que os usuários/as se posicionam, se enquadram (BATESON, 2000) e através dela vão enquadrando o outro, possível portador de interesses e afinidades comuns com quem poderá vir a formar uma díade (SIMMEL, 1970). Esse outro enigmático é, assim, um perfil virtual a ser desvendado no ato da conversa, e esta (quando ocorre, pois há sempre a possibilidade de um *match* virar apenas um *chat* aberto, porém sem diálogo) definirá caminhos futuros possíveis – do encontro presencial, do investimento em algo mais, do deixar a conversa morrer no *chat* mesmo, da relação apenas virtual. Caminhos que abrem possibilidades diferentes, um “vir-a-ser da vida social” (SIMMEL, 1983), a cada encontro.

A ambivalência da busca pode estar presente desde a própria configuração motivacional dos buscadores/as, cujos propósitos manifestos são passíveis de ir cambiando na medida em que se sucedem os *matches*, as conversas, os rostos bonitos ou feios passando no dispositivo, o sexo, o namoro, ou a falta deles. Ou as pessoas buscam motivadas por propósitos amplos capazes de abarcar as diversas possibilidades de contato com o outro – do passatempo a ter um namorado, por mais contraditório que pareça. Seus propósitos são testados ou mesmo reconfigurados a cada contato, e operam como justificativas para saciar vontades e expectativas destacadas em períodos específicos de suas vidas.

A vinculação da busca e suas motivações ao *mundo da vida cotidiana* dos usuários/as do Tinder vai ao encontro das proposições de Alfred Schütz (1979) sobre a ação e a experiência. Ao procurar delimitar uma *fenomenologia da atitude natural* inspirada na fenomenologia de Husserl, Schütz (1979) contraria o solipsismo do primeiro e define o *mundo da vida* como a base para a compreensão da experiência. É nesse mundo social, intersubjetivo e cotidiano que o indivíduo constrói os sentidos que ordenam a vida. E mesmo nesse palco familiar e pré-estruturado no qual a práxis se dá – que é a condição de possibilidade para as ações corriqueiras que em seu conjunto formam sua experiência de vida –, os indivíduos são senhores de suas ações, pois erigem compreensões próprias para seus atos e seus horizontes de atuação. No mundo da vida cotidiana, no qual operam a partir da *atitude natural*, as pessoas já se encontram amplamente instrumentalizadas para lidar com problemas, dar sentido aos projetos e trajetórias, construir explicações, negociar com outros, uma vez que se utilizam do *estoque de conhecimento* apreendido através da socialização e intersubjetivamente partilhado.

Outro autor cujos conceitos me auxiliou a compreender as tensões, ambivalências e contradições nessas buscas e encontros das pessoas com quem interagi foi Gilberto Velho (2003a), do qual recorrerei às noções de noções de projeto, campo de possibilidades e potencial de metamorfose. Velho tece suas considerações a partir da proposição do mundo contemporâneo como complexo, diferenciado e multidimensional (VELHO, 2003b), no qual o indivíduo transita por diferenciados níveis e províncias de significados. Nesse trânsito, suas biografias são parte importante na constituição da realidade, conferem a memória que será acionada como fragmentos dos conhecimentos e experiências do passado a serem ressignificados ao longo de sua trajetória<sup>72</sup>.

Na trajetória pelo mundo, os indivíduos vão traçando *projetos* que o ajudem a transitar por entre a heterogeneidade de valores e círculos sociais nos quais se inserem. O projeto, como “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (VELHO, 2003a, p. 40), é um modo de antecipação futura da trajetória, vinculada a sua biografia. O ato de projetar, de articular interesses visando propósitos, não é linear, homogêneo ou estanque, pois se concretiza em referência à multiplicidade de alternativas do campo de possibilidades.

Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sociohistórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. **O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade.** Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée*. (VELHO, 2003a, p. 28, grifo meu)

Nesse sentido, a adesão às novas tecnologias comunicativas na busca pelo outro pode figurar como uma estratégia num campo de possibilidades mais amplo, que vincula espaços

---

<sup>72</sup> Segundo Gilberto Velho (2003a), os centros urbanos para os quais voltou suas análises, - seguindo a esteira de Simmel e outros representantes da Escola de Chicago, - são locais de observação por excelência das contradições e descontinuidades da sociedade complexa moderno-contemporânea. Ele compreende complexidade como imbuída de “uma heterogeneidade cultural que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições” (VELHO, 1981, p. 16), com mudanças e inovações de valores em relação a uma sociedade tradicional. Tal heterogeneidade, que marca a existência de múltiplos e fragmentados mundos ou *províncias de significados* (SCHÜTZ, 1970), coloca constantemente em cheque e pode alterar drasticamente as identidades individuais. A vida nas cidades da contemporaneidade é marcada, assim, pelo frequente e intenso fluxo entre diferentes domínios ou mundos, que “implica adaptações constantes dos atores, produtores *de* e produzidos *por* escalas de valores e ideologias individualistas constitutivas da vida moderna” (VELHO, 2003a, p. 44). Os indivíduos constroem suas identidades de modo multifacetado, em um constante trânsito no qual são passíveis de aprender e executar seu *potencial de metamorfose*, de jogo e reconstrução com essa multiplicidade de papéis sociais e realidades. Subjacente a esse trânsito, opera, dessa forma, uma relação dialética que envolve processos de unidade e fragmentação vinculados à individuação: a valorização da diferenciação individualista, por um lado, e a solicitação do desempenho de papéis sociais dados na inserção dos sujeitos em diversos lugares sociais nos quais atua, por outro.

*online* e *off-line* como complementares, formando um *continuum*. Ter na internet mais um espaço alternativo de busca por sexo e/ou romance, entre outras estratégias, já foi apontado em estudos anteriormente citados<sup>73</sup>.

Essa perspectiva também esteve presente nas falas das pessoas que acompanhei. Apenas Mário indicou que, naquele momento de sua vida, havia feito uma opção por privilegiar a busca pela relação virtual aos contatos presenciais. Já para Clarice, Gregório, Cecília, Joaquim, Carlos e Carolina, o Tinder e/ou demais plataformas de socialidade tinham amplo espaço em seus projetos individuais de busca e encontro com outro/s com quem pudessem interagir, figuravam como um dos principais meios – se não o principal – para obterem novas interações, em dados momentos de suas trajetórias. Mas, para eles, os demais âmbitos da vida cotidiana, como as relações com amigos, vizinhos, colegas de trabalho, a universidade, as festas e ambientes presenciais de socialidade, continuavam no seu horizonte como formas de conhecer potenciais parceiros/as íntimos, ainda que essa possibilidade pudesse ser dificultada pela dinâmica das suas vidas atuais.

Mesmo para os demais, cuja importância do recurso digital para conhecer pessoas era menor que as alternativas presenciais, o Tinder vinha como uma alternativa a ser lançada mão em momentos específicos.

Esse é o caso de Adélia, que não gostava dessa modalidade de busca.

Tem gente que gosta, né, dessas coisas virtual, né? Eu não sou muito fã. Eu vou te dizer, eu só usei isso aí porque eu vi como um recurso a mais. Mas eu não gosto. Dizer que eu gostava, eu não gostava. Assim, era mais por que eu vi como uma ferramenta pra me ajudar.

Preferia conhecer e interagir com pessoas que conhecia diretamente nos ambientes presenciais de socialidade que frequentava, bares especialmente, pois ficava “travada” quando se aproximava primeiro virtualmente de um pretendente. Entretanto, quando os ambientes *off-line* que frequentava não estavam lhe rendendo as vivências que queria, partia para as alternativas que tivesse, jogando com suas próprias predileções em função da concretização de projetos mais simples, como “ter um encontro”, e mais amplos, como “conhecer alguém” para namorar.

Olha, teve dia que eu tava a fim de sair com alguém, assim... Não, não pra transar, nada do tipo. Mas queria sair com alguém, beijar, enfim. Eu queria ter um encontro, digamos assim. Que eu topava qualquer coisa, seja pelo

---

<sup>73</sup> Vide: Nascimento (2007); Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008); Vieira e Cohn (2008); Beleli (2015); Haack, Petrik e Boeckel (2017).

Tinder, ou seja alguém do próprio círculo. (...) Daí eu ficava aberta a tudo! Entendeu? Eu ficava aberta a tudo. Se aparecesse alguém no Tinder me chamando pra sair, eu me interessasse, eu ia. Se aparecesse alguém que fosse do círculo, é, pessoal, eu ia também.

Para Velho, os projetos individuais podem ser transformados no decurso de suas trajetórias, assim como esbarram em projetos individuais de outros e projetos coletivos. Mesmo que característicos de grupos ou instituições, os projetos coletivos são vivenciados e interpretados de modo diferente por cada um, dado às particularidades em suas trajetórias de vida. E ainda que inseridos em inúmeros projetos coletivos de diversos e contraditórios grupos, os indivíduos utilizam do seu potencial de metamorfose para transitar e negociar com essas distintas realidades, jogando com os papéis e os projetos com os quais se depara. Essa capacidade de transformação é realizada, também, na elaboração e reelaboração de seus próprios projetos individuais, que se tornam únicos, característicos de sua individualidade, orientadores do seu percurso entre campos de possibilidades e instrumentos de negociação da realidade. Os projetos mudam no decurso da vida e no trânsito no mundo, e o indivíduo muda na consecução dos seus projetos, num movimento de transformação da trajetória individual que acontece no transcorrer do tempo e em contexto.

Sua proposta de encadeamento desses conceitos – que funcionam como orientadores das distintas percepções e ações individuais nos mundos em face à heterogeneidade e diferenciação dos contextos (VELHO, 2003a) – ajuda a pensar como as experiências professadas pelos usuários/as do Tinder – com forte cunho emocional, e que também tratam do que se quer do outro, de como se negocia com ele, de como seduzi-lo aos seus próprios interesses ou se deixar seduzir pelos dele – se situam nesse pano de fundo sociohistórico da contemporaneidade.

É possível, assim, encarar o Tinder como ambiente dotado da intenção projetiva de estimular a sociabilidade *online*, cujo significado simbólico marcante alude à busca e ao encontro afetivo-sexual. Intenção projetiva esta que vai sendo ressignificada pelas pessoas que o usam e o fazem operar, as quais o interpretam e atuam nele conforme suas próprias trajetórias de vida, propósitos individuais e contextos específicos nos quais estão imersos.

Assim, se para o viajante João o uso de tecnologias digitais para busca de parceria casual não tinha sentido quando vivendo em cidades interioranas, mas passou a se tornar parte essencial em seu trajeto pelo mundo, para Lígia e Mário essa forma de busca fez sentidos diversos de acordo com o que procuravam e como se encontravam nos distintos momentos em que o operaram: ela, inicialmente recém-solteira, disposta a retomar sua vida social e, quem

sabe, encontrar um parceiro sexual e até romântico, algo que veio a ocorrer; ele recém-solteiro, carente, necessitando levantar a autoestima num primeiro momento, mas sem disposição de ter ligações afetivas duradouras, usou o *online* como um mecanismo de proteção contra avanços nessa direção, utilizando-o posteriormente como passatempo. Seus propósitos podem ser múltiplos, pois aludem aos diversos mundos nos quais transitam e para os quais formulam seus próprios e multifacetados projetos individuais. O potencial de metamorfose que os possibilita transitar por entre papéis e transformar projetos assegura o jogo de interação e negociação entre projetos individuais e coletivos, a partir dos campos de possibilidades em que se encontram, inclusive nas plataformas *online*.

O campo de possibilidades situa-se como um solo a orientar ações e interpretações, no qual os projetos são articulados em suas trajetórias de vida, de forma harmoniosa ou não, mas certamente não linear ou descomplicada.

*Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios. (VELHO, 2003a, p. 46, grifos do autor)*

Se os projetos mudam a partir da trajetória biográfica e no trânsito entre mundos, eles (e os indivíduos) vão se transformando no encontro com os projetos do outro, indivíduo e coletivo. Pensar o próprio aplicativo enquanto dotado de uma intenção projetiva inserida num campo de possibilidades é compreender que ele pode operar ativamente na reelaboração de projetos individuais – através de características específicas engendradas naquele ambiente *online*, que oras limita, oras expande as interações –, além de corroborar com que tais projetos entrem em contato mutuamente, coadunem ou embatam.

Vejamos isso em termos de uma característica que se tornou comum: as pessoas, no geral, entram e saem do aplicativo mais de uma vez, e comumente o fazem diversas vezes. Esse aderir, deixar, readerir ao Tinder foi verificado também no estudo feito por Nogueira e Silva (2016), cujo motivo principal da saída relatado foi o “cansaço do aplicativo”. As pesquisadoras interpretaram esse “cansaço” como um traço que reforça seu argumento do uso do Tinder como uma ocupação recreativa, além da busca por namoros. As pessoas com quem conversei também citaram o cansaço como uma das justificativas para o afastamento do *app*. Entretanto, nesse movimento de idas e vindas com relação ao Tinder podemos observar tanto a imbricação de diversos motivos declarados como a interação de projetos individuais entre si

e com o próprio *modus operandi* do aplicativo. Lígia baixou e o excluiu várias vezes. Para a última exclusão, deu as seguintes justificativas:

**Lígia:** Cansei. Quando eu vi que não tava... Primeiro, estava ‘coisando’ [sobrecarregando] a memória do meu celular, eu não estava mais conversando com ninguém, não estava interessada nesse estilo de, de se relacionar com gente a partir de um, de um eu virtual pra depois ir pra um, pra um social, vamos dizer assim (...) Não estava gostando... E eu já cumpri minha função com o aplicativo. Eu queria descobrir como era, Queria descobrir o que é que era. Enfim. Pra mim consegui o que eu queria com o aplicativo.

**Sheila:** Conseguiu?

**Lígia:** Consegui. Era conhecer, saber como era. Pronto. Tive uma experiência, sei como é, vivi, pronto. Pra mim, basta. Não tenho pretensão de baixar de novo.

**Sheila:** Não tem pretensão?

**Lígia:** Não. A não ser, assim, pra saber o que... Porque às vezes eu tenho curiosidade de saber quem é que tá no Tinder.

No decorrer dessa exposição de justificações, acrescentou que, em dado momento, se sentiu exposta no *app*: uma vez que se ela tinha a curiosidade de ver quem está lá, os outros, incógnitos ou conhecidos, também a estão vendo. Então, passou a não querer mais ser reconhecida como uma pessoa “do Tinder”, alguém a ser escolhida a partir do aplicativo tal qual ela *escolhia* os outros. Isso também motivou a desinstalação. Sua narrativa comporta tanto a finalização do projeto individual de conhecer, experimentar e ter uma vivência amorosa a partir do aplicativo, combinada com o “cansaço” com o próprio mecanismo inerente a ele, qual seja, a *seleção*, para usar um termo seu, por meio virtual. Nesse ponto, o que eram perspectivas afins, a sua e o do aplicativo, deixaram de confluir. Entretanto, poderão se reencontrar se ela sucumbir à curiosidade ou a quaisquer outro/s interesse/s que motivaria/m sua reentrada ao mundo do Tinder. O aplicativo continua em seu campo de possibilidades.

Veremos adiante alguns aspectos de como as pessoas se mostram, se escolhem e como interagem com os outros através do aplicativo.

### **Andarilhando entre perfis**

Em 11 de junho de 2017, no portal de notícias G1, da Rede Globo, a reportagem de título *Veja cinco dicas para se dar bem nos aplicativos de paquera nesse Dia dos*

*Namorados*<sup>74</sup> me chamou a atenção. No subtítulo, uma dica e um encorajamento: *Manter perfil positivo e com objetivos claros ajuda a encontrar o par perfeito, segundo coach. Para Allan e Carol, de Mogi das Cruzes, Tinder deu certo*. Na matéria, além da história de sucesso do casal que se conheceu pelo Tinder e se casou e do *print* com seus perfis, um especialista dava cinco dicas para *dar certo* no *app* – no tom do texto, “dar certo” seria encontrar um amor através do Tinder.

Essa foi uma das várias matérias existentes em portais, sites, blogs e mesmo vídeos em formato de tutoriais no Youtube dando lições para a obtenção de sucesso nos aplicativos de paquera. Cito duas situações curiosas: o site que oferecia um serviço especializado, pago, com lições específicas voltadas para homens heterossexuais se “darem bem” no Tinder através de atitudes comportamentais e modificando configurações do aplicativo e uma matéria com as dicas do homem que mais recebeu curtidas em 2017, um modelo profissional, influenciador digital e entusiasta das plataformas de paquera para celular, cujas recomendações incluíam cuidados com o perfil e fotos, como “puxar papo” e marcar encontros<sup>75</sup>.

No processo de pesquisa, e mesmo de escrita desta dissertação, amigos e conhecidos que sabiam do meu tema de estudo e passaram a fazer uso desses *apps* teciam suas opiniões, contavam casos interessantes em que se envolveram e, pasmem, por vezes me pediam recomendações sobre como proceder. Esses pedidos iam desde como fazer para alterar fotos e configurações básicas, como operá-lo de modo eficiente, até conselhos sobre o caminhar de certas interações. Tais solicitações, assim como o material acima citado: a) falam da preocupação das pessoas com a construção de uma imagem social-virtual adequada ao universo do aplicativo; b) supõem uma dimensão moral subjacente a um comportamento específico para aquele ambiente, cuja apreensão se faz necessária e c) mesmo que indiretamente, tratam de formas de enquadrar ou tipificar o outro relacional.

Dito de outro modo, os exemplos citados propõem a visão de que, para *dar certo* nos aplicativos de paquera, haveria uma fórmula (ou fórmulas), que inclui, em princípio, uma boa apresentação do *self* através do seu próprio perfil virtual no programa, como se mostrar aos outros (para ser descoberto, descobri-los ou seduzi-los) naquele ambivalente universo de buscas, encontros e interações. Propõem, ainda, além da adequada autoapresentação, seguir determinados formatos de interação como passo essencial no sucesso virtual. E, sabendo o

---

<sup>74</sup> <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/veja-cinco-dicas-para-se-dar-bem-nos-aplicativos-de-paquera-nesse-dia-dos-namorados.ghtml>.

<sup>75</sup> <http://deles.ig.com.br/mundo-masculino/2018-03-15/modelo-dicas-Tinder.html>.

que quer, se expondo de modo adequado, você estaria melhor munido para interagir com o outro, conhecer suas motivações e projetos e escolher pessoas afins com seus próprios.

Outro ponto a ser destacado: parece subjacente a esse conjunto de noções a ideia de que o indivíduo buscador é o único responsável por gerir e manipular sua própria imagem e coordenar seus atos para aumentar suas chances de sucesso (afetivo ou outros) no Tinder; o poder sobre o que revelar de si e de escolher o outro estaria inteiramente com ele. Além do que, tratam da elaboração de um perfil virtual como algo a ser apreendido, desde a manipulação da plataforma até a interação mesma com o outro, por mais simples ou “intuitivo” que o programa se mostre. Ao longo deste texto, tentarei tratar brevemente destes tópicos, que se me mostraram profícuos para a compreensão de como as pessoas se aproximam e interagem no Tinder. Para facilitar a compreensão, dividi a seção em três pontos essenciais nessa interação: como as pessoas se mostram (o perfil), como elas escolhem o outro (a seleção) e como começam a se relacionar (a conversa).

### *O perfil*

Tratando das interações face a face, Erving Goffman (1985; 2011) usa as metáforas dramáticas do jogo e do ritual para tratar da apresentação, ou melhor, da representação de um eu na interação com o outro ou outros. Pontua, em especial, os papéis da expressão – a correspondência a expectativas de padrões de expressão e a tentativa de preservação social da imagem – e da impressão – a que se tem do/s outro/s relacional/ais e a tentativa de orientar e controlar a impressão que se causa no/s outro/s – no jogo interacional. Tais rituais apresentam aspectos verbais e não verbais que compõem o esforço de manter uma atitude coerente numa dada cena social e a perspectiva de o indivíduo controlar e regular a conduta do outro relacional. São importantes, também, para o jogo de cena social, o cenário no qual a interação ocorre e a resposta do público à performance do ator social.

Como, para esse autor, a ideia de ordem social é a constante que compele os atores nas diversas situações sociais a desempenhar múltiplos papéis focalizando seu ajustamento a elas, a sustentação de uma *linha* coerente de ação e a preservação do que ele chama de *fachada*<sup>76</sup> está na base da ordem interacional. Em certa medida, tais preocupações podem ser observadas no uso das redes sociais de modo mais amplo<sup>77</sup>, e em especial nos aplicativos de paquera.

---

<sup>76</sup> “O termo *fachada* pode ser definido como o valor positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assume durante um contato particular” (GOFFMAN, 2011, p. 13).

<sup>77</sup> Vide: Thibes (2013); Bon (2015); Carvalheiro, Prior e Moraes (2015).

Dado que componentes não verbais no momento da interação face a face (tais como posturas corporais, sinais faciais, tom de voz, olhares etc.), intencionais ou não, têm poder de mudar a avaliação mútua que se faz do outro e da situação, e a não presença física impossibilita tais leituras pelo aplicativo, uma transplantação *ipsis litteris* do arcabouço goffmaniano a esta plataforma digital não me parece adequada. Entretanto, as conversas com meus interlocutores/as e a própria observação atenta dos perfis me deram pistas sobre esse jogo entre o transmitir e o manipular de informações sobre si mesmo e a interpretação das informações que os outros transmitem, fazendo-me perceber que apresentação e impressão são partes estruturais da experiência de uso e interferem nas escolhas que se faz naquela plataforma. E tais operações são efetuadas a partir do perfil, sua metaidentidade na plataforma Tinder.

Assim, convido o leitor a pensar alguns dos conceitos e princípios goffimanianos para o caso desse *app*, adaptando-os às suas especificidades. Trarei, em princípio, dois temas para reflexão: algumas relações entre o perfil de usuário, a performatividade do eu e a experimentação da singularidade e a diferença na percepção da região de *fachada* e de *bastidores* no Tinder.

Inicialmente, sugiro pensarmos as fotografias, descrição e demais elementos que compõem o perfil como marcas de expressão que produzem determinadas e múltiplas impressões sobre si mesmo e o que se pode querer naquele ambiente. Se, por um lado, tais elementos são passíveis de serem racionalizados no instante de fazer ou refazer o perfil, por outro, no momento em que ele está *online* tornam-se não-governáveis, já não se tem domínio sobre eles, que podem causar as mais diversas impressões e interpretações no público do aplicativo.

Carter e Asencio (2018, p. 4), ao correlacionar processos identitários, comportamento e contextos sociais face a face e mediados pela internet, exemplificam como a escolha por uma relação mediada (o e-mail, no exemplo usado por eles) pode produzir menor controle sobre a performance e o *feedback* do público:

Como os atores não se encontram necessariamente no mesmo lugar, nem no mesmo momento num ambiente digital, é possível que a performance de um ator não seja recebida e respondida no momento como acontece numa interação face a face. Pode haver uma demora entre os atores que pode levar a diferentes tipos de performances, e conseqüentemente diferenças nas respostas da audiência. (...) Desta maneira, o correio eletrônico realmente pode oferecer a um ator menos controle sobre a interpretação de uma performance do que a interação face a face, ao não ter a oportunidade dos ajustes simultâneos na performance como é necessário para assegurar que os

parceiros de interação interpretem a situação de maneira similar<sup>78</sup>. (Tradução livre da autora)

A agilidade inerente à dinâmica do *app* solicita dos buscadores/as uma avaliação e uma resposta rápidas a esses conteúdos não-governáveis: os perfis apenas se sucedem se o usuário emitir um sinal positivo (curtir) ou negativo (não curtir) ao perfil à sua frente. Como observou Carolina: “No Tinder você vê cada foto, tem que decidir na hora sobre cada foto. Você só passa pra próxima se você decidir”. Desse modo, estando os aspectos não controláveis anteriores à interação verbal, eles, tomados em seu conjunto ou nos detalhes, dão indicações simbólicas essenciais para a escolha dos seus interlocutores em potencial (para os seus *likes*).

Sobre seu processo de escolha de perfis alheios para interação, Lígia comentou que a fisionomia, pelo próprio formato do aplicativo, seria a primeira barreira seletiva: “Então, o primeiro do primeiro, é a fisionomia. Por que o próprio aplicativo, ele lhe induz, ele lhe obriga a dizer: ‘Olhe, o seu primeiro critério vai ser a fisionomia’”. Mais adiante, ao exemplificar como percebia os perfis, especificou:

Tipo, poxa uma pessoa tão interessante (...) [esse interessante] Envolve fisionomia, envolve posicionamento político, envolve interesses, envolve a própria... o estilo de foto, de fotografia. A forma como ele se expõe... Porque, a forma como você se coloca, já diz tudo, já diz muito! Acho que já diz o essencial sobre você. A forma como você se posiciona frente àquele sistema. Então, a forma como alguns se posicionavam eu adorava (...) me motivava.

Além disso, destaca Goffman, os aspectos expressivos não governáveis podem ser usados pelos indivíduos para reforçar ou legitimar os aspectos governáveis. Na dinâmica do aplicativo, se pode manipular os aspectos não governáveis (seu perfil) livremente, se a resposta a ele não está sendo conveniente com o que se espera, por exemplo. De outro modo, *gestos involuntários*, aquelas ações “insignificantes e inadvertidas” que podem transmitir impressões inapropriadas à cena social (GOFFMAN, 1985, p. 191) – e podemos tomar as próprias fotografias e demais conteúdos do perfil como dotadas da possibilidade de imprimir tais gestos –, são passíveis de desacreditar a sua representação e macular a imagem que se

---

<sup>78</sup> Do original: “As actors are not necessarily in the same space at the same time in a digitally mediated environment, it is possible that an actor’s performance is not received and responded to in the moment as it is during a face-to-face interaction. There could be a delay between actors that may lead to different kinds of performances, and subsequent differences in feedback from an audience. (...) In this way, e-mail may actually provide an actor with less control over the interpretation of the performance than face-to-face interaction as there is no opportunity for simultaneous performance adjustments as needed to insure interaction partners are interpreting the situation similarly”.

desejaria construir. Na reportagem citada acima a primeira das dicas do especialista seguia nessa direção:

Lembre-se de usar o seu perfil para deixar os seus objetivos claros (e facilite a vida do seu par ideal). Você pode fazer isso de forma leve e bem-humorada nas informações que escreve sobre você e também nas suas fotos, que devem ser um espelho do tipo de relacionamento que você espera encontrar.

Pergunte-se: alguém que realmente quer um relacionamento vai me levar a sério ao olhar as minhas fotos? O que as minhas imagens estão dizendo sobre as minhas intenções?

Sobre essa última pergunta, posso adiantar uma resposta: às vezes dizem o contrário, às vezes dizem muito pouco delas, quase nada.

A despeito da eficácia das fórmulas de sucesso veiculadas na internet, as pessoas com quem dialoguei não informaram recorrer a manuais para saber como *se dar bem* no Tinder. Por outro lado, recorrer ao conselho de amigos ou modificar o perfil por iniciativa própria acontece mais comumente, em especial, quando do início do uso, por falta de familiaridade com a ferramenta (como afirmaram Carlos, João, Cecília), ou se não estão *dando certo*, se há alguma situação problema, a exemplo da insuficiência de correspondências (como ocorreu a Joaquim e Gregório). Interessantemente, adicionar uma frase ou falar sobre si no perfil – quando não se optava por deixá-lo em branco – figurou como uma atividade mais corriqueira entre os entrevistados/as do que alterar fotografias. Esse elemento central da *fachada* do usuário do Tinder é especialmente problemático. João deu um motivo:

**João:** (...) De combinações que não combinam, na verdade, só combinou pelas fotos, né, que estão ali. E que no Tinder, eu já... Pode... Esse aí é o cálculo que eu fiz: tira 40% das fotos sempre! [risos]

**Sheila:** As pessoas fazem o que? Inventam, botam... ?

**João:** Não, é que foto é uma coisa muito linda! Que dependendo da luz, dependendo do ângulo, você fica lindo! Né? Eu mesmo, as minhas, eu confesso que as minhas fotos não foi nenhuma que eu tirei, porque eu não tiro *selfie*, essas coisas. É uma dificuldade pra mim ter fotos lá. Então elas já estão... Algumas têm até mais tempo. Então, foi alguém que tirou essa foto de mim. Então, geralmente ou era trabalhando... Então, tem umas fotos bem boas! De gente que sabia tirar foto! [risos]

**Sheila:** Pegou o melhor ângulo... Aquele ângulo... [risos]

**João:** Eu acho que eu vou colocar lá no meu perfil: tire 40% das fotos. [risos] Eu faço isso hoje em dia...

Não ter fotos mais recentes desencorajava a atualização do seu perfil. Todavia, as que estavam ali *davam certo*, tinham um *feedback* positivo expresso através dos muitos *matches*,

tal como aconteceu com Lígia – e ao contrário do que houve com Joaquim, quando precisou alterá-lo por falta de *matches*.

Quando uma identidade se ativa e motiva um comportamento individual, este comportamento deve ser iniciado e executado numa configuração particular para receber avaliações refletidas que indiquem quanto sucesso tem a performance da identidade. (...) Quando um ator ‘performa’ nessas configurações, eles medem o sucesso das suas performances pela resposta da ‘audiência’.<sup>79</sup> (CARTER e ASECIO, 2018, p. 4, tradução livre da autora)

Tal qual argumentei num momento anterior, modificar seu perfil, inclusive as fotos, parte essencial da sua apresentação pessoal no Tinder, parece, em certa medida, estar relacionado a aspectos como a eficácia em função de certo resultado prático (o número de combinações, o *dar certo*, as interações pretendidas), e não apenas ou principalmente a um exercício da manipulação de uma imagem que precisa ser atraente, porque enquadrada em estratégias mercadológica, midiáticas ou espetacularizadas de supervalorização de um eu virtual mais competitivo no mercado amoroso, tal qual sugerem alguns trabalhos<sup>80</sup>. Proponho, agora, que além destes dois aspectos – a possibilidade de racionalizar seu perfil com base elementos socialmente valorizados ou modificá-los de acordo com a obtenção de resultados positivos – outros elementos ajudam a compor o modo como as pessoas se mostram às outras nos aplicativos de paquera. E os diferentes tipos de composição de perfil têm a ver com o tempo em que se está no *app* (e o que já se aprendeu dele), com as motivações e projetos para usá-lo, com o quanto ele é visto como um investimento para o usuário. Tais possibilidades conferem ao aplicativo um panorama diverso e polimórfico que inviabiliza pensá-lo em termos de uma homogeneização das experiências.

Profícuos são os estudos que, sob diferentes aspectos, retratam o papel ativo da participação em redes sociais e outros espaços *online*, inclusive no Tinder, na construção, reconfiguração ou experimentação identitária dos seus participantes, em especial no que concerne à manipulação da imagem social através dos perfis, avatares, fotografias<sup>81</sup>. Certamente que o ambiente virtual favorece a performatividade do *self*, e, no caso do Tinder, observando a diversidade dos perfis e as possibilidades de edição dadas pelo aplicativo, não

---

<sup>79</sup> Do original: “When an identity becomes activated and motivates an individual’s behavior, such behavior must be initiated and carried out in a particular social setting to receive reflected appraisals that indicate how successful one is at performing the identity. (...) When actors “perform” in these settings, they gauge the success of their performance by the “audience’s” response”.

<sup>80</sup> Vide: Couto, Souza e Nascimento (2013); Augusto Jr. e Romani (2014); Camargo (2015); Oliveira, Barros e Goulart (2016); Pelúcio (2016).

<sup>81</sup> Vide: Illouz (2011); Ramos (2015); Beleli (2015); Corrêa (2015); Leitão e Gomes (2018).

há dúvidas de que a manipulação do perfil é facilitada tecnicamente e praticada pelos buscadores/as. A centralidade das fotografias é inegável! E além de poder facilmente alterá-las, o usuário é convidado a, de modo igualmente prático e sempre que quiser, personalizar ainda mais seu perfil permitindo que os outros vejam informações como sua música predileta do Spotify, fotos do Instagram, dados educacionais e empregatícios.

Contudo, essas são alternativas que o usuário pode optar por explorar, ou não. Evidencio, assim, que em paralelo à possibilidade de manejo estratégico do que mostrar de si esses perfis podem ser construídos, por um lado, com o que se está a mão: seja porque não se dispõem de outras fotos (com João), seja porque não se sabe (ou não se sabe que pode) alterar as configurações para inserir novas (como Gregório), seja porque deixar o *default*<sup>82</sup> do aplicativo foi uma opção confortável (como Lígia e Adélia), seja porque manipular recursos de personalização imagética no aplicativo não se faz tão importante quanto simplesmente estar participando daquele espaço. Se, conforme os manuais de aconselhamento *online*, o sucesso no Tinder está relacionado aos cuidados com o perfil (uma manipulação racionalizada, prudente, competente), fazê-lo pode estar atrelado a fatores cujo solucionamento nem sempre está disponível (ou é importante), em dadas circunstâncias, ao usuário comum. Nesse caso, certa casualidade daria o tom desses perfis.

Além disso, retomo Goffman (2011) para notar aqui as diferentes implicações de se estar numa região de *fachada* e de *bastidores*: nas primeiras há uma preocupação constante em se controlar a sua apresentação, e na segunda um relaxamento desta disposição. Assim, ao tratar das técnicas defensivas de manipulação da impressão, Goffman também nos informa dos momentos nos quais a fachada tende a se afrouxar, o ator inclina-se a deixar de lado uma atitude prudente e mostra-se mais descontraído quanto a sua manutenção, adotando mesmo posturas inapropriadas à situação. Um desses momentos é quando se está fisicamente distante da plateia, em ambientes no qual a supervisão do outro relacional que lhe observa e constrange está em suspenso.

Ora, se uma das características da *cultura da conectividade* (VAN DJICK, 2016) é permitir uma forte e cotidiana imbricação entre o público e o privado, um jogo entre ocultamento e a visibilidade do/s outro/s relacional/is, no Tinder a sensação de estar, de alguma forma, protegido dos olhares do grande público está presente. Diferente de outras redes sociais nas quais se escolhe quem fará parte dela e terá acesso ao seu perfil e conteúdos,

---

<sup>82</sup> Interessante lembrar que o *default* é parte do elemento de convergência com o Facebook, e integra ao Tinder fotos do seu perfil daquela rede social. Ou seja, pretensamente são fotos apropriadas para uma aparição pública em ambientes virtuais, pois escolhidas por você, em algum momento, para lhe representar. Portanto, o *default* pode ser uma alternativa confortável e confiável como perfil virtual.

a plateia, no Tinder, é sempre um outro incerto (as *figurinhas* do baralho, como disse Carlos), que só se configura de fato no momento do *match* e posterior conversa. Assim, todos os incógnitos participantes da rede que estão consoantes em suas configurações de busca são sua plateia potencial, e não se tem controle sobre quem é essa audiência de antemão. Essa relativa camuflagem e incerteza sobre quem é o outro que lhe observa pode contribuir para certo afrouxamento na imagem mostrada de si.

Carlos falou da sensação de *clandestinidade* no Tinder, ao justificar porque não aderiu a função Tinder Social<sup>83</sup>.

**Carlos:** Eu achei que aquilo ali iria disponibilizar o meu nome na rede social. Alguma coisa. Como eu uso meio na clandestinidade.... [risos]

**Sheila:** Na clandestinidade é ótimo! [risos] Você acha... Vamos lá pra pergunta: você acha que é possível ser clandestino no Tinder?

**Carlos:** Então... É ilusão. Que não é, não é possível.

**Sheila:** Mas é a ilusão que você...

**Carlos:** Tinha, no início eu tinha<sup>84</sup>.

De outro modo, tal como visto no tópico anterior, são diversos e muitas vezes ambivalentes e cambiantes os motivos pelos quais as pessoas se tornam participantes daquele ambiente virtual. Tais motivações parecem, ainda, se relacionar aos modos como ocorre o contato com a própria plataforma e com o outro através dela. Assim, o modo como os usuários/as organizam seu cartão de visitas pessoal, os atributos que compõem o seu perfil, são igualmente multifacetados – e variam no tempo de uso do aplicativo, que permite sucessivas personalizações das configurações<sup>85</sup>.

Decorre que, na mesma plataforma onde podemos ver perfis montados com uma variedade de fotografias bem trabalhadas e/ou descrições motivadoras, como disse Lígia, podemos ver outros cuja única fotografia está desfocada ou reflete apenas o rosto de uma

---

<sup>83</sup> Um recurso do Tinder que esteve ativo entre 2016 e 2017, e permitia aos usuários organizar no próprio aplicativo encontros sociais entre um pequeno grupo de pessoas.

<sup>84</sup> Aparentemente essa ilusão de se estar oculto no Tinder não é tão incomum, vide o grande número de perfis de homens comprometido – inclusive portando fotos de suas companheiras – e dos relatos narrados por Lígia, Mário, Carolina e pelo próprio Carlos do constrangimento em encontrar perfis de pessoas conhecidas e comprometidas, que estavam ali na “clandestinidade”. Inclusive, aventa-se que um dos motivos da descontinuidade do Tinder Social está relacionado com os inconvenientes causados pela possibilidade de, uma vez ativo o recurso, se ter acesso às pessoas da sua lista de amigos do Facebook que usavam o Tinder, até mesmo os que usavam secretamente. Cf.: <https://www.techjunkie.com/where-has-Tinder-social-gone/>.

<sup>85</sup> Quando falo em configurações, refiro-me as que podem ser alteradas e foram descritas no capítulo anterior. Como tais personalizações podem ser feitas de modo facilitado, os perfis são passíveis de uma mutabilidade dinâmica: num dia pode se estar com uma única foto de perfil, no outro pode se colocar o número máximo de imagens, alterar descrição etc.

pessoa comum, sem retoques, maquiagens, nem descrição, ou outro cuja foto e texto fazem um apelo sexual mais ou menos explícito. Inclusive, no mesmo perfil é possível ver fotos, textos e outras informações que mostrem facetas diversas da pessoa, com alusões tanto ao exibicionismo e como à simplicidade, por exemplo. E todos esses tipos informam recortes identitários ou de interesse que coabitam ali, num jogo de ocultamento e revelação.

Lembro de Barth (2000), quando argumenta em função da substituição de supostos holistas estrutural-funcionalistas da integração de um todo logicamente estruturado pela observação da multiplicidade de padrões interconectados existentes nos contextos que denominamos cultura ou sociedade. Lembro também das palavras do João, quando falou da diversidade que compõe a plataforma: “Também tem esse aspecto de um jogo, né? Você vê, vai admirando as belezas, as feiuras, as... Tudo, né? Os muitos tipos e pessoas que estão ali né?” E esses “muitos tipos e pessoas” acabam por destacar aspectos simbólicos de referências identitárias ou a interesses pessoais, em função de elementos múltiplos que nem sempre aludem a um projeto pré-elaborado de exibição competitiva num mercado afetivo, ou à criação de uma imagem sobrevalorizada. Essas referências podem, pelo contrário, destacar singularidades pessoais – tão passíveis de mudança e dotadas de ambivalência como as próprias motivações que as suportam.

Seguindo essa linha, quando se pensa a montagem do perfil enquanto um elemento tático, percebe-se que ele faz parte de um jogo cambiante dentro de um campo de possibilidades cujos norteadores variam de acordo com as diversas situações escolhidas para localizar a si mesmo e seduzir o outro. O “poder de reformulação contínua a rápida da apresentação do eu” (THIBES, p. 158) característico das sociabilidades nas redes sociais não estariam ordenadas apenas pelo consumo ou gozo do prazer. Pensando em Goffman, poder-se-ia dizer que ali é possível atuar sob vários tipos de fachadas, que seguem linhas diferentes, inclusive no mesmo perfil; ou, recorrendo a Velho, tratar-se-ia do exercício do potencial de trânsito e negociação entre papéis e projetos distintos, cujo jogo pode ser visto e manejado na articulação da sua autoapresentação naquele ambiente.

Ao tratar da relação entre o público e o privado em ambientes de internet, CARVALHEIRO, PRIOR e MORAIS (2015) abordam que, diferente das relações presenciais, a percepção do outro e o estabelecimento de ligações e interações passam pelo que se partilha e diz nesses ambientes, mas, principalmente, pelo que se mostra sobre si, sua autoapresentação, que ajuda a gerar ou não empatia, a seduzir ou não o outro.

Verifica-se desta forma, nestes *sites*, um jogo de desvendamentos, com um recurso frequente ao que Baudrillard (1989) chama “sedução”, ou seja, o

processo de ir desvendando aos poucos aspetos da sua intimidade, criando uma espécie de encanto mágico e explorando a curiosidade alheia, dimensões que são reforçadas precisamente pelo valor associado ao privado, ao invisível que se vai tornando visível. (CARVALHEIRO, PRIOR e MORAIS, 2015, p. 17)

Pode-se, com isso, criar cenas distintas, às vezes contraditórias, destacando múltiplos vetores de identificação e sedução: a ideia de exposição de um “eu mais autêntico”<sup>86</sup> e “sem filtros”; utilizar o ocultamento parcial ou total de sua própria imagem e mobilizar um apelo visual ou verbal específico (à criatividade, à sensualidade, ao sexo, a traços personalidade); ressaltar um eu antigo, mais bem apessoado e menos condizente com o atual; revelar relações e âmbitos da vida os quais se dê valor – família, amigos, viagens, um corpo bonito, bens materiais; ou se mostrar como um *fake*, que, conforme Parreiras (2008, p. 116), “são construções próprias do *on-line*, mas que, de algum modo, dialogam com o *off-line*. (...) [Uma vez que] convenções e um repertório fornecido pelo *off-line* fornecem as bases para sua existência. São, então, personagens que reivindicam ser autênticos”.

Assim, se Gregório optou por ocultar a paternidade de suas imagens no Tinder – pois seus objetivos ali não implicavam em incitar vínculos emocionais alusivos á condição de pai –, Clarice, em seu perfil, também não usou fotografias de suas crianças, mas se descreveu como “Mãe, mulher e engenheira”, pois queria homens que fossem sensíveis à sua condição. Ressaltou companheirismo e respeito como adjetivos que ela valorizava e disse dispensar os homens que fazem apologia aos bens materiais ou ao corpo malhado. Sentiu-se muito atraída pelo perfil virtual do último homem com quem decidiu se encontrar: ele tinha cabelo grisalho, nas fotos mostrou seu trabalho ligado à natureza, usava roupas informais e se definiu como ASPONE (Assessor de Porra Nenhuma). Era uma pessoa que se mostrava simples e autêntica, do jeito que ela preferia.

Muito bom, sabe! Muito bom! Porque os caras se vendem de paletó, ou de gominhos na barriga, todo fortão, ou profissão. Ou a foto do carro, ou foto de viagens que ele já foi na Europa, sabe? Ou dentro do avião. É sempre os bens materiais. É sempre o corpo, o físico. Bem material e profissão. Tipo: não, não, não! Tudo é isso! Aí quando é um assim, que não tem essa coisa de

---

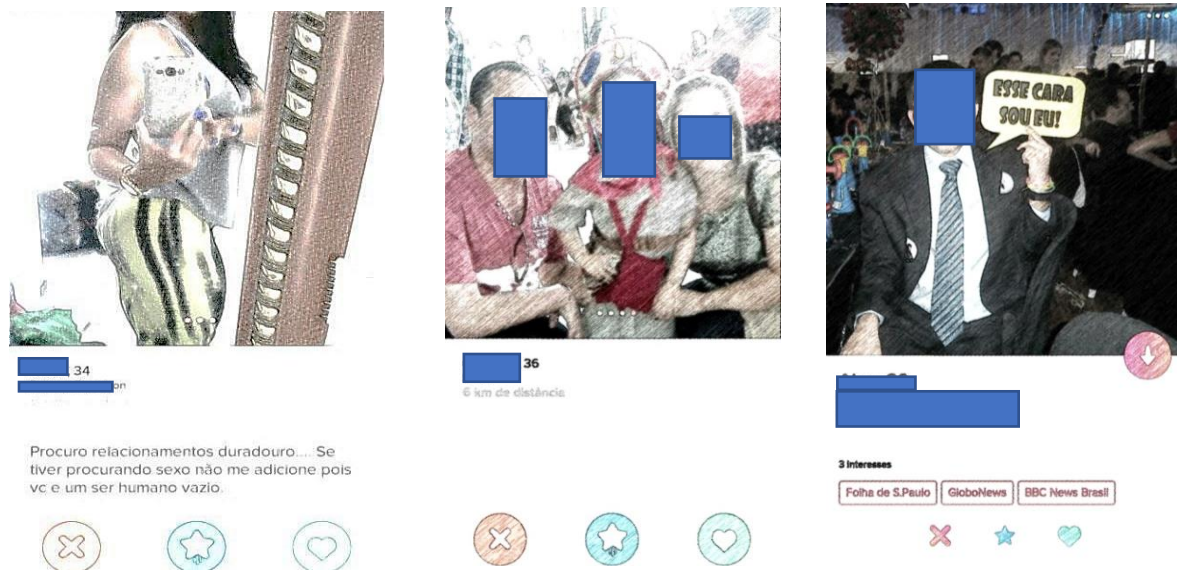
<sup>86</sup> Esse exercício de exposição e experimentação da singularidade e elaboração da diferenciação individual é uma das facetas já mostradas por Simmel do intenso processo de individualização que caracteriza a vida na metrópole moderna. Nas relações contemporâneas digitalmente mediadas, a possibilidade de facilitar a autorrevelação ao outro e a expressão de um eu mais autêntico, como visto anteriormente, já foi explorado em estudos que tematizaram outras redes sociais (NASCIMENTO, 2007; DELA COLETA, DELA COLETA e GUIMARÃES, 2008; VIEIRA e COHN, 2008; SILVA e TAKEUTI, 2010). Trago essa discussão aqui não para debater a natureza de um *self* real versus um *self* digital. A intenção é mostrar formas de apresentação do eu que podem passar tanto pela performance de fantasias identitárias, como pela ampliação de aspectos identitários existentes ou pela valorização da autenticidade e de traços bibliográficos específicos.

profissão, não tem paletó, não tem engomadinho, não tem... Sabe? Aí eu: ‘Ah, que bonitinho... Simples, gente. Simples!’. Esses são raros. Aí esse era uma dessas raridades. (...) Ele não se rendia a esses scripts sociais.

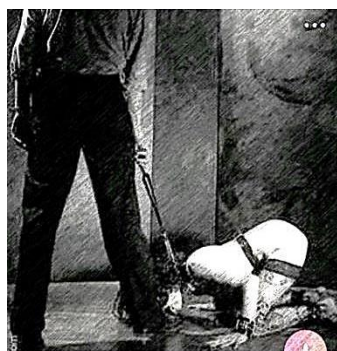
Nessa linha, um amigo me revelou colocar suas piores fotos além de fotografias com o filho em seu perfil, para assim atrair pessoas que se interessassem por quem ele é de fato – ou pelo recorte de si que ele informa ao outro como essencial naquele momento de sua vida. Joaquin e Carolina, por sua vez, construíram, em dado momento, perfis *fake* para experimentar algo diferenciado através do aplicativo de paquera: ele, na esperança de efetivar no *off-line* tais experiências, e ela, apenas como uma experimentação virtual, sem pretensões presenciais. Enfim, os perfis, enquanto formas de expressão virtual de si, são também usados como modos de manifestar condições, interesses, ideologias, *situações biográficas*<sup>87</sup>, ou seja, singularidades mais ou menos reveladas, mais ou menos afinadas com versões analógicas, que poderão gerar afinidades e atrair quem se quer – e quem o queira.

Na Figura 9 estão alguns perfis que dão mostras dessa diversidade de modos de se mostrar no Tinder.

Figura 9. Perfis diversos

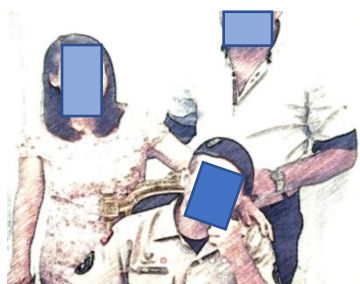


<sup>87</sup> Schütz (1979, p.73) define situação biográfica determinada como “a sedimentação de todas as experiências anteriores desse ser humano, organizadas de acordo com as posses ‘habituais’ de seu estoque de conhecimento a mão, que como tais são posses unicamente dele, dadas a ele e a ele somente”.



[Redacted], 39  
4 km de distância

Dominador e procure de uma sub interessada em relação BDSM real. Tenho mais de 15 anos de experiência no meio. Mande mensagem para saber mais. Dispensar curiosas só interessadas em algo real.



[Redacted], 28  
[Redacted]

Gosto de pessoas sinceras, gosto de fazer amizades, estar com meus amigos, viajar, praia e aproveitar bem os dias de folga. Rsrtrs



[Redacted], 37  
4 km de distância

Sou pel e mãe. Tenho um filho que mora comigo. Estou em busca de um relacionamento sério.



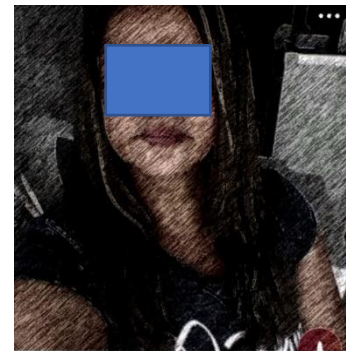
[Redacted], 36  
3 km de distância

Conversar, rir 😄, passar o tempo. Objetivos principais 🤔 aqui. Se o papo for bom, podemos aprofundar a amizade 🍷. 1,88m



[Redacted], 29  
[Redacted]  
4 km de distância

Sou diferente da maioria das mulheres, quase um ser de outro mundo. ... Rsrts. ... Curto futebol e F1, sou cartoleira, tenho milhares de difelitos e poucasissimas qualidades. ... Então me alutar não é fácil. ... Gosto de uma boa briga. ... Se acha que consegue me tolerar mais que 15 min pode apertar o coração — Senão pode passar, pois minha paciência é nos pés e eu piso nela, OK? O cartola começou 🤔🤔🤔🤔🤔



[Redacted], 34  
11 km de distância

COMPARTILHE O PERFIL DE [Redacted]  
VEJA O QUE SEU AMIGO ACHA



Fonte: Tinder.

### A seleção

Uma frase comum que ouvi das diversas pessoas com quem conversei e tiveram experiências pelo aplicativo de paquera foi: *se encontra de tudo no Tinder*. Esse *tudo* em alusão à ampla diversidade cultural, de classe, étnica, de orientação sexual, mas também de propósitos, projetos, formas de se mostrar. Enquanto interface mediadora da interação entre indivíduos, o contato e o embate com os projetos de outros é constante e crucial para encontrar as afinidades que se professa buscar. Sendo o perfil um modo de autoexpressão passível de criar compatibilidades e atrair quem possua afinidades, a observação dos perfis alheios se volta amplamente para esse aspecto da procura pelo afim. A sucessão da avaliação dos perfis e, quando ocorrem, as posteriores conversas, seduções, encontros são as

experiências que compõem o repertório de vivências proporcionadas a partir do Tinder a serem analisados adiante.

Ao tratar de uma nova economia do desejo que caracterizaria o uso dos aplicativos de paquera, Miskolci (2014a, p. 293) fala que:

Nessa nova economia, ao mesmo tempo que há maior individualização da busca amorosa e sexual, em especial para homossexuais e mulheres heterossexuais, passam a preponderar critérios de escolha mais racionalizados.

Beleli (2015) também pontua esse caráter de racionalização das escolhas pelo aplicativo. Destacando, por sua vez, como a seleção e a escolha de parceiros amorosos por mulheres de classe média são medradas pela identificação de diferenças de classe, geração, raça/cor, localização. Parte da ideia da existência do *continuum on/off-line* para mostrar como aspectos relativos ao capital social e cultural são visualizados ou imaginados através das fotografias, que remetem a estilos de vida que trazem ou não afinidades para a escolha de suas parcerias via Tinder. Noutro artigo, a autora (2017) propõe a categoria classe como principal marcadora da diferença na busca amorosa e sexual. O pertencimento econômico seria definidor das afinidades e percebido nos símbolos de consumo observados nas fotografias.

Em certa medida, Lígia, nos trechos acima, teceu comentários na direção dessa racionalização: há um processo seletivo no Tinder, e de alguma forma as pessoas têm consciência disso. Verifiquei, entre os meus informantes, que a seleção parece começar desde a eleição de critérios de busca como sexo, idade e quilometragem da distância dos pretendentes, e se estende à observação dos perfis em busca de traços tipificados indicativos de afinidade ou de rejeição. Traços esses que, devido à diversidade de composição dos perfis, podem não ser facilmente identificados ou ser muito sutis.

Lígia disse configurar sua busca para homens entre os 21 e 30 anos e fazer uma análise criteriosa dos perfis antes de selecioná-los ou passá-los adiante.

Quando a fisionomia agradava eu clicava em cima, aí quando eu apertava em cima e via algo que eu não gostava... Então, basicamente era assim. Eu apertava. Se eu li, se eu tivesse lido algo que eu não gostava o critério de fisionomia não ganhava. Sabe? Eu já excluía. E se eu apertasse, visse algo que eu gostava, eu ia ver as outras fotos. Ai eu ia fazer um balanço.

Rejeitava as fotos que mostrassem apenas um corpo sem rosto, ou mostrando *estilos de vida* que ela não compactuava: “um cara com uma Corona num iate” ou “rapazes com posicionamento religioso radical”. Ou mesmo os que de antemão já definiam suas

preferências e propósitos no Tinder porque, em suas palavras, “Eu tenho problemas com definições”. Mas também retratou os *matches* que não se enquadravam nas suas preferências.

**Lígia:** Tem uns corações que às vezes a gente dá que nem sabe de onde saiu. Quando eu fiz o flashback dos 28 *matches*, tem uma galera que eu fui olhando... ‘Por que que eu dei...? O que que isso tá fazendo aqui, pelo amor de Cristo?!’ [risos]

**Sheila:** Não eram esses os critérios...

**Lígia:** Não... Onde é que eu tava com a cabeça??? Usei o aplicativo muitas vezes em estado de não normalidade, por exemplo, bêbada. Foi! Eita!!! Foram muitas vezes que eu usei o aplicativo...

**Sheila:** Mas bêbada onde?

**Lígia:** Em casa. Tipo assim, chegava da festa duas horas da manhã, com aquela insônia, e dizia: ‘Vou fazer o que aqui? Vou olhar o Tinder’. [risos] Pode crer! Sheila, é mesmo!!!

**Sheila:** [risos] Então aqueles *matchzinhos* que você não conhecia... não tava mais no...

**Lígia:** Tudo errado!

**Sheila:** ...bêbada não tem mais tanto critério assim...

**Lígia:** Sim... Por isso! Tudo faz sentido, Sheila. É isso mesmo. É isso aí.

Seus comentários foram exemplares de como as pessoas recorrentemente descreveram a forma de escolher o outro pelo aplicativo, numa análise que mescla e joga com a triangulação de observações, informações e impressões de marcas e referências relativas à: beleza, aparência ou traços físicos específicos (barba, olhar, cabelo); indicações de traços estilísticos (forma de vestir, aspecto plástico das fotos, aspectos que indicavam *estilos de vida*), identificação de aspectos socioeconômicos, culturais ou morais (fotografias ou descrições insinuando posses materiais, crenças religiosas ou políticas) e identificação dos propósitos no Tinder (indicações implícitas ou explícitas de propósitos sexuais ou afetivos, de busca por *relacionamentos duradouros*, por *amizade*, por *ver o que rola*). E, do mesmo modo que os critérios aparecem como fundamentais, em dado momento, eles são deixados de lado em prol de um relaxamento da escolha frente à ludicidade do aplicativo, à exigência por uma decisão ágil inerente a ele ou à conveniência do momento. Esse jogo paradoxal entre observação atenta e relaxamento de critérios seletivos faz parte do dia a dia de uso do Tinder.

Em seu depoimento, Carlos mostra esse percurso.

Porque, o que é que acontecia, como a coisa é muito plástica, se eu achasse bonita, assim, achasse algo interessante, ou a descrição era interessante, ou era só a beleza, mesmo, aquela coisa que lhe atrai logo de cara, eu dava o *match* [*like*], se desse o *match* eu já puxava assunto.

Noutro trecho, descreve uma longa lista de pequenos traços no perfil alheio que o desmotivavam e do modo como isso costumava acontecer. Suas observações nos permitem perceber a ambivalência entre seus desejos e imaginações de afinidades e o deslize delas para uma atitude mais relaxada.

[Rejeitava] principalmente quando na descrição tem alguma coisa, assim, que me desagrade, tal (...) Tipo preconceito, ou qualquer tipo de... Numa categoria bolsomínios<sup>88</sup>, assim (...) E, assim, a questão mesmo visual, né? Porque, é, como você só vê fotos, e às vezes as fotos são superproduzidas, né, às vezes têm *fakes*, né? (...) Filtros, se eu perceber que a foto é cheia de filtros (...) Muito cheia de filtros, tal... Aí eu já: propaganda enganosa. Aquela coisa, propaganda enganosa mesmo. Era uma coisa, mais aí é outra. (...) [Rejeitava] Qualquer coisa que remeta à ostentação de qualquer tipo. Foto com carrão, ou segurando uma taça de prosecco. [risos] Assim, ou coisas que vá muito de encontro ao meu estilo, digamos assim, de vida. Seriam essas coisas, esses tipos de diversão que não me enchem os olhos. Seria ligado a lugares bacaninhas, bacanudos, e... Aí, isso por mais que houvesse, assim, um ‘Eita, é bonita!’, mas isso me fazia passar direto. Por que não tinha nenhuma foto da pessoa, sei lá fazendo feira? Coisas que pessoas normais fazem, né? [risos] (...) Tinha coisa de, alguns tipos de poses, por exemplo. Como se fosse uma sensualidade forçada. Aí você, às vezes, via na primeira foto, aí achava legal, assim, e tal, não sei o que, aí vinha uma sensualidade meio forçada, assim, que não é natural. Não dá pra explicar muito bem essas coisas com palavras, não sei se você está me entendendo. Enfim, cada um tem o seu tchan, assim, mas tem pessoas que faz tipo. Pronto, faz um tipo. Assim, aí, isso também fazia com que eu jogasse pro lado esquerdo, lá. (...) Porque não é esse radicalismo. É justamente isso, porque tem uma falsa sensualidade, ou uma tentativa, assim, de... Aí não me agradava. Mas aí, veja, eu nem conhecia a pessoa. Mas, enfim, como era a lógica da coisa, né, então, eu achava que não ia combinar quando a gente se encontrasse. A ideia era essa. Era algo meio subjetivo que eu tô elaborando objetivamente porque você está me perguntando. Mas não era algo que eu pensasse, calculasse: ‘Eita, tem aqui, a menina tirou a foto com uma garrafa de champanhe, na beira da piscina, num hotel caríssimo em Dubai’ (...) E também depois tinha o critério relacionado, assim, à descrição. Se fosse uma coisa, assim... Não sei, eu criei uma certa antipatia com advogadas. (...) A categoria profissional advogadas. (...) Porque uma das coisas que me deixa chateado é carteirada. Profissional, financeira. Carteirada de qualquer tipo. Porque esses negócios de ostentação é uma carteirada financeira, digamos assim. E a coisa da carteirada profissional: ‘Estudante de não sei o que do direito’; ‘Futura juíza de não sei do que’. Ah, é? Parabéns pra você. Boa sorte na sua caminhada profissional. [risos] Tanto é da, das raríssimas vezes que eu dava *match* e descombinava, e a pessoa puxava papo e eu nem respondia, era porque era dessas de ficar, no dia eu tava sem paciência de ficar olhando uma por uma, ficava, olhava assim, gostei, aí era *like*. Rápido, né? Não que fosse todos os *likes* em todo mundo, mas era mais rápido, né? Sem olhar muito detalhes. Aí e tal, batia, assim, quando via, ia lá pra descrição pra ver como é que era, aí já era: ‘Não, porque eu sou futura juíza não sei de onde, e adoro não sei o que’. Aí ia lá e descombinava.

---

<sup>88</sup> Termos anedóticos usados correntemente em alusão aos eleitores ou defensores de Jair Bolsonaro, um deputado de extrema direita.

(...) Porque às vezes acontece de dar *match* e aí: ‘Não, porque eu sou da igreja, não tomo cerveja não’. Nada contra ser da igreja, mas não vai, a gente não vai bater. [risos] Não vai rolar. (...) Porque aí já subentendia... Era a questão dos estereótipos mesmos, que não necessariamente na vida real, digamos assim, você é assim, né, tão... Mas eu fazia esse tipo de associação de caixinha. Né? Se a figura é, sei lá, religiosa, de determinada matriz e tem uns traços fundamentalistas, alguma coisa, eu sei que não vai dar certo.

Beleza, ostentação, sensualidade forçada, fotos com filtro, supervalorização profissional, opções religiosas elementos nem sempre *pensados e calculados*, destacados dos diversos cenários forjados nos perfis e personagens que se sucedem naquele meio, e lhes remetiam a (ou formavam novas) categorizações e tipificações, para ele atrativas ou repelidas em função de um imaginário de adequação ao seu próprio *estilo de vida*.

Crítérios estabelecidos a partir de tipificações também foram retratados por Gregório. Por exemplo, ele não curtiá foto de mulheres em lanchas ou demonstrando ter posição econômica elevada: “Pode ser bonita do jeito que for. E eu vou fazer o que com uma mulher de lancha, velho?!”. Assim como ele próprio rejeita essas referências simbólicas relativas a uma classe social mais abastada, já foi rejeitado por não possuir carro. Contou de uma ocasião na qual uma mulher se recusou a sair com ele por esse motivo, e do constrangimento que sentiu em um encontro com uma *crush* de maior poder aquisitivo. Além da classe, ele também descartava os perfis que indicassem ser a mulher cristã, querer *relacionamento sério*, ou deixassem explícito que não queriam apenas curtição. Assim como visto nas situações de Lígia e Carlos, para além dos componentes econômicos, fatores de identificação social, moral, político ou mesmo um gosto muito específico podem se combinar e atuar como marcadores de diferença a inibir um possível *like*.

A combinação desses critérios seletivos pode ser compreendida como resultante da interpretação individual de dada situação a partir do ponto de vista dos seus próprios interesses, desejos, opções ideológicas, motivos forjados ao longo de suas trajetórias de vida. Segundo Schütz (1979), a interpretação é condição para a percepção do mundo. Ao agir no mundo da vida o indivíduo está em constante interpretação dos seus fatos passados e dos ocorridos aos outros, operação que o permite conferir sentido a esse mundo e se orientar nele.

Cada marca, signo, etc., específico toma uma aparência física, mas nenhuma dessas aparências é em si uma marca, um signo, etc. Sua aparência física é meramente um veículo de significado em potencial. Não importa a forma que tenha, uma aparência física torna-se marca ou signo somente em virtude do significado que um ser humano ou grupo de seres humanos lhe atribui. Não existem marcas e signos em si, mas somente marcas e signos para alguém. (SCHÜTZ, 1979, p. 20)

Em simultâneo, interpretação e atitude natural são operacionalizadas através do estoque de conhecimento e dos sistemas de relevância e tipificação. Esses últimos são signos sociais compartilhados norteadores para ação e classificação do mundo, transmitidos culturalmente pela socialização. Atuando como um filtro que categoriza e hierarquiza os elementos de cada situação, esses “amplos domínios de relevâncias” existem como um universo comum de discurso que ajudam a perceber a similaridade entre os eventos e a tipificar ações individuais. Esses sistemas gerais originam tipificações e estrutura de relevâncias individuais que serão usadas pelos indivíduos em suas interpretações e com base em seus próprios interesses e projetos.

É por meio do estoque de conhecimento que os indivíduos selecionam os elementos que julgam importantes para compor o sistema de relevância individual. Como o estoque de conhecimento, esse código de referência particular, é um elemento dinâmico, fluido, que vai incorporando novas experiências, questionamentos e explicações, ele se modifica e alarga no tempo e na dinâmica da vida, e permite a interpretação, a vivência e o trânsito por experiências ambivalentes, tais quais as vivenciadas no ambiente heterogêneo dos *apps* de relacionamento.

Assim, para Schütz, a produção de significados e os processos interpretativos se dão no embate entre trajetória individual e cultura. E são as experiências que o indivíduo acumula ao longo de sua vida o material a formar seu estoque de conhecimento e seus sistemas de relevância particulares, e a determinar o modo como essa realidade sociocultural se expressará na vida individual. A experiência é, portanto, esse fator agregador do estoque de conhecimentos próprio, que se encontra acessível em função da sua biografia e vivências acumuladas.

Por isso, a escolha do outro no Tinder comporta aspectos específicos de aceitação e rejeição, identificação e divergência, baseadas na sua experiência biográfica, na satisfação de desejos e interesses, no estoque de conhecimento, que dão o solo para as impressões que se têm daquele outro – seja enquanto ele é um perfil/personagem incógnito, seja quando vai sendo desvendado nas conversas ou visto através das lentes de outras redes sociais que dão pistas sobre ele, seja no momento do encontro e relação presencial –, determinando a continuidade ou a quebra das relações. Percebe-se que essa afinidade buscada é uma tentativa de diferenciar o outro em função dos seus próprios projetos, gostos, expectativas. O que implicaria no exercício de deixar de fora o que idealmente não estaria confluyente com sua intenção projetiva atual. Uma seletividade (ou um apuramento do olhar) passível de ser incrementada com o tempo de uso do aplicativo, assim como com o decorrer das relações.

Carolina, que teve uma mudança radical das suas intenções no Tinder, explora bem esse aspecto:

**Carolina:** Então, isso pra mim foi muito bom. Do ponto de vista, inicialmente, de explorar, de autoestima... Foi muito bom. Só que, agora, é como se eu já tivesse passado dessa fase. Né? Ok, eu já me abasteci desse aspecto. Ok, eu já sei que tem opções, eu sei que eu, sei lá, eu, vou botar entre aspas, 'faço sucesso'. Eu tenho essa possibilidade, e tal. Mas, eu agora eu quero um pouquinho mais. Então, eu costumo dizer assim. Se eu quero só sair e beijar na boca, eu tô pouco preocupada onde a pessoa mora, qual é o trabalho dela, a escolaridade.... Eu tô pouco preocupada pra isso. Porque é uma coisa muito momentânea. Mas a partir do momento que eu quero sair com a pessoa, essas coisas importam muito.

**Sheila:** Você quer construir, ou tentar construir, ou ver se é possível...?

**Carolina:** É... Eu não tô dizendo que eu quero encontrar o cara que eu vou casar. Mas eu quero encontrar alguém com quem eu possa sair mais do que uma vez, com quem eu possa conversar... Ter o mínimo de... Nem que seja uma amizade colorida. Não necessariamente uma coisa exclusiva, mas pelo menos alguma coisa duradoura.

**Sheila:** Uma relação mesmo, que se construa alguma coisa...?

**Carolina:** Uma continuidade. E aí, nesse caso, o filtro começa a fazer assim oh, vumm, afunila. Por que aí várias questões passam a ser relevantes. Muita coisa passa a ser relevante.

**Sheila:** O que, por exemplo?

**Carolina:** Isso. É... Se a pessoa tem um estilo de vida muito diferente do meu, não vai rolar. Se a pessoa tem um padrão financeiro muito diferente do meu, não vai rolar. Se a pessoa, é... Mora em outra cidade, não vai rolar. Então, várias coisas que eu não necessariamente filtrava, eu preciso filtrar. Para o que eu quero agora. Entendeu?

Para essa nova etapa de buscas, ela alterou sua relação com o programa desde as configurações – diminuiu a quilometragem e o intervalo da idade – e observou que há coisas que só consegue filtrar na conversa ou no perfil – profissão, se já coloca no perfil o que quer, se está na cidade apenas de passagem. “Isso já influencia o meu *like* ou *dislike*”, completa.

Tais narrativas informam que a busca no Tinder comporta a expectativa de reciprocidade nas trocas intersubjetivas, que é testada desde o início do contato, por um lado, e a valorização da autonomia e da escolha como cernes do projeto individual, por outro, tal como assinalado por Giddens (1993) e Bozon (2004) como características das relações amorosas e sexuais contemporâneas. Como visto no caso de Carolina, esses critérios de seleção não são uniformes, na medida em que atravessados pelo potencial de metamorfose de projetos e também do componente imaginativo (ILLOUZ, 2011) que permeia os encontros *online*. Carlos e Gregório deram mostras de um aspecto no qual essa imaginação opera: em seus termos, não se conhece a pessoa de fato, apenas se tem, no momento da seleção, a

impressão de que dará ou não dará certo. Gregório foi adiante e apontou outro aspecto no qual a imaginação tensiona a escolha.

**Gregório:** E às vezes dá a sensação de que tem pessoas demais à sua disposição. E aí é que tá o, acho que tem uma linha tênue de você, de compreender isso, né? Tipo... Quer dizer, nem todo mundo que você dá *match* você vai sair, vai conhecer, vai... Você conversa primeiro. E às vezes fica só conversando, às vezes conversa e sai, às vezes conversa e fica. Não é definido, né? Ninguém tem obrigação de fazer nada. Mas quando você começa a folear ali as figurinhas, e começa a ver, aí você começa a ficar mais seletivo. Porque tem muita opção. Né? Aí você fica mais seletivo. Aí passa uma pessoa que talvez numa festa você olharia, se interessaria, mas naquela situação, com aquele catálogo de opções, você descarta.

**Sheila:** Por que?

**Gregório:** Porque passa a sensação de que tem muitas opções melhores. Você não se permite experimentar o que talvez você gostasse, por questões visuais. Mas, tipo, tem tanta gente que você dá uma subida cada vez maior nos seus critérios. (...) Esse critério vai subindo e você vai achando na sua cabeça... Que isso é uma ilusão. É uma ilusão, né? 'Não, eu tenho mais pessoas disponíveis, melhores'. E você querendo... 'Não, não vou curtir essa não, que lá na frente vai aparecer uma pessoa muito melhor, e...'. Só na ilusão fantasiosa, né?

**Sheila:** A sua fantasia é essa, de que vão aparecer pessoas melhores...?

**Gregório:** Exato. É porque você vai vendo muitas pessoas, e vai dizendo: 'Não, tem muita gente aqui, eu vou selecionar, quem escolhe sou eu'. A ilusão de que é você quem escolhe. A questão dos [pontos] que pode fazer mal do Tinder. Aí você faz, tem muitas pessoas, você escolhe quem você quer, e aí fica banal de uma forma que é banal não só pela escolha, banal pra você também. Você banaliza as pessoas que estão ali.

Em outro momento destaca:

As opções é uma ilusão, saca? É por isso que eu digo, é uma viagem, tem que lidar com essa ilusão sua. Porque não existe essa opção. Se você dá *match* com vinte pessoas, chama vinte pessoas pra sair, você não vai sair com as vinte, não. Porque tem uma série de... Qual dia ela vai poder, qual dia não vai, um tá a fim, não tá. Outra começou a conversar com você, não gostou da conversa. Ou está conversando com a pessoa há mais tempo, vai sair com outra pessoa. A viagem do Tinder é essa ilusão de que você tem todo aquele leque de opções. Que você não tem. Saca? Aí quando você compreende isso, tá massa. Mas aí a viagem é quando você não compreende isso. Né? Aí você acha: 'Eita, tô bombando aqui!'.

Miskolci (2016), Beleli (2016, 2017) e Illouz (2011) pontuaram, em seus estudos, a existência de uma economia ou lógica da abundância de parceiros que permearia a busca por parceria amorosa e sexual nos ambientes virtuais. A abundância implicaria, por um lado, numa maior seletividade nas escolhas, tal qual apontou Gregório. Mas, seguindo adiante em seu discurso, ele indica que aprendeu a ver essa característica como uma *ilusão*, a partir do

momento no qual percebeu que a escolha não é apenas sua. Percepções que também o tiveram Carlos, João e Carolina. Assim, outro interessante aspecto desse momento de escolha é a referência ao caráter relacional da seleção, componente que complexifica uma relação que é sempre um vir a ser, uma incógnita, um potencial. Lígia explicita isso:

Tinham, tinham casos que eram desilusões, assim, eu achava muito interessante, aí ia conversar e não correspondia, ou deixava vácuo, ele não desenvolvia. Ai batia umas badzinhas... (...) Não morri por falta de *matches*. Agora, em alguns casos não dava *match*. Aí eu ficava tristonha. Ficava [decepcionada].

Nesses aplicativos, as pessoas têm a possibilidade de escolher a imagem de si que apresentarão, podem escolher (ou descartar) os demais perfis com base em seus critérios pessoais, tipificações e relevâncias, o *match* indicando que o outro escolheu ou aprovou o seu perfil pode ocorrer<sup>89</sup>. Entretanto, apenas a iniciativa da conversar, seu desenrolar e, quando ocorre, o encontro coroarão o curso de buscas e escolhas que são individuais mas dependem das buscas e escolhas do outro para se complementarem. O jogo, então, tem como regra a incerteza da ação comunicativa desse outro, no geral vago e desconhecido, que pode se sentir seduzido a dar continuidade ao *match*, à conversa, ao encontro, ou pode *descombinar* ou *deixar no vácuo*<sup>90</sup>, sem satisfação. E somente a conversa, quando ocorre, permitirá testar, de início, a imaginação de afinidades obtidas pelo perfil.

### ***A conversa***

Cecília, em dado momento da nossa conversa, quando falava sobre o que ela considerava aspectos da superficialidade do Tinder, comentou: “Ninguém sabe o que ninguém do Tinder quer (...) Não tem como saber. Você só vai saber conversando”. Para os usuárias/os comuns do aplicativo, a conversa é o mecanismo que vai dando a conhecer esse outro incerto do qual eles não sabem bem quais são as motivações, projetos, objetivos, preferências. Numa relação que se inicia com base nessa incerteza sobre o outro que é apenas um perfil virtual, a conversa serve de guia para a ação do indivíduo, para situar o outro e estabelecer um possível investimento na continuidade do contato *online* ou sua extensão para o *off-line*. João

---

<sup>89</sup> Com isso noto que, a despeito da minha identificação como pesquisadora no perfil do *app*, eu não só escolhi os homens que entrevistei, mas também fui escolhida por eles, com base em suas próprias relevâncias e tipificações, uma vez que minha imagem informa certo tipo com o qual eles poderiam encontrar afinidades. É provável, então, que eu não tenha dado *match* com pessoas para as quais meu “tipo” acionasse interpretações de rejeição ou divergência. Nesse sentido, a minha própria escolha como pesquisadora, naquele meio, parece estar sempre circunstanciada pela seleção alheia. E, além disso, pela lógica algorítmica característica do *app*, que concede às interações através dele o componente de conectividade. A escolha, nesse caso, é um caminho multiarticulado entre processo seletivos humanos e maquínicos.

<sup>90</sup> Em gíria corrente, *deixar no vácuo* é não responder a um chamado ou apelo.

reafirmou essa ideia: “Você dar o coração ou o ‘x’ não quer dizer nada até você começar a conversar com a pessoa. Aí, que... Né? (...) Muita gente, pela conversa, né, você vê. Você já sente algo”.

A leveza dos papos e a fluidez da conversa eram determinantes para Cecília continuar a dar atenção ao seu *crush*. Assim também o disseram outros entrevistados/as. É comum essas conversas se iniciarem com um script, que no geral abrange cumprimentos e perguntas pessoais básicas como onde e com quem mora, o que gosta de fazer, com o que trabalha. E nessa apresentação há quem prefira as abordagens mais sutis, que se iniciem com temas corriqueiros; há quem prefira saber de cara o que a outra pessoa quer, numa abordagem mais direcionada; há quem prefira abordar apelando para a criatividade. Carlos e Cecília falaram sobre um script mais convencional, e Gregório sobre como quebrá-lo.

**Carlos:** Eu sempre tinha um script padrão, né? (...) O velho ‘Oi, tudo bem?’. E aí eu já começo dizendo: ‘Eu tô na cidade faz pouco tempo, baixei isso aqui pra conhecer garot... pessoas legais. E aí, qual e a tua? Gosta de fazer o que?’ (...) Dizia o que gostava de fazer, e a partir disso eu sempre... Se eu estou ali com o negócio, eu estava disposto a sair, fazer alguma coisa. Então já dizia: ‘Toma uma cervejinha? Então, vamos tomar uma cervejinha onde?’

**Cecília:** Segue aquela linha: ‘Oi’ ‘oi’ ‘tudo bem?’. E a partir daí, a partir desse desenvolvimento de um papo, se a conversa fluir, ela segue eternamente, né? Se não... Quando o papo morgança, eu já sei que não tem como continuar conversando com aquela pessoa. Se o papo para em determinado assunto e fica nele, já era. Mas se um papo gera outro papo, que gera outro papo, e você começa a falar de uma noite ruim de sono e quando vê tá falando em queijo e comida, então é porque o papo desenrola.

**Gregório:** Eu sou brincalhão, né? Então, geralmente quando eu tô... Eu leio alguma coisa no perfil, quando tem alguma coisa escrita, eu leio alguma coisa que eu possa usar pra poder começar a conversa. Pra não ficar só no mecânico: ‘Oi, tudo bem? Como é que tá por aí?’. Aí, quando não tem nada no perfil, aí eu dou um ‘oi’, um ‘olá’, e tento responder, e tento conversar, sei lá, não ficar muito mecânico, né? Porque todo mundo reclama, quer dizer, as pessoas que eu conheço que tiveram Tinder e não têm mais sempre falam: ‘Ah, eu tirei, é muito mecânico, a mesma conversa sempre’. Aí eu sempre penso: ‘Não pode ter a mesma conversa com todo mundo, né?’

O modo mais ou menos enquadrado de iniciar e/ou conduzir a conversa, ao se repetir a cada novo contato, foi um dos motivos do cansaço desse tipo de interação virtual informados por Lígia, Carolina e pelo próprio Carlos, e que, como pontuou Gregório, pode levar a um afastamento dele. Mas, sendo como for, esse momento da conversa *online* é determinante como uma segunda barreira a demarcar ou validar critérios de aceitação ou rejeição do interlocutor que não foram percebidos no *match*. A conversa é uma etapa essencial no

desvendamento desse outro misterioso que despertou certa imaginação, a ser reafirmada ou abandonada.

Assim, no transcurso da conversa, ou das conversas que se vão prolongando nas plataformas digitais, tanto os critérios vão sendo revelados e testados, como suas motivações. Ao longo do tempo de uso, já nesses papos iniciais é possível perceber, por exemplo, se o interesse da pessoa é apenas sexual, tal qual colocou Carolina.

Porque às vezes o próprio papo mostra isso, mostra essa intenção [sexual]. Se eu começo a conversar, e o cara não pergunta nada sobre mim, não quer saber, e já propõe de sair, eu já acho que é isso que ele quer. Porque ele não quer saber da minha vida... Eu sempre pergunto quem é a pessoa, o que ela faz, e tal, não sei o que. E geralmente os homens fazem umas perguntas que são assim: 'Cê mora com quem?' Isso já é clássico! (...) São perguntas que você vê que levam para este lado. Entendeu?

Contudo, conversar não implica tão somente em perceber o interlocutor, mas também em se mostrar, implica numa abertura de ambos os lados. O papo que flui é uma troca em proporções satisfatórias.

Ao destacar as formas de usar o Tinder pelas suas entrevistadas, Figueiredo (2014) definiu três estilos de uso dos aplicativos<sup>91</sup>, dos quais destacarei a relação com a autoexposição da intimidade e a ansiedade pelo contato: o curioso (uso exploratório do aplicativo, atrelado à menor revelação da intimidade e maior ansiedade no contato com o outro), o recreativo (uso para diversão, relacionado com maior segurança pessoal, modulação da revelação da intimidade proporcional à autorrevelação do outro e menor ansiedade) e o racional (uso com objetivo definido de encontrar um parceiro romântico, correlato à maior racionalização do contato e maior ansiedade quanto à relação). Em seu estudo, as mulheres do estilo recreativo se mostraram as mais gabaritadas para exercer uma sociabilidade mais dinâmica naquele meio.

Ao tentar para a modulação da preservação/revelação da intimidade nos contatos que se iniciam pelo aplicativo, Figueiredo toca num ponto essencial para essa fluidez do papo a que meus informantes se referiam, e um aspecto determinante na vontade ou escolha em conhecer pessoalmente. Aqueles que conseguiam melhor modular a autorrevelação de si e de suas afinidades com a do outro pareciam obter maior sucesso no processo de sedução. Logo,

---

<sup>91</sup> Tais estilos correlacionam-se como modulações de expectativas românticas, de desempenhos de papéis de gênero e com a teoria do apego. Esta se refere à construção de modelos operativos íntimos constituídos desde a infância e impactando a fase adulta, com base no apego: “o apego possui quatro características distintas que estão sempre presentes numa relação de apego: procurar e manter proximidade física; procurar conforto ou ajuda quando em desconforto; sofrer com separações prolongadas; e a utilização da figura de apego como porto seguro (base de segurança) para a exploração do mundo” (ibid., p. 32).

eram melhores candidatos para o investimento num possível encontro. Vejamos como João e Gregório colocaram a situação.

**João:** Ah, sim, já teve encontros que foram [decepcionantes]... Mas hoje em dia eu já estou mais... No começo teve... Não pode ir com alguém que não seja realmente, você não tenha uma afinidade, assim. (...) Eu converso bastante. Quase sempre a gente conversa bastante, vai vendo, né? (...) Cê vai conversando, se fluir... Por que tem gente que a conversa não flui. Cê fala a pessoa: ‘tá’, ‘sim’, ‘não’. É uma porta, você tá conversando com uma porta, né? Daí não rola. Eu, por mim, não quero. Eu gosto quando flui a conversa, cê já vai, não é...? Porque, daí, provavelmente essa pessoa vai ser legal ao vivo, se a conversa já vai... Então, tem essa diferença. (...) porque você pode ir lá e...puff.

**Gregório:** Uma coisa engraçada, é que alguns perfis que têm assim: ‘Se você não sabe conversar nem dê like’. Aí você vai lá, dá o *match*, e você fala: “Oi, tudo bem?”. ‘*Tudo*’. ‘Você é de João Pessoa mesmo ou tá de passagem?’. ‘*Sou daqui*’. Colabore aí, né, com o assunto? [risos] Aí eu pergunto: ‘Você é monossilábica assim ou tá ocupada aí?’ (...) Mas, ah, tem conversa que bate, né? Tem conversa que... Algumas conversas você começa a conversar e o assunto vai rolando, vai surgindo, a pessoa devolve o assunto, você puxa e vai. Aí você se interessa pela pessoa, né? ‘Pô, é uma pessoa bacana’. (...) Tem conversa que flui bem massa. Eu falo: ‘Pô que massa’. É uma pessoa que eu sairia e que se não rola nada, tipo, contribuiu, trouxe um assunto novo, trouxe uma informação nova, e foi massa, foi agradável.

Conforme Schütz (1979), o processo de escolha do outro está calcado num sentido comum culturalmente construído, em experiências passadas e no estoque de conhecimento delas derivadas, como visto anteriormente, e o mesmo pode ser dito para esse processo de troca constituído nas conversas. Entretanto, o fluxo da ação do indivíduo é um projeto em aberto, pois não se constitui numa camisa de força; ao serem lembradas, as experiências passadas são continuamente interpretadas e reinterpretadas, inclusive, com base em seus propósitos atuais e no embate com os outros, que, como disse Gregório, podem contribuir com algo novo. Assim que as interações nesse ambiente permitem às pessoas se influírem mutuamente e deslocar ou refazer projetos.

Desse modo, para Cecília, quando o papo não desenrola, os critérios e afinidades iniciais que levaram ao *match* já não são suficientes. A conversa, até mesmo, pode fazê-la reformulá-los ou criar novos modelos de seleção e, nesse sentido, propiciam deslocamentos e (re)descobertas de si.

Mas, assim, certa vez eu me questioneei se era inteligência que me fazia continuar uma conversa com alguém no Whats. No Tinder e depois Whats. Mas eu conheci um cara muito, muito, muito inteligente, de cabelo cacheado, com barba, inclusive, no qual não me despertou nenhum interesse.

E, tipo, o papo dele... Ele era alternativo, curtiã música, curtiã reggae, curtiã rock, tava num doutorado, era uma pessoa... Com um perfil que se eu ouvisse falar com certeza eu iria me interessar. Mas no desenvolver, ali, não... Foi uma das coisas engraçadas, porque depois eu comecei a me basear em quem não era vegetariano, quem não... Porque ele era vegano....ele era vegano, praticava ioga, e mais um monte de coisas. E eu disse: ‘Putã que pariu! Ok. Eu gosto de barbudo, eu gosto de cabeludo, eu gosto de alternativo. São coisas que eu gosto. Eu não gosto de vegano, eu não gosto de pessoas que praticam ioga’ [risos].

Frente à incerteza de um perfil vago e do próprio desenrolar do *match*, a conversa segue um percurso exploratório no sentido de dar um formato, mesmo que ainda virtual, a ambos os perfis que interagem e vão se tornando, um para o outro, uma pessoa com a qual se possa seguir conversando, encontrar ou relacionar amorosa ou afetivamente. É na conversa que vai se delineando esse senso de situação, o enquadramento que confrontará as expectativas e afinidades e dirá se a relação continuará e como (em que termos) continuará.

No decorrer das interações, as minhas próprias e as dos meus informantes, ficou perceptível que a sucessão dessas operações – montar seu perfil, analisar ou passar os perfis alheios e manter diálogos com as pessoas *online* –, que fazem parte da vivência do Tinder, acabam por implicar num processo de socialização, de aprendizado mesmo sobre os modos de ser e fazer naquele meio. A atividade variada e híbrida de interações sujeitos, ambientes, tecnologia, ou, nas palavras de Ingold (2015, p. 113), percorrer o “emaranhado ilimitado de linhas em um espaço fluido”, não se faz sem um aprendizado relacional de habilidades, “poderes de discriminação perceptiva finamente ajustados por experiência anterior” (INGOLD, 2009, p. 18).

O desenvolvimento dessas habilidades é a base do conhecimento e se dá no decurso da vida, no engajamento com os ambientes, sejam eles analógicos ou *online*. A socialidade, assim, está relacionada a um processo de apreensão e de refinamento, na prática, de modos de estar, de linguagens, de códigos relacionais que acionam e correlacionam ritmo e repetição, ação e percepção, imersão e atenção. Segatta (2008, p. 14) colocou a relação entre socialidade e percepção em Ingold nos seguintes termos:

Para Ingold (1991) a socialidade é a qualidade constitutiva dos relacionamentos. Está nos relacionamentos e através dos relacionamentos – a socialidade é o potencial relacional entre pessoas e entre pessoas e ambiente. As relações sociais e a consciência não são causa e efeito, são engajamentos. Essa idéia de socialidade ligada à teoria da percepção é que permite pensar na possibilidade de pessoas se envolverem em experiências partilhadas comuns em seus campos de percepção. Neste caso, ela depende de um desenvolvimento perceptivo de habilidade para a socialidade.

Nesse sentido, o conceito de educação da atenção cunhado por Ingold (2010) se mostra profícuo, pois associa o lugar que se habita aos artefatos físicos e à percepção do indivíduo (LEITÃO, 2012). Trata-se de um movimento responsivo de aguçamento perceptivo às constantes mudanças ambientais, e que envolve não tão somente a transmissão de informações, mas a imitação e a improvisação, essenciais no processo de aprendizado e na fluência das interações. Esse movimento permanente de fazer, desfazer e refazer interações pelo meio digital do Tinder e nos encontros por ele proporcionados, implicam em e retroalimentam conhecimentos a impactar tanto o uso mesmo dessa ferramenta com para extrapolá-la; se aprende a lidar com tais situações e com situações semelhantes.

No caso de plataformas digitais cuja intenção projetiva diz respeito ao encontro para fins de sexo e afeto, esse aprendizado faz referência às experiências passadas relacionadas ao âmbito das relações interpessoais dos usuários, – que se relacionam aos “motivos porque” cunhados por Schütz –, se soma a suas motivações voltadas para objetivos presente e futuro – os “motivos para” –, à apreensão dos modos de manipulação e configuração técnica do dispositivo digital e à dinâmica relacional característica do aplicativo. Vistos na perspectiva de um aprendizado, a interação e o exercício da sociabilidade no Tinder apontam para uma dimensão de experimentação, da percepção que vai se afinando e ajustando aos desafios colocados pelos novos encontros – com as pessoas rotativas e com a tecnologia, que vez por outro se inova.

Assim que, para Mariana, em suas experiências com pessoas que se mostravam de uma forma nas fotos e nos encontros se revelavam bastante diferentes: “Uma coisa que eu aprendi com o Tinder é não confiar em fotos. O Tinder me ensinou isso”. Para João, cujo aprendizado mais amplo sobre a tecnologia do *smartphone* ocorreu em paralelo ao desvendamento das possibilidades dos *apps* de paquera, a experiência lhe ensinou sobre quem vale a pena conhecer: “Hoje em dia já estou mais escolado. Não sou afobado pra conhecer”. Para Carolina, o decorrer do uso proporcionou uma mudança no padrão de interação: antes migrava facilmente a conversa para o Whatsapp e se arrependia. Agora conversa mais no *app* e depois, se considerar que vale a pena, migra: “Você vai pegando as coisas que eles dizem que você sabe que é caô. É o famoso ‘se colar, colou’ (...) Aprende geral!”. Ela aprendeu, inclusive, a mentir e omitir dados ao perceber que o homem fazia perguntas cogitando as facilidades do sexo casual. Ou, para Carlos, que reaprendeu a paquerar através do *app* e, depois de passar por situações constrangedoras, decidiu ser mais direto logo no início das conversas, se tornando também mais precavido sobre com quem se encontra.

**Carlos:** Tento sondar a pessoa pra ver se necessariamente já é pra ficar. Já é pra se encontrar e já... Ou é só sexo mesmo, e tal. às vezes é só sexo mesmo.

**Sheila:** Mas isso dá pra saber no papo?

**Carlos:** No papo. É. Aí eu ficava meio sem saber como conversar com as pessoas pra ver qual era a delas. Aí, depois de um tempo eu já comecei a ser bem mais direto. Eu digo: ‘Oh, uso essa porcaria já faz muito tempo, já há uns dois meses, já, qual é a tua? Tá a fim de conhecer uma pessoa legal, trocar ideia, tal? Ou tá a fim...? O que é que tu quer aqui?’ Aí algumas meninas diziam: ‘Não, eu tô a fim de sexo mesmo, tal’. Beleza. Se eu tivesse a fim também, aí acontecia. ‘Não, conhecer pessoas’. Ah massa. Acontece. A maioria das vezes termina ficando mesmo. Apesar de já acontecer várias vezes de não ficar, assim.

**Sheila:** Encontrar e não...?

**Carlos:** Encontrar, trocar um papo, uma ideia e não rolar a química, não, não desenvolver o, o processo. [risos]

Além disso, ele aprendeu a tomar outras atitudes já nos primeiros papos virtuais, como migrar logo a conversa para o Whatsapp e/ou seguir a pessoa em outras redes sociais. “Eu dou uma stalkeada geral do Facebook, pra sacar...” se a pessoa existe mesmo, se suas informações no Tinder correspondem com às das outras redes sociais, para ver fotos atuais, para saber se a pessoa não é um *fake* ou se tem algo a esconder – ser casada, por exemplo. É uma precaução: “Porque no começo eu não era tão precavido, as meninas que eram mais”. Contudo, o uso o ensinou a fazer mais esse teste antes do encontro: “é uma peneira”.

Estas são ações – ou precauções – que muitos outros usuários/as também disseram fazer, na tentativa de verificar a autenticidade identitária desse outro, ainda um personagem/perfil virtual e que vai agora sendo delineado como uma pessoa para, possivelmente, “desenvolver o processo”. Contudo, essa não é uma regra, tampouco assegura a bem-aventurança dos encontros. A incerteza sobre desenvolver ou não o processo segue até o momento do encontro presencial, se e quando ele acontece. É sobre esses encontros e possibilidades desenroladas por eles que falarei a seguir.

## **Encontros e desencontros**

Ao tratar sobre o processo de individualização das trajetórias conjugais, Bozon (2004, p. 56) propõe que na atualidade há uma maior abertura das possibilidades no que tange à sexualidade, para além da conjugalidade normativa e das sexualidades alternativas, em função, especialmente, de dois aspectos: “diversificação e individualização das trajetórias conjugais afetivas” e “declínio da regulamentação sexual por meios absolutos”. Essas mudanças se traduzem em novos *cenários sexuais* que envolvem diversificados modos de

manejar e constituir relacionamentos conjugais/afetivos/sexuais: são ampliações do repertório relacional que definem e diferenciam as trajetórias. O uso de ferramentas como o Tinder proporciona mostrar e viver tais cenários, além de possibilitar modalidades próprias, pois estruturadas a partir da – e em alguns casos unicamente na – virtualidade.

Se pensarmos no uso do Tinder como constituindo uma malha (INGOLD, 2015) que abarca, de modo heterodoxo, os motivos enunciados para seu uso, a elaboração e reelaboração do perfil, a alteração das configurações e filtros do *app*, a escolha dos possíveis interlocutores a partir de critérios que podem ser refeitos ou mesmo abandonados, a sedução ou repulsa percebidas nas conversas virtuais e, quando ocorrem, os encontros percebemos não apenas as infinitas possibilidades de configuração e reconfiguração do modo como a afetividade/sexualidade são exercitadas e percebidas, mas os modos como negociação e tensão estão operando como motores desses eventos. Nesse sentido, o momento do encontro presencial<sup>92</sup> é um novo marco no confrontar das imaginações, interesses, projetos, projeções que foram sendo testados no *online* e se traduzindo em expectativas a serem, mais uma vez, reafirmadas ou modificadas – outros aspectos verbais e não-verbais são expostos na cena, a performance dos atores é avaliada em função desse novo cenário, agora *off-line*.

É a partir do encontro que a regras do jogo relacional diádico são (re)elaboradas “no decorrer do caminho” (BOZON, 2004, p. 56), tendo sua base na articulação, nem sempre concordante, de orientações normativas com processos de individualização das ações, de flexibilização e negociação das intimidades. Isso porque, como informa Koury (2016, p. 24):

As relações sociais, deste modo, estão sempre em negociação, sempre em um jogo de conformação e teste de legitimidade e ânsias de liberdade entre as partes que a configuram. Elaboram redes tensas e repletas de negociação que originam conflitos entre as partes relacionais e entre as partes e a cultura emotiva e a moralidade que tendem a se cristalizar como únicas e desejáveis possíveis.

Esse mundo de expectativas e tensões que irão se confrontar no momento do encontro é dos aspectos que mais chama a atenção dos usuários/as:

**Carlos:** Por isso que eu digo: é a vida real. O que importa no final das contas é a vida real. Você tá conhecendo pessoas. Pessoas com expectativas às vezes enormes, gigantes! Ou é você que está com expectativa enorme, gigante (...) Que batem ou não batem.

---

<sup>92</sup> Quando o encontro é o foco. Pois já vimos que, como no caso de Mário, ele pode não ser. Também não se pode deixar de lado outras modalidades *online* de interação afetivo/sexual, como a troca de *nudes* ou o sexo virtual. Para uma discussão sobre práticas sexuais realizadas meio digital, ver: *Sentires sexuais em ambiências digitais*, de Raquel Melo.

Joaquim e Carolina contaram experiências nas quais essas expectativas foram negativamente desfeitas no momento do esperado encontro. Vejamos.

**Joaquim:** Todo o papo tudo a ver. Era muito perfeito, cara! Tipo, a gente era muito igual! Era muito legal! Tudo, tudo, perfeito. Beleza. ‘Ah, vamos sair daqui, então, vamos para algum lugar’. Daí, a gente ainda não tinha ficado ainda. A gente saiu, saímos, fomos conversar no carro dela. Ok, a gente se beijou. Foi horrível o beijo! Inacreditavelmente ruim. Inacreditável... Sabe, tipo assim, eu beijei e falei: ‘Não, deu alguma coisa errado’. Daí, conversa mais um pouquinho, beija de novo, e dá uma vontade de sair correndo: meu Deus, que beijo ruim, cara! E daí eu pensando: ‘Cara, tem alguma coisa estranha. Não, deve ser não sei o que’. Conversa mais um pouco, não sei o que, beija de novo. Puta que pariu, cara, não rola!

**Sheila:** E aí?

**Joaquim:** Não, cara. Ficou nesse... Não teve nem outro encontro, nem pra trocar ideia. Foi horrível, cara. Não rolou. Tipo, assim, o beijo repeliu.

Já para Carolina:

**Carolina:** Existe uma criação de expectativa. Já aconteceu de eu sair com um cara, achando que ele era um possível interesse a longo prazo, e ele vir me pegando. E aí nem pra isso eu quis. Porque... Como eu tô dizendo, não soube fazer. Eu podia até ter ficado com ele, mas da forma como ele [abordou]... (...) Isso pra mim não é exatamente um apego não, entendeu? Posso sair para isso, sim. Não me limita não. Só que tem momentos que eu não quero e tem pessoas que eu não quero. Não é? Não é porque eu quero que tem que ser com aquela pessoa. Assim, eu queria, e cheguei lá e não bateu, não rola. (...) Quando eu saio com uma pessoa que ela me trata bem, no sentido de não chegar já me agarrando e etc., é mais fácil de acontecer. Mas se eu saio com alguém e ele já vem com muita sede ao pote, eu me retraiu. Não funciona.

**Sheila:** O que vai determinar mesmo é o encontro...

**Carolina:** Humhum. Até porque não tem química no Tinder, né? Não tem cheiro, não tem voz... Até a voz às vezes é brochante. O cheiro da pessoa. Às vezes o ver, nas fotos é de um jeito... Não digo assim... É a mesma pessoa nas fotos? É. Mas ver ela em movimento é totalmente diferente que ver estático na foto.

Pelos aspectos descritos por eles, é possível perceber o encontro como uma revelação desses eus “não-virtuais” um ao outro, a constituição de um novo cenário, fundada nos elementos que foram articuladas nos momentos anteriores. A corporeidade imaginada pode tomar formas imprevistas, mesmo em seus detalhes, como cheiro, voz, andar. As intenções e projetos, quando manifestas no perfil e nas conversas, passarão por um novo momento de visibilidade, confronto, sedução, abandono, modificação. Abre-se mão de estratégias de convencimento ou evasividade. Até o momento de decisão sobre o que será dali para frente, e as interpretações dos porquês de ter ou não dado certo.

Para finalizar esse capítulo, detalharei duas das trajetórias cujos fragmentos foram colocados ao longo da dissertação. São histórias relacionadas às suas experiências afetivo/sexuais, tais quais me foram relatadas, envolvendo aspectos das suas vidas pessoais de modo mais amplo. Tentarei trazer nessas trajetórias a forma como elas lideram com as expectativas que “batem ou não batem”, recuperando alguns dos elementos vistos ao longo deste texto e tratando de outros que integraram o conjunto das experiências a mim retratadas por elas.

Um desses elementos é a relação com o risco e os medos proporcionados pelo encontro. Conforme Koury (2016, p. 29), tratando sobre a nova sensibilidade característica da dinâmica de vida contemporânea: “Toda a vida individual e coletiva parece se assentar, deste modo, em projeções sempre arriscadas em termos de confiabilidade e segurança”. Ato contínuo, a decisão sobre encontrar com o outro é permeada pelo cálculo do risco que isso implica, seja em termos do que o outro pode fazer consigo, seja avaliando a validade do investimento nesse encontro. Todavia, tais projeções e cálculos, conforme os relatos dos meus interlocutores/as, no geral, não se traduziram em medos paralisantes da ação. Ao contrário, “parece provocar atitudes que visam à transgressão, à simulação e à recriação de formas de sociabilidade” (KOURY, 2002, p. 122).

Outro elemento é a possibilidade de experimentação – de si, do novo e da própria relacionalidade – permitidos pela ambiência digital e seu confronto com as expectativas por “realismo identitário” (RAMOS, 2015) com relação ao que foi apresentado e imaginado *online* no encontro presencial. Parreiras (2008, p. 117) tematiza esse ponto ao tratar sobre a busca pelo real no grupo de Orkut que pesquisou: “Por mais que o *on-line* permita uma liberdade de experimentação considerável, as demandas de grande parte dos membros da comunidade parece ser a exigência pelas realidades e daquilo considerado por eles verdadeiro”. As narrativas dos meus informantes remetem a esse movimento de conflito entre as construções *online* e *off-line*, que tem seu ápice no encontro presencial. Por um lado, construções identitárias *online* muito destoantes do analógico podem ser limitantes ao encontro ou demarcar crise ou quebra na interação – o que talvez seja mais comum; por outro, uma vez desveladas, inverdades podem desencadear a aceitação e a refiguração da relação. Veremos adiante esse e outros temas nos percursos de Clarice e Carolina.

### ***Trajetória 1: Clarice***

Quando encontrei com Clarice e seu filhinho mais novo, ela me pareceu uma pessoa vívida, além de se mostrar uma mãe atenciosa. Dividiu suas atenções entre dar comida e distraí-lo enquanto conversávamos. Além do antigo e intenso desejo de ser mãe – e não

necessariamente uma esposa – disse ser bastante intensa também em seus relacionamentos afetivos: “Meu último namoro foi JK. [riso] Sabe? Cinquenta anos em cinco. [riso] Tipo, em um mês a gente já viveu um ano inteiro. É bastante intenso. É uma tendência que eu tenho”.

Dos papos virtuais pouco lembrava, mas estava ávida para me contar sobre os encontros intermediados pelo Tinder dos quais recordava. Levou uma relação com nove deles, e lembrou de mais um ao longo da conversa.

As entradas e saídas do aplicativo eram comuns para ela. “Eu vivo instalando e desinstalando. Tem horas que eu estou de saco cheio, tem horas que: ‘Ah, vamos lá, vamos. Paciência’. E eu faço muito não, não, não. Os meus *likes* são muito raros. Muito raríssimo, assim”. Com o recente fim do seu relacionamento, voltar para o aplicativo lhe veio como a melhor alternativa para encontrar parceiros e *se distrair*, como já fizera outras vezes.

Acabei de sair de um relacionamento de dez meses. Estou, assim, em cacos. Estou juntando meus caquinhos. Estou em feridas abertas. Eu tô mal, muito mal. Porque não era bem assim que eu esperava que chegasse no final. Sabe? A gente tinha uma relação muito bonita, eu e ele. A gente se gosta até hoje, a gente se fala até hoje. (...) A gente se curte pra caceta, mas viver junto, morar junto nessa configuração familiar muito louca e complexa pra caceta, com a mãe das crianças dele enchendo o saco, não rolou. Isso não faz nem duas semanas que a gente terminou. Assim que a gente terminou eu entrei no Tinder. ‘Agora eu vou usar seres humanos mesmo, eu vou me distrair’. Aquela coisa. ‘Eu vou meter o pé na jaca, eu vou meter a cara, eu vou conhecer gente!’. Querendo: ‘Me apresenta, me apresenta alguém’. Ficava falando pros amigos. Aí eu fui pro Tinder. E aí a minha cabeça está tão vidrada no cara, que aí eu fico: não, não, não, nãaaoooo. Eu quero ele! [risos] Aí teve um ou dois que eu falei: ‘Ah, vamos ver’.

Antes de relatar seu último e não muito proveitoso encontro, contou que conheceu o Tinder pelo ex-namorado, pai do filho mais novo, com quem tivera um relacionamento curto e complicado. Ela instalou o *app* seis meses após dar a luz, pois passou a gravidez já solteira e sentia muita falta de ter alguém, inclusive de sexo.

Assim que ele nasceu, ufa, já não tem aquele barrigão, agora posso ir pros encontros, né? [risos] Porque, imagina, eu ir pros encontros de barrigão, não vai dar muito certo, né? (...) Assim que ele nasceu: ‘Ufa, Tinder! Vamos lá!’.

Narrou seu primeiro encontro com o homem que conheceu pelo *app* naquele período, ressaltando o processo de convencimento para ele ir se encontrar com uma recém-mãe que levaria seu filho a tiracolo. “Você tem alguma coisa a perder? O máximo que pode acontecer é a gente não se curtir, você não gostar dessa circunstância, a gente não se ver mais. Entende? A gente não precisa se forçar a ter alguma coisa”. Do encontro, ocorrido numa padaria, disse

que foi interessante. Entretanto, ambos não se curtiram. “Até porque, pra ele, era uma situação meio *odd*. Sabe? Meio esquisitaça. Sabe? ‘Tem um bebê aqui’. (...) Ele achou meio estranho. Mas só dele ter ido, pra mim, foi tipo: ‘Oh!’”.

Apesar da autoafirmação como mulher e mãe, tanto em sua narrativa como descrita em seu perfil, não expõe fotos de suas crianças no *app* e mesmo critica os homens que o fazem, pois, para ela, além de ser desrespeitoso com a criança é uma tática de se autopromover como paizão que não a agrada. Entretanto, entre os critérios de escolha que adotou para seus *likes*, está o ser pai – pois a chance de compreenderem melhor sua rotina de mãe aumentaria. Prefere também homens acima da sua faixa etária, especialmente com cabelo grisalho; tipos que usem roupas mais “alternativas”; que escrevem no perfil algo mais autêntico, fora do clichê ou das frases prontas; cujo plano de fundo das fotos mostre locais mais ao natural, com família, e não baladas, e configura o raio de busca pra até 10km de distância dela, pois prefere quem mora próximo.

Tinha um discurso feminista contundente, se mostrava crítica ao comportamento dos seus *matches* e *crushes* quanto às expectativas de encontro ou relacionamento com uma mulher que é mãe.

Então, eu já falo ali no perfil. Tem só foto minha, só do meu rosto, nunca boto de corpo, e falo que sou mãe. Então, normalmente eu vejo que os caras, quando tem mãe, eles acham que mãe é aquela pessoa que tá tão necessitada, tão carente, tão sem opção, que precisa de um ajudante ou precisa de um sexo. É isso, entendeu? Então eles acham que eu vou me submeter a qualquer lixo, a qualquer maltrato, mal-tratamento, assim, porque, tipo, eu sou mãe, eu não tenho como, eu não tenho outra opção. É raríssimo o momento que eu tenho livre pra ser mulher, então, nessa hora eu vou estar topando qualquer coisa. Entendeu? E não é assim, sabe? Eu sinto esse tratamento.

Ao longo do tempo de uso, Clarice já experimentou procurar tanto homens como mulheres: com as últimas apenas conversou *online*, optando por encontrar somente os homens.

Eu sinto que eles estão muito imediatistas. Ou eles querem casar ontem. Entendeu? Eles querem uma mulher para, sei lá, criar eles. Entendeu? Pra ser a mãe deles. Ou eles querem sexo já. ‘Onde cê tá? Tô indo aí agora e você vai me encontrar num motel’. ‘Como assim pra gente se encontrar num motel?’ Já teve um desses. Pra gente se encontrar num motel. Tipo isso. É. Então, assim, tem uns absurdos. Muito imediatismo.

Nos três encontros seguintes que me descreveu, esse imediatismo ficou claro para ela. O segundo pretendente não era parecido com as fotos e lhe despertou repulsa o fato de ele

estar com cheiro de suor. Além do que, diferente do apresentado como interesse em seu perfil, informou ter, de fato, um objetivo muito específico: tinha um filho autista e estava procurando uma mãe para ele. Ela fez questão de nunca mais falar com o rapaz.

Já o encontro seguinte foi com um homem na faixa dos 50 anos que levou sua filha adolescente para avaliar sua possível futura namorada. Desse ela também se esquivou rapidamente, após o primeiro encontro.

Gente, eu falei assim: ‘Onde é que eu me meti?’ [risos] Namorada??? Que é isso? Me avaliar? Tá louco, meu? [risos] Aí eu, tá, tomei chopp, conversei, tá, tá, tá. Eu não falo assim: ‘Ai, desculpa, foi mal’. Não. Eu fico lá e curto o momento, e tudo mais. E o cara acha que eu tô adorando, e aí depois ainda manda mensagem pra mim que não entende porque que eu sumi. Tipo, eu visto, me visto atriz, entendeu? Eu só entro no clima. Vamos lá.

Com um dos outros *crushes*, eles se curtiram no Happn e no Tinder ao mesmo tempo. Conversaram, descobriu que ele era recém-solteiro e pai de um dos alunos da creche da filha. Antes de se encontrarem, ela pediu o Facebook dele, viu suas fotos e postagens, concluiu que poderia ser uma pessoa legal. Encontraram-se num shopping e os modos do rapaz a constrangeram:

Ele veio com sede ao pote, entendeu? Ele beija e passava a mão em tudo! E beijava, e beijava! As pessoas passavam do lado e ficavam meio constrangidas, assim. E eu assim: ‘O que é que eu faço?’ Né? (...) Eu: ‘Tá, já entendi, é sexo. É isso que cê quer. Já passasse a mensagem. Menos, menos’. [riso] Entendeu? E, tudo bem, eu também queria. Vamos nessa. Aí a gente marcou um segundo encontro lá em casa, ele foi lá pra casa, aí a gente transou, e depois a gente se cruzava [pela creche] mas a gente não marcou mais nada, assim. Eu acho que ele é que deu a sumida depois. Talvez até por medo de se envolver muito, porque a gente tinha mais uma pegada família, pai, mãe (...) Então a gente era muito mais pegada família do que oba, oba. Talvez ele deve ter ficado até com receio de engatar em outro relacionamento (...) Depois nós sumimos. Paramos de falar. Entendeu? Ele foi parando de falar, eu fui parando de falar, aí paramos.

Com outro, ela manteve um relacionamento de sexo casual. “Aí a gente se conheceu lá no clube, a gente nadou junto no clube, a gente ficou, teve, daí, várias transas, vários sexos casuais lá em casa também”. Apesar de se darem bem, ela achou que ele não sabia lidar com as crianças e era monossilábico. Ela se afastou dele. Do próximo *crush* que relatou, também um homem com quem teve sexo casual, ficou decepcionada porque, dessa vez, ela queria mais encontros e ele não. Falou também de um rapaz com quem conversava há algum tempo, decidiu passar no trabalho dele de surpresa para se encontrarem, e preferiu não ter mais

contato por conta de sua voz. Imitou: “Era muito fininha assim, fina demais, eu não conseguia ouvir aquilo e não dar vontade de rir, porque era muuuito fino, cara. [riso]”.

Ela namorou por três meses com uma das suas combinações, um homem que a encantou porque ele não colocou foto do seu filho no *app*, e porque o garoto morava com ele, parecia ser um pai de verdade. Após o primeiro encontro, no qual eles levaram suas crianças, engataram o namoro.

Aí eu terminei. Nossa, eu deixei ele com o coração partido, coitado (...) Com o tempo, eu fui na casa dele, ele foi na minha casa, nossas crianças se adoravam, o sexo era bom. E eu tava num hora de querer me aquietar mesmo (...) O problema não era ele, sabe? O problema era que ele se vendia como pai, mas quem ficava mesmo, quem criava mesmo aquele menino era a avó, no final das contas. E aí, pô... ‘Cara, você não é pai do seu filho. Desculpa. Você tá botando tudo nas costas da sua mãe’. Eu falei desse jeito. ‘Sabe, tipo, olha, eu, num primeiro momento, eu pensei que você fosse pai, assumia tudo (...) administrando toda a logística, toda a agenda, toda a casa sozinho, do jeito que eu dou conta também’. (...) Foi uma decepção pra mim (...) Eu falei: ‘Não, pra mim não dá, eu preciso de um homem íntegro!’. Entendeu? Íntegro! Que não esteja cheio de muleta por aí. Porque eu não tenho muleta, eu espero que homem também não tenha muleta, e nem me faça de muleta dele, e eu nem faça ele de muleta. Ele estando uma laranja inteira, e eu estando uma laranja inteira, tá ótimo. Aí a gente pode trocar alguma coisa. Agora, começar o relacionamento querendo botar nas minhas costas, tirar da responsabilidade da avó pra puder passar pra mim, porque ele não dá conta? Não.

Pesou para o término da relação, ainda, o fato de ele fumar e beber muito, o que a incomodou. “Tinham vários fatores. Nunca é um fator só, né?”, para se terminar uma relação.

Poucos dias antes da nossa conversa, num dos raros momentos nos quais ambos os filhos estavam com os pais, ela combinou de conhecer um *crush* no mesmo local onde combinou de encontrar, depois, com um casal com quem estava vivendo uma amizade colorida. O encontro resultou num constrangimento geral, e a relação não foi adiante.

O cheiro já me deu uma repulsa. Mas é porque, também, ele era baixinho, e nas fotos eu achava que era uma pessoa mais alta, nas fotos eu achava que era uma pessoa mais alta que eu. E ele era baixinho e ele tinha muito tique nervoso. Sabe? E aquilo me dava vontade de rir, então eu não podia ficar do lado dele. (...) Ele era divertido, mas ele tinha uns papos talvez muito vazios de, meio vazio de conteúdo, era umas coisas muito superficiais. Entendeu?

O rapaz? Não ficou contente com a situação, em especial quando ela decidiu ignorá-lo após o encontro, e a ofendeu pelo Whatsapp antes de bloqueá-la. Situações como essas, nas quais o homem ficava descontente com a sua recusa, a amedrontavam, assim como a possibilidade de contágio por doenças sexualmente transmissíveis e a exposição dos seus

filhos. Por isso, ela tentava tomar algumas medidas protetivas, como sempre usar sua própria camisinha ou se encontrar em locais públicos.

Não vou pra um local que não seja o meu. Eu prefiro estar na minha casa, tem meus vizinhos, eu dou um grito, qualquer coisa. Porque não é, eu não confio muito, sabe? Sempre prefiro o primeiro encontro no espaço público. Sempre. Mesmo no primeiro encontro já ir pra minha casa, eu fico com medo. Vai conhecer meu endereço, eu tenho dois filhos. Entendeu? Duas crianças. Querendo ou não, uma mulher com duas crianças é um símbolo de vulnerabilidade na sociedade que nós temos. Entendeu? Então, depois que sabe meu endereço, sabe que eu tenho dois filhos pequenos e sabe que eu não tenho o macho da casa... Entendeu? Eu sinto que eu coloco tanto eu como os meus filhos numa situação de vulnerabilidade, assim.

Entretanto, mesmo com algumas precauções, narrou uma situação anterior bastante preocupante no que respeitava a sua segurança e de suas crianças. Conheceu um *Tinderelo* com quem se relacionou por um mês. Mas, ficou com medo quando ele contou que, supostamente por um mal-entendido, foi acusado e indiciado por pedofilia junto à polícia federal. Decidiu, então, pesquisar sobre a vida dele na internet e encontrou seu nome relacionado a crimes como roubo de carro e sequestro de uma criança. Inclusive, enquanto estavam juntos ele não conseguiu assumir um concurso público no qual foi aprovado, pois a polícia federal o impediu, escoltando-o de camburão.

Isso foi uma coisa estranha, pra mim, eu fiquei com medo (...) [Tinha] Muita coisa estranha. E eu: 'Putá, botei meus dois filhos no meio dessa merda'. E minha tia ficou a-pa-vo-ra-da!, achando que eu estava numa situação de alto risco, com um cara pedófilo que devia estar sendo procurado pela polícia. Porque ele tinha uns papos de se mudar lá pra casa. Eu: 'Como assim se mudar pra minha casa?'. Muito estranho! (...) Minha tia sempre fala: Clarice, tu é muito conveniente. Te liga, abre os olhos. Fiquei esperta porque tu é muito conveniente. E os caras que ficam contigo e querem ficar contigo é por conveniência'. (...) meus dois filhos recebem uma pensão boa, então, assim, é uma renda que vai até uns 8 mil reais mensal, entendeu? Sem estar trabalhando. Então os caras grudam que nem carrapato e suga (...) eu tenho que tomar muito cuidado com isso. E eu não tomo. Às vezes minha carência não deixa eu ver, me deixa meio cega. E eu sou bastante carente. Isso eu já percebi.

(...) Eu: 'Que merda é essa?' Eu fiquei desesperada. E ele tinha meu endereço, ele ia lá e eu não queria mais! Não queria mais! E eu falei: 'Chega, deu'. E ele: 'Pô, eu fui sincero com você, abri meu coração contigo, te contei toda a verdade, não sei o que, você vai fazer isso comigo, não sei o que'. (...) E ele ficou insistindo, insistindo, queria me encontrar lá em casa, disse que estava lá embaixo do prédio. E eu: 'Fudeu, não vou me livrar daquele cara'. (...) Umas coisas muito loucas, né? Muito arriscado. Foi na hora que minha tia falou: 'Saí desse Tinder, pelo amor de deus! Você não sabe quem tá ali. Melhor conhecer alguém que é o fulano, amigo do beltrano, amigo em comum, alguém que te apresenta na vida real. Sai dessa porcaria, né?' (...)

Eu saí. Depois entrei de novo. Depois saí. Depois entrei de novo. Sempre assim. Mas fico como o pé atrás agora que eu vi o tamanho risco que eu coloquei eu e as crianças, numa situação dessas. Entendeu? E eu não enxerguei tudo isso pela tal da carência, não é?

Desse ponto de vista, da satisfação de sua carência, é que ela vê o Tinder e recorre a ele.

O Tinder parece pra mim um mercado, com uma prateleira, e você vai pegando o produto. É um monte de embalagem numa prateleira. Tu leva e pode se surpreender quando abrir. Às vezes o conteúdo não é o que estava lá na embalagem. Entendeu? Isso pra mim é o Tinder. E sempre fui num intuito mais sexual. De relacionamento afetivo-sexual. Sempre. Nunca foi pra amizade, assim.

Entretanto, mesmo com essa opinião contundente que atrela o *app* a algo correlato ao uso de pessoas, disse que restou uma amizade com o rapaz do namoro de três meses, e reforçou o caráter positivo e aberto do Tinder, que está relacionado aos seus momentos de interagir com pessoas como mulher, não apenas como mãe.

**Clarice:** ...se distrair, alguma coisa que me tire do foco de maternidade: casa, comida, roupa, louça, compromisso, horário, escola, creche, balé, natação... hã hã hã Tem horas que eu só quero, tipo, puff... Algo que me tire, alguém que me tire dali pruma outra realidade, prum mundinho paralelo, nem que seja algumas horas. Aí eu vou... ‘Olha, que coisa, eu sou mulher. Não sou só mãe, motorista, dona de casa, faxineira, cozinheira...’. Tipo: ‘Olha, eu posso ter um tempo pra mim! Que coisa boa!’. E desfrutar de uma companhia, conhecer uma pessoa nova, tomar uma cerveja. De repente saiu, gostou. Ah, gostar da pessoa, sair, ter um... Tá entendendo? Eu acho legal. Essa carência por esse momento que eu tenha só eu.

**Sheila:** E como... Você consegue fazer isso fora do Tinder? Além do Tinder, como é que você encontra outras pessoas novas?

**Clarice:** Não consigo, com as crianças. Minha rotina é muito louca. Só o Tinder. E isso foi uma mão na roda pra mim, como mãe solteira, mão solo, né? Uma mão na roda, eu achei. Porque eu não tenho como ir numa balada conhecer alguém. Ah, ser apresentada por um amigo de fulano. Tipo, eu não tenho tempo pra isso. Meu tempo é muito escasso, assim, pra se conhecer alguém. Eu não tenho isso. É uma loucura minha rotina. Entendeu? Então, eu sinto falta de ter momentos de prazer comigo mesmo ou com uma companhia. Eu tô sempre sendo mãe. Eu tô sempre sendo mãe, ou estar numa função que não esteja em contato comigo ou me proporcionando algum prazer. Isso é muito raro. Muito raro. Eu sinto falta.

Após o último fatídico encontro ela desinstalou o aplicativo. Mas, a despeito dos riscos, confessou já estar com vontade de reinstalar novamente sua ferramenta de encontro do prazer consigo e do exercício de sociabilidade para além da maternidade.

## *Trajetória 2: Carolina*

Ah não, mais isso é muito superficial. É... Essa coisa de cardápio de gente, e tal. Tinha uma coisa bem ruim nisso, né? Aí eu relutei muito em usar. Até que chegou um ponto que eu disse: ‘É, tá bom, não tô fazendo nada, eu vou experimentar’.

Foi assim que Carolina narrou a sua adesão ao Tinder, iniciada já com um romance que durou mais ou menos um mês e teve um término inesperado.

Aí a gente se conheceu no Tinder, aí passou... No segundo dia ou talvez no terceiro a gente já foi pro Whatsapp, e a gente se falava todo dia, conversava. E era aquela coisa de conversar pra se conhecer. ‘Quem é você? O que é que você gosta, sua história...?’ E tharan, tharan. E a gente saiu, e conversou, e ficou, e tal. E pronto. Como eu disse, a gente ficou um tempo saindo. É, enquanto eu tava saindo com ele, a gente não tinha tido a conversa: ‘E aí, o que vai ser?’ (...) Aí, beleza. E foi nisso. E a gente continuou saindo, e eu encontrei outras pessoas e falei pra ele, ele encontrou outras pessoas e falou para mim... (...) Resumindo, ele me disse, secamente, pelo Whatsapp, que ele conheceu uma garota por quem ele se apaixonou e tava namorando com ela. (...) Eu fiquei super decepcionada, sabe?

A partir da experiência, ela ficou com uma dupla impressão do encontro *online*:

Como foi a primeira experiência do tipo, eu tive o melhor e o pior do aplicativo. Ao mesmo tempo que encontrar de cara assim foi bom, pra mostrar que, não, tem gente interessante, tem gente, é, que as coisas podem caminhar. Mas, ao mesmo tempo, a questão da liquidez, né? Vem fácil, vai fácil também. (...) Então, assim, essa foi uma primeira experiência bem impactante, em todos os aspectos.

Em paralelo a esse encontro, teve outro, numa viagem ao exterior, que avaliou como positivo.

Ele foi extremamente respeitoso, e tal. Mas eu fiquei com ele, a gente acabou passando a noite junto, e eu falo com ele desde então. E eu vou reencontrá-lo de novo quando eu for (...) Não foi uma coisa de paixão, ou de... deu uma química legal, a gente se bateu e a gente ficou com vontade de se ver de novo e tal, e a gente vai se ver.

Algo que acabou ocorrendo, mais ou menos um ano depois, quando viajou novamente para aquele país.

Creriosa em sua avaliação dos perfis – “Eu não escolho pela foto (...) Eu leio todos os perfis e olho todas as fotos” –, contou-me que sua adesão ao universo dos encontros proporcionados pelos aplicativos se deu pela identificação de uma falta pessoal. Mas, mesmo diante dela, várias possibilidades puderam se efetivar pelo aplicativo.

O que eu tenho na minha vida hoje é uma lacuna afetiva. Então, eu estou lá buscando afetividade. Quando eu digo que eu posso procurar alguém pra conversar, é porque eu posso passar um tempão conversando com alguém lá e não necessariamente encontrar. Teve um, que eu encontrei semana passada, faz um mês que a gente conversava. E a gente não tinha se visto ainda. (...) [o encontro] pode ser logo, pode ser demorado. Da primeira vez pode ficar, pode ir pra cama. Não tem regra, não. (...) Cada interação é uma interação.

Ela se disse muito tímida, que suas habilidades e disposição de paquerar em festas e locais de sociabilidade eram baixas: “Não me encaixo no padrão estético que geralmente os caras que procuram nas festas vão querer. Não tô falando só de corpo, mas eu tô falando de maquiagem, montada, e não sei o que”. Possui um amplo círculo de amizades, composto em sua maioria por pessoas casadas, daí ter a impressão de que não havia homens solteiros em sua faixa etária. O Tinder a mostrou que eles existiam, lhe permitiu acesso a eles e filtrá-los. Deu-lhe, ainda, a oportunidade de negociar com seus *matches* e *crushes* os desejos mútuos.

Depende muito do que eu quero. Existe uma seleção, é, se eu vejo perspectiva, se eu vejo futuro naquilo ou não. Aí se eu vejo futuro, é uma pessoa com quem eu quero continuar conversando, então eu migro. Mas já aconteceu também de, por exemplo, eu migro a pessoas, a gente se fala no mesmo dia ou no outro pelo Whatsapp, e depois nunca mais. Isso aconteceu recentemente. Porque pelo Whatsapp você começa a conhecer mais detalhes da pessoa, e aí você vê que... se enganou, ou tipo isso, que a pessoa é doida. Ou que a pessoa... Não sei. Se eu quero uma coisa... eu vejo a pessoa A e ela me chamou a atenção. É... Na hora que eu vou conversar com ela, vão se mostrar as opções. Do que ela quer, qual é o tipo de abordagem... E eu vou escolher se eu quero ou não. Então, eu não uso necessariamente só para arrumar um namorado, mas eu também não uso só pra sexo. Mas já usei pras duas coisas. Já usei com as duas propostas

Apesar de se declarar reservada quanto à sua vida íntima, contou do espaço para trocas de comentários e vivências sobre o Tinder no encontro com suas amigas, e de como suas histórias acabam servindo como alegorias para as outras.

Semana passada mesmo eu tava numa mesa de bar, e cada uma que contasse sua história de, de aplicativo. ‘Ah, mas eu conheci um que foi assim’, thranranran. Né? Eu tenho várias histórias clássicas que eu conto e as pessoas morrem de rir. Eu contei pra você a história clássica do apartamento? Pois é, aquela dali é para sempre. Ele se apaixonou pelo meu apartamento. [risos] ‘Depois que te conheci, eu me apaixonei pelo seu apartamento’. ‘Desde que te conheci, fiquei apaixonado pelo seu apartamento’. Eu tenho até hoje salva a mensagem, eu nunca vou apagar isso. Eu nunca vou esquecer porque foi muito marcante isso, cara! Isso nunca aconteceu na minha vida! Bizarríssimo! Bizarro!

Mas, nem sempre suas histórias são cômicas. Situações constrangedoras pelas quais passou ainda nos *chats online* lhe alertaram sobre potenciais riscos que envolvem esse modo de conhecer pessoas.

Ele falou que eu era fria, que devia ser fria na cama, que talvez não gostasse nem de homem. Que eu era uma mulher bipolar. Porque no aplicativo eu tinha dito que tava procurando um relacionamento tranranran. Eu disse: ‘Sim, tô. Mas não necessariamente com você. Eu não gostei de você’, e tal, não sei o que. E ele continuou me xingando, até chegar um momento em que eu fui lá e bloqueei. Disse assim: ‘Eu não sou obrigada’. E bloqueei. Então, isso é perigoso. Porque eu podia ter encontrado com essa pessoa e ter ficado numa situação complicada... Teve outro que deu *match* 10 horas da noite e ele queria forçar uma barra de ir na minha casa 10 horas da noite (...) Tipo, não foi uma coisa que foi negociável. Eu tentei, disse assim: ‘Não, vamo combinar de sair amanhã’, não sei o que. Não, tinha que ser ali, naquela noite e tal. E é muito perigoso, porque uma pessoa dessa não sabe ouvir um não. Entendeu? Então, uma pessoa dessa... É o que eu falei, numa situação... Se eu não tivesse identificado isso, eu por acaso tivesse concordado dele ir na minha casa, tudo, eu teria ficado numa situação de perigo. Então, tem riscos.

A questão com os riscos do uso lhe chama bastante a atenção, e o alerta é reforçado pelas posturas dos homens com quem conversou e do aprendizado que foi tendo ao longo do tempo: “às vezes você consegue identificar antes, às vezes não. O maior constrangimento que eu passei foi o do cara me agarrando no restaurante, tentando me agarrar”. Entretanto, em seu discurso, é visível a tensão entre o saber dos riscos e corrê-los, em certa medida.

**Carolina:** Eu não gosto da ideia de: ‘Oi, tudo bom? Vamos sair agora?’

**Sheila:** Já aconteceu isso, de alguém te abordar assim?

**Carolina:** De dar o *match* no mesmo dia, conversar de tarde e dizer: ‘Você vai fazer o que hoje à noite? Não quer passar aqui em casa?’ Já. Só que... E eu não vou dizer que eu nunca fiz. Já. Mas não é uma coisa que me deixa confortável... Por uma simples questão de riscos. Se não houvesse risco, eu não teria problemas com isso.

**Sheila:** De encontrar um desconhecido? É esse o risco?

**Carolina:** Risco. De, enquanto mulher, até o fato de você se mostrar disponível pode gerar um risco pra você. Porque a forma como vão lhe tratar pode ser influenciada por isso. Entende?

**Sheila:** Sim. Diga aí, além disso, quais são os riscos que você, passam pela sua cabeça?

**Carolina:** Risco é: eu vou encontrar com uma pessoa que eu conheço em outro lugar. Possivelmente eu vou ficar a sós com essa pessoa. Possivelmente essa pessoa pode querer fazer algo que eu não queira. E, e ela pode assumir que: ‘Ah, você não veio?’. Esse tipo de risco. Risco de violência mesmo. De constrangimento... Eu não sei se o cara é casado?

**Sheila:** Sim...

**Carolina:** E era uma coisa que eu não perguntava até começar a perguntar. Hoje em dia eu pergunto. Porque eu percebi que existe.

Um desses riscos, para ela, se relaciona a um possível envolvimento com homens casados e que omitem ou mentem sua condição.

**Carolina:** Teve um caso, que eu encontrei uma vez, numa busca, um cara que foi meu aluno. Na época que ele foi meu aluno, a diferença de idade era grande, mas hoje em dia cinco anos não faz a menor diferença. Mas na época fazia, né? Aí, resultado, eu fui... ‘Ah, por que não?’ E deu o *like*. Eu me toquei e disse: ‘Peraí, eu acho que eu tenho esse cara no Facebook’. Quando eu fui olhar no Facebook, tá lá ele casado, com filho de menos de um ano, fotos do ensaio de maternidade, e tal, não sei o que?

**Sheila:** E deu *match*?

**Carolina:** Aí eu fiquei rezando pra não dar! Mas deu. Ele deu *match*. Aí ele veio falar: ‘Oi Carolina, tudo bom? Vai ser ótimo a gente conversar, não sei o que, tá aqui meu Whatsapp’. Eu disse: ‘Oh, não vai rolar. Porque eu vi no Facebook que você é casado’. Deixei tempo suficiente pra ele ler a mensagem, depois fui lá e descombinei.

De outro modo, o Tinder também foi um ambiente que a incentivou a correr riscos mais ou menos calculados, utilizando-o, inclusive, para satisfazer fantasias eróticas, como transar com casais, e experimentos da sua própria sexualidade que alegou não ter encontrado oportunidade em outras circunstâncias.

Ali eu alopei geral, assim. Alopei geral! Tipo, tem coisas que você sempre queria fazer, mas você não... devido à cultura que a gente tem, devido à, digamos assim, à questões de privacidade, você não vai fazer onde você mora. Por que você vai ser julgado, sempre tem alguém conhecido... E aí, eu costumo viajar muito, e às vezes eu viajo sozinha. E foi numa viagem sozinha que eu pensei. Eu disse: ‘Ah, por que não fazer uma experiência?’ E tentar dar uns *matches* aí e sair, ver no que dá. Foi em BH. E eu fui passar quatro dias, e em quatro dias eu tive quatro encontros. Foram quatro encontros e no total eram sete pessoas. Dois casais e três pessoas. (...) Foi uma loucura! Definitivamente foi a maior loucura que eu já fiz na minha vida! E, foi... Assim, corri riscos, né? Porque eu era uma pessoa numa cidade estranha e saí com pessoas que eu falei no mesmo dia (...) E eu corri riscos porque, se em algum desses casos tivesse dentro do quarto, tivesse sido forçada a alguma coisa, ou se a pessoa tivesse... Teve uma situação, que (...) me deu medo porque eles não pareciam pessoas más, nem nada, mas eu pensei, naquele momento, se eles quisessem me roubar, se eles quisessem... Eu tava vulnerável. Mas, não foi nada. Mas eu lembro de ter tipo esse momento de... esse estalo, assim. Outra situação vulnerável, no dia seguinte, eu conheci o cara no aplicativo que ele tava querendo ir pruma casa se *swing*, que eu nunca tinha ido também e que eu tinha curiosidade. Mas eu não queria aqui, porque, razões óbvias. E aí recebi ele lá [no hotel] e fui com ele nessa casa de *swing*. Então, eu tava num carro, com uma pessoa estranha... Eu não sabia nem onde eu tava! Eu não sabia exatamente pra onde ele estava levando, eu não sabia exatamente como seriam as coisas lá,

se lá seria seguro também... É por isso que eu tô dizendo: eu alopei. Eu penso assim: ‘É aquela vez única na vida em que você chuta o pau da barraca e diz assim: foda-se, eu vou viver isso’. Mas, os medos estavam lá. Mas foi uma experiência válida. Porque, como eu disse, são coisas que você quer fazer, e você tem uma oportunidade e... Ou você faz ou você nunca vai saber. E o meu anjo da guarda foi bom e deu certo. [riso] Mas eu corri esse risco.

Outra experiência impactante, segundo ela, foi fazer um perfil *fake*.

Acho que eu fiquei uns dois meses. Eu criei outro Face e fiquei anônima. Usava o meu oficial e usava o outro. Em dispositivos diferentes, tal. É muito interessante! Porque, às vezes, a mesma pessoa tem abordagens totalmente diferentes com você. (...) [o perfil] não tinha foto, não tinha nada, mas [a descrição] era uma coisa provocativa mesmo. Era muito impressionante! Eu até brinquei, eu disse: ‘É assim que uma *top model* se sente!’ Porque, tipo, cinco a dez *super likes* por dia! *Super likes*, fora os *matches*. E era, eu deixei aberto lá pra homens e mulheres. Então, era *match* de tudo! [risos] Era uma coisa impressionante! (...) Chegava num ponto que eu não conseguia evoluir muito, porque eu tinha um discursinho, porque eu era casada, e eu não podia me expor, traran tranran, então era minha justificativa pra não me mostrar. Mas chegava um ponto em que elas queriam meu Zap, e eu não podia dar, porque não tinha, né, como... Não vou dar meu número, jamais. (...) Então, tem uma hora que a mentira não se sustenta, nesse sentido. Mas eu notei que as meninas não, mas os homens gostavam até... Só do conversar também rolava. Conversar às vezes era suficiente, de, da fantasia, né? (...) Teve casos em que, por exemplo, eu criei... Eu disse: ‘Ah, eu não vou pro Whatsapp mas eu uso o Messenger’. Aí, eu não criei um Facebook falso? Eu usava o Messenger do Facebook falso. [risos] Foi muito divertido. Aí eles pediam fotos, não sei o que, tal. Aí eu achei na internet uma foto (...) e era uma foto meio envelhecida, assim, então dava a entender que não era Photoshop<sup>93</sup>. E eles mandavam a foto do pau naturalmente, assim. (...) Foi uma experiência massa!

Em tempos mais recentes, Carolina mudou seus propósitos com relação ao Tinder, que alega continuar sendo uma ferramenta útil e interessante.

Ele continua, pra mim, uma oportunidade de conhecer pessoas e conversar. Mas eu... Por exemplo, quando o cara põe lá no perfil que quer alguma coisa casual eu já descarto. Eu já não considero. Ou então, se pela conversa o direcionamento for esse, eu também não... (...) Não tô dizendo que hoje em dia não pode acontecer uma situação dessa. Poder até pode. Mas, digamos, que eu tô menos aberta a esse tipo de coisa.

Assim que o aplicativo continua servindo a seus propósitos de vida. Mas agora já se sente mais confortável e estimulada a descartar perfis e propostas que não estão afins com seu projeto que privilegia a constituição de um relacionamento mais comprometido.

---

<sup>93</sup> Popular programa de modificação e melhoramento de imagens.

É possível que quando o Tinder foi desenhado e elaborado enquanto uma ferramenta para que as pessoas pudessem ter acesso facilitado umas às outras a partir de identificação de afinidades, os seus criadores não tenham previsto que uma mãe solteira o usasse para se sentir mais mulher, ou uma professora universitária conseguisse, através dele, satisfazer fantasias e experimentações íntimas. Carolina e Clarice, em suas experiências, nos informam que, enquanto ambiente no qual é possível exercitar a sociabilidade, a sedução, a intimidade, a intencionalidade de encontrar o outro, elas “jogam” Tinder, num sentido próximo ao atribuído por Simmel (2006) ao jogo social, que é em si uma forma sociológica dotada de dinâmica própria que congrega a cultura subjetiva de quem dela participa ao passo em que contém elementos da cultura objetiva na qual subsiste.

Através do “jogo” Tinder lhes foi possibilitado se conectar e desconectar do outro – *online* e *off-line* –, se experimentar e experimentar formatos distintos de relações, em percursos sempre associados com suas trajetórias de vida e afetivo-sexuais, com os lugares analógicos nos quais se encontravam e às próprias limitações e potencialidades da arquitetura do aplicativo. Assim, a partir do uso dessa plataforma digital, tal qual vem sendo discutido ao longo desta dissertação, foi possível negociar com perfis/pessoas os limites das interações, testar e apostar com os interesses comuns e afinidades, se mostrar e avaliar os modos como os demais se mostram naquele ambiente e fora dele, com base em suas vivências, expectativas, desejos, individualidade. Mas, também, informadas pelas percepções e aprendizados que vai se tendo *pari passu* no uso e na ação do outro relacional.

Nesse sentido, para elas, a flexibilidade e a agilidade que caracterizam o uso do Tinder proporcionaram o que a falta de tempo e privacidade (no caso de Clarice) e a timidez e constrangimentos sociais (no caso de Carolina) não lhes permitiam ou dificultavam. Mas, mesmo este sendo um *locus* que facilita suas buscas e encontros – uma *mão na roda*, como comentou Clarice –, ainda assim seu uso está rodeado por ambivalências. Vide os medos e riscos do encontro com o outro incerto, ou a aparente contradição entre a objetificação do outro como um produto em um mercado e o envolvimento emocional passível de se ter num encontro com ele. E é justamente essa profusão de cenários diversos e polimórficos, configurados em suas tensões, negociações e riscos a cada interação, que dá o caráter de imprevisibilidade às interações possibilitadas a partir dessa tecnologia comunicativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta dissertação – e remeto esse início ao período em que a vivência no aplicativo foi dando espaço a questões de pesquisa, que depois se tornaram leituras, projeto, estudos, reelaboraões, conversas, apreensões, mais estudos, para só então se tornar texto escrito e assim intitulado – um grande incômodo me tomava: um número significativo dos poucos estudos que acessei na época informava principalmente os aspectos eminentemente negativos sobre a existência dos *apps* de paquera, quando na minha própria experiência eu via mais aspectos positivos. O incômodo por não, ou pouco, me ver representada foi o motor que me fez levar adiante a proposta que tem neste trabalho seu primeiro ponto de chegada.

A partir daquele momento, a demanda por um fazer etnográfico o mais responsável quanto me foi possível me exigiu o afastamento – ou o exercício de afastar-aproximar – dessa minha noção/indignação nativa e partir na direção de outros pontos de vista com um olhar mais aberto. Nessa perspectiva nova de investigadora e não mais de usuária desconfortável com a produção acadêmica, me deparei então com os conflitos, os embates de ideias, as contradições, seja no que foi produzido sobre esse modo de buscar pessoas, seja nos depoimentos de quem o vivenciou na condição de participante. Ao longo do trajeto e a partir dessas informações múltiplas, me chamou a atenção o quanto aquele lugar que se chama Tinder também é permeado por ambivalências, tensões, negociações que, por sua vez, lhes forneceram e fornecem continuamente a dinamicidade, o movimento, a existência de usos concretos e sempre como novidade criativa dos usuários através dele.

Concordo com Carlos quando ele disse que o aplicativo é um meio para dois universos se encontrarem. As histórias que me foram narradas me fizeram ver que uma constelação de universos está presente no todo do Tinder, trajetórias que convergem em certos aspectos e divergem em outros. Por isso, talvez, tantos pontos de vistas diferentes possam ser lançados sobre ele, e dele se aproximam para mais, ou para menos. Nesta dissertação está colocado apenas um ponto de vista sobre essa constelação.

Esse ponto de vista foi articulado com o propósito de observar e discutir como se dá a experiência de uso do Tinder, em especial no que se refere aos âmbitos da sociabilidade e da afetividade/sexualidade, correlacionando-a com certo *ethos* contemporâneo que envolve a profusão das tecnologias digitais e demandas de agilidade, flexibilidade. Focalizando esse propósito central, acabei por voltar os passos específicos para atingi-lo ao que pode ser tido

como um percurso na descoberta e na experimentação do aplicativo, que incluiu desde a chegada à plataforma, os modos de se colocar nela e avaliar o outro através dela, até as conversas e os encontros. A experiência, nesse sentido, foi pensada no processo do estar no Tinder, sem focalizar o seu fim que, no geral, mas não exclusivamente, seria o encontro.

Nesse percurso observei e destaquei algumas semelhanças no modo de usá-lo, mas tentei também ficar atenta às diferenças. Isso não para reforçar as primeiras, mas para verificar o que de início havia me chamado a atenção na ferramenta: a diversidade – de tipos, de posturas, de propósitos, de abordagens, de encontros e do que se faz a partir deles.

Nesse trajeto, tal qual apontaram estudos já realizados sobre a sociabilidade *online*, o aplicativo se mostrou uma alternativa na busca de conversas, de conhecer pessoas, de ludicidade, de namoros, de sexo, que coexistem com outras num campo de possibilidades que envolvem diferentes ambientes virtuais e presenciais. Entretanto, o Tinder comporta mecanismos inerentes ao ambiente digital e a sua própria dinâmica enquanto plataforma específica, mecanismos estes que implicam em modificações e diferenças com relação à interação iniciada na presencialidade. O modo como a seleção inicial se processa, por exemplo, é um deles: nesses *apps* um perfil virtual, um metaidentidade construída no aplicativo, seleciona outras metaidentidades ali forjadas, num movimento que pode incentivar tanto uma maior atenção como uma maior agilidade na escolha, já que apenas assim se pode passar ao perfil – escolha – seguinte. Essa escolha, por sua vez, se pode fazer em casa, antes do dormir, ou numa balada. E sua efetivação é circunstanciada pelo *like* – escolha – do outro em um momento qualquer em que ele se motive a usar o instrumento e dê um *match*.

Outro fator que me chamou a atenção foi o jogo relacional que nele se dá, e que através dele se conforma a partir da busca iniciada. Este tem começo com a elaboração (e reelaboração) de um perfil virtual próprio, passando para a observação de outros perfis e seu enquadre a critérios que tentam correlacionar a imaginação de interesses e afinidades comuns; chegando às vezes a se estender para uma conversa na qual é possível tentar desvendar, seduzir, se mostrar, mostrar seus interesses, negociar com esse outro, no geral estranho, e avaliar a validade de um encontro presencial possível. Ocorrências essas passíveis de serem levadas adiante ou morrer no *match*, ou no *chat*, dependendo dos vaís e vens comunicativos estipulados e desenvolvidos, do que eles revelam ou ocultam. É o sucesso dessa condução que levará a um encontro, também possível, no qual outro universo de ligações e afastamentos se descortina.

O ponto de vista aqui trazido para reflexão, nesta dissertação, deste modo, segue também as ligações e afastamentos possibilitados pelo Tinder. E, assim, num ou noutro caso,

são produtos de uma escolha interpretativa e deixam de fora outros universos possíveis de interpretações. O que espero, contudo, ao oferecer à leitura as observações que fiz, é alargar um pouco mais o campo de reflexão sobre as relações e a comunicação social no e através dos mundos virtuais, e proporcionar e contribuir com o diálogo sobre um tema que me mobilizou e, certamente, em algum momento, mobilizou e mobilizará quem já foi ou será “pego” pelo *app* Tinder.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, L. Interpretando la(s) cultura(s) después de la televisión: sobre el método. **Iconos Revista de Ciencias Sociales**, Quito, n. 24, p. 119-141, jan 2006.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL/UNESP, 2010.
- AUGUSTO JR., S. N.; ROMANINI, V. A. Análise semiótica sobre a lógica de produção fotográfica de autorretratos veiculados na rede social Tinder. V PRÓ-PESQ PP – Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda. 21 a 23/05/2014, CRP/ECA/USP, São Paulo.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BARTH, F. A análise da cultura das sociedades complexas. In: LASK, T. (Org.) **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. **Cadernos IPUB**, n. 5, p. 35-49, 2000.
- BELELI, I. Reconfigurações da intimidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 337-346, jan/abril 2017.
- \_\_\_\_\_. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu**, 44, p. 91-114, jan-junho 2015.
- BOM, O. Interações sociais em ambientes digitais: um estudo sobre blogs de moda a partir de Goffman. **Revista Novos Olhares**, v. 4, n. 2, 2015.
- BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cadernos Pagu**, 20, p.131-156, 2003.
- BOURDIEU, P. Condição de classe e posição de classe. In: \_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.
- BRAGA, G. T. “Não estou cobrando o que eu não posso dar”: masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 21, set/dec 2015.
- CALDEIRA, T. P do R. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos**, n. 21, p. 133-157, julho 1988.
- CAMARGO, H. W. de. As teias e os corpos: ensaio sobre o amor e o sexo no tempo das tecnologias. In: CAMARGO, H. W. de MANSANO, S. R. V. (Orgs.) **Consumo e modos de vida**. Londrina: Syntagma Editores, 2 ed., 2015, p. 41-62.
- CANEVACCI, M. A comunicação entre corpos e metrópoles. **Revista Signos do Consumo**, v. 1, n. 1, p. 8-20, 2009.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. A vocação crítica da Antropologia, In: **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, p. 67-81.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet**. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

- CARVALHEIRO, J. R., PRIOR, H.; MORAIS, R., Público, privado e representação online. In: **A nova fluidez de uma velha dicotomia: Público e privado nas comunicações móveis**. José Ricardo Carvalheiro (Org.), Covilhã, UBI, LabCom, 2015, p. 7-28.
- CARTER, M. J.; ASECIO, E. K. Identity Processes in Face-to-Face and Digitally Mediated Environments. **Sociological Perspectives**, 1-20, 2018.
- CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In:\_\_\_\_\_. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, (1988) 2002, p. 17-57.
- COELHO, M. C.; REZENDE, C. B. Introdução. O campo da antropologia das emoções. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Cultura e Sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011.
- CORRÊA, L. M. S. B. **É namoro ou amizade?** Estudo etnográfico sobre sites de namoro na internet. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.
- CORRÊA, L. M. S. B.; AMARO, L. E. S. Os relacionamentos femininos e as novas formas de interação social digitalizada. **Revista Ártemis**, v. 14, p. 196-202, ago/dez 2012.
- CORRÊA, R.C.M. **A Tecnologia Digital na Conformação da Experiência Afetivo-sexual**. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro: set/2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0841-1.pdf>. Acesso: 05/08/2016.
- COUTINHO, G. L. **A Era dos Smartphones: um estudo exploratório sobre o uso dos smartphones no Brasil**. 2014. Monografia (Bacharelado em Publicidade e Propaganda). Brasília: Universidade de Brasília, 2014.
- COUTO, E. S., SOUZA, J. D. F. de, NASCIMENTO, S. P. Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. SIMPÓSIO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE. 10 e 11 de outubro de 2013, Salvador. Disponível em: <[http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1\\_grindr\\_49464.pdf](http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1_grindr_49464.pdf)> Acesso: 12/07/2016.
- COLETA, A. S. M. D.; COLETA, M. F. D.; GUIMARÃES, J. L. O Amor Pode Ser Virtual? O Relacionamento Amoroso Pela Internet. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 13, n. 2, p. 277-285, abr/jun, 2008.
- DI FELICE, M. **Paisagens Pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.
- \_\_\_\_\_. As formas digitais do social e os novos dinamismos da sociabilidade contemporânea. In: KUNSCH M., e W. **Relações Públicas Comunitárias**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. **Revista USP**. São Paulo, n. 92, p. 9-19, dez/fev2011-2012.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ESCOBAR, A. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. In: SEGATA, J. e RIFIOTIS, T. (Org.) **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016. p 21-66.
- FIGUEIREDO, L. B. de e ABUJAMRA, M. B. P. **Amor e sexo, se digita, se vende, não só se faz**. Questões de gênero e consumo na busca amorosa mediada por aplicativos para smartphones. COMUNICON, 13 a 15 de outubro de 2016, São Paulo. Disponível em:

<<http://anais-comunicon2016.espm.br/GTs/GTPOS/GT6/GT06-FIGUEIREDO-ABUJAMRA.pdf>> Acesso: 11/04/2017.

FIGUEIREDO, L. B. de. **Tinderelas**: busca amorosa por meio de aplicativos para smartphones. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

FINKEL, E. J. et al. On-line dating: a critical analysis from the perspective of psychological Science. **Psychological Science in the Public Interest**, London, Sage, v.13, n.1, p.3-66, 2012.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARCIA, J. L. Sobre as origens da crítica da tecnologia na teoria social: Georg Simmel e a autonomia da tecnologia. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 287-336, 2007.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOLDMAN, M. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de Campo**, n 13, p. 149-153, 2005.

HAACK, R. K., PETRIK, M. e BOECKEL, M. C. Relacionamentos@morosos na rede. **Conexão - Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 16, n. 32, p. 51-64, jul/dez 2017.

HARAWAY, D. J. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In.: TADEU, T. (Org.). **Antropologia do Ciborgue**: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 17ª. Ed. São Paulo, Loyola, 2008.

HINE, C. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editora UOC, 2004.

ILLOUZ, E. **Amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

INGOLD, T. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 11-41; 127-143; 211-257.

\_\_\_\_\_. Repensando o animado, reanimando o pensamento. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, jul/dez 2013.

\_\_\_\_\_. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan/jun 2012.

\_\_\_\_\_. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, jan/abril, 2010, p. 6-25.

JUNGBLUT, A. L. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 10, n. 21. p. 97-121, jan/jun, 2004.

JUSTO, S. J. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia**, UFF, v. 17, n. 1, p. 61-77, jan/jun 2005.

KELLER, D. G., ARAÚJO, D. C. de, CORSO, A. Ciberterritórios e masculinidades: o papel do discreto no aplicativo Scruff. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 27, p. 153-179, jan/jul 2015.

KOURY, M. G. P. **Emoções, Sociedade e Cultura. A categoria de análise emoções como objeto de investigação**. Curitiba: Editora CRV, 2009.

\_\_\_\_\_. Estilos de Vida e Individualidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 41-53, jan/jun 2010.

\_\_\_\_\_. Ambivalência nos anseios e nas ações: a amizade na idade adulta. **RBSE**, v. 11, n. 33, p. 878-883, dez 2012.

\_\_\_\_\_. Cultura Emotiva e Processo Social: Medos Corriqueiros, Risco e Sociabilidade. **RBSE**, v. 15, n. 44, p. 22-33, ago 2016.

\_\_\_\_\_. Medos Corriqueiros: em busca de uma aproximação metodológica. **Conceitos**, p. 120-126, jul/dez 2002.

KOURY, M. G. P.;SCRIBANO, A. Sociologia e Antropologia dos Corpos e das Emoções. **RBSE**, v. 11, n. 33, dez. 2012.

KOURY, M. G. P. Gilberto Velho: um precursor da Antropologia das Emoções no Brasil. In: KOURY, M. G. P e BARBOSA, R. B. **Da Subjetividade às Emoções: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil**. Coleção Cadernos do GREM, n. 7. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2015. p. 19-59.

KURASHIGE, K. D. **Marcas do desejo**: um estudo sobre os critérios de raça na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

LEITÃO, D. K. Entre Primitivos e Malhas Poligonais: modos de fazer, saber e aprenderno mundo virtual Second Life. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 255-285, jul/dez 2012.

LEITÃO, D. K.;GOMES, L. G. Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life. **Cronos**, Natal, v. 12, n. 2, p. 23-38, jul/dez 2011.

\_\_\_\_\_. Etnografia em Ambientes Digitais: Perambulações, Acompanhamentos e Imersões. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 42, p.41-65,2017.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais on-line. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 171-186, jan/abr 2018.

LEITÃO, C.F.; NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Psicologia clínica e informática: por que essa inusitada aproximação? **Psicologia Clínica**, v. 12, n. 2, p. 189-205, 2000.

LEMOS, A. **Você está aqui! Mídia locativa e teorias**. XIX ENCONTRO DA COMPÓS, junho de 2010, Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4\\_andre\\_lemos.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4_andre_lemos.pdf)> Acesso: 29/06/2016.

LEMOS, A. Ciber-Socialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. **Revista Logos**, v. 4, n. 1, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Que é Virtual?** Rio: Editora 34. 1996.

MAIA, J.;BIANCHI, E. Tecnologia de geolocalização: Grindr e Scruff redes geosociais gays. **Revista Logos**. v. 2, n. 24, 2014.

MARCUS, George. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, v.11, n. 22, p. 111-127, 2001.

\_\_\_\_\_. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 47, n. 1, 2004.

MARCUS, G. E.; DICK, C. Ethnographies as texts. **Annual Review of Anthropology**, v.11, p. 25-69, 1982.

MELO, R. **Sentires sexuais em ambiências digitais**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

MELLO SOBRINHO, E. C. de. **Ambientes Virtuais Imersivos: A Perspectiva de Pesquisadores em relação à linguagem e à tecnologia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MEINERZ, N. E. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: Bonetti, A. & Fleischer, S. (orgs.) **Entre Saias Justas e Jogos de Cintura: Gênero e etnografiana antropologia brasileira recente**. Porto Alegre, 2006.

MILLER, D e SLATER, D. Etnografia on e offline: cybercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, v. 10, n. 21, p. 41-65, 2004.

MILLER, D. e HEATHER, H. A. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, jul/dez, 2015.

MISKOLCI, R. San Francisco e a Nova Economia do Desejo. **Lua Nova**, 91. São Paulo, p. 269-295, 2014a.

\_\_\_\_\_. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas**, v. 8, n. 11, p. 51-78, 2014b.

\_\_\_\_\_. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, v. 6, n. 2 p. 275-297, jul/dez 2016.

NASCIMENTO, C. R. O. **Do amor em tempos de internet: análise sociológica das relações amorosas mediadas pela tecnologia**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2007.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 50-57, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Na malha da rede: os impactos íntimos da Internet**. Rio de Janeiro: Campus, 2008[1998].

NOGUEIRA, M. F. M. e SILVA, T. T. **O amor em suas mãos: um estudo sobre a sociabilidade entre os indivíduos no aplicativo Tinder**. **Panorama**, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 99-102, ago/dez 2016.

OLIVEIRA, T. de L. **Engenharia Erótica, arquitetura de prazeres: cartografias da pegação em João Pessoa**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

OLIVEIRA, R. S. de, BARROS, B. M. C. de, GOULART, G. M. As tecnologias da informação e comunicação na (des)construção das relações humanas contemporâneas:

implicações do uso do aplicativo Tinder. **Revista Brasileira de Direito**, v. 12, n. 1, p. 88-99, jan/jun 2016.

PARREIRAS, C. **Sexualidades no ponto.com**: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

PEIRANO, M. **A teoria vivida e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 37-52.

\_\_\_\_\_. **A favor da etnografia**. Brasília, 1992. Disponível em [http://nauai.paginas.ufsc.br/files/2010/09/Peirano\\_a-favor-da-etnografia.pdf](http://nauai.paginas.ufsc.br/files/2010/09/Peirano_a-favor-da-etnografia.pdf). Acesso em 15-07-16.

PELÚCIO, L. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. **Contemporânea**, v. 6, n. 2, p. 309-333, jul/dez 2016.

PEREIRA JR. L. C. A voz de Moçambique (Entrevista com Mia Couto). **Stella Bartoni**, 2008. Disponível em: <<http://stellabartoni.com.br/index.php/399-o-qui-piosa-mia-iouto-sobai-o-poatugues-iotiaoaiioal>>. Acesso em: 04/07/2018.

RAMOS, J. de S. Subjetivação e poder no Ciberespaço: da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Revista Vivência**, Natal, n. 45, p. 57-76, jan/jun 2015.

REIS, B. A. B., COSTA., R. R. da. O Grindr: eros em fluxo nos espaços híbridos. XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 15 a 17/05/2014, João Pessoa.

REZENDE, R.; COTTA, D. “Não curto afeminado”: homofobia e misoginia em redes geossociais homoafetivas e os novos usos da cidade contemporânea. **Comunicação e cultura**, v. 13, n. 02, p. 348-365, maio/ago 2015.

ROJO, L. F. Rompendo Tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo. **Cadernos de Campo**, n. 12, p. 41-56, 2004.

SANTAELLA, L. A Web em perspectiva. In: \_\_\_\_\_. **Comunicação ubíqua**: Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo, Editora Paulus, 2014.

SCHÜTZ, A. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 3-76.

SCHÜTZ, A. e LUCKMANN, T. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003, p. 7-40.

SCOCUGLIA, J. B. C. Cultura e urbanidade: da metrópole de Simmel à cidade fragmentada e desterritorializada. **Cadernos MetrÓpole**. São Paulo, v. 13, n. 26, p. 395-417, jul/dez 2011.

SCOTT, M. B.; LYMAN, S. M. Accounts. Tradução de Ana Beatriz Duarte. **Dilemas**, v. 1, n. 2, p. 139-172, 2008 [1968].

SEGATA, J. Dos Cibernautas às Redes. In.: SEGATA, J. e RIFIOTIS, T. (Org.) **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016.p. 91-114.

\_\_\_\_\_. Para Além da Pele e da Tela: desmarcando as fronteiras entre o humano e a máquina no Ciberespaço. 26ª. REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 01 a 04 junho, 2008, Porto Seguro/BA.

SILVA, G. P. T. da. Possíveis contribuições das redes sociais mediadas pela internet para os relacionamentos amorosos. **Multiverso**, v. 1, n. 2, p. 181-195, 2016.

SILVA, V; VERGAS, A. “**Qual romance é minha vida amorosa!**” Namoros virtuais e Narrativas. 2012. Dissertação (Doutorado em Ciências Sociais)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2012.

SILVA, V. V. A. da; TAKEUTI, N. M. Romance na Web: formas de experimentar o amor romântico num namoro virtual. **RBSE**, vol. 26, n.9, p. 398-451, agosto 2010.

SILVA, V. V. A. da. **O amor em tempos de internet: reflexões sobre subjetividade e a ausência de corpos nas relações amorosas virtuais**. XVII SEMANA DAS HUMANIDADES. 1 a 5 junho, 2009, Rio Grande do Norte.

SIMMEL, G. **Questões Fundamentais da sociologia**. Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. (Org.), **O Fenômeno Urbano**, Rio de Janeiro. 1967.

\_\_\_\_\_. O indivíduo e a díade. In: Cardoso, F. H. e Ianni, O. (Orgs). **Homem e Sociedade**. 5ª edição, São Paulo: Editora Nacional, 1970, p.128-135.

\_\_\_\_\_. O Segredo. **Revista Política e Trabalho**,. Ed. 15, 1999.

\_\_\_\_\_. O estrangeiro. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 4, n. 12, dez 2005.

\_\_\_\_\_. Como as formas sociais se mantêm. In: MORAES FILHO, E. (org.). **Georg Simmel**. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-58.

STRATHERN, M. O conceito de sociedade está teoricamente obsoleto? In: **Marilyn Strathern: O efeito etnográfico e outros ensaios**. Coord. Florência Ferrari. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

THIBES, M. Z.; MANCINI, P. F. de A. A apresentação do eu na sociabilidade virtual: a economia libidinal da amizade. **IDE**, v. 35, n. 55, p. 149-163, jan2013.

VAN DIJCK, J. **Lacultura de Laconectividad**: una historia crítica de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

\_\_\_\_\_. O desafio da proximidade. In.: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b, p. 11-19.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. Observando o Familiar. In: NUNES, E. de O. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VIEIRA, C. I. F; COHN, C. Amor Contemporâneo e Relações na Internet. Ausência do Corpo nas Relações. **RBSE**, v. 19, p 72-117, abril 2008

WAGNER, Roy. Prefácio. Introdução. A invenção do eu. In: **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, M. A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais e nas ciências políticas. In: \_\_\_\_\_. **Metodologia das ciências sociais**. Parte 1. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 107-154.

WRIGHT MILLS, Charles. Ações situadas e vocabulários de motivos. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE**, v. 15, n. 44, p. 10-20, agosto 2016.

ZAGO, L. F. e SANTOS, L. H. S. dos. Corpo, gênero e sexualidades gays na corda bamba ético-metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet. **Cronos**, Natal, v.12, n. 2, p. 39-56, jul/dez 2011.